

**PRO FEDERAL DE  
MATO GROSSO  
GAS ILÍCITAS**

**MARIA UBALDINA COSTA SANCHES**

**A VISÃO DOS JOVENS DO CENTRO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MATO GROSSO  
SOBRE O CONSUMO DE DROGAS ILÍCITAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia), sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dra. Maria Aparecida Morgado

Cuiabá-MT

Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso

2005

S211v	<p>Sanches, Maria Ubaldina Costa A Visão dos jovens do Centro Federal de Educação Tecnológico de Mato Grosso: Maria Ubaldina Costa Sanches – Cuiabá: UFMT/IE, 2005. xi, 244 p.:il.color.</p> <p>Dissertação apresentada à Comissão Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação (Área de Concentração: Educação, Cultura e Sociedade, Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, Grupo de Pesquisa Educação, Jovens e Democracia) sob a orientação da Professora Doutora Maria Aparecida Morgado</p> <p>Bibliografia: p. 197 - 209</p> <p>CDU- 377:613.83</p>
-------	--

#### Índice para Catálogo Sistemático

1. Educação Profissional
2. Jovens
3. Drogas Ilícitas
4. Prevenção

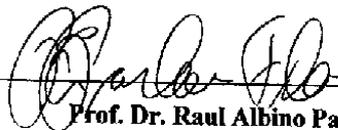
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Programa de  
Pós-Graduação em  
Educação

Instituto de Educação  
Av. Fernando Corrêa da Costa, s/n  
78060-900 Cuiabá, MT, BRASIL

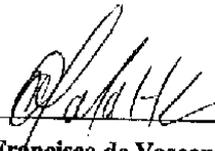
☎ 55 65 815 8431 ☎ 615 8440  
www.ufmt.br (ed.ufmt@cpd.ufmt.br)

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UFMT



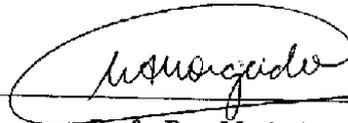
**Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho**

Examinador Externo (PUC/SP)



**Prof. Dr. Manoel Francisco de Vasconcelos Motta**

Examinador Interno (UFMT)



**Profa. Dra. Maria Aparecida Morgado**

Orientadora (UFMT)

*Às minhas filhas: Dra. Luciana Sanchez, pela garra e determinação  
enfrentando sozinha um doutorado além mar, longe dos nossos olhos, e Eng<sup>ca</sup>  
Juliana Costa Sanchez minha doce guerreira!*

*Aos meus netos jovem Natallia e pequeno Matheus, na esperança de um mundo  
melhor, onde possam ser ouvidos.*

*A Durval Sanchez Sanchez por tudo, até pela paciência com minha ausência,  
inclusive os churrasquinhos e lanchinhos nos finais de tarde e a famosa frase:  
a mamãe precisa estudar!*

*A Prof<sup>ª</sup> Dra. Maria Aparecida Morgado, minha orientadora, um agradecimento especial pela confiança, respeito e carinho, além das competentes intervenções.*

*Aos Profs. Dr. Manoel Francisco Motta e Dr. Raul Albino Pacheco Filho, pelas sugestões na qualificação, e a Manoel, especialmente, pela presença marcante e solidária durante todo o percurso.*

*A todos que conviveram comigo nesses dois anos !*

*Às minhas doutoras da vida e da academia  
Luciana Sanches, e a finalização do trabalho,  
Rúbia Maria Welfort Oliveira, pelas descobertas na  
farmacologia e a primeira crítica aos meus objetivos, neste trabalho.*

*Teresa Irene C. R. Malheiro Gomes, pelas lutas, ganhos e  
perdas, discussões dos dados e carinho ao longo dos anos.  
Soráia Lima Arabi pelo grande empurrão inicial e final neste  
mestrado, com sua presença, suas leituras,*

*correções e opiniões, além da grande amizade.*

Aos jovens que encontrei ao longo de minha vida, que me ensinaram a vê-los, tentar compreendê-los. Meus estimulantes para novas buscas. Em especial, aos jovens dessa pesquisa pela concessão de informações valiosas para a realização deste estudo.

Aos professores do mestrado em especial a Dra. Maria Lúcia Müller, e aos colegas do curso pelo prazer de estarmos juntos nas discussões, nos sufocos e nas *reuniões* de final de tarde, em especial à Marisa e Olinda, as primeiras amigas, Luiza e Dionéia da Secretaria da Pós.

As minhas amigas mestrandas do CEFET-MT Marlene, Ivone, Nádia e Iraneide: foi gratificante ter estado com vocês nesta caminhada.

Às mestras Iraneide Albuquerque, pela presença constante, carinho, e é claro muitas discussões dos meus textos, Ivone Lima e as divisões das novidades, Nádia C. Kunze e a história do CEFET-MT, Simone Raquel M. da Silva e as altas discussões na UFF, Miriam Ross, Vânia M. Pereira, Sueli Freitas, Ali Veggi, Dr. Joaquim Barbosa e as contribuições iniciais, MSc. José Roberto / UFMT e os dados estatísticos e Aparecido Vieira nos entraves da informática.

À Turma da Química do CEFET-MT em especial ao incentivo maior, meus jovens alunos e os quebra galhos da Inês, Amadeo, Olavo, e os mestrandos, Elaine, Josias, Luiz e Clayte.

Ao amigo Rupert Carlos de T. Pereira, não apenas Vice Diretor do CEFET-MT, pela atenção e atendimento as solicitações, na esperança que o seu mestrado no IE seja maravilhoso.

Aos químicos(as) MSc. Eliane Dias de Almeida pelo eterno carinho, muita saudade nesse período de **nossos** mestrados e MSc. Carla Abido Valentini pelas trocas de preocupações nas quintas feiras no BV, e Francisco de Aquino Bezerra, o pesquisador nato.

À Profª Doutora Eugenia Paredes e as meninas do GPEP por me incluírem em tantas discussões do Grupo, em especial a Iraneide, Ivone e Maria Enildes.

Ao meu grupo de pesquisa por amigas que jamais serão esquecidas: Andréa, Ulisses, Ivonete, Maricélia, Nara, Olga minha turma, Janaína e o começo, Rosa, as turmas novas e os jovens PIBIC.

A jovem Olguinha, grande companheira de mestrado, de grupo de pesquisa, de CEFET's, sindicato, caronas, que me mostrou o quanto era gostoso voltar a ser estudante.

*A Antônio nosso grande amigo.*

*Aos meus irmãos Dr. Rubens Costa Monteiro pela sua influência em minha vida e Dr. Paulo pelas descobertas ainda que tardias  
À Eugenia Ceres e Chicão, meus adoráveis agregados cunhados.*

*As minhas irmãs Maria Célia Monteiro Welfort doce intelectual e Margaryda Lydia Costa Soares por mais que tudo, minha irmã, madrinha e primeira professora de Ciências, pelas doses diárias de carinho e incentivo, mesmo estando a 1400 Km!*

*Aos meus pais, Joaquim Costa Monteiro que nos ensinou a delícia de ler e estudar e mamãe D. Tana, que nos ensinou que a vida é muito mais que isso  
(in memoriam).*

## RESUMO

A questão do pensar do jovem, a compreensão de sua prática e a sua visão sobre o consumo de drogas ilícitas merece atenção especial. Ainda são poucas as experiências que consideram os jovens como interlocutores significativos nas investigações que se dedicam a perceber como estes vivem e elaboram suas situações de vida, considerando suas experiências e posturas frente ao uso de drogas. As informações sobre o consumo de drogas na comunidade CEFET-MT são escassas, havendo ausência de projetos e ações efetivas no trato das questões relacionadas ao tema. Este estudo procurou caracterizar os jovens do CEFET-MT e investigar a visão que eles têm sobre o

consumo de drogas ilícitas. Participaram da pesquisa alunos dos primeiros anos do Ensino Médio e dos Cursos de Química e Construções Prediais, pertencentes à Educação Profissional, buscando identificar possíveis convergências e divergências sobre essa temática. Constatou-se que a comunidade do CEFET-MT é composta por jovens que tem o seguinte perfil: pertencem, em sua maioria, às classes socioeconômicas B e C, são solteiros, moram com a família e recorrem a ela em casos de problemas mais sérios, professam uma religião, gostam de sair com amigos e aspiram a uma boa profissão. A maioria dos jovens não consome drogas ilícitas. No entanto, encontrou-se uma pequena parcela de estudantes que consumiam drogas ilícitas, sobressaindo os alunos do Curso de Química. A maioria dos estudantes entende que o consumo de drogas é um problema e que a responsabilidade pelo uso e suas conseqüências cabe ao próprio usuário. Somente uma pequena parcela é a favor da legalização da maconha. Verificou-se uma postura intolerante por parte daqueles que não fazem uso sobre as drogas ilícitas e tolerantes quando se trata do consumo de drogas de um modo geral. É possível inferir que os jovens apresentam uma postura crítica em relação aos problemas sociais atuais, querendo ser sempre parte integrante das discussões e ações sobre eles. Esta pesquisa foi desenvolvida abarcando as contribuições da perspectiva qualitativa e da quantitativa, e adotou-se como estratégias a aplicação de questionário de auto preenchimento, com questões abertas e fechadas e a realização de entrevistas coletivas semi estruturadas. Os dados levantados contribuíram para traçar o perfil sócio-econômico e familiar e obter informações sobre o conhecimento, opiniões e consumo de drogas, assim como sobre outras questões da contemporaneidade.

**Palavras-chaves:** Educação profissional, jovens, drogas ilícitas, prevenção.

## ABSTRACT

The question of the young thought, their practice comprehension and their vision about the use of illicit drugs need special attention. There are few experiences which consider the young as expressive interlocutors in the investigations, which aim at knowing how they live and face their lives, considering their experiences and attitudes about the use of drugs. The informations about the use of drugs in CEFET-MT community is very insufficient; there is a lack of projects and effective actions in the treatment of the questions related to the topic. This research aimed to characterize the young students of CEFET- MT and know their vision their about the use of illegal drugs. Participated in this research the students of High School, and the Chemical and Predial Constructions Courses of the Professional Education, trying to identify the points in common and not about the topic. The CEFET-MT community is composed mainly by B and C social economic classes. The most part of the students are single, live with their family and turn to them when in serious needs. They have a religion and like to go out with friends. They also aspire a good career. The majority of the youngs do not use illegal drugs. It was found that a few students specially the ones from Chemical Course make use of illegal drugs. Most of the students understand that the use of drugs is a problem and that the responsibility by this use and its consequences is of the users. Only a small number of investigated students think that the use of hemp should be legalized. Those that do not make use of illegal drugs have an intolerant attitude towards the people who uses it, but they have a different attitude when consider the use of drugs in a general way. It is possible to conclude that the young students have critical position regarding to social problems, they always wanting to take part in discussions and actions about them. This research was developed taking quality and quantity criterions basis. Questionnaires without personal identification andwith opened and closed questions where uses, and also groups interviews where used as methodological strategies. The data collection provided social, economic and family outline of the students of CEFET-MT, as well as information about their knowledge, opinions and use of drugs and also contemporary questions too.

**Key words:** Professional course, youth, illicit drugs, preventive measure.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Pátio interno do CEFET-MT (capa)	
<b>Figura 2.</b> O Estado do Mato Grosso inserido na América do Sul	53
<b>Figura 3.</b> Relação dos alunos investigados/curso e sexo	116
<b>Figura 4.</b> Relação dos alunos investigados nos cursos selecionados em seus turnos.	117
<b>Figura 5.</b> Estado civil dos alunos investigados	120
<b>Figura 6.</b> Religião dos alunos investigados.	126
<b>Figura 7.</b> Questão: <i>o que costuma fazer nas horas livres para se divertir</i>	127
<b>Figura 8.</b> Pensando no seu dia a dia, me diga o quanto alguns temas lhe interessam?	129
<b>Figura 9.</b> Questão: <i> você se considera uma pessoa que</i>	135
<b>Figura 10.</b> Questão: <i> como é sua família</i>	140
<b>Figura 11.</b> Classe socioeconômica dos alunos investigados	142
<b>Figura 12.</b> Questão: <i> considera o CEFET-MT uma escola</i>	143
<b>Figura 13.</b> Questão: <i> frequenta o CEFET-MT além das aulas</i>	146
<b>Figura 14.</b> Questão: <i> gosta da sua escola, CEFET-MT</i>	147
<b>Figura 15.</b> Questão: <i> o que faz, em geral, quando falta às aulas</i>	148
<b>Figura 16.</b> Questão: <i> quais das pessoas abaixo você não gostaria de ter como colega de turma</i>	150
<b>Figura 17.</b> Questão: <i> frases com as quais concorda</i>	153
<b>Figura 18.</b> Questão: <i> informam-se sobre o que está acontecendo na atualidade</i>	154
<b>Figura 19.</b> Questão: <i> gostariam de mudanças</i>	154
<b>Figura 20.</b> Questão: <i> considera o uso de drogas ilícitas pelos jovens</i>	155
<b>Figura 21.</b> Questão: <i> na sua opinião, os jovens que usam drogas são</i>	158
<b>Figura 22.</b> Questão: <i> algumas pessoas usam drogas porque</i>	159
<b>Figura 23.</b> Questão: <i> motivo que o levou a consumir drogas pela primeira vez</i>	160
<b>Figura 24.</b> Questão: <i> quem o introduziu neste uso</i>	161
<b>Figura 25.</b> Questão: <i> uso não médico de drogas antes de entrar no CEFET-MT</i>	161
<b>Figura 26.</b> Questão: <i> legalização da maconha</i>	168
<b>Figura 27.</b> Questão: <i> riscos de adoecer frente a</i>	170

## RELAÇÃO DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Relação de servidores docentes, formação acadêmica, regime de trabalho	56
<b>Tabela 2.</b> Relação de servidores administrativos, formação acadêmica	57
<b>Tabela 3.</b> Relação de alunos, curso, ano 2004	58
<b>Tabela 4.</b> Relação curso e idade/sexo	119
<b>Tabela 5.</b> Estado civil e idade dos alunos investigados em relação ao curso	121
<b>Tabela 6.</b> Relação das questões de trabalho dos alunos investigados/curso	122
<b>Tabela 7.</b> Questão: <i>no futuro o mais importante é</i>	131
<b>Tabela 8.</b> Questão: <i>no futuro o mais importante é/curso</i>	132
<b>Tabela 9.</b> Questão: <i>você se considera uma pessoa que / sexo</i>	136
<b>Tabela 10.</b> Questão: <i>mora com quem/curso</i>	139
<b>Tabela 11.</b> Questão: <i>quando tem um problema pessoal mais sério procura em primeiro lugar /sexo</i>	141
<b>Tabela 12.</b> Questão: <i>estuda no CEFET-MT porque ? / idade</i>	144
<b>Tabela 13.</b> Questão: <i>você vem para o CEFET-MT apenas para as aulas / curso</i>	145
<b>Tabela 14.</b> Questão: <i>sua escola ensina alguma coisa a você?/curso</i>	148
<b>Tabela 15.</b> Questão: <i>a responsabilidade do usuário de drogas ilícitas e os problemas causados por elas</i>	156
<b>Tabela 16.</b> Questão: <i>substâncias que usou antes de entrar no CEFET-MT</i>	162
<b>Tabela 17.</b> Questão: <i>uso na vida para drogas ilícitas/curso</i>	164
<b>Tabela 18.</b> Questão: <i>uso na vida para drogas ilícitas/sexo</i>	165
<b>Tabela 19.</b> Questão: <i>uso na vida para drogas ilícitas/idade</i>	166
<b>Tabela 20.</b> Questão: <i>uso na vida para maconha ou haxixe/mora com quem</i>	167
<b>Tabela 21.</b> Questão: <i>uso na vida para maconha ou haxixe/você trabalha</i>	167
<b>Tabela 22.</b> Questão: <i>uso na vida para maconha ou haxixe/gosta da sua escola, o CEFET-MT</i>	169
<b>Tabela 23.</b> Questão: <i>uso na vida para solventes orgânicos/curso</i>	172
<b>Tabela 24.</b> Questão: <i>amigos íntimos desaprovam se soubessem que você uso/situações</i>	173
<b>Tabela 25.</b> Questão: <i>quantos de seus amigos fazem uso de/situações</i>	174
<b>Tabela 26.</b> <i>Opinião dos jovens pesquisados sobre jovens que usam drogas</i>	174

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEAD	Associação Brasileira de Estudo de Álcool e Drogas
ABIPEME	Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa
ADITAL	Agencia de Informação Frei Tito para a América Latina
CEBRID	Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas
CENAFOR	Centro Educacional Nacional de Formação Profissional
CFE	Conselho Federal de Educação
CNPD	Comissão Nacional de População e Desenvolvimento
CPVV	Coordenação de Prevenção e Valorização da Vida
DE	Diretoria de Ensino
ETF-MT	Escola Técnica Federal de Mato Grosso
GDRH	Gerência de Recursos Humanos
GEFRON	Grupo Especial de Fronteira – Polícia Militar
GEM	Gerência de Ensino Médio
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LSD	Dietilamina do ácido lisérgico
MEC	Ministério da Educação e Cultura
NPVV	Núcleo de Prevenção e Valorização da Vida
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONU	Organização das Nações Unidas
OPS	Organização Pan-americana de Saúde
PPGE	Programa de Pós Graduação Educação
SETEC	Secretaria de Educação Tecnológica
SNC	Sistema Nervoso Central
SPSS	<i>Statistical Package for Social Science</i>
UDI	Usuários de drogas injetáveis
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNDCP	United Nations International Drug Control Program
USP	Universidade São Paulo
WHO	<i>World Health Organization</i>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I JUVENTUDE E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL</b>	<b>09</b>
<b>CAPÍTULO 1 Juventude na Sociedade Contemporânea</b>	<b>10</b>
1.1. Juventude ou juventudes: múltiplas facetas de uma noção	13
1.2. Juventude: algumas considerações	19
1.3. Os jovens e os grupos	23
1.4. Ser jovem na contemporaneidade brasileira	27
1.5. Os jovens e as mudanças no mundo do trabalho	34
<b>CAPÍTULO 2 Ensino Profissional da Juventude no Brasil e o CEFET-MT</b>	<b>39</b>
2.1. De <i>Escola de Aprendiz e Artífices</i> a CEFET-MT: um pouco da história	39
2.2. O contexto atual do CEFET-MT	52
<b>PARTE II A JUVENTUDE E A QUESTÃO DAS DROGAS</b>	<b>59</b>
<b>CAPÍTULO 3 Drogas Ilícitas: Vulnerabilidades e Riscos</b>	<b>60</b>
3.1. As drogas em questão	65
3.2. O consumo de drogas em questão	69
3.3. Jovens, vulnerabilidades e riscos	74
3.4. A mídia em questão	76
3.5. A legalização em questão	82
<b>CAPÍTULO 4 Jovens e a Prevenção</b>	<b>94</b>
4.1. A prevenção em questão	94

<b>PARTE III. JOVENS DO CEFET-MT E O CONSUMO DE DROGAS</b>	
<b>ILÍCITAS</b>	<b>110</b>
<b>CAPITULO 5 A Visão dos Jovens do CEFETMT sobre o Consumo de Drogas Ilícitas</b>	<b>111</b>
5.1. Seleccionando as informações	111
5.2. Os jovens sujeitos desta pesquisa	115
5.3. O jovem e a família	139
5.4. Os jovens e sua relação com o CEFET-MT	143
5.5. Os jovens e o consumo de drogas	155
<b>CAPÍTULO 6 Jovens do CEFET-MT: Tolerância e Intolerância</b>	<b>177</b>
6.1. Drogas, usuários, legalização	177
6.2. Mídia e drogas, vulnerabilidades e riscos	181
6.3. A visão dos jovens do CEFET-MT sobre o consumo de drogas ilícitas	184
6.4. Futuro dos jovens e prevenção	190
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>194</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>197</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>210</b>

## INTRODUÇÃO

Não é sempre fácil ser  
absolutamente exato quando é  
necessário ser breve.

Sigmund Freud

O interesse pelo assunto *Juventude e drogas*, enquanto professora e farmacêutica, deve-se à experiência com estudantes do ensino médio e profissional, nas disciplinas de Química Orgânica e Tecnologia Orgânica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET-MT), desenvolvendo projetos relacionados a drogas lícitas e ilícitas, sexualidade, aids dentre outros assuntos, e também, por acreditar que os jovens deveriam participar efetivamente de ações de seu interesse e da coletividade, sendo que para isso é necessário, antes de tudo, conhecê-los para, posteriormente, tentar compreender suas visões de mundo.

O objetivo deste estudo é investigar a visão de jovens CEFET-MT, sobre o consumo de drogas ilícitas. Nesse sentido, foram selecionados alunos de áreas educacionais diferenciadas: Ensino Médio e Educação profissional - cursos de Química e Construções Prediais, buscando identificar possíveis semelhanças e divergências sobre essa temática.

Na comunidade CEFET-MT, é escassa a informação sobre o consumo de drogas e há ausência de projetos de ações efetivas no trato das questões relacionadas a esse tema. Carrano (2002) afirma que ainda é pequena a incidência de investigações que se dedicam a perceber como os jovens vivem e elaboram suas situações de vida, considerando as suas experiências. Essa instituição de ensino não foge à regra.

Entende-se que as questões relacionadas ao uso de drogas devem ser discutidas à luz das transformações sociais decorrentes do processo de modernização da sociedade

ocidental contemporânea, considerando a especificidade do sujeito aqui tratado: o jovem em processo de formação. A idéia de um mundo sem drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas (conceitos difíceis e discutíveis), é ilusória, não encontrando sustentação no conhecimento fornecido pelas ciências e acumulado no percurso histórico da humanidade. O que se percebe na atualidade é o aumento da oferta de substâncias psicoativas, em número e diversidade, nos mais variados locais, alcançando sobremaneira o ambiente escolar.

A relação escola - aluno, nas questões relacionadas ao consumo de drogas, implica fornecer aos jovens informações relevantes e necessárias para que percebam a inter-relação entre elas e o complexo contexto social em que vivem. Talvez a escola precise buscar uma forma de atuação que considere o dialogismo, respeitando os jovens como sujeitos e não apenas como aprendizes de normas de comportamento consideradas ideais e adequadas.

Paulo Freire nos faz refletir enquanto educadores quando diz:

Ilusão a nossa se pensarmos que a escola não faz parte da sociedade em que vivemos, e mais ainda, que ela é uma ilha de pureza no interior da qual as contradições e os antagonismos de classes não penetram [...] pior que fechar os olhos ou cruzar os braços, considerando a educação como um ato apolítico é estar justamente por cima, fazendo uma política da despolitização (FREIRE, 1983, p. 16).

E o jovem estudante? Como ele é? O que pensa sobre os temas ou problemas contemporâneos em geral, e sobre as drogas ilícitas em particular? Como nós, educadores e sociedade adulta, o percebemos e o tratamos?

Antes de tudo é preciso pensar como diz Spósito (2004) que, nos ambientes educacionais, também ocorrem trocas e mutações sociais e nas últimas décadas exigem daqueles que se voltam para os fenômenos da socialização contemporânea e da reprodução social um olhar amplo para outros agenciamentos presentes no desenvolvimento e formação das novas gerações.

Investigar e compreender a visão dos jovens do CEFET-MT sobre o consumo de drogas ilícitas nessa instituição, e saber como se posicionam diante dessa questão social

permite indagar se reproduzem ou não os preconceitos vinculados à essa questão. A saber, eles a compreendem de que maneira, tolerante ou intolerante?

Este estudo se insere na Linha de Pesquisa Movimentos Sociais, Política e Educação Popular, no Projeto de Pesquisa Educação da Juventude em Mato Grosso: Impasses e Perspectivas Político-Pedagógicas. E foi desenvolvido no Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso – CEFET-MT, escola tradicional, considerada centro de excelência na formação técnica, tecnológica e de ensino médio na capital mato-grossense, no período de outubro de 2003 a setembro de 2004. O CEFET-MT está localizado a Rua Zulmira Canavarros, 95, no centro de Cuiabá.

O CEFET-MT, enfrenta hoje os desafios naturais dos tempos modernos, da contemporaneidade, tentando ajustar-se ofertando cursos que atendam à demanda do mercado mato-grossense, em franco desenvolvimento. Servidores desanimados, frente à atual política do Governo Federal que não prioriza a Educação, é o que encontramos no dia a dia. Mas nas questões relativas ao consumo de drogas, violência, primeiro emprego dentre tantas, que afligem os jovens atuais as coisas se complicam mais ainda.

O que acontece realmente são ações e projetos na área da prevenção realizados por professores de Química e Biologia como o Projeto Educação em Saúde que encontram amigos adeptos em outras Gerências e Coordenações os quais participam dos eventos e dos projetos com cumplicidade, desenvolvendo em seus conteúdos o que é solicitado.

Em 1996, foi criada a Coordenação de Prevenção e Valorização da Vida (CPVV) que tinha como objetivo tratar temas e ações relativos à Prevenção, ao uso e abuso de drogas, contaminação DST/Aids, valorização da vida, junto aos alunos e comunidade.

Em 2002, foi instituído no CEFET-MT o Núcleo de Prevenção e Valorização da Vida–NPVV, grupo interdisciplinar para tratar as questões relativas às drogas, sexualidade e qualidade de vida entre outras. Sem coordenação geral houve dificuldades de continuação,

tendo em vista as atribuições de seus componentes já que a Instituição não tem uma proposta ou política definida para tratar o assunto. Acreditamos, contudo, que os professores continuarão trabalhando segundo a demanda solicitada por alunos.

A questão do pensar do jovem e a compreensão de sua prática merecem uma atenção especial. À primeira vista, parece que no CEFET-MT esta compreensão tem sido marcada pelo não envolvimento e pelo desconhecimento do que realmente ocorre entre os seus muros, aparentando ser aos olhos da comunidade, um mundo à parte do sistema escolar público.

Fizeram parte dessa investigação 205 estudantes matriculados no primeiro ano dos cursos profissionais de Química e Construções Prediais e do Ensino Médio, sendo 124 alunos do período diurno, e 81 do período noturno. A opção pelos alunos dos cursos citados se deu considerando a pergunta: qual é a visão dos jovens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso (CEFET-MT) sobre o consumo de drogas ilícitas?. Nesse sentido foram selecionados alunos de áreas educacionais diferenciadas com o propósito de identificar possíveis semelhanças e divergências sobre a questão.

Procuramos delimitar o objeto de estudo estabelecendo que os sujeitos primordiais desta pesquisa deveriam frequentar o final do 1ª ano dos Cursos de Química, Construções Prediais e Ensino Médio em 2003.

A pesquisa abarca as contribuições da perspectiva qualitativa e da quantitativa, adotando como estratégias a aplicação de questionário de auto preenchimento sem identificação pessoal, com questões abertas e fechadas e a realização de entrevistas coletivas semi estruturadas. Os dados coletados por meio do questionário tiveram como objetivo delinear o universo nocional da temática em questão, e as entrevistas utilizadas para aprofundamento do tema permitiram sua melhor compreensão.

A primeira fase da pesquisa compreendeu levantamento e estudo bibliográfico sobre juventude, educação profissional e drogas ilícitas.

Falar em pesquisa educacional quali-quantitativa gera sempre uma grande controvérsia: quantitativo: realista / empírico objetivista e qualitativo: idealista subjetivista.

É comum encontrarmos trabalhos que se definem como qualitativos simplesmente por não usarem dados numéricos ou por usarem técnicas de coleta consideradas qualitativas, por exemplo, a observação. Qualidade e quantidade estão intimamente relacionadas. Pode-se fazer uma pesquisa que utiliza basicamente dados quantitativos, mas na análise que fazemos desses dados estarão sempre presentes o nosso quadro de referência, valores e, portanto, a dimensão qualitativa. As perguntas feitas no instrumento de investigação estão marcadas por uma postura teórica, valores, visão do mundo. Todavia, quando se reportam dados de depoimentos, entrevistas ou de observações, é conveniente que se expressem os resultados também em números. A quantificação ajuda a explicitar, permitindo maior compreensão dos dados expostos.

Nessa discussão quali quantitativa, buscamos Gamboa (2002) quando diz que a opção por determinada abordagem de pesquisa nas ciências humanas e da educação tem que ser clara o suficiente para nortear realmente o pesquisador, garantindo-lhe a coerência teórico-metodológica que lhe permita visualizar o alcance e limites de sua abordagem de pesquisa.

Gaskell, Bauer & Allum (2003) também são autores que discutem a questão da pesquisa qualitativa x quantitativa. Acreditam ser esta uma discussão sem frutos e afirmam que necessitamos sim de noções mais claras das vantagens e desvantagens funcionais das diferentes correntes de métodos ou seja:

[...] é necessário uma visão holística do processo de pesquisa social, para que ele possa incluir a definição e a revisão de um problema, sua teorização, a coleta de dados, a análise dos dados e a apresentação dos resultados. Dentro deste processo, diferentes metodologias têm contribuições diversas a oferecer (GASKELL; BAUER; ALLUM, 2003, p. 26).

Neste estudo, fez-se necessário o uso de instrumentos variados e complementares; à medida que as informações foram surgindo, devido à problemática proposta e ao quadro teórico de referência da pesquisa. O emprego desse duplo procedimento metodológico permitiu melhor acesso ao tema estudado. Mais que isso, por intermédio deles, pudemos cercar de formas distintas o mesmo fenômeno.

As entrevistas coletivas semi-estruturadas buscaram informações sobre significados atribuídos pelos jovens à motivação para o consumo, visão acerca do usuário, relações com familiares, colegas, escola e pressão social. “O uso desta técnica nas pesquisas científicas focaliza a atenção em um tema e beneficia-se da discussão do grupo” (DAWSON et al, 1997, p. 18), ou seja, garantem atenção às opiniões, e, além de cumprirem a finalidade de instrumento de pesquisa, constituem um meio de reflexão para os participantes.

A esse respeito Gaskell afirma:

O emprego da entrevista qualitativa para mapear e compreender o mundo da vida dos respondentes é o ponto de entrada para o cientista social que introduz, então, esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceptuais e abstratos, muitas vezes em relação a outras observações (GASKELL 2003, p. 65).

Questionários definitivos foram aplicados em fevereiro de 2004 e a seleção dos dados possibilitou estruturar preliminarmente a dissertação, como também desenhar o perfil sócio-econômico e familiar dos estudantes e obter informações sobre questões gerais da contemporaneidade. O questionário com as questões utilizadas nesse trabalho constituem o anexo A. O instrumento utilizado para a análise estatística dos dados coletados pelo questionário foi o *Statistical Package for Social Science* (SPSS).

Como afirma Pais,

Em ambiências qualitativas os critérios de seleção são critérios de compreensão, de pertinência e não os de representatividade estatística [...] As estratégias de seleção não se orientam para a constituição de amostras estatísticas mas de **amostras estratégicas** que permitam atingir uma saturação informacionista (PAIS, 2001, p. 110).

Após esta fase passamos à construção dos quadros temáticos e suas subdivisões, os quais nos forneceram elementos para que pudéssemos, combinando com os dados do questionário, cruzar informações e agrupar os informantes segundo semelhanças e diferenças. Feito isso, o que já pressupõe uma análise, demos início à redação da dissertação, num trabalho de idas e vindas, entre análises e sínteses, em um ir e vir entre a decomposição do objeto e sua reconstrução.

Para atender às questões propostas, este trabalho está dividido em três partes e seis capítulos.

A Primeira Parte trata da Juventude e Educação Profissional no Brasil; nela buscamos discutir o que é juventude, o que nos levou a compreender que muitas são as juventudes. Houve também a procura de uma retrospectiva da Educação Profissional desde sua criação na Escola de Aprendizizes e Artífices até sua transformação em CEFET-MT.

Para melhor desenvolvimento do tema, estruturamos essa parte em dois capítulos. No Capítulo 1, Juventude na Sociedade Contemporânea, a discussão gira em torno das múltiplas noções de juventude, os grupos de jovens, e o ser jovem na contemporaneidade brasileira. Neste trabalho entendemos ser esta uma questão relevante porque se propõe a analisar na medida do possível as discontinuidades que marcam a transição dos jovens desta pesquisa para a vida adulta, quais suas facilidades e dificuldades, certezas e incertezas e como sobrevivem.

O Capítulo 2 trata do Ensino Profissional da Juventude no contexto social brasileiro e do CEFET-MT. Contextualiza o CEFET-MT no novo milênio e trata da opção do jovem por esta instituição de ensino.

Na Segunda Parte, Juventude e a questão das drogas, a discussão gira em torno do hoje chamado *fenômeno drogas*, e suas implicações para a juventude contemporânea.

No Capítulo 3, é apresentada a questão das drogas ilícitas: vulnerabilidades e riscos. Procuramos contextualizar a questão das drogas na sociedade, assim como o consumo das mesmas, considerando as peculiaridades do jovem, suas vulnerabilidades e riscos. É analisada a maneira como a mídia trata o assunto e são discutidas questões sobre a legalização sob diferentes pontos de vista.

O Capítulo 4 levanta a questão da prevenção na escola, dirigida aos jovens com o título Jovens e a prevenção.

Nas Partes I e II foi colocado o problema de investigação, apresentados os fundamentos teóricos e metodológicos e construído o espaço de discussão.

Na Terceira Parte, Jovens do CEFET-MT e o consumo de drogas ilícitas, traçamos a análise sistemática dos dados obtidos.

No Capítulo 5. A visão dos jovens do CEFET-MT sobre o consumo de drogas ilícitas, trazemos apresentação dos dados obtidos e iniciamos a discussão e no Capítulo 6, Jovens do CEFET-MT: tolerância e intolerância, uma análise mais sistemática da realidade estudada, são focalizados os jovens estudantes do CEFET-MT dos cursos selecionados e as inter-relações com as questões levantadas

A pesquisa fecha-se com as considerações finais, abordando resultados a serem refletidos e quiçá pesquisados em outros estudos posteriores.

**PARTE I**

**JUVENTUDE E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL**

## CAPITULO 1

### Juventude na Sociedade Contemporânea

Mesmo para os que, entre nós, consideram-se crescidos, pensar sobre *juventude* envolve pensar sobre *nós mesmos*: sobre o que éramos e somos, sobre o que poderíamos ter sido, sobre o que esperamos ser. [...] é como se a natureza descarregasse nos adolescentes os apetrechos da idade adulta, mas a sociedade não os ensinasse a lidar com as novidades, com as transformações.

Isolda de Araújo Gunther

Neste capítulo, pretendemos levantar as questões que envolvem os significados atribuídos à juventude através de uma perspectiva histórica, isto é, juventude: múltiplas facetas de um conceito, discutir o jovem e o grupo, entender de que maneira a juventude é vista e conceituada no Brasil, como também o ser jovem na contemporaneidade brasileira. Enfim discutir o tema juventude na sociedade contemporânea no intuito de conhecê-la para compreendê-la.

Ao discutir juventude para a compreensão das questões relativas ao jovem, faz-se necessário uma reflexão não apenas histórica, mas de resgate do presente e do passado, sobre o conceito de juventude.

Neste tempo de (in) certezas, diversidades, mudanças, vulnerabilidades fazem do viver uma constante reflexão, e fazer escolhas, assumir os riscos da decisão e responsabilizar-se pelos atos são práticas rotineiras. Nesse contexto, pesquisar os jovens é uma tarefa instigante.

Muito ainda se tem para saber sobre os jovens. Diferentes perspectivas com abordagens sociológicas, psicológicas, pedagógicas, médicas, antropológicas fundamentam estudos sobre a juventude. Mesmo assim, as últimas produções nos têm mostrado que ainda

existem grandes espaços para o entendimento da condição juvenil na sociedade contemporânea.

Mas de quem se fala quando usamos a palavra juventude? ou jovem?

Cada vez mais estudiosos do assunto retomam a discussão no sentido de aceitar a idéia de juventude como juventudes, considerando a diversidade de situações de vida que afetam os jovens, diferenças em termos de cultura, classe socioeconômica, grupo, etnia, gênero, dentre tantas outras. Levi & Schimitt a respeito desse assunto exemplificam:

De um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes: da cidade ou do campo, do castelo feudal ou da fábrica do século XIX[...] Tampouco se pode imaginar que a condição juvenil permaneça a mesma em sociedades caracterizadas por modelos demográficos totalmente diferentes (LEVI & SCHIMITT, 1996, p. 14).

Conforme Carrano (2002, p. 2), “elaborar uma definição da categoria juventude não é fácil, principalmente porque os critérios que a constituem são históricos e culturais”. Concordam com essa idéia e contribuem autores como Dayrell (2000), Levi & Schimitt (1996), Peralva (1997), Spósito (2002), Sousa (1999), Pais (1996), Garcia (2002), Carvalho (2002) para os quais também conceituar juventude se torna uma tarefa bastante difícil. E como afirma José Machado Pais:

Não há de fato um conceito único de juventude que possa abranger os diferentes campos semânticos que lhe aparecem associados. Às diferentes juventudes e às diferentes maneiras de olhar essas juventudes corresponderão, pois, necessariamente, diferentes teorias (PAIS, 1996, p. 36).

É preciso aqui avançar neste entendimento, mas como definir juventude?

Podemos?

Período entre a infância e a idade adulta? Condição social caracterizada por gostos e atitudes? Comportamentos? Estilo de vida, marcado pela rebeldia, pelo questionamento de normas e regras sociais impostas pelos adultos? Formas de ser? Filão da

sociedade de consumo para o qual se voltam marcas, produtos, filmes, modas e modismos e programas televisivos e eletrônicos?

Abordagens sociológicas trazem à baila questões consideradas como problemas comuns da juventude como uso de drogas, transgressões na vida escolar, gravidez precoce, dentre outros. Ou seja, comumente juventude é associada à noção de crise, perigos, problemas. Entretanto, tratar da juventude no seu dia-a-dia, no seu cotidiano e não apenas nas exceções é tarefa de vital importância, caso queiramos compreendê-la e empreender uma reflexão sobre a sociedade atual. A preocupação com os jovens não é de agora, e normalmente é o resultado de fatos que ocorrem, de um momento histórico que contextualiza a inserção desses e da necessidade de reflexão sobre os mesmos.

Em um estudo intitulado *Juventude e Escolarização*, realizado por uma equipe de pesquisadores, coordenado por Spósito (2002), observou-se constituir um desafio produzir um estado de conhecimento sobre juventude pois se trata de um *objeto de estudo pouco consolidado na pesquisa*; apesar de sua importância política e social, *é uma categoria epistemologicamente imprecisa*, acrescenta Garcia (2002, p.1).

Nos estudos sobre a juventude, o psicólogo Stanley Hall (1904) marca o início do século XX, ao publicar *Adolescence: its psychology and its relations to anthropology, sociology, sex, crime, religion and education*, obra contendo 1300 páginas divididas em 18 capítulos, separados em 2 volumes. Após intensa coleta de material, apresenta a adolescência como “associada às mais diversas esferas da vida humana, configurando um campo de problematizações muito mais amplo que as das anteriores configurações biológicas e psíquicas e do adolescente no entendimento da adolescência como amadurecimento biológico” (CÉSAR, 1998, p. 33).

Vamos então a Erik H. Erikson em *Identidade, Juventude e Crise*, que fundamenta de maneira espetacular a questão, chamando nossa atenção:

Colocados no ponto de observação de há vinte anos, olhemos agora à nossa frente, esquecendo conceitos e clínicas, e *vejamos* a juventude de hoje. Em qualquer período, juventude significa, primeiro que tudo, a parte mais ruidosa e mais óbvia dessa sub-raça, somada aos sofrendores silenciosos que chamam a atenção dos psiquiatras ou são dados à luz pelos romancistas.[...] À MEDIDA QUE os progressos tecnológicos ampliam cada vez mais o intervalo de tempo entre o começo da vida escolar e o acesso final do jovem ao trabalho especializado, a fase de adolescência torna-se um período ainda mais acentuado e consciente; e, como aconteceu em algumas culturas, em certos períodos, passou a ser quase um modo de vida entre infância e a idade adulta (ERIKSON, 1987, p 24, 128).

E acentua o autor

Assim, em qualquer período da história, o tempo mais afirmativamente excitante será desfrutado por aquela parte da juventude que se encontrar na onda de um progresso tecnológico, econômico ou ideológico aparentemente promissor de tudo o que a vitalidade juvenil poderia desejar (1987, p. 130).

É com essas questões em mente, diante de tantas definições, que buscamos na literatura delimitar os significados que envolvem o tema em questão.

## **1.1 Juventude ou juventudes: múltiplas facetas de uma noção**

“A pluralidade e circunstâncias que caracterizam a vida juvenil exigem que os estudos feitos sobre a juventude incorporem o sentido da diversidade e das múltiplas possibilidades do sentido de ser jovem” como diz Carrano e Dayrell (2002, p. 1). Assim, a juventude deve ser olhada na sua diversidade cultural, o que nem sempre é considerado nas representações existentes sobre a mesma.

Vamos primeiramente distinguir jovens e juventude. Temos usado até aqui, os termos jovem, jovens e juventude, mas é preciso estabelecer uma distinção. Para muitos autores, jovens são os sujeitos que vivem a diversidade de seu tempo e juventude, a fase da vida.

Os termos juventude e adolescência também são comumente confundidos. Alguns autores chegam a tratá-los como sinônimos. Outros evidenciam diferenças. A

observação é feita, pois não pretendemos elaborar grandes polêmicas nesse caso, mas, quando necessário, as discussões teóricas referentes à adolescência acompanharão o debate no tocante à juventude, razão desta pesquisa.

Outro aspecto a considerar no conceito de juventude é a questão de ter uma idade ou pertencer a uma idade. Como estabelecer uma faixa etária da juventude como segmento social diante da diversidade cultural?

Abramo (1994) enfatiza que a noção de juventude é socialmente variável. A questão de tempo de duração, de conteúdos e significados sociais variam de sociedade para sociedade e na mesma sociedade, porém a referência mais geral e usual do termo refere-se a uma faixa etária, um período de vida. É a etapa da vida quando se completa o desenvolvimento físico do indivíduo e ocorre uma série de mudanças psicológicas e sociais, ou seja, quando se deixa a infância para enfrentar a entrada no mundo adulto. A autora argumenta que, nas sociedades primitivas, os grupos etários apresentavam lugares definidos no sistema social, na comunidade, e a mudança da condição infantil para o mundo adulto era oficializada normalmente com rituais de passagem. Assim, a transição ocorria com relativa facilidade. Já nas sociedades modernas a transição para a sociedade adulta se torna “muito mais dificultosa e complicada e isto ocorre devido às máximas implicações dos critérios universalistas e distribuições de papéis e de orientação de valores universalistas” (ABRAMO, 1994, p. 3).

Na tentativa de entender juventude, Carrano afirma que a maneira mais “simplista de uma sociedade definir o que é um jovem é estabelecer critérios para o situar numa determinada faixa de idade, na qual estaria circunscrito o grupo social da juventude” (CARRANO, 2000, p. 120).

Percebemos que normalmente a faixa etária é tida como parâmetro na realização de estudos estatísticos, por exemplo, de escolarização obrigatória, nas

classificações de programas de televisão, em idades mínimas para o trabalho, responsabilidade penal, setores de lazer como cinemas, boates, entre outros.

Phillipe Áries (1981) argumenta que, com o desenvolvimento da sociedade moderna ocidental, mediante a progressiva instituição de um espaço separado de preparação para a vida adulta, a juventude se destaca como uma fase de vida socialmente distinta. No período pré-industrial, não existia a adolescência como é entendida hoje, e a infância não estava separada do mundo adulto, como também não havia separação entre universo familiar e o universo social mais amplo. “A criança mal adquiria algum desembaraço físico era logo misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela se transformava imediatamente em homem ou mulher jovem, sem passar pelas etapas da juventude” (ÁRIES, 1981, p. 10).

Para o referido autor, são os humanistas e religiosos que incentivam, a partir do séc. XV, teorias e práticas que separam a infância da adolescência – juventude como uma fase intermediária da vida adulta. Nas sociedades burguesas do séc. XVIII, começa-se a falar em condição juvenil correspondendo à época da instalação de um duplo sistema de ensino: a Escola (ciclo curto) e o Liceu (ciclo longo). Portanto, com seu crescimento, o ensino especializa a formação, acentua a diferença social e separa as crianças e jovens dos adultos.

Apenas no século XX, ocorre uma crescente ampliação da condição juvenil, quando esta passa a fazer parte de diferentes setores da sociedade. Essa diversificação resulta em transformações dos significados tidos até então, inclusive as referências e limites etários.

Se considerarmos a juventude apenas como uma etapa marcando a saída da infância para o mundo adulto, vivida de forma homogênea, estaremos ignorando as condições histórico-culturais dos jovens componentes da mesma. Levi & Schmitt (1996) imprimem um caráter de começo à juventude, considerando sua inserção num período de mudanças e inquietudes, entre a imaturidade e a maturidade sexual, entre as controvertidas falta e

aquisição de autoridade e de poder, entre tantos outros fatores influentes. “Essa época de vida não pode ser definida com clareza por quantificações demográficas, nem por definições de tipo jurídica, e é por isso que nos parece substancialmente inútil tentar identificar e estabelecer, como fizeram outros, limites muito nítidos” (LEVI & SCHMITT, 1996, p. 8).

Mannheim (1982) concebe a juventude numa *perspectiva geracional* trazendo à tona a problemática dos conflitos das gerações, envolvendo a juventude.

Para esse autor, adolescência e juventude são organizadas como categorias analíticas especiais, o momento através do qual os indivíduos podem perceber os dados tornados problemáticos pela mudança social, as forças formativas da personalidade estão se constituindo, as atitudes básicas estão em processo de desenvolvimento, sendo também possível aproveitar o poder de ajustar-se às situações novas. Para ele, a passagem gera crise:

O importante, todavia, é registrar que o estado de crise que marca sociologicamente e psicologicamente a juventude é o ponto de convergência das diferentes caracterizações. As relações entre as gerações, o conflito ou a continuidade entre elas se estabelecem, são analisadas como base na crise da juventude, ou mais precisamente na crise da geração. Dessa colocação a juventude surge como um problema particular e como um conceito a ser examinado (MANNHEIM, 1978, p.24).

Melucci (1997) analisa a juventude contemporânea e argumenta que esta deixa de ser uma condição biológica e se torna uma definição simbólica. Aqui, o caráter de transitoriedade da juventude aflora a partir do momento que passamos a considerar a vida adulta como estável em contrapartida à instabilidade juvenil, embora, nos dias atuais, torne-se difícil sustentar o fato, (estabilidade da vida adulta), pois o que vemos é a sociedade contemporânea em tempos de (in) certeza, marcada por fatores como mobilidade e desmobilidade sociais e econômicas, tendo que se sujeitar ou estar aberta a mudanças, considerando sempre a luta pela sobrevivência.

O referido autor levanta alguns questionamentos importantes como a existência de uma questão juvenil e de onde vem o interesse em estudar os jovens, e complementa: “a

adolescência parece estender-se acima das definições em termos de idade e começa a coincidir com a suspensão de um compromisso estável, com um tipo de aproximação nômade em relação ao tempo, espaço e cultura” (MELUCCI, 1997, p.9).

Ainda para Melucci (2001) devido a um contexto cultural marcado por inúmeras interações virtuais, interações planetárias, explosão de oportunidades para a experiência individual, as fronteiras entre juventude e maturidade evaporaram-se.

Pais (1996) contribui argumentando que a juventude é uma categoria socialmente construída sendo, assim, sujeita a modificar-se ao longo do tempo.

Peralva (1997), Carrano (2002), Dayrell (1999), Pais (2001), Melucci (1997, 2001), Abramo (1994), Spósito (1997) e Sousa (1999), entre outros, trazem um novo significado para os estudos sobre a juventude.

Os autores citados, dentre tantos pesquisadores, rompem com a idéia de um grupo homogêneo com características comuns a uma faixa etária. Falam em **juventudes**. Buscam construir uma noção de juventude sob o olhar da diversidade, pois muitos são os modos de ser jovem nessa construção. Juventude é ao mesmo tempo uma condição social e um tipo de representação. Jovem como protagonista de um tempo de possibilidades.

Não sendo uma essência, como diz Sousa (1999), e sim uma construção sócio-cultural, a juventude não é, ela se faz ao longo dos tempos, ao que Peralva (1997) argumenta que a juventude é uma condição e uma representação fundada em critérios históricos e socioculturais, portanto extremamente variável no tempo e espaço.

Nesse contexto enfoca-se a existência de uma pluralidade de juventudes, pois

De cada recorte sociocultural, classe social, estrato, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero, saltam subcategorias de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é ser jovem, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes (GARCIA, 2002, p.3).

Concordamos com Sousa (1999), pois tudo o que vimos até aqui nos leva a crer que, apesar de certas atitudes, certas noções serem consideradas próprias dos jovens, “não podemos generalizar a ponto de emitir conceitos. Fica evidente que o **lugar**, o **tempo** que vivem e as **condições** em que vivem sim, são fatores determinantes em sua definição” (SOUSA, 1999, p.16) (grifos nossos).

Então para Pais (1996) e Garcia (2002) o conceito de juventude deve ser pensado sobre dois eixos semânticos, quando construído numa perspectiva histórica e sociológica: um que denota unidade, ao se referir a uma fase da vida; outro, que denota diversidade decorrente das origens de classes dos jovens, origem rural ou urbana, de serem estudantes ou estudantes trabalhadores, solteiros ou casados.

Com esta breve discussão sobre os diferentes conceitos de juventude, podemos inferir que não se pode trabalhar com um único conceito de juventude, mas com uma multiplicidade de condições juvenis, pois são muitas e diversas as formas sociais, culturais, de conflito e solidariedade que envolvem jovens, dificultando o momento de natureza biológica e social em que vivem. Portanto, no presente estudo, os jovens serão considerados dentro de um enfoque mais aberto da juventude, como categoria sociológica e historicamente construída, buscando dar conta do problema de investigação a que nos propomos.

## 1.2 Juventude: algumas considerações

No Brasil, pouco se produziu sobre o tema juventude depois dos anos 70, após os trabalhos pioneiros de Marialice Foracchi (1965, 1972), que constituiu uma coletânea de textos marcada pela preocupação dos intelectuais da época (Mannheim, Ianni, Echevarria, Foracchi, Flitner, Martins, entre outros) com o papel que os jovens ocupavam na estrutura social e como eles se constituíam enquanto agentes de novas demandas críticas e de transformação social área disciplinar que passou a se denominar *Sociologia da Juventude*, conforme Sousa (1999).

A impressão que se tem, ao pesquisar o período imediatamente posterior, é de que a juventude deixou de ser do interesse das Ciências Humanas, conforme alega Spósito (1997).

O estudo sobre o jovem e o conseqüente desenvolvimento do conhecimento sobre a temática juventude foi gradativamente deslocado para a área da educação e suas pós-graduações e só reaparece nas Ciências Sociais a partir da década de 80. A autora cita duas vertentes que nortearam a análise dos fatos a partir de então: uma, a descoberta do espaço escolar, enquanto centro de múltiplas relações, apropriações e redefinições das orientações estatais e estruturais e a segunda baseada em orientações que buscaram resgatar o ponto de vista dos sujeitos, “pensados a partir de sua capacidade de produzir orientações e ações de natureza coletiva” (SPÓSITO, 1997, p. 97).

Segundo Abramo (1994), ao se sistematizar a produção sociológica sobre os jovens, estes passam a ser tema de investigação e reflexão no período citado, principalmente em dissertações e teses. Mas são ainda poucos e recentes (considerando as duas últimas décadas) os trabalhos que discutem a opinião dos próprios jovens e suas experiências, suas percepções, formas de sociabilidade e atuação. “Juventude tem estado presente, tanto na

opinião pública como no pensamento acadêmico, como uma categoria propícia para simbolizar os dilemas da contemporaneidade” (ABRAMO,1997, p. 29).

No entendimento de Sousa (1999), Foracchi é referência contemporânea nos estudos sobre a juventude, é considerada peça fundamental para seu entendimento e compreensão da condição juvenil dos anos 60 do século XX. Naquele final de década, profundamente marcada pela participação política dos jovens nos movimentos estudantis, a juventude vivia sob pressão em suas relações com as estruturas da sociedade, que exigiam respostas psicológicas e sociológicas sobre o papel social do jovem. Os jovens viviam a ambivalência de terem um papel social atribuído e delimitado pela idade e pelo direito, “protagonizando em alguns momentos as relações societárias e culturais, percebendo, porém, que a intensidade de suas experiências depende destas mesmas relações, que os preparam para a vida adulta” (SOUSA, 1999, p.18). O quadro repressivo que se impôs sobre a sociedade brasileira e suas conseqüências sobre o jovem evidenciam a opção individualista de uma geração que se sente impotente para modificar as relações sociais em crise e *a emergência de uma contracultura difusa* onde os grupos procuram manter o que lhes está sendo negado com a cassação dos direitos políticos e da cidadania, com a prisão arbitrária, a insegurança cotidiana e a separação da própria história de seu País. Os jovens tornaram-se “intransitivos naquele momento, recorrendo à psicanálise, às drogas, transformando os problemas que enfrentavam socialmente em conflitos individuais” (SOUSA, 1999, p. 19).

Abramo (1997) faz as seguintes considerações ao abordar a juventude numa análise histórica: a década de 50 do séc. XX mostra o “problema social da juventude como uma predisposição generalizada para a transgressão e a delinqüência representada na figura dos rebeldes sem causa”. Nos anos 60 e início dos 70 do séc. XX, os jovens e a juventude eram tidos como problema porque apareciam como uma “geração de jovens ameaçando a ordem social e a mora” estabelecida e por “desencadear atos concretos em busca de

transformação” (ABRAMO, 1997, p. 30), com movimentos estudantis e de oposição aos regimes autoritários, contra as formas de dominação, gerando manifestações como a de maio de 68. Lembro que vivíamos uma crise de valores e conflitos de gerações com nossos pais e professores.

Movimentos pacifistas, as proposições da contracultura, o movimento *hippie*, como *Woodstock* são referências para contextualizar ou referenciar uma geração. A autora citada acima comenta que os jovens dessa geração, não conseguindo mudar o sistema, condenavam-se a jamais conseguirem se integrar ao funcionamento normal da sociedade. Para ela, a juventude aparece como “categoria portadora da possibilidade de transformação profunda: e para a maior parte da sociedade, portanto, condensava o pânico da revolução” (ABRAMO, 1997, p.30).

Comunidades de jovens foram formadas por aqueles que recusaram a assumir empregos formais e esta atitude era vista como uma recusa permanente de se adaptar e se enquadrar<sup>1</sup> na sociedade estabelecida. Resgatamos Abramo para contextualizar o período:

Foi somente depois, quando tais movimentos juvenis já haviam entrado em refluxo, que a imagem dessa juventude dos anos 60 foi reelaborada e assimilada de uma forma positiva, generalizando a ótica da minoria que neles depositava diferentes tipos de esperança, a imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-se como a de uma geração idealista., generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. Assim foi fixado um modelo ideal de juventude. Transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características dessa categoria etária (ABRAMO, 1997, p. 31).

A partir da década de 70, o que se verifica é que outras questões como emprego e entrada na vida ativa passaram a ser o objeto de estudo com relação à juventude, quase a transformando em categoria econômica (Pais, 1996; Abramo, 1997; Spósito, 2002).

---

<sup>1</sup>Aos olhos da sociedade muitas vezes não passávamos de jovens criadores de casos, aos olhos da família, as idéias eram absurdamente contraditórias. Uns acreditavam que se tratava de um “bando” de desocupados que não queriam inserir-se nas normas estabelecidas. Outros acreditavam que se tratava de uma fase transitória, de contestação. Nós enquanto uma parcela convivendo com algumas comunidades, utopicamente acreditávamos na liberdade de viver, de produzir, de ser. As discussões culturais eram o enfoque nas comunidades que conhecíamos. Muitos de nós convivíamos, mas nos mantínhamos inseridos na tradicionalidade. Sanches, autora deste trabalho.

Nos anos 80, as condições de empregabilidade, mercado de trabalho para o estudante ou trabalhador juvenil fazem com que levantamentos estatísticos sejam feitos, explicitados e mostrados para além da academia. Nessa época, “grupos urbanos, darks, punks entre outros, chamam a atenção dos pesquisadores, evidenciando novas formas de sociabilidade jovem que surgiam identificando o entrosamento desta com a modernidade tecnológica” (SOUSA,1999, p.19).

Nos anos 90 do séc. XX, segundo Abramo (1997),os jovens já não chamam a atenção pela apatia e desmobilização, mas sim pela presença de inúmeras figuras juvenis nas ruas, em ações coletivas ou individuais. Meninos de rua, arrastões, gangues, vandalismos, ou seja, imagem de jovens que assustam e ameaçam a integridade social. “E nessa formulação de medos como encarnação de todos os dilemas e dificuldades, encarnação de impossibilidades, eles nunca podem ser vistos, e ouvidos e entendidos, como sujeitos que apresentem sua próprias questões, para além dos medos e esperanças dos outros” (ABRAMO, 1997, p. 31).

Porém a história também nos mostra que a participação política dos jovens nessa década aconteceu de maneira diferente, com sua ampliação pelos espaços de lazer e pelas expressões culturais. “As escolhas individualistas e a naturalização do consumo que verificamos explodir, são perfeitamente compatíveis com os tempos frios dos anos 90” (FALCÃO, 2003, p. 2).

### 1.3 Os jovens e os grupos

Quando descobrimos que estamos sozinhos o mais freqüente é entrarmos em pânico. Atiramo-nos para o extremo oposto e misturamo-nos em grupos: clubes, equipes, sociedades, categorias. De repente começamo-nos a vestir exatamente como os outros: é a melhor maneira de ser invisível. O modo como se cosem os remendos nas *blue jeans* tornam-se fundamental. Se não sabemos fazer isso, então se está de fora. E deve-se estar por dentro. Esta frase é gira, não acham? Dentro de quê? Do grupo. Como os outros. Todos juntos. Salvo pelo número. Eu não sou eu, sou um ás do basquetebol. Um rapaz popular. Sou o amigo dos meus amigos. Sou um blusão negro numa ronda. Faço parte. Sou um jovem. Não podem ver-me, só conseguem ver-nos. Estamos safos.

Úrsula K. Lê Guin

Atualmente, o tema juventude remete-nos à idéia de grupos, formas de sociabilidade, tribos. Nesse sentido, é possível entender que *jovens* formam uma categoria social por se constituírem em novos sujeitos e por produzirem outros significados sobre a sociedade, a política, os adultos e sua própria geração. Procuram ficar ou formar grupos, e é através destes, que os jovens encontram referências para o reconhecimento das idéias que partilham. Mas também é no interior do grupo que querem e buscam ser indivíduos autônomos. Nos grupos juvenis, cada um pode manifestar um visual próprio, e a criatividade nos adereços e enfeites parece antecipar uma nova forma de estar no mundo e de manifestar novas relações sociais. Essa perspectiva de autonomia dentro do grupo é percebida inclusive em grupos ditos institucionais como aponta Sousa:

Este aspecto fica mais claro quando se percebe o esforço de alguns jovens para trazer para dentro do grupo a informalidade e a reivindicação de um relacionamento "leve". Rir, divertir-se, ser feliz na militância, é o contrário da nostalgia. Introspecção e desmedido altruísmo são vistos como sentimentos desenvolvidos em práticas políticas passadas, que para eles não cabem mais em um tempo em que a preservação das individualidades, embora sob controle social, são aceitas como legítimas (SOUSA, 1999, p. 194).

A importância do grupo social e sua capacidade de ser um substituto do grupo familiar são normais neste período de descobertas. Por outro lado, é aos 14, 15 anos, justamente na entrada da juventude, que o jovem inicia a cursar o ensino médio, falamos aqui

do jovem que teve acesso à escola em idade natural para isso. Dessa maneira, os vínculos sociais com iguais são iniciados e incrementados e o jovem passa a se distanciar de sua família. Dá-se início às saídas noturnas em companhia dos amigos, constituindo-se, os grupos. A influência dos amigos toma formas diferenciadas e os confrontos com a família começam a aparecer. Os jovens terão que optar mais uma vez, frente às ofertas do social, por concordar ou discordar dos amigos perante situações difíceis, e muitas vezes não estão preparados para tal, é o que nos mostram os fatos que ocorrem ao nosso redor.

Vianna considera grupo como **grupo de iguais** e alega que este “vai contribuir para que as turbulências desta etapa vital sejam sentidas e percebidas dentro de um contexto confortável de que **isto**, estas sensações não acontecem só **comigo**” (VIANNA, 2002, p. 29). O grupo de iguais possibilita compartilhar experiências, exercitar a companhia social, apoio emocional. Serve de guia de conselhos. Os amigos podem contribuir para que o jovem se integre psicossocialmente, compartilhe dúvidas e ansiedades, alegrias e tristezas, certezas e incertezas. Assim, os amigos podem influenciá-lo positiva e negativamente, na formação de hábitos e atitudes. Bessa & Pinsky (2004) colaboram nesse sentido quando afirmam que nessa fase de transição é normal que jovens questionem, duvidem de verdades prontas e até se rebelem. É uma fase de metamorfose, uma época de grandes transformações, de descobertas, de rupturas e de aprendizados. Querem ser diferentes dos adultos e ao mesmo tempo querem pertencer a um grupo. Buscam nos amigos, na turma, no grupo, na galera, naqueles com os “quais se identificam e com os quais compartilham as mesmas dores, dúvidas e alegrias, a dose necessária de aconchego, solidariedade e compreensão” (BESSA & PINSKY, 2004, p. 11).

Para os autores acima citados, os jovens expressam toda sua energia e criatividade características do estilo de vida, nas roupas, nas gírias, nas artes e nos esportes, “mas também tamanha energia pode ser desviada para atividade de risco ou lesivas ao seu

bem estar. As drogas incluindo aí tanto substâncias lícitas como ilícitas, têm a perversa capacidade de desviar o curso de vida dos jovens, às vezes de modo irreversível” (BESSA & PINSKY, 2004, p. 11).

Para Souza (2004) os jovens da contemporaneidade vivem intensamente as contradições deste tempo, pois as incertezas próprias da idade são agravadas pelas incertezas desta época, tendo em vista que as referências para a compreensão do tempo, as imagens virtuais e os encontros eletrônicos são possibilidades culturais que alargam o território dos jovens para outros limites de tempo e espaço:

Perto e longe se tornam dimensões simbólicas, com rapidez alcançam-se diferentes partes do globo terrestre. Tempo e espaço constituem-se múltiplos e descontínuos e exigem de nós elasticidade, mudança, conexão e capacidade de conviver quotidianamente com a incerteza (SOUZA, 2004, p.60).

Se o tempo atual permite uma variedade de escolhas, facilita a comunicação, e as opções se multiplicam, em contrapartida acreditamos que também oferece pouca ajuda sobre as opções que devem ser selecionadas e sobre como fazê-lo. Os fenômenos juvenis contemporâneos permitem um entrelaçamento do coletivo e do individual, as experiências são construídas, em grande parte, nas redes de relações e no significado da cultura global. Compreender o que acontece nos **grupos** pode ser o caminho para entender as diversas **juventudes** da contemporaneidade.

Pais (2001) chama a este tempo de *tempos ziguezagueantes* e velozes. São tempos de contratempos. São muitos desses *contratempos* que caracterizam a condição juvenil contemporânea.

Para entender o que é um grupo de jovens, é preciso antes verificar que são conjuntos de jovens, em sua maioria de 13 a 24 anos, que se reúnem geralmente nas escolas, praças, igrejas, com o objetivo inicial de simplesmente se conhecerem e, em seguida, de partilhar sonhos, dúvidas e experiências, bem como enfrentar juntos os desafios que essa faixa etária traz consigo. Pessoas reunidas com diversos objetivos.

O grupo é o espaço de visibilidade, da sua constituição como sujeito social, significado de ampliação das redes de amizade, num exercício de “convivência social que reforça a auto-estima e os coloca na cena pública, exercendo uma identidade reconhecida e desejada no grupo e que põe em relevo potencialidades pessoais” (SOUZA, 2004, p. 57).

Por que é importante participar de um grupo de jovens? No grupo, o jovem não está só. Diariamente ele busca respostas e saídas para as crises que enfrenta na família, na escola, no namoro, e não as encontra. Lá, ele conhece pessoas que vivem as mesmas experiências e encontra forças para seguir em frente. Além disso, o grupo é um espaço de amadurecimento da fé, conhecimento e valorização de si e do outro, descoberta da realidade e de atuação na comunidade.

Encontra um ambiente que é um universo diferente do que viviam e pensavam anteriormente. É o novo em suas vidas. Pode exercer a cidadania e desenvolver sua criatividade e potencialidade. Ou simplesmente morgar<sup>2</sup>, jogar conversa fora, apenas ficar junto no grupo. É o espaço de formação, é o lugar de trocas afetivas, que o engrandecem e fortalecem para enfrentar a realidade do seu cotidiano. Mas pode ser também o encontro dos iguais nas adversidades, nas transgressões, nas dificuldades de enfrentar os desafios, partindo para atitudes que podem ser prejudiciais a eles e a outros.

Na compreensão de Melucci (1997), a juventude, por causa de suas condições culturais e biológicas, é o grupo social mais diretamente exposto aos dilemas do seu tempo. Sendo assim, na experiência juvenil há uma abertura para adesão de normas, hábitos e condutas que resultam para os jovens na identificação de múltiplas configurações diante do seu meio, apontando para uma pluralidade de redes e grupos.

---

<sup>2</sup> Expressão usada no linguajar cuiabano. Ficar como jacaré.

#### 1.4 Ser jovem na contemporaneidade brasileira

Ser um jovem brasileiro é: *sonhar com um bom trabalho, morar com os pais, acreditar em Deus, viver on-line, querer mudar o país*. Esses dados foram fornecidos através de pesquisa coordenada pelo cientista político Gustavo Venturini, recém concluída, com 3.500 pessoas com idade entre 15 e 24 anos, de 198 cidades brasileiras. O estudo *Perfil da Juventude Brasileira* radiografa o modo de vida e as expectativas dos 34 milhões de cidadãos do País incluídos nessa faixa etária. Enquanto seus pais queriam revolucionar a política e os costumes, a juventude de agora, diz o autor, já não precisa combater a ditadura, nem se sente sufocada pela família, 90% acreditam em Deus e 60% não pensam em sair da casa paterna.

No Brasil de hoje, o que se vê, nos debates cujo foco são os jovens, são comparações de diferentes períodos históricos, principalmente das décadas de 60 e 70 do séc. XX, com a atualidade, o que nos leva a ver ou até pré-conceber a juventude contemporânea sempre pela falta de participação política, de consciência, de engajamento social. Mas são atitudes muitas vezes preconceituosas, pois é possível entender que os jovens formam uma categoria social por se constituírem em novos sujeitos e por produzirem outros significados sobre a sociedade, a política, os adultos e sua própria geração.

Corroboram essas idéias Madeira (1998) e Carvalho (2002), ao argumentarem que, apesar das diferenças que efetivamente existem, os jovens, independentemente da sua condição socioeconômica, não só apresentam mas, sobretudo, cultivam uma identidade ou uma marca de juventude. A juventude é uma espécie de moratória entre a infância e a vida adulta, um espaço para o aperfeiçoamento individual e para o desfrute do prazer e do lazer, antes das responsabilidades da vida adulta. Para Madeira, “ser jovem é mais do que pertencer a uma faixa etária específica é viver um **estilo de vida** amplamente valorizado na sociedade” (MADEIRA, 1998, p. 31).

A mídia brasileira tem destacado o jovem como sujeito de ação, como também tem dedicado cada vez mais o seu espaço a um público jovem. Abramo (1997), em *Considerações sobre a Tematização Social da Juventude no Brasil*, lembra que os meios de comunicação no País, grosso modo, tratam os jovens a partir de dois registros: o *primeiro*, como aqueles aos quais dirigem os produtos culturais evidenciando temas sobre sexualidade, cultura e comportamento, música, moda, estilo de vida, esporte e lazer. O *segundo* registro trata os jovens como assunto dos cadernos ou programas destinados ao público adulto. Nos noticiários, os temas mais comuns são aqueles relacionados aos problemas sociais, como violência, crime, exploração sexual, uso de drogas e medidas para diminuir ou enfrentar tais problemas.

Infelizmente, voltamos a insistir que o jovem no Brasil é notícia quando, de alguma forma, se torna problema ou espetáculo. Os problemas normalmente estão ligados à violência<sup>3</sup> e às drogas, entre outros. Mas, na opinião dos jovens, é a famigerada violência o fantasma que mais os assusta, relata Venturini (2004), pois verificou que quase a metade dos jovens entrevistados perdeu pessoas de sua convivência em razão dela. Na maioria das vezes foram amigos, vítimas de assassinato. Segundo pesquisa da UNESCO, Waiselfisz (2002) os homicídios respondem por 40% dos óbitos entre os jovens de 15 a 24 anos.

Porém nisso tudo há um paradoxo. De vilões passam a referência, pois nunca as características e valores ligados à juventude, como a busca do novo, foram tão aclamados em um processo que se poderia chamar de *juvenilização* da sociedade (ABRAMO, 1997, p.28). *Adullescência, juvenilização* da sociedade, rejuvenescimento, culto ao corpo, esportes radicais, plásticas, todos querem parecer mais jovens, neste início de década, de século, de milênio.

---

<sup>3</sup>WAISELFISZ, J. Mapa da Violência III .Levantamento realizado em 19 países demonstra que o Brasil é, no mundo, o país em que morrem mais jovens de forma violenta nas regiões metropolitanas

Enquanto problema social, a atenção à juventude é histórica e já referenciada por muitos pesquisadores, seja porque o jovem se desvia do seu caminho em direção a uma integração social por problemas situados nele próprio, em seu meio, ou nas instituições responsáveis por sua “socialização, ou anomalia do próprio sistema social ou por outro lado, por grupos ou movimentos juvenis que propõem ou produzem transformações na ordem social ou então ameacem romper com a transmissão da herança cultural” (ABRAMO, 1997, p. 29).

No Brasil, a população jovem de 15 a 24 anos gira em torno de 34 milhões, ou 47 milhões na faixa etária de 15 a 29 anos, segundo dados do último Censo Brasileiro IBGE (2000).

Para os objetivos propostos neste trabalho, torna-se necessário estabelecer uma faixa etária para situarmos os jovens pesquisados do CEFET-MT. Consideramos, aqui, jovens os estudantes entre 14 e 29 anos.

A discussão de faixa etária é bastante polêmica. Também é preciso esclarecer que a Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), em 1985, definiu como jovens, pela primeira vez, para o Ano Internacional da Juventude, estabelecendo para fins estatísticos, as pessoas entre 15 e 24 anos, sem prejuízo de outras definições de Estados Membros. No entanto, acrescentou que, para além da definição estatística do termo juventude, o sentido variava em diferentes sociedades em todo o mundo, e que as definições de juventude haviam mudado continuamente como resposta a flutuações das circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais.

O mesmo se dá com a Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD) que considera jovem aquele entre 15 e 24 anos. É possível ainda obter os seguintes recortes etários: **jovens adolescentes**, 15-17 anos; **jovens** 18-20 anos; e, **jovens adultos**, 21-24 anos.

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT) são considerados jovens, aqueles com idade entre 15 e 29 anos.

Quanto à questão já levantada da relação entre adolescência e juventude, a Organização Pan-americana de Saúde (OPS) considera adolescência e juventude como conceitos distintos, em razão de suas especificidades fisiológicas, psicológicas e sociológicas, entende por *adolescência* a faixa etária dos 10 a 19 anos sendo a pré-adolescência dos 10 aos 14 anos e a adolescência propriamente dita dos 15 aos 19 anos, constituindo um período durante o qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. A *juventude* é uma categoria fundamentalmente sociológica e se refere ao processo de preparação para que os indivíduos possam assumir o papel social do adulto, tanto do ponto de vista da família e da procriação, quanto profissional, com plenos direitos e responsabilidades. Estende-se dessa forma, dos 15 aos 24 anos de idade (CARVALHO, 2002).

Assim, considera-se *adolescente* no Brasil toda pessoa com idade entre 10 anos completos e 18 anos incompletos. E os *jovens*, segundo os institutos de pesquisa, são identificados na larga faixa etária dos 15 aos 24 anos. São conceitos consensuais, estabelecidos como já citamos, de acordo com critérios adotados pelo Ministério da Saúde (M.S.) e pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e também pela Organização Mundial de Saúde.

A questão de ser ou não ser considerado jovem com certeza depende de circunstâncias históricas e culturais determinadas por uma certa sociedade em análise. Temos casos de países como o Japão, que chegam a classificar como jovens os indivíduos com idade até 35 anos. Para a sociedade japonesa, esta mudança é perceptível e legítima já que o conceito de juventude, enquanto grupo populacional variável, sofre alterações dependendo do contexto social em que estão inseridos. Outro exemplo e bastante significativo é o caso do

Chile que desde 1990 passou a considerar 29 anos a margem superior desta fase (DUARTE – KUAPER, 2001).

Um outro fator que hoje se observa é a escolaridade juvenil prolongada. Falamos daqueles jovens que têm acesso ao ensino fundamental, médio e pós médio, ao superior e pós-graduação. Isto se deve à sua preocupação em se capacitar para a inserção de forma definitiva no mercado de trabalho, altamente competitivo. Assim, eles mantêm laços de convivência familiar por mais tempo. Esses fatores podem contribuir para que a categoria juventude ultrapasse a faixa estabelecida, 24 anos, mais uma razão para optarmos pela faixa etária de 15 a 29 anos.

O que vemos é o jovem tratado pela sociedade brasileira de forma contraditória, ora como criança, ora como adulto. Ora como problema, ora como espetáculo, como já dissemos. Ele pode votar aos 16 anos, arcar com o bônus ou ônus de sua escolha e não tem responsabilidade legal para habilitar-se como motorista. Por um lado, é capaz de tomar decisões sobre o futuro, com responsabilidade de escolher seus dirigentes, seu curso universitário, sustentar-se e/ou contribuir na renda familiar, mas deve ser protegido contra explorações e abusos. Então, ele é parcialmente independente para uma Constituição e Estatutos que se contradizem ao fazer referência ao jovem.

No campo jurídico, surgem no Brasil formas de garantir os direitos dos jovens adolescentes e de conceituá-los como a Lei 8069, de 13 de junho de 1990, criando o Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA. É considerado adolescente aquele entre 12 e 18 anos de idade, estendendo-se esta proteção, em casos excepcionais, até os 21 anos.

Todavia um recorte tão amplo acaba gerando visões distorcidas, pelo menos no que se refere aos aspectos jurídicos da questão. Carvalho (2002) enfatiza, a esse respeito, que a imprensa obviamente também os chama de jovens, sendo que muitas vezes não permite aos leitores identificar aqueles menores de idade (os que respondem ao ECA) e também aqueles

maiores de 18 anos de idade que já respondem ao Código Penal. Assim, a juventude fica à margem da indefinição desses conceitos no Brasil. Frisando bem, o ECA considera **criança** para os efeitos da Lei, o menor de 12 anos e **adolescente** aquele com idade compreendida entre 12-18 anos, não fazendo qualquer referência à chamada **juventude**. Reforçando, o ECA em alguns casos estende sua abrangência até os 21 anos. Podemos então dizer ou concluir que o jovem, foco do nosso trabalho, que pertence à faixa etária de 14 a 24 anos, estendida a 29 anos como em algumas sociedades, acaba tendo um tratamento fragmentado.

Marília Spósito (2003) alerta para o fato de que o governo federal no novo Plano Plurianual (PPA 2004 - 2007) apresenta como temas centrais a inclusão e a participação dos jovens, surpreendendo, entretanto, por não observar qualquer referência específica aos segmentos juvenis da sociedade brasileira, com exceção das ações que devem coibir qualquer tipo de discriminação.

Abramo (1997) reforça a idéia que nossos jovens são considerados freqüentemente como categoria de *problemas sociais*, mas não têm ocupado espaço na formulação das políticas públicas, e são raras as experiências que os consideram como interlocutores significativos. Em geral, as políticas são feitas sob a ótica do adulto e não sob a dos direitos da juventude.

O tempo de (in)certezas aumenta a indefinição que cerca os jovens ao ingressarem na esfera competitiva do mundo adulto. Pais (2001) argumenta que os caminhos de passagem para a vida adulta não são apenas obscuros,

São caminhos longos, sinuosos, com escolhas. De fato, assiste-se, na sociedade contemporânea, a um prolongamento da condição juvenil: porque os percursos escolares são mais longos, porque há mais tardia inserção no mercado de trabalho; porque o acesso à casa própria é difícil; porque os casamentos retardam, devido também a uma maior liberalização das relações sexuais (PAIS, 2001, p. 81).

O Brasil neste início de milênio, segundo o IBGE (2003), superou a marca dos 170 milhões de habitantes, e metade da população é constituída por crianças e jovens com menos de 25 anos que habitam 23 Estados e 5.551 municípios brasileiros.

Hoje, precisamos criar, elaborar um outro discurso sobre os jovens, pois a condição juvenil na contemporaneidade constitui-se um fenômeno em curso. Na estrutura da população brasileira é a faixa etária com maior crescimento progressivo, apontando para um inchaço; como construção histórica situada no tempo e espaço, percebemos hoje uma dilatação da juventude entre 12 e 29 anos. Para Souza (2004) é um segmento grande no cômputo eleitoral, mas tem uma história de participação política recente; vivem uma mutação geracional não pensada há 50 anos, definida pela inserção no mercado de trabalho, escola, construção de projetos de vida e prolongamento do vínculo familiar, finalmente fazem do presente a dimensão privilegiada da existência.

“A condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e de suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica” (MELUCCI, 2001, p. 101).

Voltamos a Carrano (2002), com a intenção de estender a discussão inicial a que nos propusemos no começo do capítulo:

Não podemos esquecer o aparentemente óbvio: eles são seres humanos, amam, sofrem, divertem-se, reagem e pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionando-se diante delas, possuem desejos e propostas de melhoria de qualidade de vida. Torna-se necessário escutá-los, ver nas práticas culturais e nas formas de sociabilidade que desenvolvem traços de uma luta pela sua humanização, diante de uma realidade que insiste em desumanizá-los (CARRANO, 2002, p. 26).

Muitas atitudes dos jovens de hoje, e por que não dizer dos adultos também, têm suas raízes em problemas e tensões sociais enfrentados por eles: falta de perspectiva no mercado de trabalho, sistema educacional inadequado e distante da realidade, ausência de

opções de lazer e atividades culturais, alienação e fechamento de espaço na participação política da sociedade contemporânea.

Essa é a marca de uma sociedade globalizada onde a criatividade e a autenticidade devem ser armas presentes contra a nebulosidade de um mundo moderno e global que se constrói e se desfaz muito rápido, como diria Berman (1986).

Concluimos com Berman, pois assim vemos o mundo onde estamos inseridos e queremos inserir nossos filhos, alunos, nossos jovens.

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição [...] É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura [...] Dir-se-ia que ser moderno é ser antimoderno [...] é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, auto transformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos (BERMAN, 1986, p.15).

## **1.5 Os jovens e as mudanças no mundo do trabalho**

Os jovens brasileiros vivem hoje os problemas gerados por uma sociedade cada vez mais competitiva. O IBGE divulgou, em 2004, resultados da pesquisa Perfil da Juventude Brasileira indicando que é cada vez maior a consciência dos jovens entrevistados de que educação e emprego são fundamentais para a vida no futuro. A mesma pesquisa divulgou também que 40% de jovens brasileiros estão desempregados e 64% dos que trabalham estão na informalidade. Segundo a pesquisa, temas como trabalho e educação são do interesse dos jovens brasileiros e os problemas que mais os preocupam são a violência (55%) em primeiro lugar, mas quase no mesmo patamar de importância vem o desemprego e o receio quanto ao futuro profissional (52%), seguido por drogas (24%) e educação (17%).

Até aqui, fizemos uma discussão visualizando os jovens em relação a todo um conjunto social, explorando as múltiplas facetas da juventude, mas não podemos deixar de

considerar o contexto socioeconômico e as implicações no mundo do trabalho, considerando principalmente que os jovens, sujeitos desta pesquisa, inserem-se numa escola de ensino técnico profissional. Por outro lado, esta necessidade se acentua quando verificamos que, neste período de vida, exigimos que os mesmos façam uma escolha profissional e assumam crescentes responsabilidades sociais e financeiras. Para Osório (1992), o dilema vocacional dos jovens no Brasil está sempre atrelado a como adequar as aspirações profissionais à realidade do mercado de trabalho que lhes é oferecido:

Hoje há uma enorme pressão social para que os jovens atinjam o estágio universitário, transformando o ingresso nos cursos de nível superior num gigantesco funil gerador de frustrações. Por outro lado, o acelerado processo de obsolescência técnica e decomposição econômica da universidade brasileira gera profissionais cada vez mais incompetentes e despreparados para ocupar espaços no já escasso mercado de trabalho existente para eles (OSÓRIO, 1992, p. 38).

O desemprego é um fator gritante no Brasil como também em escala mundial.

A globalização provocou entre as empresas uniões, parcerias, fusões levando-as a produzirem mais, em menor tempo e com menos empregados. A estrutura econômica brasileira, com seus baixos índices de crescimento econômico, provoca grandes desequilíbrios regionais e exclusão social.

Dessa maneira, o trabalho na forma de emprego com segurança nas últimas décadas torna-se escasso. Antunes chama a este fato de “desproletarização do trabalho industrial fabril, e é proveniente da diminuição da classe operária tradicional junto à qual, paralelamente, efetivou-se uma significativa subproletarização do trabalho” (ANTUNES, 2003, p. 209). Ocorre assim a predominância do trabalho precário, parcial, subcontratado, vinculado à economia informal e ao setor de serviços.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2000), o desemprego brasileiro atinge predominantemente os jovens. A dificuldade de inserção de jovens no mercado de trabalho não considera apenas a falta de conhecimentos específicos para o mesmo e a baixa experiência profissional, mas o nível educacional também

constitui importante fator que influencia nas possibilidades de inserção e no tipo de ocupação. Já para os jovens trabalhadores, a entrada no mercado de trabalho normalmente é obrigatória para aumentar a renda familiar, causando sempre problemas para a continuidade dos estudos. Tudo isso gera um círculo vicioso pois contribui para que esses trabalhadores tenham uma qualificação deficiente face às exigências do mercado.

A conjuntura atual posiciona nossos jovens numa situação bastante difícil, eles são instigados a buscar autonomia, independência e realização própria, normalmente através do trabalho, ao mesmo tempo em que este se torna escasso, com um nível de exigência bastante ampliado, sobretudo no tocante à escolarização. Análises mais recentes constataam que as empresas recorrem a requalificação e à reprofissionalização para adequar a mão de obra às novas tecnologias. Ou seja, o “trabalho complexificou-se, fragmentou-se, heterogeneizou-se” (ANTUNES, 2003, p. 209) e continua central apesar do dessalariamento.

Assim, o jovem moderno encontra-se num contexto social marcado por mudanças no mundo do trabalho, quando o famoso apertar parafusos, empregos requerendo força muscular têm sido largamente substituídos pelo uso de máquinas. O mercado *força a barra* e as escolas e empregadores exigem cada vez mais habilidades de linguagem, matemática e ciências e conhecimento maior do mundo para a obtenção de emprego. Os empregadores, então, passam a desinteressar-se por jovens que são prejudicados por pouca educação, ou educação deficitária, hábitos de trabalho insatisfatórios ou comportamentos de risco. Neste mercado excludente, a competição para os que têm educação limitada é cada vez maior, principalmente em início de carreira ou ingresso na mesma. Muitas vezes são direcionados por si ou por outros a aceitar o que aparece, por não terem muita escolha, ficando assim a satisfação no trabalho transferida como um ideal a ser alcançado no futuro.

Osório (1992) afirma, neste sentido, que o fato de a sociedade atual privilegiar o desempenho e a competição predispõe o surgimento da ideologia do lucro fácil e todos os obstáculos que infernizam as relações de produção em nossa sociedade. O autor conclui que

O fulcro da crise educacional dos jovens de hoje está nesta perversão da natureza do trabalho, que conduz ao já aludido périplo à procura da satisfação profissional, que nunca chega porque busca sustentar-se em elementos desgarrados da genuína fonte do prazer proporcionado pela atividade laborativa, que é o seu potencial criativo e sua inserção numa escala de valores encimada pelo bem-estar coletivo. Em suma, o dilema vocacional dos jovens contemporâneos é realizar-se profissionalmente numa sociedade que reduziu o trabalho a mero sucedâneo do Poder Econômico (OSÓRIO, 1992, p. 40-41).

No mundo contemporâneo ocorre um versátil movimento de trocas culturais, gerados em grande parte pela globalização, criando a pluralidade de chamados sociais para que cada um ocupe, a cada momento, uma diversidade de papéis. Esse fato pode igualmente dificultar no amadurecimento dos jovens, a estabilidade de que tanto necessitam.

Figueiredo (1998), ao analisar o adolescer no Brasil, argumenta que o adolescente brasileiro é um verdadeiro pára-raios das impropriedades sociais que são geradoras das desigualdades sociais.

Outro fator a salientar é que a enorme desigualdade característica de nosso mundo globalizado gera o crescimento do mercado informal, chamando para o tema discutido nessa dissertação; destacamos o mercado do tráfico de drogas, que hoje já não ocorre apenas no eixo Rio São Paulo. Freitas (2002) refere-se ao fato:

O crime organizado torna-se uma opção de trabalho, principalmente para os jovens, apesar de estar associado a um quadro de violência permanente. Os jovens são aqueles que compõem preferencialmente a mão de obra necessária ao bom andamento desse negócio informal e ilícito que é o crime organizado. Eles são atraídos por uma oportunidade de trabalho que lhes dá um ganho de dinheiro bem acima das possibilidades que a sua escolaridade permitiria (FREITAS, 2002, p. 59-60).

O jovem se vê frente à necessidade de ter que escolher uma ocupação profissional, mas está às voltas consigo mesmo, pouco conhecendo sobre suas aptidões e tendências. O que fazer? Seu contato com os diferentes setores de trabalho, ainda é restrito,

mas ele terá que optar, pensar no futuro. A opção para uns dependerá de suas condições socioeconômicas ou da tradição familiar, para outros é questão de sobrevivência. O trabalho para todos, porém, será determinante como possibilidade de busca de suas independências, já que o ganho financeiro sinaliza para sua autonomia.

Estamos falando de mundo do trabalho, e Antunes entende que “é um momento efetivo de colocação de finalidades humanas, dotado de intrínseca dimensão teleológica. E, como tal, mostra-se como uma experiência elementar da vida cotidiana, nas respostas que oferece aos carecimentos e necessidades sociais” (ANTUNES, 2003, p. 168)

O contexto socioeconômico, vem apresentando mudanças significativas na contemporaneidade, influenciando no jeito jovem de ser e nas possibilidades destes em relação ao mercado de trabalho.

Antunes, que também se opõe à visão da perda da centralidade do trabalho, demonstra-o na seguinte acepção:

A importância da categoria do trabalho está em que ela se constitui como fonte originária, primária, de realização do ser social, protoforma da atividade humana, fundamento ontológico básico da omnilateralidade humana. Nesse plano mais abstrato, parece desnecessário dizer que aqui não estou me referindo ao trabalho assalariado, fetichizado, e estranhado (labour), mas ao trabalho como criador de valores de uso, o trabalho na sua dimensão concreta, como atividade vital (work), como “**necessidade natural e eterna de efetivar o intercâmbio entre o homem e a natureza**” nas conhecidas palavras de Marx em *O Capital* (ANTUNES, 2003, p.167).

O trabalho para os jovens da sociedade brasileira funciona principalmente como fator de inserção social, pela independência, pela possibilidade de construção de um rol mais autônomo de experiências e escolhas em sua trajetória, o que faz com que se torne mais tenso e cerceado em suas múltiplas possibilidades pela ausência do trabalho. A dificuldade de sua inserção no mercado de trabalho parece impedir ao jovem a passagem para a vida adulta, ou seja, impossibilita que tenha voz ativa no tecido familiar e social.

## CAPÍTULO 2

### **Ensino Profissional da Juventude no Brasil e o CEFET-MT**

A sociedade moderna burguesa não aboliu os antagonismos de classe. Apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de lutas em lugar das velhas.

Karl Marx

Neste capítulo apresentamos uma discussão, ainda que breve, sobre a evolução do ensino técnico profissional no Brasil, procurando resgatar os objetivos propostos desde a sua criação, no início do século XX, até os dias atuais, enfocando as mudanças ocorridas desde sua criação e trazendo a discussão para Mato Grosso onde se localiza o CEFET-MT.

#### **2.1 De *Escola de Aprendiz e Artífices* a CEFET-MT: um pouco da história**

O ensino profissional, entre os últimos anos do Império e as primeiras décadas de implantação do projeto político republicano, passa a ser tratado sob novo enfoque no cenário educacional brasileiro. Foi um período histórico difícil, marcado pelo embate travado no final do sec. XIX entre os *coronéis*, defensores do modo de produção baseado no latifúndio e, de outro lado, a burguesia industrial emergente, em defesa da implantação do capitalismo, culminando com a abolição dos escravos em 1888 e a proclamação da república no final do século. O aparecimento de pequenas indústrias manufatureiras e a introdução de idéias capitalistas nos grandes centros urbanos do Brasil, aos poucos requeriam do poder público medidas que se voltassem ao atendimento daquele setor. O país enfrentava, paralelamente, graves problemas de ordem social em consequência da consolidação do

projeto de imigração e da abolição dos escravos, que constituíam uma população marginalizada e discriminada, devido ao preconceito racial e ao pouco ou nenhum preparo destes para o exercício de um trabalho nas cidades. Aumentavam-se assim os desocupados nos grandes centros urbanos.

Neste clima, a saída para a situação parecia residir em um programa educacional que viabilizasse a formação profissional mínima a essa *população desvalida da sorte*, oferecendo-lhe uma forma de ingresso em atividades no setor industrial, para executar tarefas simples segundo (ARRUDA, 1990).

Foram criadas então 19 Escolas de Aprendizes e Artífices em dezenove capitais brasileiras, excetuando-se algumas poucas escolas em outras regiões como é o caso da Escola Técnica em Pelotas. Mato Grosso, era naquela época, um Estado carente de infraestrutura para subsidiar o desenvolvimento da produção industrial e sua população vivia quase em total isolamento pois a única forma de acesso a Cuiabá era por via fluvial, dada a inexistência de rodovias. A produção econômica baseava-se na agropecuária e no extrativismo vegetal e mineral, contando também com alguns poucos engenhos de açúcar, única produção industrial, de caráter artesanal.

Assim, a Escola de Aprendizes e Artífices de Mato Grosso, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso, foi criada no governo do Presidente Nilo Peçanha, pelo Decreto n.º 7.566 de vinte e três de setembro de 1909. A instituição iniciou suas atividades em 1º de janeiro de 1910, formando profissionais na área de alfaiataria, carpintaria, marcenaria, sapataria, ferraria, selaria, artes gráficas e tipografia. Os alunos matriculados à época recebiam orientações sobre aspectos da vida profissional, desde limpeza das oficinas e equipamentos até a entrega do trabalho final, como enfoca Arruda (1990).

No início do século XX, a Educação Geral estava destinada à formação dos dirigentes, das elites, e, por outro lado, o ensino técnico profissionalizante era legado a uma

classe social considerada como desfavorecida da fortuna, esclarece Machado (1989), ao registrar as justificativas do Decreto nº 7566/1909.

O Presidente Nilo Peçanha cria, em quase todos os estados, Escolas de Aprendizes e Artífices representando o início da atuação direta do governo federal na área de formação profissional. São apresentadas as seguintes justificativas para editá-lo: Que o aumento constante da população das cidades exige que se facilitem às classes proletárias os meios de vencer as dificuldades sempre crescentes da luta pela existência; e para isso se torna necessário, não só habilitar os filhos dos desfavorecidos da fortuna com o indispensável preparo técnico e intelectual, mas como fazê-los adquirir hábitos de trabalho profícuo, que os afastará da ociosidade, escola do vício e do crime, um dos primeiros deveres do governo da república formar cidadãos úteis à Nação (MACHADO, 1989, p. 25).

Ainda, segundo Machado (1989), o Presidente Venceslau Brás, ao assumir a Presidência da República, em 1914, elaborou uma concepção mais definida sobre a formação profissional referindo-se à rede de 19 (dezenove) Escolas de Aprendizes Artífices, nas diferentes unidades da federação:

A criminalidade aumenta, a vagabundagem campeia, o alcoolismo ceifa, cada vez mais, maior número de infelizes, porque, em regra, não tendo as pobres vítimas um carácter bem formado e nem preparo para superar as dificuldades da existência, tornam-se vencidos em plena mocidade e se atiram à embriaguez e ao crime. Dê-se, porém, outra feição às escolas primárias e às secundárias, tendo-se em vista que a escola não é somente um centro de instrução, mas também de educação e, para esse fim, o trabalho manual é a mais segura base; instalem-se as escolas industriais, de eletricidade, de mecânica, de química industrial, escolas de comércio, que os cursos se povoarão de alunos e uma outra era se abrirá para o nosso País \*(Id. ibid. p. 26).

O objetivo básico das Escolas profissionalizantes era munir o aluno de uma arte que o habilitasse a ganhar a vida e a se manter como artífice. Essas escolas, para Barbosa (2003), obedeciam a uma finalidade moral de repressão: “educar pelo trabalho os órfãos, os pobres e desvalidos da sorte, retirando-os das ruas. Assim, inicia-se a formação profissional como política pública na perspectiva moralizadora da formação do carácter pelo trabalho” (2003, p.80). Aqui se faz necessário registrar que o Ensino Técnico Profissional, “a escola dos desfavorecidos da sorte, foi implantado no Brasil Império, em 1826, com o primeiro projeto visando instituir oficialmente o ensino de Artes e ofícios na Câmara dos deputados” (MACHADO, 1989 p. 27).

Mas, à medida que o processo industrial vai se intensificando no País, as necessidades da indústria emergente passam a exigir um trabalhador mais preparado, em condições de satisfazer às exigências de organização da produção da época. No campo da Educação, o ensino industrial ganha novos contornos e as Escolas de Aprendizes sofrem várias transformações em sua organização pedagógica, como ampliação do currículo, introdução de novos ofícios e aperfeiçoamento no recrutamento de pessoal. Nesse contexto, as massas populares começam a exigir o acesso à educação formal e assim se atribui à educação um valor mágico com o poder de mudar as pessoas e alterar sua posição na estrutura de classe conforme diz Atala (1997).

Na época, segundo Atala (1997), a divisão social do trabalho encontrava-se em ritmo acelerado, a estrutura social torna-se mais complexa, a hegemonia fundiária cai, trazendo como conseqüência o surgimento da burguesia industrial.

Machado (1989) confirma, ao citar que o registro do crescimento da matrícula no ensino industrial no período de 1930 a 1945 foi de 129%, e explica:

Não há dúvida de que a concepção predominante acerca do ensino profissional continuará sendo como aquele destinado às “classes menos favorecidas”. É claro que neste sentido também se procura evoluir, conferindo às escolas profissionais denominações mais adequadas que colégio de misericórdia, escola de ingênuos, orfanato, asilo de menores desvalidos, reformatório, e outras do mesmo gênero (MACHADO, 1989, p. 38).

Após a 2ª Guerra Mundial, as nações do mundo passam a reestruturar-se social e economicamente, e o Brasil não foge à regra. Começaram a aparecer dificuldades para garantir emprego ao pessoal formado em nível superior. Para Garcia (2002) havia uma preocupação com o possível caráter explosivo deste excedente de mão-de-obra qualificada, surgindo uma racionalização oficiosa sobre a questão. Fica assim evidente a necessidade de organizar o ensino técnico, a fim de baixar o custo de produção e desacelerar a importação de profissionais, o que Cunha (1989) complementa ao estudar o ensino técnico :

A conjuntura econômica da 2ª Guerra mundial criou condições para organização do ensino técnico industrial através da demanda de técnico, pela expansão da produção, e a necessidade de baixar o custo da produção pela substituição do pessoal de alta qualificação pelo técnico, bem como, pela substituição da importação de pessoal pelos técnicos que seriam formados no Brasil (CUNHA, 1989, p. 55-56).

Com a promulgação da Lei Orgânica em 1942, a Escola de Aprendizes e Artífices de Mato Grosso transformou-se em Escola Industrial de Cuiabá que, pela Lei nº 3.552/59 de 16 de fevereiro de 1959, passa a ter personalidade jurídica própria e autonomia administrativa e técnica. Nesse ano, a instituição passa a oferecer o Ginásio Industrial com duração de quatro (4) anos, preparando para alfaiataria, tipografia, linotipia e encadernação.

A partir de 1964, segundo Machado (1989), inicia-se um período de valorização do ensino de formação profissional de nível médio, cuja regulamentação ocorreu em 1968, com a criação do CENAFOR (Centro Educacional Nacional de Formação Profissional) que tinha como propósito capacitar docentes para o ensino profissional. Em decorrência da proposta de racionalização de todos os setores da vida social, apresentada pelo governo militar, ocorreram transformações na estrutura do sistema de ensino. Souza (1993) salienta que o novo discurso, era fundamentado na *Teoria do Capital Humano* desenvolvida por Theodoro Schultz, a qual explicava as diferenças de desenvolvimento social entre as nações, grupos e indivíduos, mas principalmente entre as nações, com base no conceito de *qualificação humana*, garantidora de maior produtividade e maior competitividade. Essa ideologia passa a sustentar o discurso favorável ao ensino profissionalizante.

Essa teoria propunha forte participação do Estado na definição de políticas e no gerenciamento das verbas destinadas ao sistema educacional.

Em 1965, são estabelecidas novas diretrizes para o Ensino Técnico, que recomendam a extinção do 1º ciclo nas Escolas Profissionalizantes e a concentração de esforços na ampliação da matrícula nos cursos técnicos com o argumento de que: “a formação de técnicos de 2º ciclo é o fator preponderante para maior industrialização, já que as indústrias buscam técnicos e não estudantes de ginásio” (SOUZA, 1993, p. 17).

Assim, a escola de Cuiabá transformou-se em Escola Industrial Federal de Mato Grosso em função da Lei nº 4.759 de 20/08/1965 que dispunha sobre a denominação e qualificação das Universidades e Escolas Técnicas Federais.

Em 1968, passou a chamar-se Escola Técnica Federal de Mato Grosso, por meio da Portaria Ministerial nº 331, assinada pelo então Presidente Artur da Costa e Silva.

Com a reforma do ensino de 1º e 2º graus, introduzida pela lei 5.692/71 (LDB) que tinha como um dos objetivos conter a demanda para o ensino superior e definir a educação profissionalizante compulsória, iniciou-se de fato, a questão da profissionalização no País. Acaba-se de vez com o ensino de 1º grau na instituição (antigo curso ginásial), passando a oferecer à comunidade apenas o 2º grau profissionalizante.

Assim, a formação profissional passou a ter predominância no ensino de 2ª grau, com a criação das propaladas habilitações profissionais que tinham como meta principal atender às necessidades do mercado de trabalho. O parecer do Conselho Federal de Educação (CFE) nº 45 de 1972 estabeleceu dois tipos de habilitações profissionais: um realizado pelas escolas técnicas tradicionais, e o outro ministrado pelas escolas em geral, de acordo com a legislação em vigor. Para Barbosa (2003, p 85-86) com essa lei *pensou-se numa modernização do Brasil a curto prazo, por meio de qualificação de recursos de nível médio, propondo conciliar os objetivos de educar e profissionalizar*. No entanto, toda a reestruturação foi feita com o objetivo de manter a ordem estabelecida e de criar mão de obra produtiva, com qualificação.

Nesse período, em plena ditadura militar, a conjuntura política se caracterizava pelo centralismo de poder, fato que aumentou a estrutura tecno-burocrática, com a extinção de partidos políticos, e com o controle sindical, o controle legislativo e judiciário, a censura aos meios de comunicação e um forte aparato repressivo. Como afirma Machado (1989), nesse

contexto, o ensino técnico e a educação brasileira passaram a se reorganizar no sentido de atender às novas necessidades da base econômica integrada ao capitalismo mundial:

Agora, qual a relação do ensino técnico com o controle político e ideológico a partir de 1964? Sua função não seria apenas em nível de contribuição técnica? Como veremos adiante, a posição do técnico dentro da empresa é de grande importância para a produção. Ele é o intermediário entre os engenheiros, administradores em geral e os trabalhadores diretamente ligados à produção. Seu papel político, determinado pela sua própria posição dentro da estrutura da empresa e pela sua função de porta-voz e intermediário do escalão superior, que, por sua vez, é porta-voz dos interesses daqueles que controlam o poder político e econômico. Desta forma não só é grande o controle sobre os técnicos, no trabalho, devido a sua posição estratégica, como também é grande a tarefa de moldar, seja pela disciplina, seja pelo conteúdo do ensino, aquele profissional que melhor se ajuste às necessidades empresariais (MACHADO, 1989, p. 66).

A Escola integrou-se às exigências do mercado de trabalho e os cursos profissionais cumpriram o papel previsto pela ideologia dominante, oferecendo cursos técnicos com parte de Currículo de Educação Geral e parte de formação específica.

O crescimento da Escola, contudo, logo viria determinar que se procedesse a uma reavaliação desse objetivo inicial como meio de tornar a instituição adaptada às reais necessidades do ensino técnico profissionalizante, determinadas pelas carências de um mercado em expansão.

Barbosa (2003) considera que foram muitos os problemas causados pela obrigatoriedade da profissionalização prevista pela Lei 5692/71. Na tentativa de contornar tais problemas, o Governo apresenta a Lei 7.044/82, substituiu o caráter compulsório e universal da profissionalização, que passou a ser facultativo para os estabelecimentos de ensino. Esta lei

[...] contribuiu ainda mais para aumentar o caos do sistema público que nem formava para o trabalho e nem dava condições ao estudante para progredir nos seus estudos, levando na prática a um único resultado, que foi a deteriorização completa do sistema educacional público e, em consequência, a expansão da rede particular de ensino criando uma dicotomia, uma imensa vala social entre a escola pública e a particular, onde a primeira é direcionada às camadas populares da sociedade, exiladas de um ensino de qualidade que pudesse ao menos dar os instrumentos culturais para uma sociedade mais justa, e a segunda, em contraposição a esta, direcionada às classes dominantes detentoras do poder econômico e político, ficando para estas a oportunidade do conhecimento que ditará as regras da nova sociedade (BARBOSA, 2003, p. 88).

Aqui se faz necessário ressaltar que fugindo à confusão e dúvidas estabelecidas pela Lei 5.692/71, para o ensino profissionalizante, destacam-se as Escolas Técnicas Federais, atuais Centros Federais de Educação Tecnológica, como sistemas que deram certo, pelo menos parcialmente. Em Mato Grosso, Cuiabá, a Escola Técnica Federal manteve a tradição de oferecer um ensino de qualidade, sendo respeitada pela sociedade, e o autor citado complementa e induz a uma outra discussão: “na verdade, os CEFET’s hoje, ultrapassaram a condição de escolas somente para os filhos dos outros, ou escolas para os deserdados da sorte e outros” (BARBOSA, 2003, p. 88).

A conjuntura nacional daquele momento já apontava para o avanço neoliberal, para a abertura do Brasil, para a competitividade internacional, a política de globalização da economia impõe ao País os ajustes dessa política, através da reforma constitucional. Nesse contexto, a Educação Tecnológica teve que se adequar à nova política e mais uma vez é colocada a serviço da economia de mercado.

Em 20/12/1996, a Lei nº 9.394 conhecida como Lei Darci Ribeiro (a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) deu nova diretriz para a Educação no País. A assinatura do Decreto Presidencial nº 2.208/97 e Portaria 646/97/MEC, específicos para a Educação profissional, modificam o perfil educacional das ETF’s / CEFET’s ao separar o ensino propedêutico da Educação Profissional.

As medidas legais estabelecem uma separação entre o ensino médio e o profissional. O ensino médio passa a ter as seguintes finalidades conforme analisa Manfredi (2002):

A consolidação e o aprofundamento dos ensinamentos adquiridos no ensino fundamental, possibilitando prosseguir nos estudos; a preparação básica para o trabalho e para a cidadania do educando e o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. [...] A Educação Profissional será desenvolvida em articulação com o ensino regular ou em modalidades que contemplem estratégias da educação continuada, podendo ser realizada em escolas do ensino regular, em

instituições especializadas ou nos ambientes de trabalho e abrangerá três níveis: básico, técnico e tecnológico (artigo 2º, Decreto 2.208/97).

O decreto, pela forma autoritária e imediata em atender ao segmento produtivo, não tem preocupação com o desenvolvimento humano e social, no sentido de dar uma formação que possibilite ao trabalhador e cidadão, a incorporação dos avanços tecnológicos para atendimentos das necessidades humanas.

A intenção da reforma para Barbosa (2003) é fazer com que o estudante siga a profissão técnica, justificando que 60 a 70% dos egressos dessas instituições federais de ensino nos últimos anos, seguiram para o ensino superior, deixando de exercer a função de técnico para a qual se preparam.

Em 1998 implanta-se a reforma prevista pela lei na ETF-MT, passando a estruturar-se para oferecer: Ensino Médio (Educação propedêutica) e três níveis de Educação profissional, o básico, o técnico e o tecnológico, provocando mudanças estruturais, físicas, pedagógicas e curriculares nos cursos da ETF-MT.

O polêmico Decreto 2.208/97, citado anteriormente, em seu artigo 8º, determina que os currículos do ensino técnico sejam estruturados em disciplinas que poderão estar agrupados em Módulos. Para Barbosa (2003), a modularização permite maior flexibilidade às instituições e também contribui para a ampliação e agilização do atendimento às necessidades do mercado, dos trabalhadores e da sociedade. O que, em teoria, torna a educação mais útil e ágil para posicionar-se frente às mudanças provocadas pela globalização no setor socioeconômico do Estado de Mato Grosso, em franco desenvolvimento. Por outro lado, acreditamos que, além da dualidade presente nesse nível de ensino ser estrutural, esse formato de reforma apenas reforçaria as diferenças, simulando uma escola democrática, principalmente nas escolas públicas onde são ampliadas as distâncias entre o proposto e o que realmente é feito.

O que ocorreu na antiga Escola Técnica Federal com essas medidas? O que se verificou na instituição foi total insegurança por parte dos professores, gerando insatisfação e contrariedades, uma vez que a reforma e, conseqüentemente, a implantação das novas modalidades no ensino técnico, como a modularização e o incentivo para oferecer o ensino médio aconteceram rapidamente, sem capacitação dos docentes e sem propostas e discussões para viabilizar a determinação do Governo Federal. Acreditamos que, no CEFET-MT, o ensino modular por (in) competência passou a ser uma grande pedra no meio do caminho dos profissionais responsáveis pelas relações professor x aluno x competência. Outro fator agravante foi a necessidade de professores para a educação técnica específica e a adequação dos profissionais da formação geral para as áreas tecnológicas.

Mudanças provocam resistência e inquietações.

Módulos, competências, habilidades e bases científicas e técnicas passaram a ser palavras que geravam grandes inquietações na comunidade docente e discente do CEFET-MT.

Porém, com o processo de cefetização, as resistências começaram a ser vencidas. O fato de a antiga Escola Técnica ser um Centro Federal de Educação Tecnológica gerou expectativas tendo em vista possibilidades de mudanças.

A Lei 8.948/94 transformou todas as Escolas Técnicas em CEFET's, mas cada Instituição necessitava elaborar um processo de reestruturação para gerar um decreto específico de alteração e, assim, pelo decreto Presidencial de 16/08/2002, publicado no diário Oficial da União de 19/08/2002, a Escola Técnica Federal de Mato Grosso transforma-se em Centro Federal de Educação Tecnológica Mato do Grosso.

Os CEFET's surgiram em 1978, com a Lei 6.545, pela transformação das ETF's de Minas Gerais, Paraná e Rio de Janeiro em Centros Federais, ao se prever uma

necessidade futura de técnicos de nível superior, devido à expansão dos conhecimentos tecnológicos e as alterações nos sistemas produtivos.

Os CEFET's são instituições sem igual no mundo, porque reúnem em uma única instituição a possibilidade de verticalização da educação profissional, tendo inserida em si uma escola técnica de nível médio e cursos superiores tecnológicos realizando, assim, uma permuta saudável dos conhecimentos científicos e tecnológicos dos professores do 3º grau com o conhecimento tecnológico prático dos professores das disciplinas de formação profissional do 2ª grau (BARBOSA, 2003, p. 89).

Mas, qual é o papel do CEFET-MT no contexto educacional atual?

“Com a cefetização, os primeiros beneficiados seriam os alunos que nutrem a pretensão de continuar seus estudos”, diz Barbosa, pois possibilita o acesso ao 3º grau pela verticalidade de oferta na área científica – tecnológica, “o que antes poderia ser visto como uma discriminação do sistema, comprometendo o princípio da igualdade de oportunidades” (BARBOSA, 2003, p. 114).

Na atual conjuntura, com a globalização da economia, as indústrias brasileiras necessitam se ajustar à modernidade, às rápidas inovações tecnológicas e para isso é preciso tornarem-se competitivas. Nessa perspectiva, os CEFET's são vistos como alternativas para os empresários que passam a propor um sistema de educação profissionalizante voltada exclusivamente para o mercado. Atala argumenta:

Nesse novo modelo de ensino técnico, trabalhadores são adestrados ou tecnicamente preparados em atividades específicas rompendo com a possibilidade de uma escola igualitária para todos, com o princípio educativo de formar o cidadão preparado para enfrentar os desafios das constantes mudanças tecnológicas que vem ocorrendo no mundo do trabalho e, conseqüentemente, não estará comprometido com as transformações sociais (ATALA, 1997, p. 29).

Os responsáveis pela implantação do projeto neoliberal ditam a política educacional, enfatizando que a educação deve estar subordinada às necessidades do mercado: “para eles, faz-se necessário que o sistema educacional se ajuste ao mundo dos empregos. Isto não significa, no entanto, que a educação deve garantir o emprego ou criar fontes de trabalho, mas sim promover a empregabilidade” (ATALA, 1997, p. 30).

Nessa aparente descentralização não estaria o governo mantendo a escola a serviço do setor produtivo?

Frigoto (1995) ao criticar os efeitos econômicos na Educação cita que estes se expressam negativamente de várias formas: pelo desmantelamento da escola pública e reforço da educação como negócio, pelo dualismo em quantidade e qualidade dos serviços educacionais diversos para as classes trabalhadoras e a classe dominante. As novas diretrizes para a educação, redefinidas pelo setor produtivo, seriam a sociedade do conhecimento, qualidade total e educação para competitividade.

O CEFET-MT cumpre perante a comunidade mato-grossense o papel que lhe foi dado pela própria sociedade ao longo de décadas, de escola de excelente qualidade, na formação do técnico de 2º Grau. Atualmente o que se verifica é a sua procura não apenas para o ensino profissional, mas para a formação básica que atenda às exigências de um passaporte para as universidades quando temos o ensino médio, e o pós-médio muito procurado também por aqueles que enfrentaram um vestibular e não conseguiram adentrar a universidade. Uma outra questão é a procura nos cursos modulares por aqueles que deixaram de estudar há muito tempo e agora podem voltar à escola para como técnico buscar certificação oficial.

Barbosa analisa:

O século XXI que apenas se inicia não pode mais aceitar dicotomias como formação profissional/educação geral, formação científica/tecnológica. É fundamental oferecer ao homem-cidadão uma educação que lhe possibilite um desenvolvimento pleno, integral, capaz de prepará-lo para enfrentar os desafios do futuro...[...] diante do quadro que se forma no mundo moderno globalizado, parece-nos que o rumo da educação tecnológico deveria ser direcionado para ajudar o homem a se transformar e a transformar a sociedade [...] possibilitar ao homem formar-se em suas múltiplas dimensões, onde através de sua própria história possa desenvolver suas potencialidades e sua intelectualidade e seja capaz de exercer sua cidadania plena (BARBOSA, 2003, p.133).

Também tem sido um dos objetivos da atual direção do CEFET-MT oferecer aos alunos e comunidade, além do Ensino Médio e Técnico Profissional, outros cursos como de idiomas, de informática, cursinho pré-vestibular, atividades como banda, coral, teatro,

natação e outros esportes e, ocasionalmente, projetos ligados a artes, reciclagem e de caráter preventivo.

Essa rápida trajetória histórica nos faz crer que o ensino técnico profissional esteve, desde a sua criação, atento ao atendimento das demandas capitalistas. Primeiro, destinado ao cidadão de 2ª classe, tem o objetivo de salvar os marginalizados do sistema do ócio, do vício; segundo, desempenha papel intermediário entre o trabalhador braçal e o nível superior, sedimentando a divisão social do trabalho, característica do fordismo, segundo o qual o trabalhador não pode dominar todas as etapas do processo industrial. Por último, na atual conjuntura da economia globalizada, cuja palavra de ordem é o mercado, enxerga o técnico apenas com a função de servir ao setor produtivo, enquanto inovações tecnológicas cambiantes exigem um técnico de conhecimentos cada vez mais gerais.

A história do Ensino Médio, profissionalizante ou não, sempre revelou seu caráter dualista, a princípio explícito e posteriormente implícito, ocorrendo como argumenta Garcia (2002) “o ensino para profissões intelectualizadas, mais valorizadas socialmente e destinadas às elites e frações de classes médias mais elevadas, e o ensino para as profissões manuais, destinadas às camadas mais pobres da população” (p. 47).

Novos desafios são colocados a cada dia para O CEFET-MT, instituição de ensino quase centenária, fincada no centro geodésico da América do Sul, em pleno centro oeste brasileiro, cabendo, com certeza, ao potencial humano ali existente a incumbência de enfrentá-los como tem sido feito em toda a sua história.

## 2.2 O contexto atual do CEFET-MT

Como vimos, o CEFET-MT foi criado no começo do sec. XX, em Cuiabá, em 1909.

O município de Cuiabá tem aproximadamente 508.153 habitantes, sendo vizinho de Várzea Grande; podemos considerar a grande Cuiabá com 739.888 habitantes segundo o IBGE (2003). Localiza-se no centro geodésico da América do Sul, como pode ser visto pela Figura 2. O Estado de Mato Grosso possui uma área de 906.806,9 km<sup>2</sup> sendo o terceiro estado brasileiro em dimensão territorial, representando 10,55% do território nacional e 56,10% da região Centro Oeste. Com 139 municípios, abriga cerca de 2.651.313 habitantes<sup>4</sup>. O Estado de Mato Grosso dispõe de um grande potencial mineral, hídrico, florestal, agropecuário e turístico, que constitui indicadores de expansão e grandes possibilidades de diversidade de atividades produtivas. As mudanças socioeconômicas ocorrem num processo veloz, reservando para o Estado um papel estratégico no contexto nacional e internacional, como também nos processos de integração e expansão do desenvolvimento da economia brasileira e da América Latina (BARBOSA, 2003). A Figura 2 portanto, apresenta o Estado do Mato Grosso inserido na América do Sul.

---

<sup>4</sup> Fonte: Anuário Estatístico de Mato Grosso (2003).



**Figura 2. O Estado do Mato Grosso inserido na América do Sul**

**Fonte:** Anuário Estatístico de Mato Grosso 2003.

Outro aspecto a considerar é o crescimento populacional do Estado que tem sido influenciado pelo processo migratório de brasileiros de outras regiões principalmente do sul do país.

Cuiabá passa a ser referência para estudantes não apenas da cidade, mas do Estado. Temos 411.084 jovens que residem no meio urbano e 93.186 no meio rural, com idade entre 15 e 29 anos. Estamos evidenciando essa faixa etária considerando nossa amostra para este trabalho com jovens na mesma faixa etária.

O Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso localiza-se no centro da cidade, convivendo com a tradicionalidade cuiabana assim como com o progresso. O anexo B apresenta fotografias do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso sede e campus no Bairro Bela Vista.

No prédio central do CEFET-MT ficam a sede administrativa, salas de aula, biblioteca, complexo poliesportivo, salas de multimeios, salas de música e o teatro, Sala de Cultura Hélio Vieira. Dessa maneira, toda a parte pedagógica e administrativa é gerenciada no prédio central. Temos também um campus no Bairro Bela Vista. Modernizou-se neste quase século procurando adaptar-se aos novos tempos.

No Campus Bela Vista, situado no Bairro Bela Vista estão instalados os laboratórios de Química, o almoxarifado da escola, instalações do curso de Design de Móveis e a marcenaria. Aulas práticas dos Cursos de Geoprocessamento e Construções Prediais ali também são executadas assim como todo o Curso de Química. Constitui uma área nobre do CEFET-MT e para o futuro são previstas novas construções.

No interior do Estado, o CEFET-MT mantém convênio com algumas prefeituras onde são desenvolvidos alguns cursos regulares como Gestão/Secretariado, Construções Prediais e Eletrotécnica em Sapezal, Construções Prediais e Eletrotécnica em Poconé, além de outros cursos em outras localidades. Também são oferecidos cursos básicos elaborados de acordo com a demanda da sociedade mato-grossense.

Oferece atualmente um ensino bastante conceituado mesmo enfrentando as agruras que vem sofrendo a Educação brasileira nos últimos anos. No total são dezoito (18) cursos oferecidos à comunidade, sendo 10 (dez) de nível técnico, o ensino médio, 3 (três) cursos de nível tecnológico (superior) e 3 (três) cursos de pós-graduação “lato sensu”, discriminados abaixo:

**Pós-graduação:** Especialização em Redes de Computadores, em Geo Informatização em Planejamento de Cidades e em Gestão Ambiental.

**Tecnológico:** Desenvolvimento de Sistemas para Web, Automação e Controle Tecnológico de Obras

**Técnico:** Topografia e Geoprocessamento, Construções Prediais, Eletrônica, Eletrotécnica, Sistemas de Informação (informática) Processamento de dados, Química, Refrigeração e Ar condicionado, Gestão: Habilitação em Secretariado, Telecomunicações, Turismo: Hotelaria.

**Ensino Médio** –(antigo propedêutico)

Os cursos oferecidos pelo CEFET-MT até 1992 funcionavam em regime semestral com duração de três anos, correspondendo a seis semestres para o diurno e sete semestres para o noturno, sem obrigatoriedade de estágios supervisionados, permitindo, assim, apenas a formação de 2º grau.

Até 1992 então, o que se via realmente era a procura pela instituição por jovens pertencentes a famílias de classe socioeconômica média e alta, à procura de uma formação de segundo grau de boa qualidade, para futuramente dar continuidade aos seus estudos de nível superior.<sup>5</sup>

A partir de 1993, a escola passa a oferecer os cursos em regime anual denominado integrado, com duração de quatro (4) anos, com estágio obrigatório enquanto disciplina no ementário do curso. Com a nova estrutura de quatro anos, observou-se uma mudança do perfil do aluno que ingressava na escola, o que se verificou em pesquisa feita em 1995, quando 75% dos ingressantes eram oriundos da rede pública de ensino.

No período de 1998 a 2000, a escola enfrentou o desafio de implantar cursos técnicos denominados pós - médio, para alunos que já tivessem cursado o 2º Grau, bem como a chamada concomitância, modalidade permitida pela LDB, mediante a qual o estudante mesmo cursando o 2º Grau do Ensino Médio, poderia cursar o ensino técnico simultaneamente.

---

<sup>5</sup> Atualmente, o CEFET-MT mantém convênio (iniciado em 1998) com a Secretaria de Estado de Educação – SEDUC – chamado Protécnico, onde 50% das vagas oferecidas são destinadas a alunos da rede estadual de ensino.

O CEFET/MT nunca deixou de ser uma instituição preocupada com a qualidade de ensino, buscando interagir com a sociedade na qual está inserida e atenta ao mercado de trabalho. Também procurou adequar-se às novas leis, decretos e reformas impostas pelo Governo Federal, com as condições próprias da instituição e da comunidade mato-grossense.

- **Quanto aos servidores docentes e administrativos**

A Instituição possui hoje efetivamente, cerca de 342 (trezentos e quarenta e dois) servidores entre docentes e administrativos, sendo 238 professores e 104 administrativos. Atualmente trabalham na escola 29 professores substitutos. Na Tabela 1, verificamos um demonstrativo dos docentes, regimes de trabalho e formação acadêmica. Verifica-se que, do corpo docente, 42 professores cursaram mestrado e doutorado perfazendo um total de 17,22%. Para 2005 espera-se que mais 30 docentes concluam seus mestrados e doutorados (12,18%).

**Tabela 1. Relação de servidores docentes, formação acadêmica, regime de trabalho**

Categoria	Regime de trabalho			Total
	20 h	40 h	DE	
2º grau		01	03	04
Graduação	01	04	12	17
Aperfeiçoamento		01	02	03
Especialização	05	17	120	142
Mestrado		05	27	32
Mestrando		01	21	21
Doutorado		01	09	10
Doutorando		02	06	08
Subtotal	06	32	200	238
Professores substitutos		29		29

Fonte: [www.cefetmt.br](http://www.cefetmt.br) acessado em 24/05/2004 GDRH/CEFET-MT/2004. Atualizada em 10/01/2005

Já a Tabela 2 indica a situação acadêmica dos servidores administrativos, por ela verificamos haver três administrativos cursando Mestrado em Educação da UFMT.

**Tabela 2. Relação de servidores administrativos, formação acadêmica**

<b>Categoria</b>	<b>total</b>
1º Grau incompleto	11
1º Grau	18
2º grau	24
Graduação	18
Especialização	18
Especializando	12
Mestrado	
Mestrando	03
<b>Total</b>	<b>104</b>

Fonte: [www.cefetmt.br](http://www.cefetmt.br) acessado em 24/05/2004 GDRH/CEFET-MT/2004/ doc. 21/06/2004.

- **Quanto aos alunos**

O CEFET-MT possui aproximadamente 3.875 alunos matriculados nos diversos cursos e cerca de 800 alunos matriculados em cursos básicos em turmas diurnas e noturnas. A cada ano ingressam na escola cerca de 1000 (mil) novos alunos. A Tabela 3 mostra os alunos matriculados no ano de 2004 nas quatro modalidades de ensino oferecidas pelo CEFET-MT.

**Tabela 3. Relação de alunos, curso, ano 2004**

<b>Ano</b>	<b>Número de alunos matriculados por modalidade de ensino</b>					
	<b>Ensino Médio</b>	<b>Ensino Profissional</b>	<b>Ensino Superior</b>	<b>Total Parcial</b>	<b>Ensino Básico</b>	<b>Total de Alunos</b>
2004	1086	2569	220	3875	800	4675

Fonte: DE/CEFET-MT (2004)

No curso de Química temos duzentos e quarenta (240) alunos matriculados, no curso de Construções Prediais cento e oitenta (180) alunos e no Ensino Médio 1085 alunos matriculados.

Os jovens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso não são diferentes dos demais. Ali convivem diferentes juventudes. Não importa se ali estudam por entenderem ser uma das melhores escolas de Mato Grosso ou porque a escola prepara para o mercado de trabalho ou para o vestibular. Entender suas visões de mundo , ouvir suas vozes e

possibilitar suas participações nas discussões é o grande desafio para a instituição neste limiar de século, e não apenas desenvolver ensino técnico, tecnológico ou médio, cumprindo etapas exigidas pelo MEC.

Este trabalho vai considerar, como amostragem, os alunos do Ensino Médio e os dos cursos de Química e Construções Prediais, pertencentes ao Ensino Técnico.

## **PARTE II**

### **A JUVENTUDE E A QUESTÃO DAS DROGAS**

## CAPITULO 3

### **Drogas ilícitas: vulnerabilidades e riscos**

Parece improvável que a humanidade em geral seja um dia capaz de dispensar os **paraísos artificiais, umas férias químicas de si mesmo**, a maioria dos homens e mulheres levam vidas tão dolorosas na pior das hipóteses – ou tão monótonas, pobres e limitadas – na melhor delas – que a tentação de transcender a si mesmo, ainda que por alguns momentos, sempre foi um dos principais apetites da alma.

Aldous Huxley

Neste capítulo, abordando os jovens e a problemática das drogas ilícitas, tema bastante amplo, propomos uma discussão partindo da contextualização da questão na sociedade brasileira, explorando os conceitos básicos, enfocando o consumo, o enfoque dado pela mídia, ponderando a juventude e possíveis vulnerabilidades e riscos.

Começamos com Baptista (2003) quando diz que um homem, em cada cinco – o que significa mais de um bilhão de pessoas no planeta Terra - procura na droga algo diferente daquilo a que está acostumado a ver e pensar.

Os meios de comunicação têm nos chamado a atenção para a problemática das drogas, drogas e violência, mundo das drogas, mal do século, uso e abuso, fenômeno do abuso e da dependência, dando a entender que a busca dos estados alterados da consciência pelo homem é coisa da contemporaneidade, do mundo moderno. A história tem nos mostrado que não é bem assim.

Ainda que o uso de substâncias psicoativas seja um dos hábitos mais antigos da humanidade, hoje todos se voltam para a questão com muita preocupação. Gorgulho (2002) chama a esta problematização de *fenômeno drogas*, por este não se relacionar apenas ao uso e abuso de substâncias psicoativas, mas a todos os aspectos que giram em torno delas, indo

desde a produção e a comercialização para além do significado simbólico das mesmas nas sociedades modernas.

Na tentativa de explicar o aumento do consumo de drogas, a autora citada alega que dentre os vários motivos para que esse *fenômeno* tenha tomado proporções alarmantes, pode-se identificar dois deles de forma significativa: primeiro, em nenhum outro momento da história, o uso e abuso de substâncias psicoativas foram tão amplamente difundidos e de formas tão generalizadas e, segundo, o narcotráfico assume hoje proporções econômicas tais que o fazem o segundo negócio da economia mundial, perdendo apenas para a indústria bélica, como afirma Gorgulho (2002).

Desse modo, muito se tem falado, discutido sobre os problemas individuais e sociais decorrentes do aumento do uso de substâncias psicoativas no mundo todo. O objeto da preocupação de todos, quando falamos em drogas, é o indivíduo que usa e as conseqüências à sua saúde ou à ordem social ameaçada pelo abuso de drogas por uma população mais jovem, como diz Gorgulho (2002).

Há algumas décadas, o assunto drogas sempre permeado por tabus e preconceitos era tratado de maneira exclusivamente técnica, considerando dois enfoques: o da *polícia*- que enfatiza a repressão e o da *saúde*- cuja preocupação é o tratamento. O que vemos hoje é o assunto tomando dimensões abrangentes na sociedade, fazendo parte do cotidiano das pessoas. Já não é o *filho* do fulano, ou *irmão* do primo distante, ou o namorado da *amiga* da filha, à nossa volta os acontecimentos superam os números e a mídia faz questão de alardeá-los. Nessas condições, as coisas complicaram-se porque ao conhecimento técnico foi associado um juízo de valor, pois o saber corrente sobre o assunto passa a ser o do senso comum, quando diz por exemplo que a violência está realmente ligada a *drogados*, (termo usado para se referir aos usuários de drogas ilícitas) que jovens com cabelos compridos e

aparências exóticas para não dizer estranhas são usuários, dentre outros preconceitos que vemos quotidianamente.

Assim, quais são os significados que este tema tem assumido para a sociedade?

Quando retomamos a discussão para o assunto consumo de drogas, sempre corremos o risco de sermos considerados conservadores ou liberais, tolerantes ou intolerantes. Como professores, este é um fato que acontece em nossa prática. Ou seja, todos esperam que tomemos um lado, pois historicamente a questão vem sendo compreendida como embate entre o bem e o mal, certo e errado, bruxas e fadas, dentre tantas comparações duais.

É preciso repensar alguns conceitos que certamente podem nos auxiliar e esclarecer certos enganos na compreensão da drogadicção. Afinal o que são drogas? Muitas são as definições, mas a Organização Mundial de Saúde – OMS, diz: drogas são substâncias que provocam algum tipo de alteração no Sistema Nervoso Central – SNC.

As drogas ilícitas compreendem produtos contendo substâncias psicoativas cuja produção, promoção, comercialização, e consumo são criminalizados. As mais conhecidas são: maconha, cocaína, crack, merla, ecstasy, heroína, LSD, inalantes/solventes entre outras. Para este estudo, ao falarmos de inalantes estaremos também nos referindo a solventes e anestésicos voláteis. São produtos químicos considerados lícitos no Brasil, mas com o uso controlado para outros fins, como os anestésicos, éter comum (etoxi etano) e clorofórmio (tetra cloro metano), hexanas, componentes das colas de sapateiro entre tantos outros. Os solventes voláteis podem ser aspirados e de modo geral estão presentes em produtos livremente comercializados e também podem sofrer uso abusivo como cola, éter, benzina, clorofórmio, tolueno, vernizes, tintas, aerossóis, esmaltes, *thinner* e removedores. Já o lança-perfume, constituído por solventes (éter), é comercializado de maneira bastante sofisticada e foi muito usado no Brasil até à década de 60, principalmente nos carnavais. Atualmente o lança-perfume está listado entre as substâncias proibidas. O artigo 81 do ECA

proíbe a venda de solventes a menores de dezoito anos. Essa é uma discussão bastante controvertida que voltaremos a focar ao longo dos capítulos 3 e 4. Já as lícitas, são as drogas liberadas, legalizadas, como o álcool, tabaco, cafeína, remédios (desde que se abusados e sem receituário)

Drogadicção é um termo usado por Kalina e Kovadloff (1980) para os indivíduos que se tornam escravos ou dependentes de alguma substância química. Segundo eles, na Roma antiga, sujeitos se convertiam em escravos para assim cumprir o compromisso contraído com uso de drogas, mesmo dispondo de outros recursos, para pagar suas dívidas.

Segundo Bucher (1992), a drogadicção é um fenômeno psicossocial que abarca não só dimensões afetivas e pessoais, mas também sociológicas e antropológicas:

A experiência internacional, no entanto, prova que não se torna toxicômano quem o quiser: o engendramento de drogadições corresponde a um processo complexo onde intervém, além da substância, o contexto sócio-cultural e econômico, com suas pressões e condicionamentos múltiplos e a personalidade do usuário, com suas motivações pessoais, conscientes e inconscientes (BUCHER, 1992, p. 2).

Claude Olievenstein (1997) complementa dizendo ser o resultado da conjunção da presença da droga, com a dinâmica do indivíduo e do momento sócio-cultural em que este encontro se dá.

A idéia de um mundo sem drogas, independente de serem elas lícitas ou ilícitas, é ilusória! O que se percebe na atualidade é o aumento da oferta de substâncias psicoativas em número e diversidade nos mais variados locais, alcançando sobremaneira o ambiente escolar. Acreditar, pois, numa sociedade sem drogas é uma terrível utopia, é irreal e também não encontra respaldo no conhecimento antropológico e sociológico através dos tempos, pois a humanidade sempre as utilizou, inclusive em rituais religiosos, em agradecimento. O arsenal é imenso, às centenas de produtos *naturais* são acrescentados, também, grande soma de produtos *sintéticos*. Apenas como exemplo, vamos citar a *cannabis*

*sativa* conhecida como maconha um produto natural e o metilenodioximetanfetamina conhecida como *ecstasy*, um produto artificial.

Administrar a questão, considerar as diversidades como também as adversidades, isso sim é fato a ser encarado de frente na contemporaneidade, pois ao longo dos anos percebemos que os métodos tradicionais de abordagem da questão das drogas não diminuiu a demanda, muito pelo contrário, conforme os dados e fatos mostram.

Concordando com Baptista a grande pergunta que também tem nos atormentado por décadas é: *por que um homem em cada cinco é adicto a alguma substância psicoativa ?* (BAPTISTA, 2003, p. 32)

Optamos nesse trabalho por ir esclarecendo alguns termos bastante comuns e relacionados ao assunto, à medida que fossem surgindo. Substâncias psicoativas são substâncias que determinam alterações do estado natural de vigília, consciência e senso de percepção do sujeito, segundo Lima (2000).

Como já alertou Claude Olievenstein (1997), a ilusão conferida pela droga, ao usuário, é a tentativa moderna de trocar uma parte de sua segurança por uma parte de liberdade. Entretanto, ao longo das últimas décadas, percebe-se que uma grande parcela dos homens trocava, de bom grado, uma parte da felicidade por alguma porção de segurança.

O que vimos nas últimas décadas foi mudança de enfoques para trabalhar com jovens o tema em discussão. Na década de 80 do séc. XX, o enfoque era o da intimidação: *diga não às drogas*. Na década de 90 a *linguagem científica é a que os jovens entendem*. Vamos instrumentalizá-los, diziam os professores e profissionais da saúde.

Hoje, sabemos que múltiplas devem ser as ações dirigidas à questão. É preciso em tempos de globalização não apenas instrumentalizar, mas discutir as coisas, como também e, acima de tudo, ouvir estes jovens e possibilitar sua participação nas discussões dos temas a eles ligados.

### 3.1 As drogas em questão

Para entender o assunto, buscamos vários estudos brasileiros e com certeza evidenciamos como referência os estudos e pesquisas do Centro Brasileiro de Informações sobre as Drogas Psicotrópicas (CEBRID), da Universidade Federal de São Paulo.

Até 1987 foram raras as pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas por estudantes no Brasil e, a partir de então, o CEBRID vem realizando levantamentos epidemiológicos entre estudantes do Ensino Fundamental e Médio, das redes pública e privada de ensino. Até então, os dados eram coletados somente pelo sistema judiciário, uma vez que o assunto era entendido como de interesse exclusivo da área criminal.

Nessas investigações foram adotados procedimentos similares, para que os mesmos pudessem ser comparados entre si e serem utilizados como referência. Inicialmente as investigações foram realizadas em 10 capitais brasileiras: Belém, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Fortaleza, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo, em quatro edições (1987, 1989, 1993, 1997), com quase 16.000 estudantes em cada edição, variando a idade entre 10 e 24 anos. Carlini et al (1987, 1989, 1993, 1997), com estes estudos, vem desmistificando muito o que se acreditava ser o perfil do uso e do usuário de drogas lícitas e ilícitas no Brasil.

Seguem-se estudos que buscam uma compreensão fenomenológica do problema, como diz Gorgulho (2002), que tenta acompanhar o desenvolvimento do consumo de drogas no Brasil, numa perspectiva que não privilegia a legalidade ou ilegalidade do uso de drogas. Passou-se da falta de caráter a um problema de saúde e “o que era considerado de saúde pessoal agora é considerado um problema de saúde pública” (GORGULHO, 2002, p.13).

Continuando esta discussão faz-se necessário elencar algumas considerações, ou seja alguns aspectos para a compreensão do que seja drogadicção.

Para início de conversa, o *fenômeno drogas* e suas relações tratadas neste trabalho dizem respeito às drogas ilícitas, voltadas para aquelas cujos usos mais aparecem nos dados epidemiológicos brasileiros e em especial no centro-oeste e nesta pesquisa. Falamos aqui da maconha, cocaína, crack, merla, *ecstasy*, LSD, além de trazer à discussão os inalantes/solventes. Solventes controvertidos e tantas vezes “invisíveis”, muito usados por crianças e jovens, ainda recebem pouca atenção da mídia e nas discussões de prevenção. Outras tantas substâncias psicoativas são também classificadas como ilícitas e podemos citar ópio e alguns derivados<sup>6</sup>, cogumelos, ayuasca, peiote, entre tantos, que não serão tratadas aqui.

Do ponto de vista da medicina, essas drogas são classificadas de acordo com a maneira de agir no cérebro modificando as atividades do SNC – Sistema Nervoso Central. Algumas dessas drogas são depressoras ou estimulantes da atividade cerebral e ainda outras podem agir causando alucinações. Os inalantes/solventes são depressores do SNC, cocaína, crack, merla são estimulante do SNC e maconha, LSD, *ecstasy* são consideradas drogas alucinógenas.

Outro ponto a considerar, o limiar entre o uso, o abuso e a dependência é deveras sutil, causando uma série de confusões conceituais para o leigo, isso é, para aqueles que não são da área da saúde. O potencial de abuso dessas drogas está relacionado ao fato de inicialmente produzirem uma sensação de bem-estar.

Vejamos, do uso experimental/eventual ao abuso, até chegar à dependência segundo Seibel e Toscano Jr. (2000) há diferenças que é preciso esclarecer. O **uso experimental** é o uso de substâncias psicoativas, em geral restrito a poucos episódios, de

---

<sup>6</sup> Derivados opiáceos apareceram em nossos dados com *uso na vida* consideráveis.

*uma droga específica. O **abuso** é um padrão mal adaptativo de uso de substâncias psicoativas, manifestado por conseqüências clínicas adversas e significativas relacionadas ao uso das substâncias. A **dependência química** para os autores citados é uma síndrome que contém:*

Um conjunto de fenômenos fisiológicos, comportamentais e cognitivos, no qual o uso de uma substância ou uma classe de substância alcança prioridade muito maior para um indivíduo que outros comportamentos que antes tinham maior valor. Uma característica central da síndrome é o desejo, freqüentemente forte, algumas vezes irresistível de consumir substâncias psicoativas (SEIBEL e TOSCANO, 2000, p.3 – 5).

Convém aqui clarear as idéias, por exemplo, o abuso e a dependência para serem diagnosticados dependem de fatores como quantidade de consumo da droga eleita e da freqüência de uso, o tempo que o indivíduo a está utilizando, a interação desses fatores com a capacidade que o indivíduo tem de manter suas atividades cotidianas (escola, trabalho, vida social) e a qualidade das relações afetivas e familiares a seu redor. É bastante inquietador que há muito mais jovens experimentando substâncias psicoativas, dada a facilidade de sua obtenção, independente de qual seja ela, e que não são percebidos ou atendidos por não demonstrarem dependência química ou psicológica.

Muitas pessoas fazem o **uso social** da substância química que *é aquela uso que ocorre em companhia de outras pessoas, freqüentemente usado de forma imprecisa como indicação de um beber não problemático. Já o uso de uma substância psicoativa, em geral ilícita, que ocorre em circunstância social ou relaxante, sem dependência ou outro transtorno é denominado **uso recreativo**. Entende-se por **uso arriscado** *aquele padrão de uso de substância psicoativa que aumenta o risco de conseqüências prejudiciais para o uso. E há, ainda, os usuários que fazem o **uso nocivo**, *aquele que pode causar dano físico ou mental à saúde* (SEIBEL & TOSCANO, 2000, p. 2-4).**

Segundo Vianna (2002), a **tolerância** *é o fator que constantemente empurra o organismo a necessitar cada vez mais de uma maior quantidade da droga, para provocar a*

mesma sensação prazerosa. A **abstinência**, que também se caracteriza como síndrome, é um conjunto de sintomas de configuração e gravidade variáveis, que ocorrem após a cessação ou redução do uso de uma substância psicoativa. Desse modo, a diferença entre o **abuso** e a **dependência** é que o abuso de modo geral não inclui a tolerância, a abstinência e nem um padrão de uso compulsivo, mas apenas as conseqüências prejudiciais do uso repetido (VIANNA, 2002, p. 13).

Os estudos epidemiológicos, tendo em vista a complexidade da dependência química, têm se voltado mais para a caracterização dos padrões de consumo, mediante a quantificação da intensidade ou frequência de uso do que para a caracterização de possível padronização da relação sujeito com as drogas. A OMS define para usos não médicos algumas categorias de usuários e esses foram utilizados segundo Galduroz & Noto (2000) para os estudos citados acima e neste.

*Uso na vida:* quando a pessoa fez uso de qualquer substância psicoativa pelo menos uma vez na vida

*Uso no ano:* quando uma pessoa fez uso de drogas pelo menos uma vez nos 12 meses que antecederam a pesquisa.

*Uso no mês:* quando uma pessoa utilizou drogas pelo menos uma vez nos trinta dias que antecederam a pesquisa

*Uso freqüente:* quando a pessoa utilizou a droga seis vezes ou mais nos trinta dias que antecederam a pesquisa

*Uso pesado:* quando a pessoa utilizou droga vinte ou mais vezes nos trinta dias que antecederam a pesquisa (GORGULHO, 2002, p. 14).

Por que as pessoas estão tão preocupadas com o uso de drogas ilícitas pelos jovens?

Carlini–Cotrim (2002) levanta a questão partindo do pressuposto de que as pessoas estão preocupadas porque os jovens estão morrendo em função do consumo de drogas, como alardeia a imprensa. Mas é preciso, segundo a autora, rever alguns pontos, pois, trabalhando com dados de cidades metropolitanas como São Paulo, suas pesquisas evidenciaram que as pessoas morrem sobretudo por causa de doenças degenerativas, ou seja, problemas com o aparelho circulatório, relativo ao coração. Em segundo lugar de câncer ou

neoplasia<sup>7</sup> e empata com aquilo que se chama de mortalidade por causas externas como acidentes, violência, assassinatos, suicídios, atropelamentos, quedas. O problema surge quando 60% dos que morrem por causas externas situam-se na faixa etária dos 15 aos 29 anos. Torna-se mais grave quando se sabe que 50% dos jovens citados estavam fortemente alcoolizados.

Ressaltamos que culturalmente, no Brasil, morrer sob o efeito do álcool não causa estranheza, não produz notícias e, já sob o efeito de outras drogas como maconha, cocaína, vira notícia de impacto emocional, diz a pesquisadora.

### **3.2 O consumo de drogas em questão**

Nem todos se dão conta de como somos manipulados e condicionados pelos meios de comunicação, particularmente pela TV. Somos realmente condicionados a uma vida de consumo, e as crianças e os jovens são o alvo preferido na criação de novas necessidades pela mídia. Mas não vamos nos esquecer das donas de casa e dos notívagos que sem sono ficam à frente da TV altas madrugada, recebendo a influência solitária da sedutora oferta de produtos.

A sociedade atual é regida e organizada segundo a lógica do consumo, e consumir tornou-se uma exigência: o mercado sempre dinâmico e criativo seduz e parece realizar o desejo dos sujeitos tomados um a um. O consumo está de acordo com o nosso tempo.

Falamos aqui no consumo, mas consumo de drogas, numa sociedade capitalista, que para Pacheco Filho (1999) é fundamentada culturalmente no imperativo do consumo. “Assim a maneira com que as drogas estão disseminadas na sociedade e enraizadas

---

<sup>7</sup> Neoplasia – designação genérica de todo tumor benigno ou maligno.

na estrutura e organização da sociedade mostra que elas não constituem, de modo algum, um problema exclusivamente individual ou apenas clínico” (PACHECO FILHO, 1999, p. 136).

Segundo o *I Levantamento Domiciliar sobre o Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil*, de Galduróz et al (2002), 19,4% da população pesquisada, ou seja, o correspondente a uma população de 9.109.000 pessoas faz parte desse universo, sendo que um em cada cinco brasileiros de 12 a 67 anos já consumiu drogas pelo menos uma vez na vida, como maconha, solventes, estimulantes de apetite ou cocaína.

Considerando o levantamento citado, na questão *o uso na vida*, temos o 1º lugar na preferência de 6,9% dos entrevistados para maconha. A segunda droga de abuso evidenciada pela pesquisa foram os inalantes/solventes com 5,8% de respostas. Para a cocaína, *o uso na vida* dos entrevistados foi de 2,3%. Já para o álcool, a estimativa de dependentes foi de 11,2%. Neste estudo não discutiremos o uso de álcool por ser uma droga lícita, porém, nos momentos que se fizerem necessários serão feitas as devidas vinculações, já que não dá para fugir a essa questão.

Como elabora Pacheco Filho (1999), a questão do uso de drogas é um mal-estar da contemporaneidade,

[...] é o sintoma social por excelência da sociedade de consumo, pois, a partir de um sujeito fiel ao produto que consome, representa de forma radical o discurso dominante e seu objeto, a droga, é tomado como o maior aliviar do sofrimento humano (PACHECO Fº, 1999, p. 142).

Para o autor, a droga sempre busca apresentar-se como questão essencial independente de ser na clínica ou nas discussões universitárias ou acadêmicas, contudo, quanto “mais a encaramos, munidos de olhos e ouvidos psicanalíticos, aquilo que pretende mostrar-se como a questão principal termina por evidenciar-se como mais um sintoma a serviço da tentativa de calar aspectos fundamentais da vida e da subjetividade nos nossos dias” (idem, p. 121).

Reforçando a questão do consumo, Freda (1997) diz: “Toxicômano representa de alguma maneira, o ideal do discurso capitalista, um sujeito que consome a mesma coisa durante anos, a tal ponto que de sua prática, ele se torna àquele que sustenta um modo de pensar: o homem moderno” (1997 p. 33).

Como lembra Freud (1930), “a vida, como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-la, não podemos dispensar as medidas paliativas” (FREUD, 1974 b, p. 93).

Por outro lado, a dor pode ser aplacada pelos objetos de consumo, a droga também é objeto de consumo e interessa ao capital. Marx ajuda a dimensionar a relação entre o consumo e a oferta pelo mercado de drogas ilícitas:

O capital foge dos tumultos e das disputas, ele é tímido por natureza. Isso é verdadeiro, mas não é toda a verdade. O capital detesta a falta de lucro, ou um lucro muito limitado, tanto quanto a natureza tem horror do vácuo. Se o lucro for conveniente, o capital se torna corajoso; com 10% assegurado, vai a qualquer lugar; com 20%, se acalora com 50% torna-se temerário; com 100% esmaga sob os seus pés todas as leis humanas; com 300%, não há crime que não ouse cometer, mesmo arriscando o patíbulo. Quando a desordem e a discórdia trazem lucros, ele encoraja a ambas. Querem uma prova? Eis o contrabando e o tráfico negreiro (MARX apud ROIO, 1997, p.110)<sup>8</sup>.

Pacheco F<sup>o</sup> (1999) também levanta a questão do tráfico, complementando que é uma das organizações no planeta que gera uma grande movimentação de capital, perdendo apenas para a economia da energia e das telecomunicações.

Enfocamos novamente Galduróz et al (2002) que têm sinalizado para a tendência ao aumento do consumo de substâncias psicoativas como bebidas alcoólicas, psicofármacos, solventes e drogas ilícitas, por parte das populações escolares, evidenciando a antecipação do contato inicial das mesmas pelos estudantes.

Na compreensão de Carlini-Cotrim (2002), esse fenômeno ocorre pois

de um lado, se constroem pânico e a noção de que os jovens constituem um perigo porque se dedicam ao consumo de drogas proibidas, representando uma ameaça. Por

<sup>8</sup> Comentário de Karl Marx a um artigo de T. J. Dunning no Quarterly Reviewer, Roio, 1997, p.110.

outro lado um vazio de opções: na verdade não se oferece nada de novo, de concreto para que o jovem possa exercer seu direito à curiosidade, sua vontade de sentir prazer, de se sentir integrante de um grupo, no qual seja o sujeito e ao mesmo tempo tenha que compartilhar regras. Os mecanismos que levam o jovem a procurar drogas não são trabalhados de nenhuma maneira por aqueles que os acusam de tal procedimento (CARLINI-COTRIM, 2002, p. 88).

Bucher (1992) analisa os fatores sóciodeterminantes do consumo de drogas por jovens e o faz sob o ponto de vista macroeconômico, identificando o lugar de destaque que o consumo ocupa na sociedade, não se opondo ao seu funcionamento, mas inserindo-se nele, participando com alta lucratividade das suas regras mercantis, financeiras e comerciais como tantos outros ramos de produção e distribuição.

O uso de drogas nos dias atuais tem marcas do nosso tempo e carrega todos os significados, pois está ligada ao lazer, à mídia e às culturas juvenis. Seu uso traz o peso das grandes contradições do nosso sistema social, cultural e econômico, como salienta Vianna “o individualismo, as pressões pelo sucesso econômico, a ênfase no consumo, a marginalidade, a desigualdade de renda, a incerteza, entre outros” (VIANNA, 2002, p. 64).

Insistimos: por que consumo?

Nós nos transformamos ao longo do tempo, em uma sociedade, de consumidores compulsivos. Viramos uma sociedade *fast-food*, *coca-cola*, *shopping's*, e a toxicomania passa a ser uma resposta extremada ao apelo de consumo. O próprio sujeito se consome na relação com o objeto com o que Pacheco Filho (1999) concorda e argumenta que Freud usa uma metáfora da aplicação financeira: é como se o sujeito fosse progressivamente diminuindo outras aplicações e chegasse a um patamar de investir todo o seu capital num único negócio.

Gonçalves, Delgado e Garcia: a “toxicomania é o **sintoma social** por excelência da sociedade de consumo pois, a partir de um sujeito fiel ao produto que consome, representa de forma radical o discurso dominante e seu objeto, a droga, é tomado como o maior aliviador do sofrimento humano” (2003, p. 125) (grifos nossos).

Para as autoras, *drogar-se* constitui uma montagem, um dispositivo de urgência essencialmente econômico e paradoxal, que protege o sujeito das angústias de castração, mas impede que exerça seu desejo; assegura ao toxicômano um estado de prazer – *enquanto funciona* - mas pode degradar o organismo a ponto de levá-lo à morte. A promessa de *prazer absoluto* e a possibilidade de evitar o mal-estar fazem da droga o mais poderoso dos objetos de consumo e faz da parceria entre o toxicômano e sua droga uma relação inabalável, *extremamente destruidora e radicalmente contemporânea* (GONÇALVES et al, 2003, p. 126)

Em contraponto, em a *Construção Adolescente no Laço Social*, Lesould (2004) destaca que nos anos 70 do séc. XX o uso de drogas ocupou um lugar importante nos comportamentos dos jovens e o efeito procurado pelos usuários era o prazer transcendente. Era antes de tudo uma busca de uma percepção alterada da realidade. Assim, por exemplo, o LSD era usado como fonte suplementar de sensação, o haxixe como meio de comunicação e até a heroína, como anestésico para o sofrimento. Para o autor, o objetivo central desses usos “era oferecer prazer ao sujeito, fosse de maneira solitária no esquecimento do mundo exterior, fosse de maneira convivial no compartilhamento, inclusive sexual” (LESOULD, 2004, p. 153). Hoje, os jovens que dizem usar do produto não buscam mais o efeito do aumento do prazer oferecido pelos psicotrópicos, substâncias psicoativas como dizemos no presente trabalho. Para ele, os comportamentos toxicomaníacos hoje devem ser compreendidos como uma procura de embriaguez, como um modo de se retirar do mundo. Concordamos com o autor e nas entrevistas pudemos perceber pelos casos contados, que os grupos tantas vezes se juntam para beber até cair, achando que com as drogas é diferente. Vem aí como sempre a história dos outros e não a nossa. Estariam assim, não “procurando a sensação do prazer no consumo, mas realmente o seu próprio desaparecimento, o seu desvanecer como sujeito” (LESOULD, 2004, p. 155)

As condutas de adição parecem, assim, assumir uma nova significação para os sujeitos que se dedicam a elas:

Não se trata mais de procurar um objeto de gozo, ou seja um falo, que viria preencher a falta de ser do sujeito, mas de atacar o próprio sujeito, fazê-lo desaparecer numa embriaguez de inexistência... a embriaguez toxicomânica não deve ser mais compreendida como um mais-gozar, no qual o sujeito acabaria ficando preso, mas como uma maneira de retirar-se do mundo, como um ataque direto do sujeito contra si (LESOULD, 2004, p. 154).

### **3.3 Jovens, vulnerabilidades e riscos**

O que pretendemos aqui é sinalizar a possibilidade de se trabalhar com a abordagem da vulnerabilidade social associada à discussão das dimensões culturais ligadas aos riscos, pensando nas exposições a que estão sujeitos os jovens na atualidade quanto ao uso e abuso de drogas. Muitas são as formas de correr riscos, e quantas vezes aceitas socialmente, podendo apresentar-se como um dos fatores de vulnerabilidade ou potencializador das vulnerabilidades a que se expõem os jovens.

Para Spink (2000) são muitos os usos do termo risco em diferentes setores sociais. A autora destaca que a definição de risco cabe a cada sociedade, mas embora fazendo referência a aspectos objetivos, estes são perpassados pela subjetividade. Desse modo nos interessa saber como a sociedade vê quem corre risco: “como vítima de uma fatalidade; como sujeito de uma vulnerabilidade orgânica ou socialmente definida; ou como portador de racionalidade, capaz, portanto, de analisar o que é risco e definir possibilidades de ação” (SPINK, 2000, p. 159).

Carrano & Dayrell (2002) consideram como situação de vulnerabilidade social juvenil o complexo e variável conjunto de fatores que faz com que os jovens se mostrem susceptíveis a processos de exclusão social e ao envolvimento com graves situações de

violência física e simbólica. Parte-se do pressuposto de que a vulnerabilidade se origina de processos de desigualdades sociais globais e por sua vez provoca desvantagens sociais específicas

Vianna (2002), ao analisar a relação adolescência/drogas, considera questões importantes como o stress do contexto socioeconômico, o uso de substâncias pelos pares e por membros da família e a influência da mídia como incentivo ao uso de drogas lícitas.

O uso de drogas por adolescentes traz riscos adicionais aos que ocorrem com adultos em função de sua vulnerabilidade... [...] as substâncias psicoativas usadas de forma abusiva obviamente provocam aumento do risco de acidentes e da violência, por tornar mais frágeis os cuidados de auto preservação, já enfraquecida entre os adolescentes (VIANNA, 2002, p. 17).

Falando em riscos, vulnerabilidades e consumo de drogas, é importante lembrar que nem todo consumo de drogas deve ser enquadrado na condição mórbida para o qual se criou um grande leque de denominações: drogadicção, dependência, vício ou toxicomania, como diz Pacheco Filho:

É apenas no caso de alguns indivíduos que a droga vem alterar suas existências de modo tão radical - transformando dramaticamente as suas relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo - que a sua condição deve ser chamada de toxicomania ou drogadição. Esses indivíduos têm profundamente alteradas todas as suas relações, quando se encontram sob o efeito da droga, e buscam renovar contínua e incessantemente esses modos alterados de se relacionar com seus objetos. Deveríamos dizer que *é por isso e para isso* que eles se drogam (PACHECO FILHO, 1999, p. 132).

Vulnerabilidades assim implicam necessariamente numa interação dinâmica entre objetividade e subjetividade, entre o contexto e as pessoas nele inseridas. Voltaremos a essa discussão no capítulo 4.1, quando tratamos da prevenção.

### 3.4 A mídia em questão

É inegável a influência dos meios de comunicação como formadores de opinião, assim como a eficiência da tecnologia eletrônica que permite que o mundo esteja *plugged* 24 horas durante os 365 dias do ano, na era da comunicação. Assim sendo, tornam-se porta vozes dos mais importantes fatos mundiais, simultaneamente do Alasca à Terra do Fogo ou do Oiapoque ao Chui. Discutir aqui o poder da mídia não é nossa intenção por se tratar de uma tarefa bastante complexa, mas nos interessa verificar como o assunto *consumo de drogas e a juventude* é tratado pela mesma.

Ao falar de drogas, Beatriz Carlini-Cotrim (2002) alega que se buscarmos uma definição de drogas a partir do que os meios de comunicação de massa veiculam veremos que são substâncias proscritas pela lei, principalmente o crack, cocaína e maconha. As notícias dos jornais ou da TV, nos fazem redobrar nossas preocupações e nos obrigam a deparar com fotos de jovens mortos ou com problemas por terem se envolvido com drogas.

O tema drogas envolve um número relativamente grande de questões que vão além da saúde, da educação, como violência, aspectos morais, tráfico, dentre tantos. O que vemos são muitos equívocos nas abordagens dos meios de comunicação sobre o assunto, a exemplo da atenção diferenciada que é dada às drogas lícitas (álcool, tabaco, medicamentos) e às ilícitas (maconha, inalantes/solventes, cocaína entre outras). De um lado, são repassadas com alarde, para a população, informações sobre violência, tráfico, perigo das drogas, e de outro, propagandas belíssimas, sofisticadas, estimulam a venda de bebidas alcoólicas e cigarro, como exemplo, citamos que recentemente, em agosto de 2004, uma marca de cerveja patrocinou as Olimpíadas de Atenas, o maior evento esportivo do mundo, aparecendo em todas as mídias.

Para Gorgulho (2002), o *fenômeno droga* é amplamente levantado e discutido pela mídia atual quase sempre com informações rápidas e superficiais mas “com bastante frequência contribuindo mais para uma desinformação do que para uma construção consciente e responsável sobre um dos temas mais debatidos da atualidade” (GORGULHO, 2002, p. 68).

O poder dos veículos de comunicação já é uma séria preocupação de um grupo de profissionais brasileiros, dentre eles, Bucher & Oliveira (1994) e Gorgulho (2002). “O grande público entende a mídia como uma espécie de janela para o mundo, através da qual é mostrado o que acontece realmente” (GORGULHO, 2002, p. 164). No assunto drogas, segundo a autora citada, a mídia peca ao insistir, com uma simplificação excessiva, na discussão do tema, quase sempre denunciando o usuário de drogas como responsável pela maioria das dificuldades existentes nas diferentes sociedades do mundo globalizado.

De acordo com esse enfoque o uso e abuso de drogas passa a ser de responsabilidade única e exclusiva do usuário, se ele fica ou não dependente é porque teve ou não competência e maturidade para lidar com o problema. Isso não faz parte do discurso neoliberal ao tratar a questão das drogas como o mal da nossa sociedade? Seriam elas responsáveis por todas as coisas negativas do mundo atual?

A grande maioria dos noticiários, principalmente da TV, trata o tema de maneira sensacionalista e alarmista, e muitas vezes casos isolados são destacados e generalizados sem nenhum critério ou cuidado.

Bucher & Oliveira (1994), num trabalho pioneiro sobre *A Ideologia presente no Discurso de Combate às Drogas na Imprensa*, concluem que uma visão repressora, moralista e autoritária perpassa o material analisado (mídia escrita). Não trata a questão das drogas em si, mas enquanto mito construído, usado para combater uma série de desvios da ordem social vigente (BUCHER & OLIVEIRA, 1994, p. 137)

Em 1998, o Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas - CEBRID/Escola Paulista de Medicina - realizou uma pesquisa cujo objetivo era estudar as mensagens que os meios de comunicação transmitiram sobre o tema drogas durante o ano de 1998, analisando as informações da imprensa escrita sobre as implicações do uso de drogas para a saúde. Foram considerados 502 artigos jornalísticos publicados no ano em jornais e revistas de todo o País, foram feitos levantamentos das drogas ilícitas mais citadas, conseqüências do uso das drogas mais citadas e alternativas sugeridas como estratégias de ação.

Diferentes drogas foram tratadas com diferentes enfoques. A maconha foi apresentada como uma droga mais leve, relativamente segura. Cocaína e derivados receberam maior atenção dentre as drogas ilícitas, sendo enfatizado o aumento de seu consumo dentre outros aspectos negativos. Gorgulho (2002) chama a atenção para três substâncias, deixadas em segundo plano, anfetaminas/anorexígenos, a heroína e solventes. As anfetaminas/anorexígenos são vistos com displicência, apesar do uso crescente principalmente por jovens envolvidas pelo sonho da carreira de modelos ou de mulheres usuárias de medicamentos emagrecedores no culto ao corpo esquelético e jovem, a heroína, todavia, é com exagero, se considerado o uso real no Brasil. Entretanto os inalantes/solventes, alerta a pesquisadora, chamam a atenção pois foram as drogas mais usadas no Brasil após o álcool e cigarro e mereceram apenas um artigo, durante o ano pesquisado.

A autora continua, dizendo que Noto et al (2003) - CEBRID (2000) ampliaram a pesquisa de 1998 para todos os aspectos relacionados ao tema droga. Foram considerados 3.792 artigos e usadas as mesmas metodologias. Como resultado encontraram e analisaram 979 artigos tratando do tema repressão às drogas, 481 abordando as conseqüências do uso e 422 sobre a apreensão de drogas. “Observa-se uma clara opção da mídia em tratar dos

aspectos negativos mais pesados, tanto do uso quanto da consequência do uso de drogas” (GORGULHO, 2002, p. 73)

Noto et al (2003) observam, ao analisar artigos da imprensa brasileira, estereótipos diferenciados para cada tipo de psicotrópico, nesse trabalho denominado como substância psicotrópica. A heroína é apresentada sempre como um suposto problema crescente no Brasil, a cocaína como responsável por um grande número de casos de violência e dependência, e a maconha como uma droga relativamente segura, de uso consumado e aberto para negociações na legislação relativa ao seu uso. Segundo os autores, é preciso fazer uma reflexão histórica, pois o uso de psicotrópicos parece sofrer ciclos de **tolerância x intolerância** que variam de acordo com o contexto histórico e social, como já argumentava Carlini-Cotrim (1995).

É preciso considerar que algumas drogas mesmo sendo bastante consumidas por jovens no Brasil passam meio que *invisíveis* no dizer de Noto (2004) aos olhos da imprensa, das políticas públicas e da população. Os solventes estão incluídos e citados em muitos levantamentos do CEBRID e outros. Têm sido bastante abusados e são substâncias encontradas no nosso dia-a-dia como lança-perfume, cheirinho da loló, colas, acetona, esmalte, thinner, gasolina, entre tantas outras.

No entender de Gomide & Pinsky (2004, p. 64) embora a imprensa, por si só não seja capaz de determinar mudança de comportamento da população ela pode “perfeitamente atuar reforçando conceitos fundamentais que legitimam as políticas de saúde, de repressão e de ação social frente ao consumo e ao comércio de drogas”. Citam as autoras que investigação de grande abrangência (Noto e cols., ainda no prelo) pesquisou mais de duzentos diferentes veículos de comunicação e encontrou 4.669 matérias que apresentavam drogas como tema principal. Destas, aleatoriamente, pegaram 964 matérias e verificaram que 49,6% das mesmas trataram de temas como o tráfico e repressão. Das outras, 50,4%

abordaram assuntos relacionados à saúde, legislação e políticas públicas. A análise, segundo as autoras, evidenciou as diferenças de pontos de vista sobre cada droga, sendo possível verificar “uma melhor compreensão ou ‘clima social’ brasileiro dado a elas”: enquanto as matérias sobre o tabaco tratavam quase que exclusivamente dos prejuízos causados pelo consumo, “os artigos sobre a maconha continham uma % significativa de apontamentos sobre o uso terapêutico e descriminalização dessa droga” (GOMIDE & PINSKY, 2004, p.65).

Por outro lado, é preciso também considerar os exageros da mídia, criando um descompasso com a epidemiologia, alega Noto (2004) e “merecendo um olhar mais cuidadoso da população” especialmente dos profissionais que trabalham na área. Continua: “apesar do crescimento gradativo e a relevância da questão do uso o panorama continua longe das especulações da imprensa que apresenta muitas vezes manchetes alarmistas como *a questão não é mais saber se um jovem vai usar a erva (maconha), a pergunta é quando ele fará isso*” (NOTO 2004, p. 49.)

Com respeito à maconha, Carlini –Cotrim (1995), levanta que na década de 1970, os artigos eram certamente intolerantes, e associavam o seu uso a atividades politicamente subversivas. Sabemos que hoje se observa um processo bastante tolerante, abrindo espaços para discussões sobre a descriminalização e até para uso terapêutico. Este assunto merece uma ampla discussão, sim, porém deixando os ânimos de lado, com cautela e bastante realismo.

Os meios de comunicação de massa, em especial a TV, também veiculam campanhas educativas relacionadas à prevenção sobre drogas, que em nosso entendimento deveriam ter uma maior atenção. De modo geral se destinam aos não usuários, sendo alarmistas e intimidantes, amedrontando quem não usa para os riscos da dependência, vícios e morte. Grosso modo elas ignoram os usuários leves, experimentadores e mesmo os usuários freqüentes. Assim não atingem o jovem que se sente seguro demais de si mesmo, e de seus

pares. Segundo Gomide & Pinsky, por um lado, temos resultados ainda frágeis da maioria das campanhas educativas, por outro, a propaganda de bebidas alcoólicas influencia o consumo de álcool pelos jovens. Investigações têm sido feitas no sentido de estabelecer relações entre propaganda e consumo, mas ainda são contraditórios os resultados. Já a influência da televisão e da mídia é, de maneira geral, indireta, sutil, cumulativa.

Para nosso entendimento campanhas publicitárias pontuais e de impacto precisam ser vinculadas a outras ações mais amplas, principalmente educacionais visando à educação participativa, mediante a qual, o jovem tenha direitos e não apenas deveres.

Soares (1997) propõe uma reorientação na percepção que se tem do usuário de drogas ilícitas, enfocando as campanhas antidrogas, retirando o moralismo das mesmas como também uma certa infantilização e vitimização de seus usuários, apresentando o adolescente e o jovem como sujeitos capazes de decisão e de uso responsável.

Segundo Adital – Brasil (2004), as campanhas anti-drogas no Brasil estão sendo alvo de calorosas discussões e questionamentos. O fato de direta ou indiretamente atribuírem ou insinuarem certa culpabilidade aos usuários de drogas ilícitas pela grande violência que vem acontecendo no País, levanta polemicas ao assunto. É cultural e de senso comum que estas campanhas são necessárias para informar, conscientizar e até induzir as pessoas a deixarem ou a não de adquirir o hábito de usarem drogas. Mas o que se faz necessário é discutir as formas como são feitas, para que público e, como retratam os indivíduos ou como se dirigem a eles.

O IBOPE- Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (2004) lançou em abril/2004 pesquisa que avalia impactos mais recentes de campanhas antidrogas – as que usam o chavão *o que você faz com seu dinheiro é problema seu. O que o tráfico faz com o seu dinheiro também é problema seu.* Segundo os dados da pesquisa citada, 19% dos

entrevistados conhecem alguém que parou de usar drogas ao ser levado a pensar que o dinheiro pode ser usado para financiar a violência.

É importante, portanto, que nos distanciemos um pouco da emoção e do intenso pânico de muitos adultos e jovens, em função de toda a cobertura insistente em relação às drogas ilícitas, e que, dessa maneira, consigamos de fato perceber o que está acontecendo.

### 3.5 A legalização em questão

Falar em consumo de drogas, e da visão de jovens a respeito nos dias atuais e não questionar a descriminalização e legalização do uso de drogas no Brasil é fugir da responsabilidade de um enfoque ou proposta clara e atual de trabalho. Estes assuntos têm sido alvo de calorosas discussões, tanto acadêmicas, quanto em contextos mais amplos, mas nem sempre com a participação de jovens.

A intenção do presente estudo é levantar a questão a partir do que está posto na atualidade, procurar investigar como os jovens sujeitos desta pesquisa a entendem e refletir sobre diferentes pontos de vista que demonstram a fundamental importância da ampliação da discussão ou até questionar a relevância de trabalhos preventivos.

**Descriminalizar e legalizar.** Começa aí a confusão. A descriminalização do uso visa tirar o caráter de crime daquele que faz uso de substâncias psicoativas. Assim, se o sujeito é pego portando drogas, não seria preso e condenado, mas encaminhado para o setor de saúde. Na verdade, retira-se o controle do uso de drogas do Direito Penal, remetendo-o para o Direito Civil, mantendo, porém, a proibição do uso e do comércio. No caso das drogas, não torna os atos legais, mas deixam de ser ofensas criminais, continuando os usuários

sujeitos a sanções administrativas, como multas, suspensão de licença para dirigir ou prestação de trabalhos comunitários.

Já a legalização é deixar as drogas circularem livremente no País, sem que seja crime portá-las, ou comercializá-las, tudo isso dentro do estabelecido por lei. Prevê a regulamentação das atividades de produção e comércio das drogas. Quaglia (2003) salienta que no caso das drogas é um processo que traz para o controle da lei uma atividade específica anteriormente ilegal ou proibida. A produção, venda para uso não médico, a posse e o consumo, diz o autor, seriam reguladas pelo Estado, tornando-se legais.

Do ponto de vista jurídico, explica Quaglia (2003), toda e qualquer forma de legalização é contrária às três convenções das Nações Unidas sobre drogas, das quais o Brasil é signatário: *Convenção Única sobre Entorpecentes, de 1961* (contendo várias listas anexas, definem os entorpecentes); *Convenção sobre Substâncias Psicotrópicas, de 1971* (listas definem substâncias psicotrópicas); *Protocolo de Emendas à Convenção Única sobre Entorpecentes, de 1972* e a *Convenção Contra o Tráfico Ilícito de Entorpecentes e Substâncias Psicotrópicas de 1988*, (listas com substâncias frequentemente usadas na produção ilícita de drogas – precursores), Uchoa (2003). Os referidos instrumentos têm força de lei no Brasil, pois foram incorporados ao ordenamento jurídico brasileiro em diferentes tempos e com respaldo dentro da legalidade brasileira.

Estas listas podem ser modificadas pela Comissão de Entorpecentes das Nações Unidas (*Commission on Narcotic drugs*), pela inclusão ou exclusão de itens ou sua passagem de uma lista a outra, por proposta de um país ou da OMS. Uchoa (2003) afirma que as Convenções impõem aos países signatários estabelecer, como delito penal, a produção, tráfico e posse ilícita de substâncias controladas, ainda que para uso próprio, ressalvada a possibilidade da imposição de penas alternativas.

A história da proibição das drogas evidencia mais estratégias de caráter econômico e político que levaram nações a iniciar um controle rígido da sua produção do que estar ligada a problemas de saúde pública.

Como vimos, a questão das drogas não é de agora, não é exclusiva dos últimos séculos. Mas foi no século XX que o consumo de drogas e suas implicações tornaram-se alarmantes, constituindo um problema psicossocial devido à disseminação, principalmente através da mídia, de casos relacionados ao uso de drogas, fazendo com que toda a sociedade passasse a refletir à procura de soluções.

Na contemporaneidade, através dos fatos e das pesquisas, freqüentemente divulgados pelos meios de comunicação, observa-se que cada vez mais jovens em situação de exclusão social, aos quais poderíamos chamar de mais vulneráveis, usam drogas como uma reação aos problemas de negligência, violência, abuso sexual, desemprego, falta de perspectivas de futuro. Mas o que dizer do consumo de drogas inegável entre jovens socialmente integrados na família, na sociedade em países desenvolvidos ou em desenvolvimento? Já não podemos apontar como usuários, apenas jovens em situação de exclusão, principalmente devido a grande parte da juventude estar exposta a uma cultura cada vez mais tolerante com o uso de drogas, e freqüentemente vemos substâncias como maconha e o *ecstasy* serem banalizadas.

Por outro lado concordamos com Rocco (1996) em sua análise sobre a legalização das drogas, quando salienta que o modelo repressivo de combate às drogas, também chamado ou simbolizado como guerra às drogas, falhou, não apenas no Brasil mas no mundo. As organizações criminosas passaram a investir grandes quantias de dinheiro na produção e na distribuição de drogas, criando um mercado promissor e este proporciona a formação de grandes blocos de mafiosos e traficantes multinacionais que se espalharam por

todos os continentes. O *glamour*, a violência e o poder a eles relacionados, são observados em filmes como *Scarface*, entre tantos, e é inegável.

Para o autor citado, “o agravamento dessa situação, chega a pôr em risco a democracia e a economia mundiais, e vem exigindo soluções ousadas, porque a dimensão do problema não admite timidez e sim ações inovadoras já que o tradicional modelo mostrou-se incapaz de resolver o problema” (ROCCO, 1996, p. 8).

A Organização Mundial de Saúde e o Ministério da Saúde, em território brasileiro, fixaram normas definidoras das substâncias entorpecentes lícitas e ilícitas, segundo Eluf (2004), criando uma legislação que procura proteger a sociedade do uso e abuso de drogas que causam dependência física e psíquica.

Entorpecente, termo falado pela primeira vez nesse estudo pois até aqui as drogas têm sido tratadas como substâncias psicoativas. Para a legislação brasileira, foi escolhido o termo entorpecente, salienta o autor, para identificar substâncias proibidas, que causem dependência física ou psíquica, e ainda admite palavras como droga, narcótico, tóxico, todos significando a mesma coisa, drogas: produtos químicos. A legislação penal brasileira proíbe o uso e o tráfico de substâncias entorpecentes conforme o estabelecido na Lei 6.368/76. Essas substâncias não estão especificadas em lei, mas são definidas por portaria do Ministério da Saúde. Rocco (1996, p. 30) enfatiza “que para a legislação esse é o mecanismo mais adequado, pois permite a inclusão ou a retirada de qualquer substância da lista das drogas proibidas sem a morosidade da complexa dinâmica da democracia legislativa”. O Ministério da Saúde também elabora listas de diversas outras substâncias controladas para o consumo, entre as quais, os medicamentos de tarja preta, que só podem ser vendidos sob prescrição médica.

A lei de entorpecentes não diz, por exemplo, que a maconha é proibida, diz sim ser vedado o porte desautorizado de substância entorpecente que cause dependência. O Poder

Público é que determina quais são essas substâncias. A maconha bem como cocaína, crack, entre outras tratadas neste estudo, encontram-se listadas como substâncias ilícitas cabendo a seu uso ou porte como atos ilegais.

Houve um tempo em que o uso e comércio de entorpecentes não eram vetados no Brasil. Há notícias de que, em 1914, uma onda de toxicomania invadiu o país, tendo sido criado um Clube de Toxicômanos em São Paulo, a exemplo de um clube semelhante que havia sido fundado em Paris. Em 1931, foi editado o Decreto-lei 891, de 25 de novembro de 1931, que restringia a produção, o uso e a comercialização de substâncias entorpecentes, bem como fornecia o rol de substâncias controladas, informa Eluf (2004).

Em 1964 essa listagem foi ampliada, com base na *Convenção Única sobre Entorpecentes*. Em 21 de outubro de 1976, sancionou-se a Lei 6.368 que está em vigor até hoje e cuida especificamente da questão das drogas ilícitas.

A lei é constituída de 47 artigos e divide-se em cinco capítulos: da prevenção, do tratamento e da recuperação, dos crimes e das penas, do procedimento criminal e das disposições gerais. Não temos a intenção de discutir essa lei, mesmo porque foge a nosso propósito nesta discussão, mas citá-la enquanto referência legal para o caso de drogas e quando se fizer necessário para esclarecimentos. Por exemplo: cabe discutir se a lei é interpretada corretamente ao considerar o porte de droga para o uso próprio como um crime. Ainda em vigor, é possível ser preso pelo porte de maconha ou outra droga, para uso próprio.

Outro fator muito discutível é que nossa legislação trata, segundo Eluf (2004), com indistinção o pequeno, médio e o grande traficante. Nesse sentido, o amigo ou inimigo que cede um cigarro de maconha a outro amigo, conduta diríamos normal entre os jovens, é considerado traficante. Se a polícia surpreender os portadores de maconha ou outra droga, as medidas repressivas podem ser tomadas.

Vamos lembrar que quem consome drogas ilícitas, sendo não autorizadas, transgredir as leis vigentes no Brasil, como vimos acima. Pacheco Filho (1999) enfatiza que este fato não deve ser surpreendente e também não significa que necessariamente eles estejam descompromissados com todas e quaisquer leis, códigos e normas sociais. Temos conhecimento que existem “códigos, princípios e leis que circulam na vida psíquica e social de indivíduos pertencentes a subgrupos que transgridem as leis vigentes na sociedade mais ampla”, diz o autor (PACHECO FILHO, 1999 p. 134).

Beatriz Carlini–Cotrim (2002) faz uma interessantíssima discussão alegando que, se pensarmos em quem usa drogas ilícitas atualmente, veremos que do ponto de vista da sociedade em relação às drogas, são os jovens do sexo masculino, em sua maioria. Ampliando nosso foco, veremos que não são apenas os jovens que usam drogas. Agora, se pensarmos a partir da legalidade veremos que o consumo de drogas é principalmente coisa de jovens, pois no Brasil, mesmo o usuário eventual é colocado na cadeia. São questões que não podem fugir ao debate da discussão quando pensamos em legalizar um produto. Não é o uso pelo uso, mas as implicações deste uso.

O trabalho em questão envolve drogas e jovens, fazendo necessário discutir a questão do ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente. Como fica o menor infrator, ou seja, se ele usar droga ilícita é um infrator? Grande parcela de jovens de nossa amostra para esta pesquisa tem entre 14 e 21 anos.

Spósito (2003) entende o ECA como um dos movimentos mais importantes da sociedade brasileira situando-se nas lutas em torno dos direitos da infância e do adolescente, sendo uma conquista enquanto novo ordenamento jurídico - legal. O movimento em torno dos direitos desses segmentos, diz a autora, constitui um novo significado para as fases de vida infância e adolescência, fundamentado em uma “concepção plena de direitos e em contraposição às imagens dominantes que atribuíam às crianças pobres uma condição de

existência inferior, pois a elas a atribuição depreciativa incidia sobre a sua condição de menor, infrator ou delinqüente” (SPÓSITO, 2003, p.63).

Conceição, Tomasello & Pereira (2003) colaboram com suas opiniões sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente ao afirmarem que a grande transformação advinda do mesmo, é a mudança de paradigma: em vez de proteger a sociedade dos menores infratores, agora a proposta é garantir a proteção à criança e ao adolescente como seres em franco desenvolvimento.

A lei permite que toda criança ou adolescente que infringir a lei deve ser submetida às medidas socioeducativas, toda vez que uma criança ou adolescente tiver seus direitos violados, devem ser mobilizados todos os procedimentos disponíveis para que sejam protegidos seus direitos, enfatizam Mager & Silvestre (2004) e complementam:

Se os instrumentos legais fossem respeitados, se as análises e os componentes geradores de violência fossem, de fato colocados às claras, se as providências de intervenção fossem tomadas junto aos locais e públicos adequados – pais, professores, juizes conselheiros de direitos, conselheiros [...] se de fato todo esse exército qualificado fosse mobilizado na direção correta, aumentaríamos sem dúvida a eficiência da atenção necessária para a criança e o adolescente. [...] faz –se necessário, desfazermos de velhas concepções e preconceitos e ter em mente que o ECA estabeleceu um novo modelo para o trato das crianças e adolescentes... crianças e adolescentes passaram a ser considerados como sujeitos de direitos (MAGER & SILVESTRE, 2004, p. 84-87).

Na opinião de Sudbrack (2003), o discurso jurídico pode evoluir em direção à compreensão da complexidade da drogadição de adolescentes sem perder a especificidade:

A questão da drogadição, vista pelo âmbito da justiça, situa-se como um fato jurídico e, como tal, é também um fato social. O objetivo da intervenção psicossocial remete à dimensão da defesa dos direitos da criança e do adolescente em situação de risco, através da aplicação do ECA que no artigo 101, inciso VI, situa este entendimento como medida protetiva (SUDBRACK, 2003, p. 57).

A autora propõe também que além da dimensão jurídica, seja possível efetuar outros níveis de leitura do problema, em uma perspectiva de compreensão do ato de fazer uso de drogas a partir de seu significado simbólico inscrito em um ambiente de relação familiar ou social mais amplo.

Elisaldo Carlini (2004) posiciona-se totalmente contra o uso e a legalização da maconha. Porém explica a importância em distinguir legalização de descriminalização. Defende sim a descriminalização de uma conduta e comenta que nos EUA, num único ano, 600.000 pessoas foram detidas e processadas por posse de maconha e o sistema de justiça americano acabou não fazendo outra coisa que julgar jovens que na maioria dos casos não tinham cometido outros delitos e ficavam marcados por uma ficha criminal que os prejudicava na hora de conseguir um emprego ou levar a vida.

No Brasil, em 11 de janeiro de 2002, a Lei 10.409 foi votada pelo Congresso Nacional. Embora trouxesse alguns avanços, foi totalmente desconfigurada em função da forte oposição que sofreu entre sua aprovação e sua promulgação. Previa a substituição da pena privativa de liberdade por medidas alternativas tais como a prestação de serviços comunitários ou pagamento de multa. Esse dispositivo foi vetado (Uchoa, 2003).

Em 11/02 de 2004 foi aprovada no Senado a lei 7.134 que determina o fim da pena de prisão para usuários e dependentes de drogas. Serve portanto de instrumento para reparar uma das clássicas confusões no sistema brasileiro que confinava o usuário e o traficante à mesma cela pela Lei 6368/76. A nova lei também dispensa a necessidade de o consumidor, flagrado com drogas ilícitas, ir à delegacia. Ele deverá apenas ser encaminhado à justiça onde prestará depoimento. “A prisão ocorrerá apenas em um caso: quando o mesmo se recusar a cumprir a pena determinada pelo juiz. Assim, distinguindo-se o traficante do usuário espera-se que o uso de drogas seja tratado como tema de saúde e o tráfico, como uma questão de polícia”, conforme evidencia Mueller (2004, p. 2).

A questão é que a lei nova deverá sofrer algumas alterações no texto, mas quando começará a ser aplicada? Será aplicada e respeitada?

Para o especialista em drogas Maierovitch (2004), trata-se de uma despenalização relativa do consumo, mas que poderia ir mais longe. Alega que uma coisa é

certa: “durante séculos, a questão da droga vem sendo utilizada para esconder interesses econômicos e geopolíticos”. Evidencia os prós, a partir de exemplos de repressão ocorridos em diversos países e diferentes épocas. EUA apoiando o exército Nacionalista chinês nos anos 40 e 50; Laos nos anos 60; Afeganistão nos 80 e comenta a questão da ONU na década de 1990 frente à legalização das drogas e o chamado Direito Internacional sobre as drogas proibidas. Colômbia e Bush. Outro enfoque é dado aos países como Holanda, Inglaterra, Bélgica e Espanha que trilharam caminhos de tolerância e liberalizantes quanto às denominadas drogas sociais. Portugal descriminalizou o porte para uso próprio, mantendo a proibição como infração administrativa, mas não criminal. O Brasil busca a implantação da política herdada de FHC, a qual, infelizmente, parece ter caído no agrado do presidente Lula.

Rocco (2004) frente à legalização das drogas argumenta que nos últimos anos a discussão ultrapassou a defesa da liberdade de consumo das drogas e assumiu papel estratégico na questão da segurança pública. Para ele, o fato se agrava à medida que o tráfico vem ocupando cada vez mais espaços na sociedade e vem corrompendo as estruturas que com certeza deveriam combatê-lo. Reforça a idéia já citada que a descriminalização do porte para uso pessoal não significa a autorização legal do porte ou do uso. Enfatiza que o que se modifica é o ramo do direito que exercerá o controle da atividade, e conseqüentemente as sanções aplicadas à infração da lei. A legalização das drogas traria a vantagem do desgaste que causará ao crime organizado, retirando de suas mãos o controle do comércio de drogas. Hoje esta atividade em caráter ilícito gera algo em torno de US \$500 bilhões por ano/mundo.

Lima (1999), em reflexões sobre a descriminalização do uso de drogas no Brasil, alega que de fato o usuário não é um criminoso que deva ser detido, e que a ele deve ser oferecida pela sociedade à possibilidade de tratamento e recuperação da dependência. Mas também salientava, à época, que não podemos nem pensar na liberação de drogas no Brasil, mas que a discussão é extremamente benéfica, pois conduz para a necessidade de implantação

de um sistema público de atendimento competente e para a importância das campanhas sérias de prevenção em todas as camadas.

A opinião acima gera realmente uma série de reflexões pois de 1999 para 2005 passaram-se muitos anos e vemos ao trabalhar com Educação e Saúde, que ainda são poucos os trabalhos sérios e eficazes nessa área bem como as verbas destinadas à prevenção nas Escolas e na sociedade. Projetos são iniciados, e sem continuidade e implementação acabam por parar ou fracassar. Há fortes argumentos contrários e a favor da descriminalização e da legalização das drogas, mas será que o consumo e conseqüentemente o mercado, o tráfico não continuará existindo e fazendo suas vítimas?

Silveira (2004), diretor do Programa de Orientação e Atendimento da Universidade de São Paulo, participa dessa discussão há muitos anos e comenta: “fazemos defesa da mudança da lei há dez anos. Política de descriminalização não pode ser confundida com estímulo. Ela facilita o tratamento. Não é um liberou geral”. Ronaldo Laranjeiras (2004), presidente da ABEAD, argumenta que as pessoas preferem o debate mais fácil que é mudar a lei, sendo que o Ministério da Saúde não cumpre seu dever a anos, que é oferecer um bom tratamento aos dependentes. Para ele, é temerário descriminalizar o uso sem estudos nacionais consolidados sobre o perfil dos usuários e o impacto que a mudança traria.

Frente à questão: descriminalizar as drogas como meio de combater o crime organizado? Não. Andrade (2004) alega que, apesar de contínuos esforços, de diferentes formas, nenhum país apresenta resultados animadores na diminuição da utilização e do consumo de drogas, seja como resposta às ações de repressão, prevenção ou tratamento. Para ele, este é o principal motivo pelo qual nenhum país na atualidade tem uma política nacional que contemple a legalização das mesmas. O Brasil discute oficialmente este problema desde 1996, quando da apresentação do Projeto Lei nº 105, que foi transformado na Lei nº 10.409/02 citada anteriormente. Conclui:

Creio que é muito importante a imediata discussão da descriminalização de drogas em diversos fóruns (escolas, empresas, ONG's, famílias). Penso que no Brasil, é necessário discussão, planejamento, ações efetivas na prevenção, no tratamento e na repressão do uso de drogas. E, atualmente, não é a legalização o caminho a ser tomado. O discurso, ainda que atraente e sedutor, é perigoso e estéril (ANDRADE, 2004, p. 3).

Eluf (2004), quando fala em proibição do uso e do tráfico de drogas no Brasil, constata que o nosso sistema penal tem-se mostrado ineficiente para controlar essas práticas. Com relação ao usuário, “a proibição impede que ele seja devidamente tratado, pois há muito preconceito com relação ao tema, além de medo e repressão”. Com relação às escolas, “ainda expulsam alunos suspeitos de usar drogas, em vez de procurar esclarecê-los sobre os riscos da dependência e, se necessário, indicar tratamento e orientar os familiares”. E com relação ao tráfico, “estima-se que menos de 1% da droga comercializada seja apreendida pela polícia e tirada de circulação, dado que é confirmado pelas evidências”. Muitas vezes, os serviços do Estado são corrompidos com muita facilidade... “[...] as autoridades que não são corrompidas ficam muitas vezes intimidadas com a violência dos métodos do crime organizado, temem represálias e não reagem” daí a importância de uma reflexão sobre eventuais novas formas de enfrentar o problema (ELUF, 2004, p. 77 –78).

Afinal, quanto à legalização, concordamos com o especialista em dependência química Petros Levounis, que, em entrevista à Revista Veja nº 36 de 8/09/2004 - páginas amarelas, diz: “Não sei se a legalização pode solucionar todos os problemas que a droga ocasiona. Precisamos nos aprofundar mais ainda nos custos e benefícios de uma medida como essa”.

A discussão se faz necessária. Esclarecimentos, são imprescindíveis. O problema existe, a lógica capitalista, ao excluir o usuário de drogas das práticas sociais, na verdade o inclui a seu modo num viés mercadológico que lhe é próprio, como diz Marques (2003, p. 98) “transformando pessoas e objetos em mercadorias que possam circular livremente para maior lucratividade de alguns poucos que procuram deter o controle

financeiro desse jogo mercantilista”. Fazendo a ligação legalização, drogas, mercantilismo, buscamos Martins com o comentário:

O capitalismo na verdade desenraiza e brutaliza a todos. Na sociedade capitalista essa é uma regra estruturante; todos nós, em vários momentos de nossa vida, e de diferentes modo, doloridos ou não, fomos desenraizados e excluídos, é próprio dessa lógica de exclusão a inclusão. A sociedade capitalista desenraiza, exclui, para incluir, incluir de outro modo, segundo sua própria lógica. O problema está justamente nessa inclusão (MARTINS, 1997, p. 32).

## CAPÍTULO 4

### Jovens e a Prevenção

Todas as relações fixas, enrijecidas, com seu travo de Antigüidade e veneráveis preconceitos e opiniões, foram banidas; todas as novas relações se tornam antiquadas antes que cheguem a se ossificar. Tudo que é sólido desmancha no ar, tudo o que é sagrado é profanado, e os homens finalmente são levados a enfrentar [...] as verdadeiras condições de suas vidas e suas relações com seus companheiros humanos.

Karl Marx

Ao discutir a questão da prevenção na escola, procuramos enfocar a prática desenvolvida ao longo dos anos. São reflexões elaboradas a partir de ações desenvolvidas junto aos jovens, nossos companheiros neste aprendizado, e referenciadas em pesquisadores da academia que trabalham a questão em discussão.

#### 4.1 A prevenção em questão

Para a Educação na escola ter um alcance preventivo, como nos reafirma Bucher (1992),

[...] deve situar-se num espaço mais amplo: o uso de drogas não pode ser visto como um aspecto isolado da vida social. Assim as informações baseadas em conhecimentos científicos (toxicológicos, farmacológicos, médicos...) passam ao segundo plano, em proveito de reflexões sobre o sentido de existência, sobre a significação dos nossos atos, sobre os valores pelos quais cada um pode optar em função de sua liberdade pessoal, mas pelos quais tem que se responsabilizar em proveito, em suma, de reflexões éticas (BUCHER, 1992, p. 157).

Acerca das dimensões que se prendem a uma abordagem preventiva, é importante considerar aquela ensinada pelo autor:

Uma abordagem preventiva deve levar em conta o contexto histórico do homem, da sociedade e das drogas que nelas são produzidas.[...] Apenas assim é possível dar relevo à dimensão ética (não moralista) do consumo, intimamente ligado à responsabilidade da pessoa pelos seus atos, sua saúde, seu corpo, seu desenvolvimento de homem e cidadão (BUCHER, 1992, p. 135 – 157).

A intensa preocupação dedicada pela mídia, ao tema uso e abuso de drogas entre jovens, a violência crescente e a atribuição desta a estes, vem constituindo atualmente um terreno propício para o desenvolvimento de ações preventivas, mas, muitas vezes, acrílicas e irreais.

**Se:**

*Prevenir é chegar antes!* é uma pré-intervenção, uma intervenção a ser efetivada antes que determinado fenômeno ocorra, significa impedir, dispor com antecipação. Na questão das drogas seria tudo aquilo que poderia ser empreendido para impedir ou reduzir o consumo indevido.

Mas prevenção ao uso drogas?

Falar em prevenção de drogas é incoerente, acreditamos, pois estas não são preveníveis. As **drogas aqui tratadas**, são substâncias psicoativas, naturais ou sintéticas, legais ou ilegais ou seja *lícitas* ou *ilícitas*, que podem ser utilizadas pelo homem com diferentes finalidades, como fins terapêuticos, obtenção de prazer, alívio de mal-estar, celebrações, ou até a negação de uma situação intolerável, como já vimos até aqui.

Não é fácil resistir à atração que as drogas exercem . Engana-se quem acredita que só pessoas especialmente frágeis ou problemáticas correm riscos de se deixar seduzir por essa experiência. Quem tiver a coragem de fazer uma reflexão sincera sobre si mesmo será levado a reconhecer mais de um comportamento sabidamente prejudicial do qual não consegue se libertar porque este, apesar de tudo, proporciona algum prazer (ARATANGY, 1998, p.9).

Não podemos dar a uma droga, a um produto químico, uma conotação de algo *bom* ou *ruim*, algo *criativo* ou *destrutivo*, pois *criativa* ou *destrutiva* é sem dúvida a maneira que o homem se relaciona com o produto químico, independente de qual seja a substância em questão.

Para Silveira (1991), controvérsias surgem a este respeito e na prevenção é importante buscar o domínio de uma dialética universal entre *liberdade*, *legalidade* e *ilegalidade*, pois a legalidade e a ilegalidade de um produto químico é perfeitamente questionável e a história nos mostra que sempre se observou o uso e abuso indevido de substâncias *legais* como o uso recreativo de substâncias *ilegais*. O consumo de drogas, como já focado nesse estudo, em nossa sociedade, tem variado significativamente no tempo, sofrendo influências do contexto em que ocorre e evidentemente da posição daqueles que as consomem. Podemos dizer que o consumo de drogas adquire as características próprias de cada época e de cada segmento social. Falar em prevenção na contemporaneidade é ter que considerar eficazmente um empreendimento dialético, dinâmico e evolutivo. É procurar entender o uso e abuso de drogas como um fenômeno complexo da vida em sociedade, considerando as questões políticas, econômicas, sociais e culturais que se relacionam com a subjetividade humana, a moral, as relações de poder nas relações institucionais e pessoais, entre tantas outras, na compreensão de Bucher (1992).

É estabelecer no caso da prevenção que se trata de uma intervenção que visa evitar o estabelecimento de uma relação destrutiva entre o indivíduo e as drogas.

Entendemos que, ao buscarmos propostas de prevenção devemos levantar alguns pontos, por exemplo: o abuso de drogas não é um fenômeno que ocorre por acaso, o consumo inadequado de produtos químicos seja ele por abuso, adição ou farmacodependência pode ser considerado doença, mas também corresponde a condutas enraizadas em um determinado contexto, considerando os aspectos econômicos, históricos, morais, sociais, culturais, familiares e religiosos. A propósito ver Silveira (1991).

Também ao falarmos de prevenção, é importante considerar as diferentes formas de intervenções preventivas, temos a prevenção primária, antes do primeiro contato do sujeito com o produto, a prevenção secundária, antes da instalação de uma dependência, e a

prevenção terciária, antes do aparecimento de complicações decorrentes do consumo abusivo. Segundo autores como Bucher (1992) e Santos (1997): a prevenção primária constitui um caminho fértil para a família e a escola por ela se dar antes que aconteça o encontro do sujeito e a droga. Diálogos abertos, estímulo à auto-estima e às habilidades para lidar com frustrações, fracassos e ansiedades seriam necessários.

Grande parte da população alvo das ações preventivas são as crianças e pré-adolescentes que ainda não passaram pelos riscos da oferta, portanto devemos focar, para eles as qualidades do bem viver, do bem estar com a vida, respeitando o corpo, a saúde e o ambiente em que estes estudantes vivem. Santos (1997) acrescenta:

Basicamente, a prevenção deve concentrar-se menos nos perigos das drogas. Esta deve focar a fase da adolescência, a busca da auto-afirmação, da auto-estima, o conflito dependência e independência. A transgressão, o conflito com a pessoa de autoridade, a dificuldade de enfrentar problemas e os limites e questão do prazer (SANTOS, 1997, p. 87)

A prevenção secundária, para os autores citados, é um processo mais difícil que deve ser enfrentado com coragem. A família muitas vezes não enxerga ou não quer enxergar o fato de o jovem já ter tido contato com drogas e a escola sente-se normalmente sozinha, sem profissionais capacitados para os imprevisíveis fatos que possam ocorrer. O ideal seria oferecer ajuda concreta após buscar informações com pessoas especializadas, evitar emitir juízos de valor, afastar os preconceitos e agir com coerência. Respeitar o aluno, ouvir o que ele tem a falar não apenas quando apresenta problemas. Para a prevenção terciária, a escola deve incentivar a procura de acompanhamento especializado para o estudante, incentivar o diálogo com a família e sobretudo acreditar que o usuário é recuperável, como também colaborar para sua reintegração social com oferecimento de alternativas de lazer, esporte, arte e até profissão.

Além do enfoque preventivo primário, secundário e terciário, há a considerar outras possíveis estratégias preventivas: diminuir a oferta do produto, diminuir a demanda por parte do usuário e influenciar sobre as circunstâncias favorecedoras da oferta e da procura.

Ao considerarmos o fenômeno da dependência verificamos que o mesmo se dá a partir de três elementos e suas relações, o que Claude Olievenstein (1997) traduz pela equação: *o encontro de um produto, de uma personalidade e de um momento sociocultural*, ou seja, os indivíduos com suas características de personalidade e sua singularidade biológica; a substância psicoativa de uso ou abuso com características farmacológicas peculiares; e o contexto sociocultural dinâmico onde se realiza o encontro do indivíduo com o produto.

Se não há como eliminar a oferta de drogas, como torná-la menos atraente?

É importante considerar, pelo já discutido até aqui, o consumo de drogas antes de tudo como um sintoma, um estado de mal-estar, uma conduta de risco como tantas outras. Dentro desta concepção, o mal-estar não pode ser prevenido. Mas também sabemos que a droga não é o único recurso para lidar com o mal-estar.

Toda política de prevenção deve, segundo Dartiu Xavier da Silveira (1991), contribuir para o comprometimento dos indivíduos à que se dirige, visando à modificação de comportamento de risco. Aqui estamos falando de prevenção na escola e concordamos com Lorencini Júnior (1998), ao dizer que é na escola que diferentes grupos de jovens se encontram, cada qual com suas experiências de vida e com *motivos* diversos para fazer uso de drogas. Nesse ambiente pluricultural, os jovens buscam a sua identidade, confrontando as suas aspirações e desejos com o que pais e professores esperam deles.

Nessa perspectiva, a escola é um ambiente social adequado e propício para desenvolver a problematização da temática, discutindo e elaborando estratégias de informação, orientação e intervenção para uma educação preventiva, com que colaborem alunos, pais, professores, e a comunidade escolar e social em geral.

De novas concepções, novos programas em andamento, obtêm-se resultados mais favoráveis quando se concentram menos nos perigos, enfatizando a responsabilidade e as vantagens de um estilo de vida com qualidade, sem drogas.

Carlini-Cotrim alega que hoje o que se tornou

[...] um campo científico demarcado por regras, princípios e paradigmas - a Prevenção ao Abuso de Drogas por intermédio da Educação - tem como substrato a noção de que a sociedade civil pode e deve atuar nas intenções dos sujeitos sociais de consumirem substâncias que alterem suas consciências (CARLINI-COTRIM, 1998, p. 20).

Para a autora a legitimidade de tal pressuposto é histórica e tem origem nos EUA e na Europa, quando alguns grupos sociais constituíram o que ficou conhecido como *Movimento de Temperança*. Este movimento constituía-se de ações desenvolvidas por grupos com o intuito de demover os indivíduos de usarem bebidas alcoólicas. Criaram-se casas de sobriedade para aqueles que desejassem parar de beber, além de pregações de casa em casa, palestras e panfletagens e também uma forte pressão política para a aprovação de leis que restringissem o acesso ao álcool. As escolas e os meios de comunicação existentes à época não tinham participação nas ações, muito menos eram locais para o desenvolvimento das mesmas. Os mais famosos desses movimentos são os norte-americanos, inaugurando assim a legitimidade de ações contra as drogas nas sociedades contemporâneas, conforme trata Carlini-Cotrim (1998).

Outros exemplos históricos aconteceram com relação a movimentos sociais ao longo dos anos, mas não nos cabe aqui discuti-los, apesar de ser instigante essa retrospectiva para entender em nome de quem se faz e a quem interessa a prevenção na contemporaneidade.

Contemporaneamente, verifica-se uma preocupação internacional com relação ao uso de substâncias psicoativas ilícitas, ou seja, as proibidas por lei, como temos apresentado ao longo deste estudo. Muitos são os movimentos sociais contra o uso e comércio ilegal dessas substâncias, como também há uma forte pressão da sociedade civil para que o Estado priorize inclusive com orçamentos o controle sobre repressão, educação e tratamento. Por outro lado, verifica-se o acréscimo do poder dos cartéis internacionais e nacionais de produtores e comerciantes dessas drogas, que não medem esforços para tornar seus produtos

populares expandindo suas ações e apavorando a sociedade como já vimos ao discutir a legalização.

No Brasil, a preocupação com o uso e abuso das substâncias ilícitas, como maconha, crack, cocaína se deve, em parte, ao fato de haver grande circulação dos problemas relacionados a elas nos meios de comunicação, em função de maior impacto na saúde de nossa população, conforme apresenta Carlini-Cotrim (1995).

No entendimento dos críticos da *Guerra às drogas*, os fatos citados acima casam perfeitamente com o que chegam a denominar de onda de histeria contra as drogas. Para eles, o “processo de exclusão gerado pelo neoliberalismo gera revolta e contestação entre determinados grupos sociais, sejam eles minorias étnicas, desempregados, jovens de periferia. Setores de classe média depauperados” (CARLINI-COTRIM,1998, p.24).

Nesse contexto “tão propício para que a prevenção ao abuso de drogas seja um alibi para fins de controle político”, referencia a autora, alguns grupos de pesquisadores e agentes comunitários defendem a possibilidade do desenvolvimento de ações preventivas que possam ser desenvolvidas a partir do enfoque dos grupos mais vulneráveis ao uso de drogas. São ações comprometidas com a saúde da coletividade. Trata-se de uma alternativa à *guerra as drogas* de inspiração repressiva e controladora que defende a erradicação das substâncias ilegais e a intolerância tão discutida em relação aos usuários e que vem sendo chamada de redução de danos.

Os caminhos traçados para diminuir os riscos associados ao uso de drogas são bem diferentes dos recomendados pelos defensores de um mundo livre das drogas. Acredita-se que os principais instrumentos são o temor às punições e normas institucionais, além do constrangimento moral no caso da guerra às drogas. Já pela estratégia de Redução de Danos, a prevenção estaria dirigida aos usuários recreativos ou casuais que quisessem continuar usando

drogas, aprendendo a consumi-las de maneira mais segura, apostando na capacidade de discernimento do cidadão bem formado e informado.

Segundo Beatriz Carlini-Cotrim (1998), muitos são os *modelos* que poderão ser usados na prevenção, mas antes de tudo é preciso conhecer e definir o público alvo para trabalhar tais questões. Em termos de ações concretas, o enfoque de diminuição de riscos citado acima se viabiliza também na prática escolar. Vejamos alguns modelos:

- *Modelo do Conhecimento científico*

A partir de informações de modo imparcial e científico, os jovens podem tomar decisões conscientes e bem fundamentadas

- *Modelo de Educação afetiva*

Jovens mais bem estruturados e menos vulneráveis do ponto de vista psicológico estão menos sujeitos e menos propensos a se envolver no uso problemático de substâncias psicoativas. Este modelo é constituído de um conjunto de técnicas com o objetivo de melhorar ou desenvolver a auto-estima, capacidade de lidar com a ansiedade, incentivo à habilidade de decidir e interagir em grupo, à comunicação verbal, à capacidade de resistir às pressões do grupo.

- *Modelo de oferta de alternativas ao uso de drogas*

Trata-se da oferta de sensações proporcionadas por outros meios que não o consumo de drogas, ligadas à expansão da mente, ao crescimento pessoal, à excitação, ao desafio e ao alívio do tédio. Atividades como: gestão de atividades empresariais, orientação escolar para os alunos mais jovens, práticas esportivas desafiadoras, atividades artísticas variadas

- *Modelo de Educação para a saúde*

Educação a serviço de uma vida saudável, hábitos saudáveis de vida, incentivando práticas que preservem a saúde física, mental e emocional como também incentivo à alimentação adequada, formas de evitar stress, educação sexual, temas gerais visando à qualidade de vida

- *Modelo de modificações das condições de ensino*

Formação integral da criança e do adolescente com iniciativas intensas e duradouras, acompanhando a criança desde a pré-escola, envolvendo os pais e a comunidade. Formação global de um jovem saudável

Um fato importante em nosso entendimento ao discutir a prevenção é conhecer ações e resultados que deram certo em outros países mais desenvolvidos e, no dizer de Zili Sloboda (2004), lançar mão de um conhecimento cumulativo que também seja compartilhado pela comunidade científica internacional. Ainda que permaneçam muitos desafios, os EUA, nos últimos anos, experimentaram grandes avanços. Em 1994 o *Institute of Medicine* publicou o Relatório *Reducing risks for mental disorders* (reduzindo riscos de transtornos mentais) que, além de apontar grande quantidade de informações sobre fatores biológicos e psicossociais causadores de uma variedade de problemas de saúde pública, também destacou programas de prevenção que demonstravam eficácia na redução de riscos para muitos problemas ligados à dependência de álcool e drogas.

Segundo Sloboda (2004), a publicação referida acima foi de importância crucial, fez migrar o campo da prevenção do conceito anterior de saúde pública fundamentado na prevenção primária, secundária e terciária citadas acima para outro modelo, baseado nos riscos, já também comentada por Carlini-Cotrim (1998, 2002). Foram identificados três níveis de prevenção de acordo com os diferentes graus de riscos: universal, seletivo e indicado. Os

programas de caráter universal eram direcionados às populações como um todo, os seletivos visavam segmentos da população que apresentassem risco maior do que o normal de desenvolver algum transtorno e os indicados eram programas voltados para subgrupos que manifestassem sinais ou sintomas de algum transtorno.

Conforme Carlini-Marlatt (2003), as ações preventivas universais são aquelas que visam um público amplo, genérico, composto em sua grande maioria por jovens que não usam drogas. As ações *preventivas seletivas* visam grupos de jovens que apresentam características de alto risco para o envolvimento com as drogas em futuro próximo e as ações *preventivas indicadas* são dirigidas a jovens que já consomem tais substâncias e que vem apresentando problemas em consequência deste fato, mas não apresentam quadros de dependência. Acrescenta também a autora que tem uma outra categoria de ação que consiste em “tratamento ou ações terapêuticas e de apoio com a finalidade de abordar os jovens que consomem drogas intensamente e que apresentam quadro de abuso no consumo de drogas ou de dependência delas” (CARLINI-MARLATT, 2003, p. 194).

Os níveis de intervenção devem se articular e complementar numa comunidade, independente de ser uma escola, um bairro, uma empresa, pois com certeza teremos os grupos descritos acima em plena convivência, diz a autora. No Brasil as ações de prevenção universal são as mais conhecidas, principalmente nas escolas, com modalidades como programas de informação, a educação crítica, o oferecimento de alternativas ao prazer e o significado das drogas, e os programas de desenvolvimento de habilidades sociais.

Ao falarmos de prevenção na escola, principalmente, temos que voltar nossa atenção para alguns fatos relativos a quem administra o sistema educacional em questão. Sloboda (2004) complementa, ao discutir programas preventivos norte-americanos, dizendo que pesquisas recentes indicam que programas modelo não têm o apoio de grande parte das comunidades que realizam programas de prevenção. Muitas vezes administradores escolares

estão modificando tais programas, tornando-os mais breves ou alterando seu conteúdo. Na realidade brasileira não encontramos dados oficiais que confirmem o citado acima, mas acreditamos não ser diferente, quando verificamos projetos implantados caindo no descaso e sem finalização. Podemos citar como exemplo o Projeto de Prevenção as Drogas/DST/Aids – MS/MEC/UNDCP, realizado em 10 capitais brasileiras, inclusive Cuiabá, implantado em 1996. Apesar dos resultados evidenciados em Cuiabá, em 2000, suas ações nas escolas não tiveram continuidade por problemas administrativos. Uma das dificuldades foi justamente a disposição dos professores para as ações a serem desenvolvidas.

Embora pesquisadores e profissionais concordem que a prevenção deva ser um processo que se dá ao longo da vida, as evidências epidemiológicas sugerem que as intervenções devam se dar nos últimos anos do ensino fundamental e no ensino médio. Não esquecendo, entretanto, “que muitos aspectos no campo da prevenção sugerem que boa parte dos fatores de risco para o consumo de drogas deva ser abordada já nos primeiros anos de escola” (SLOBODA, 2004, p. 117).

Outros autores que estudam a questão da prevenção na escola como PEREIRA & SILVA (2002), consideram que as ações preventivas podem ser realizadas nos diversos ambientes da sociedade, como a comunidade, a escola, as empresas, concordando com os autores citados até aqui. Chamam a atenção quando denominam a isso de *Ambiente e Domínios da vida*. Em cada um desses ambientes existem diferentes *domínios*, cujas ações preventivas podem ser direcionadas especificamente:

- *Domínio Individual:* refere-se aos fatores relacionados a um indivíduo específico – considerando os fatores genéticos, as questões psicológicas e sociais.
- *Domínio de Pares:* refere-se aos fatores relacionados a um grupo de indivíduos que convivem entre si, considerando seus hábitos, seus valores, seus comportamentos e estilo de vida.

- *Domínio Familiar:* refere-se aos fatores relacionados à família, como hábitos, costumes regras e definições próprias.
- *Domínio Escolar:* refere-se aos fatores relacionados à comunidade escolar, com seus estatutos, normas, papéis, relacionamentos entre os diversos membros da Escola.
- *Domínio Social:* refere-se aos fatores relacionados ao ambiente coletivo, normas e regras sociais, bem como relacionamentos entre os diversos setores e grupos, e às políticas públicas de restrição de venda de bebida e outras drogas.

Para cada um destes domínios existem fatores de risco e fatores de proteção. Um programa de prevenção planejado deve começar definindo o ambiente de onde vão partir as ações e a partir de então quais domínios deverão ser trabalhados. A prevenção visa diminuir os fatores de risco e aumentar os fatores de proteção para cada um dos domínios de vida definidos como foco do programa de prevenção.

Não dá para definir realmente prevenção, ações, medidas, programas, modelos, e trazemos Silva Sá (1999) para entender que “prevenção do uso indevido de drogas é todo trabalho desenvolvido com o ser humano, nas múltiplas interações com seu meio, e que objetiva o relacionamento com o fenômeno drogas” (SILVA SÁ, 1999, p.160).

É possível trabalhar a prevenção na escola?

Diante de tudo que foi discutido, é preciso reconhecer a necessidade de se avançar na construção de modelos alternativos de intervenção relacionados ao uso de drogas, de forma que suas concepções venham a se contrapor a visões preconceituosas, alarmistas e repressoras sobre o fato em questão, centrada num discurso anti-droga. A escola, como uma instituição poliédrica, deve possibilitar que os alunos sejam encarados como sujeito sócio-cultural, considerando suas diferenças, indivíduos que possuem histórias de vida, de mundo e certamente projetos de vida diferentes. Projetos são necessários, como nos diz Dayrell:

Constatar que a escola é polissêmica ou seja tem uma multiplicidade de sentidos, não podemos considerá-la como um dado universal, com um sentido único [...] definido previamente pelo sistema [...] é polissêmica pois implica levar em conta seu espaço, seus tempos, suas relações podem estar sendo significados de forma diferenciada, tanto pelos alunos, quanto pelos professores, dependendo da cultura e projetos dos diversos grupos sociais nela existentes (DAYRELL, 1996, p. 138).

Cabe àqueles que se lançam na tarefa da prevenção “o dever de criticar ações domesticadoras e ações que prescindam da transformação do jovem como agente capaz de construir seus mecanismos alternativos às drogas” (CARLINI-COTRIM, 2002, p. 78). Só serão eficientes de fato, na escola, e na comunidade, ações preventivas ao uso de drogas que centrem o jovem como sujeito de sua própria ação e de sua própria prevenção.

E continua a autora:

Assim ele aprenderá por seus méritos que ser curioso não é doença; que pertencer a grupos nada mais é que um sinal de que não somos psicopatas; e que a transgressão e a curiosidade que ela motiva podem apontar caminhos nos quais o novo se faça presente e não para aquilo que é arriscado e temeroso (idem , p. 78).

Nosso desafio nas escolas é justamente inverter o discurso de modo que a curiosidade juvenil, a necessidade de pertencer a grupos, não se canaliza para o uso de drogas. Nesse sentido, Lorencini Júnior (1998) argumenta que, para prevenir o uso de drogas por jovens, é preciso levar em consideração a vulnerabilidade do grupo, discriminando-o por idade, sexo e nível socioeconômico. É na escola que o aluno tem o seu espaço de afirmação, interação e socialização. Assim, é um ambiente propício e adequado para problematizar a temática, desde que o projeto político pedagógico da escola seja viabilizado, com a valorização de todas as partes envolvidas na prevenção.

Para Fernandes (2001), uma política de prevenção nas escolas deve ter como uma das prioridades a formação contínua dos professores e o envolvimento da família no esclarecimento das conseqüências do uso abusivo e no como encaminhar seus filhos para um tratamento adequado. Professores amedrontados com a violência instalada em algumas escolas, com a indisciplina, e com a falta de educação e respeito de alguns alunos, muitas vezes acreditam que cabe apenas ao Estado a saída para os impasses criados. O Estado, por

sua vez, aponta os professores e sua má formação como um dos maiores problemas a ser enfrentado na Educação brasileira.

A escola precisa inserir-se no meio em que está localizada, considerando suas peculiaridades e abrindo espaços para que os jovens possam construir uma realidade melhor. As possibilidades criativas dos jovens são inúmeras, porém precisam ser canalizadas para projetos pedagógicos que favoreçam uma reação de confiança entre professor e aluno. “Só através da segurança em suas atitudes, os jovens poderão conviver com grupos diferentes, sem que tenham que segui-los para auto afirmar” (FERNANDES, 2001, p. 4).

Para ter um alcance preventivo, como nos reafirma Bucher (1992), a educação escolar

[...] deve situar-se num espaço mais amplo: o uso de drogas não pode ser visto como um aspecto isolado da vida social. Assim as informações baseadas em conhecimentos científicos (toxicológicos, farmacológicos, médicos...) passam ao segundo plano, em proveito de reflexões sobre o sentido de existência, sobre a significação dos nossos atos, sobre os valores pelos quais cada um pode optar em função de sua liberdade pessoal, mas pelos quais tem que se responsabilizar em proveito, em suma, de reflexões éticas (BUCHER, 1992 p. 157).

“Considerando as drogas como um problema social emergente podemos relacioná-las diretamente, mas sem restringi-las apenas, com a saúde – tema social transversal, consolidado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs)”, Lorencini Júnior (1998, p.41). Sem entrar no mérito da discussão dos Parâmetros Curriculares Nacionais, ao trabalhar temas transversais, podemos alcançar uma maior interação com professores de diferentes disciplinas e áreas. Aproximar as pessoas em torno de um tema que seja importante para a instituição e o momento que se vive. Na prática, significa que não podemos mais pensar a prevenção a partir de um único referencial, a idéia de um sujeito universal que não existe.

Prevenir parece ser a melhor alternativa diante de estatísticas e de estudos que mostram que o número de usuários dependentes que conseguem deixar as drogas é muito baixo, girando em torno de 30%. É na prevenção chamada primária que a escola atua. Dessa

maneira parece não haver dúvida da importância de trabalhos, ou ações preventivas serem desenvolvidas nas escolas.

A droga não é um problema em si, ela é também um problema da construção social, da construção das comunicações que se fazem em torno dela. Como pudemos ver, tantas são as contradições do mundo atual, tantas são as razões para que as drogas seduzam nossos jovens. Primeiro, eles enfrentam as contradições da nossa sociedade, em que as drogas ditas legais não podem ser usadas por eles, mas absurdamente liberadas para os adultos que as consomem muitas vezes correndo riscos, buscando prazer ou fugir de estresse e tensões do dia a dia, assim, eles se sentem tantas vezes atraídos a usar drogas, para ser aceitos no mundo adulto e depois para “curtir o barato”, outros prazeres podem e devem ser sinalizados para o jovem. Neste aspecto adverte Caligaris (2000) que o adulto ao lidar com os jovens tem que ter claro o eles vivem a se perguntar: *o que será que os adultos querem e esperam de mim?* Também pensar que eles são interpretes *do desejo dos adultos*. Neste caso, se torna muito importante que esses mesmos adultos que pretendem trabalhar com a prevenção e os jovens se questionem e verifiquem qual o seu posicionamento frente ao consumo de drogas e suas relações: como busco prazer? E as drogas, os medicamentos os abusos, como os enfrento no dia a dia?

Se o assunto de nosso estudo é o consumo de drogas, questionamos: o que se passa com o sujeito jovem no momento em que inicia o uso de drogas? O que determina a diferença entre usuário esporádico e o adicto? Para isso é absolutamente válido saber e compreender qual a visão que eles têm sobre o consumo de drogas ilícitas.

Em tempos de culto ao estilo jovem de ser, somos pegos por essa sedução que nos sufoca para nos tornarmos adúlteros, nos mantermos jovens, com o corpo em forma, com o espírito descontraído e é claro, de bem com a vida. Os jovens nos dão a sinalização, a necessária indicação para nesses tempos, nós, os adultos, nos mantermos jovens com

propostas de mudanças a partir da realidade conhecida, da visão que apresentam, das circunstâncias reais. O trabalho preventivo, se possível, tenha como objetivo fazer com que o jovem pense e reflita de maneira crítica sobre a vida, suas escolhas, seus desejos suas frustrações e seu futuro.

Os estudos antropológicos até hoje alcançados não permitem visualizar a possibilidade real da eliminação das substâncias tóxicas. Entretanto refletir sobre um tema não é significativo se deste, apenas o fazemos em questões de fácil resolução, ao contrário. Nessa visada, colaboraram outros olhares sobre as drogas, como nos apresenta Minayo:

Creio que é preferível enfrentá-lo pela frente e, sobretudo, em sua configuração atual, entendendo que os códigos de aceitação ou legitimação de determinada substância – ou rejeição e ilegalidade de outra – sofrem interferência dos mais variados interesses. Por isso mesmo é importante ter uma postura compreensiva que relativize “as demonizações radicais das substâncias” porque o monstro de hoje talvez possa ser considerado o anjo de amanhã. (MINAYO, 2003, p. 16).

Determinadas circunstâncias na vida da criança ou do jovem podem diminuir ou aumentar a probabilidade de experimentação ou uso indevido de drogas e é preciso uma atuação ampla para evitar que este se torne uma ameaça para si e para o outro

Desta perspectiva é que nos detivemos a tratar do uso de drogas ilícitas, conforme os jovens o percebem.

### **PARTE III**

## **JOVENS DO CEFET-MT E O CONSUMO DE DROGAS ILÍCITAS**

## CAPÍTULO 5

### **A Visão dos Jovens do CEFET-MT sobre o Consumo de Drogas Ilícitas**

Todos nós temos que conviver conosco pelo resto de nossas vidas. De vez em quando se recorre à estratégia de mudar um pouco a percepção de si mesmo e da realidade, por meio da alteração da consciência, por meio do uso de algumas substâncias psicoativas; este é um mecanismo usado desde que o mundo é mundo. Tais substâncias causam dependência: o indivíduo tem dificuldade de saber quanto, como e quando usá-las.

Beatriz Carlini-Cotrim

Neste capítulo refletimos sobre os jovens, fazendo escuta não apenas do que é dito sobre eles, mas ouvindo-os. “A escuta do seu discurso permite investigar, além da compreensão deste momento de passagem, a negociação que permeia a relação entre a geração emergente e a precedente” (MATHEUS, 2002, p. 167). Para tal, apresentamos o perfil sócio-econômico dos jovens pesquisados, considerando os dados censitários, relações com o trabalho, família, CEFET-MT, colegas e o uso de drogas. Investigamos, assim, a visão dos jovens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Mato Grosso sobre o consumo de drogas ilícitas.

Para melhor compreensão dos dados os mesmos foram agrupados por blocos temáticos.

#### **5.1 Selecionando as informações**

Os dados foram coletados mediante aplicação de 205 questionários e através de entrevistas coletivas e semi-estruturadas. O questionário foi elaborado e composto de 75

questões, sendo estas do tipo abertas e fechadas, perfazendo um total de 175 questões de maneira a informar dados sócio-demográficos como idade, gênero, condições sociais, escolaridade dos pais, algumas práticas culturais e de sociabilidade, além de obter informações referentes ao trabalho, à escola, à família, aos colegas, e à condição juvenil perante questões da contemporaneidade. Um outro bloco de questões indica o comportamento e opiniões sobre consumo de drogas. As questões buscam associar o comportamento do uso de drogas com os valores relacionados ao consumo intenso e casual de diversas substâncias. Para garantir o anonimato dos alunos na aplicação dos questionários, à medida que iam respondendo, estes eram envelopados e entregues à investigadora. Seu objetivo era obter elementos para abordagens preventivas que levem em conta não só o quanto e quais drogas são usadas, mas também qual é a concepção que o jovem tem sobre tal comportamento. As questões relativas às drogas são adaptadas do proposto pela OMS, WHO - *World Health Organization (Research and Reporting Project on the Epidemiology of drug Dependence)* e adaptado no Brasil entre os outros, por CARLINI – COTRIM & BARBOSA (1993)<sup>9</sup> e readaptado por KER-CORREA (2001)<sup>10</sup>.

Os questionários foram aplicados durante o período de aulas dos alunos e, antes de responderem, foi-lhes explicado o objetivo da pesquisa e a importância da participação de todos, bem como a de não deixar questões sem resposta. Muitos responderam o que quiseram e do modo que quiseram, sem grandes questionamentos. Fizemos o pré-teste com alguns alunos de 1º ano do Curso de Química, Construções Prediais e Ensino Médio e aplicamos o questionário definitivo em fevereiro de 2004, resultando em 205 informantes que eram os alunos presentes em sala de aula (nas turmas selecionadas). Os alunos tinham claro que as informações eram confidenciais, que apenas a pesquisadora teria acesso a elas, e que não seriam identificados. Os jovens levaram cerca de 40 a 60 minutos para responder.

---

<sup>9</sup> CEBRID,

<sup>10</sup> UNESP

Acreditamos ter passado credibilidade para eles, o que foi verificado pelo fato de não haver tido nenhuma recusa de participação. Outro fator a considerar foi a disponibilidade de alguns professores na aplicação dos questionários, ou seja, após verificarmos o dia e o professor que estaria na sala de aula, nós o contatamos e confirmamos possíveis disponibilidades. Apresentamos o instrumento a eles e discutimos o mesmo. Como eram poucas turmas por turno não tivemos problemas. Interessante observar que os professores que se disponibilizaram a aplicar os questionários são os professores citados anteriormente como aqueles que acreditam e conhecem o trabalho desta pesquisadora nas questões relativas à saúde, desenvolvidas com alunos no CEFET-MT, como também mantêm, além dos vínculos profissionais, participação em grupos interdisciplinares, compartilhando conosco certa afinidade ou melhor certa cumplicidade no querer bem ao jovem do CEFET-MT e neles acreditar.

A partir dos dados dos questionários, definimos o número de entrevistas coletivas a serem efetuadas, como também o número de participantes. Essas entrevistas abordaram diversos aspectos da vida cotidiana ligados à condição do jovem, trabalho, preocupação com o futuro, o problema de drogas, preconceitos e questões gerais, além das relações com a escola. Na verdade, o uso da entrevista coletiva foi para aprofundar as questões relacionadas anteriormente o que se verificou pelas falas da transcrição original que serviram para aprofundar e contextualizar, em especial, os dados fornecidos pelos questionários e processados pelo *SPSS*. Foram gravadas em fitas-cassete com autorização dos informantes e transcritas para posterior análise. O material foi transcrito respeitando-se as pausas e os vícios de linguagem emitidos pelos entrevistados e uma cópia foi arquivada.

Embora tivéssemos proposto a realização das entrevistas fora do horário de aulas, em algum lugar de livre escolha, todos os informantes acharam melhor e mais fácil que

estas se realizassem na própria escola, nos intervalos, ou com a dispensa da aula pelo professor.

Foram realizadas três entrevistas coletivas, sempre com 12 participantes, sendo 4 de cada curso selecionado para a pesquisa, independente de serem do sexo feminino ou masculino, com duração média de 1 a 2 horas. A participação voluntária possibilitou verificar que, ao aceitarem serem informantes, os jovens colaboraram, acharam interessante, propuseram outras questões que não apenas as do roteiro e, ao final, de modo geral agradeciam por estarem discutindo questões que os preocupam e incomodam e sobre as quais nunca são chamados para darem suas opiniões. A princípio os alunos do curso de Química mostravam-se mais à vontade, talvez pelo fato de serem do curso de Química, e de eles nos conhecerem e entenderem a importância da pesquisa para nós.

Os questionários forneceram os dados que foram processados pelo *software Statistical Package for the Social Science (SPSS)* (Conjunto de Programas Estatísticos para Ciências Sociais, versão 11.), que é um pacote estatístico facilitador do trabalho de análise numérica. Pagan (2004) afirma que os pacotes estatísticos são utilizados principalmente para atender à necessidade dos pesquisadores de diversas áreas que não podem saber tudo sobre estatística, somente as noções básicas.

Respeitamos e concordamos com Gaskell (2003) ao dizer que é preciso cuidado na utilização de *software* :

Seria desastroso cair na armadilha do mito do computador, um pressuposto de que pacotes de *software* irão substituir as habilidades e sensibilidades do pesquisador. Os computadores não farão nunca o trabalho intuitivo e criativo que é parte essencial da análise qualitativa. No máximo irão apoiar o processo e oferecer uma representação dos resultados de análise (GASKELL, 2003, p. 88).

## 5.2 Os jovens sujeitos desta pesquisa

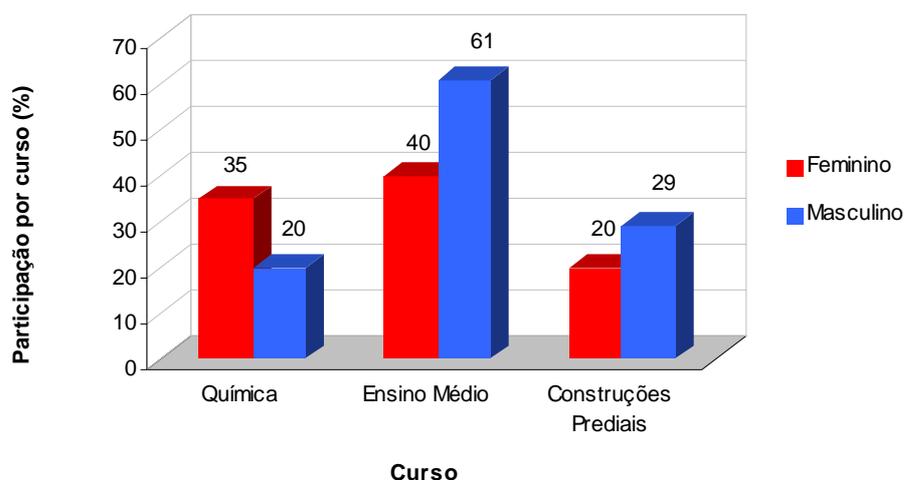
Procuramos delimitar o objeto de estudo, estabelecendo que os sujeitos primordiais desta pesquisa deveriam estar freqüentando o final do 1º ano dos Cursos de Química, Construções Prediais e Ensino Médio. O ano letivo de 2003, teve início em agosto/2003 e término em 2004, em função de calendário estabelecido após a greve geral dos servidores públicos federais.

A opção pelos alunos que cursavam o 1º ano deve-se ao próprio cronograma da pesquisa, elaborado em função do prazo do mestrado, e à escolha dos dois instrumentos de coleta de dados - o questionário e as entrevistas coletivas.

Selecionamos para a pesquisa os cursos profissionais de Química, Construções Prediais e Ensino Médio. Química por ser o curso que trabalhamos desenvolvendo atividades teórico-práticas e termos acompanhado o mesmo desde 1994, quando fizemos parte da comissão designada para sua criação. Construções Prediais para fazer o contraponto com outro curso técnico e Ensino Médio por ser o curso com maior contingente de jovens. O Ensino Médio funciona na sede do CEFET-MT. Construções Prediais também tem suas aulas em grande parte na sede, ficando algumas disciplinas técnicas para o Campus Bela Vista. Já o Curso de Química desenvolve suas atividades teóricas e práticas no Campus Bela Vista, restando apenas algumas atividades para a sede, como aulas de informática.

Definimos que seriam selecionadas duas turmas de cada curso por turno, independente do número de alunos componentes das mesmas.

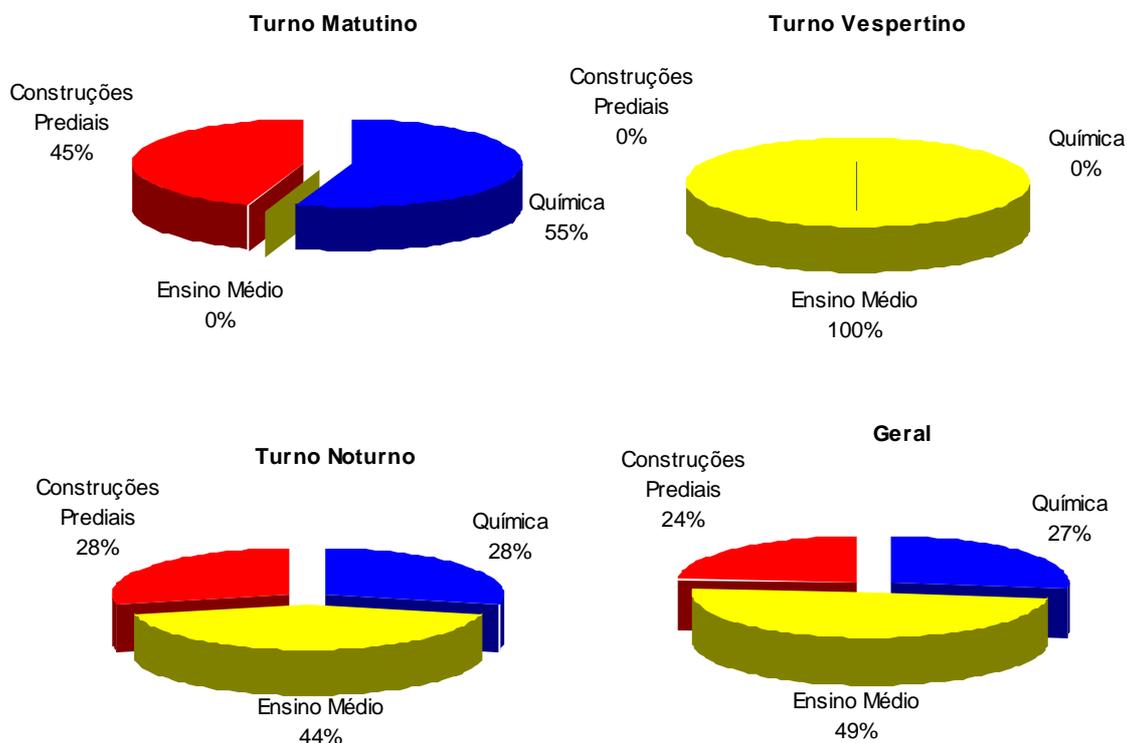
Para melhor caracterizar os jovens pesquisados neste trabalho e que responderam ao questionário, temos as Figuras 3 e 4 que possibilitam visualizar a amostra selecionada.



**Figura 3. Relação dos alunos investigados/curso e sexo**

A Figura 4 representa a relação de alunos investigados nos cursos selecionados em seus turnos, ou seja o universo amostracional selecionado. Os cursos técnicos funcionam no período matutino e noturno e o Ensino Médio nos três turnos.

Verifica-se que há um equilíbrio de alunos em relação ao sexo estudando no CEFET-MT, com uma pequena predominância do sexo masculino 53,2% em relação ao sexo feminino, 46,8%. Consolida-se a percepção da sociedade de que os cursos técnicos são considerados masculinos, como o curso de Construções Prediais, onde há um número maior de jovens do sexo masculino do que do feminino, como mostra a Figura 3. Porém essa diferença não é tão acentuada, o que valida o indicativo social de que as jovens estão buscando espaços na Educação Profissional; no Curso de Química, por exemplo, a procura maior é feita pelo sexo feminino. No entanto, no Ensino Médio, os alunos do sexo masculino suplantam em 18,3 % os do sexo feminino.



**Figura 4. Relação dos alunos investigados nos cursos selecionados em seus turnos**

Podemos constatar pela Tabela 4 que os alunos do sexo feminino entre 14 e 19 anos são em número maior no Curso de Construções Prediais. Para este estudo compreendemos como jovens aqueles situados dentro da faixa etária de 14 a 29 anos. Considerando os critérios estabelecidos pela ONU/OIT, 96,1% dos alunos pesquisados são jovens. Não descartamos os três alunos com 14 anos por se encontrarem na adolescência, assim como os 8 alunos com idade superior a 29 anos: um aluno para as idades de 30, 32, 34, 37, 41 e 45 anos, e dois com 37 anos. Isso justifica a diversidade e a culturalidade, influenciando na convivência destes adultos com jovens, o que é percebido na prática com os alunos do curso de Química nas disciplinas que atuamos. Contatamos extra-oficialmente outros profissionais dos outros cursos selecionados para a pesquisa e indagamos sobre o fato

da idade afetar as relações e obtivemos as mesmas informações quanto à convivência com jovens por aqueles de mais de 29 anos.

A maior concentração de faixa etária se dá entre 14 e 24 anos com 90,2%, sendo que dos 14 aos 21 anos tem-se 85,4%. Sanches & Morgado (2004), levantando o perfil dos jovens do CEFET-MT nos anos de 1998 e 2002, encontraram para a faixa etária de 14 a 21 anos os seguintes valores: em 1998 eram 87,5% e em 2002, 71,67%. Comparando esses dados com os resultados atuais podemos dizer que a Instituição volta a ser procurada por uma faixa etária mais nova. O que significa dizer que os jovens estão novamente a preocupar-se com o seu futuro, querendo estudar, ter mais conhecimento e conseguir um trabalho.

No estudo anterior de Sanches & Morgado (2004), mais da metade da clientela estudantil pesquisada era composta por mulheres, 51% dos estudantes trabalhavam e destes 34% ajudavam na renda familiar.

Estudos têm alongado os limites superiores da juventude para 29 anos, talvez como uma moratória (dilatação de prazo concedida pelo credor) social, os jovens, ao concluírem a escolaridade, não conseguindo se inserir no mercado de trabalho, têm mais tempo para se adequar aos novos tempos. Como discutido e apresentado por Pais (1996, 2001), dentre outros, isso depende de critérios sociais, econômicos e culturais que são bastante elásticos, versáteis e, como no caso do trabalho, depende da idade em que se busca pela autonomia financeira ou pela constituição da família. Para a maioria dos jovens brasileiros, este não é o caso, pois eles começam a trabalhar mais cedo

Tabela 4. Relação do curso e idade/sexo

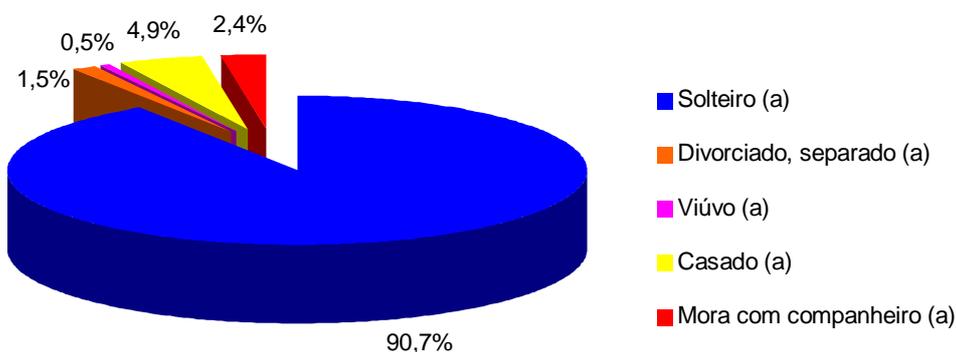
Curso	Idade Categorizada	Sexo				Total	
		Masculino		Feminino		N	%
		N	%	N	%		
Química	14 a 19	9	16,4	17	30,9	26	47,3
	20 a 24	8	14,5	11	20,0	19	34,5
	25 a 29	1	1,8	6	10,9	7	12,7
	30 ou mais	2	3,6	1	1,8	3	5,5
	Total	20	36,4	35	63,6	55	100
Ensino Médio	14 a 19	57	56,4	36	35,6	93	92,1
	20 a 24	3	3,0	-	-	3	3,0
	25 a 29	-	-	2	2,0	2	2,0
	30 ou mais	1	1,0	2	2,0	3	3,0
	Total	61	60,4	40	39,6	101	100,0
Construções Prediais	14 a 19	13	26,5	16	32,7	29	59,2
	20 a 24	12	24,5	3	6,1	15	30,6
	25 a 29	3	6,1	-	-	3	6,1
	30 ou mais	1	2,0	1	2,0	2	4,1
	Total	29	59,2	20	40,8	49	100

Desenhando o perfil dos jovens pesquisados, indagamos sobre o estado civil. Pela Figura 5, a seguir, podemos verificar que 90,7% dos respondentes disseram ser solteiros. Relacionando esse fato com a faixa etária predominante, conforme indica a Tabela 5, onde temos o cruzamento das variáveis idade, curso e estado civil, observamos que 72,4% são jovens com idade entre 14 e 19 anos e 90,2% estão na faixa de 14 a 25 anos. Apenas 4,9% dos jovens investigados afirmam serem casados como também 2,4% dizem morar com companheiro ou companheira. A relação estado civil e curso evidenciam que 83,63% dos alunos do Curso de Química, 93,06% do Ensino Médio e 93,87% dos alunos do Curso de Construções Prediais são solteiros. Dados estes possivelmente justificados pela prevalência de idade entre 14 e 25 anos. Para Martins (2000), no caso da realidade brasileira, jovens trabalhadores, devido às dificuldades de estabilidade de emprego e segurança necessários na constituição de uma família, prolongam a sua juventude. E então serão considerados jovens adultos na medida em que muito cedo entram no mercado de trabalho sem preparação para tal, mas sem constituir família.

Venturini (2004) evidencia que nossos jovens brasileiros não pensam em sair da casa paterna tão cedo, o que é confirmado pela Tabela 10 desta pesquisa. A grande maioria

(75,2%) diz morar com os pais. Para Pais (2001), esse resultado é justificável pois os jovens de hoje vivem em um autêntico movimento vai-vem: abandonam os estudos e retornam, encontram emprego e logo estão desempregados, casam-se mas não é certo que seja para toda vida. O autor continua dizendo que é porque “vivem em estruturas sociais crescentemente labirínticas que os jovens contemporâneos se envolvem em trajetórias ioiôs” (PAIS, 2001, p. 68).

A geração ioiô, pela sua natureza, é uma geração em que o “tempo flexa” se cruza com o tempo cíclico, tempo de eterno retorno. Os jovens dessa geração tão rapidamente abandonam a escola, adquirem emprego e se casam – deixando de ser jovens e passando a ser adultos – quando, com a mesma rapidez, caem de novo no desemprego, voltam à condição de estudante e se divorciam, redescobrimo a juventude (PAIS, 2001, p. 73).



**Figura 5. Estado civil dos alunos investigados**

Podemos observar, na figura acima, que 0,5 % dos jovens são viúvos e 1,5% divorciados ou separados. Pôde ser constatada pelos dados a existência de um aluno viúvo cursando o Ensino Médio com idade de 21 anos, porém não é um caso comum.

Tabela 5. Estado civil e idade dos alunos investigados em relação ao curso

Estado Civil	Idade Categorizada	Curso						Total	
		Química		Ensino Médio		Construções Prediais			
		N	%	N	%	N	%	N	%
<b>Solteiro (a)</b>	14 a 19	26	14,0	89	47,8	29	15,6	144	77,4
	20 a 24	17	9,1	2	1,1	15	8,1	34	18,3
	25 a 29	3	1,6	1	0,5	1	0,5	5	2,7
	30 ou mais	-	-	2	1,1	1	0,5	3	1,6
	Total	46	24,9	94	50,5	46	24,7	186	100,0
<b>Casado (a)</b>	14 a 19	-	-	3	30,0	-	-	3	30,0
	20 a 24	-	-	-	-	-	-	-	-
	25 a 29	3	30,0	-	-	-	-	3	30,0
	30 ou mais	2	20,0	1	10,0	1	10,0	4	40,0
	Total	5	50,0	4	40,0	1	10,0	10	100,0
<b>Mora com companheiro (a)</b>	14 a 19	-	-	-	-	-	-	-	-
	20 a 24	1	20,0	-	-	-	-	1	20,0
	25 a 29	-	-	1	20,0	2	40,0	3	60,0
	30 ou mais	1	20,0	-	-	-	-	1	20,0
	Total	2	40,0	1	20,0	2	40,0	5	100,0
<b>Divorciado, separado (a)</b>	14 a 19	-	-	1	33,3	-	-	1	33,0
	20 a 24	1	33,0	-	-	-	-	1	33,0
	25 a 29	1	33,0	-	-	-	-	1	33,0
	30 ou mais	-	-	-	-	-	-	-	-
	Total	2	66,7	1	33,3	-	-	3	100,0
<b>Viúvo (a)</b>	14 a 19	-	-	-	-	-	-	-	-
	20 a 24	-	-	1	100,0	-	-	1	100,0
	25 a 29	-	-	-	-	-	-	-	-
	30 ou mais	-	-	-	-	-	-	-	-
	Total	-	-	1	100,0	-	-	1	100,0

O trabalho e a profissão são preocupações de modo geral dos jovens da contemporaneidade, universo mais amplo desta pesquisa. Procurar compreender as possíveis relações quanto ao engajamento dos mesmos nas atividades laborais, ou seja, se trabalham, ajudam na renda familiar e outras relações já que estudam numa escola técnica, foi uma das nossas preocupações. Verificamos pela Tabela 6, que 44,45% dos jovens pesquisados nos três cursos afirmam apenas estudar. No entanto, 36,1% dos estudantes têm trabalho fixo e 13,7% dizem fazer bicos, perfazendo um total de 49,8% de jovens que desenvolvem atividades laborais nos três cursos pesquisados. Desse modo o número de alunos que dizem trabalhar é superior ao de alunos que dizem apenas estudar, o que parece indicar a preocupação com a sobrevivência ou situação econômica.

**Tabela 6. Relação das questões de trabalho dos alunos investigados/curso**

Você trabalha?	Curso						Total	
	Química		Ensino Médio		Construções Prediais			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim, trabalho fixo	22	10,7	35	17,1	17	8,3	74	36,1
Sim, faço bicos	4	2,0	18	8,8	6	2,9	28	13,7
Não, só estudo	23	11,2	45	22,0	23	11,2	91	44,4
Não, estou desempregado	6	2,9	3	1,5	3	1,5	12	5,9
Total	55	26,8	101	49,3	49	23,9	205	100,0

Garcia (2002) reforça a discussão dizendo que cada vez mais as trajetórias ocupacionais dos jovens são descontínuas, fragmentadas, intercalando períodos de trabalho com períodos de procura de trabalho, seguido de uma nova inserção, algumas vezes em ocupações melhores, mais bem remuneradas, ou mais reconhecida socialmente; outras vezes, aceitando trabalhar por menor salário ou em ocupações estigmatizadas. Complementa o assunto o significativo texto de Pais:

É porque vivem em estruturas sociais crescentemente labirínticas que os jovens contemporâneos se envolvem em trajetórias yô-yô. [...]. Perante estruturas sociais cada vez mais fluidas e modeladas em função dos indivíduos e seus desejos os jovens sentem sua vida marcada por constantes inconstâncias, flutuações, descontinuidades, reversibilidades, movimentos autênticos de vaivém: saem de casa dos pais, para um qualquer dia voltarem; abandonam os estudos, para os retomarem tempos passados; encontram um emprego, e em qualquer momento se vêm sem ele; as suas paixões são como “vôos de borboleta”, sem pouso certo; se casam não é certo que é para toda a vida... São esses movimentos oscilatórios e reversíveis que o recurso à metáfora do yô-yô ajuda a expressar (PAIS, 2001, p.68-69).

Ao referir-se aos jovens participantes de sua pesquisa em tese de doutorado, Garcia (2002) alega que os jovens informantes da mesma estão inseridos no mundo do trabalho em ocupações não valorizadas socialmente, embora enquadrem-se nas ocupações “dignas”, porém mal remuneradas. Alguns são contratados por prazo determinado, vários estão sem registro em carteira, estando precariamente incluídos no mercado de trabalho, principalmente pela vulnerabilidade de sua situação e pela ameaça constante do desemprego.

Segundo a Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílio (PNAD) de 2002, dos 17,2 milhões de jovens ocupados, 10,5 milhões tinham entre 20 e 24 anos e apenas seis

milhões estavam em empregos formais. Brenner, Lanes & Carrano (2005) salientam que entre os jovens desocupados, em 2001, aproximadamente 50% deles estavam à procura do primeiro emprego. Em relação à faixa etária do desemprego em 2001, os jovens representam 62,2% no montante global dos que perderam o emprego assalariado.

Encontramos, entre os alunos pesquisados, jovens que, apesar de fazerem curso técnico, para sobreviverem aceitam o trabalho que aparece e entre eles sobressai o de bolsista na Instituição CEFET-MT ou em outras instituições conveniadas, como é o caso da UFMT. Mas nesse caso sentem-se gratificados pois além da bolsa e vale transporte têm a possibilidade de permanecer no próprio local em que estudam. Até no meio escolar as incoerências acontecem, encontramos alunos do curso de Química bolsista da portaria da escola, aluno de Construções Prediais como telefonista do Campus Bela Vista e aluno do Ensino Médio bolsista no curso de Química.

A importância do trabalho para os jovens é significativa e sempre apontada em pesquisas. Matheus (2002), em pesquisa realizada em bairros de São Paulo, verifica que ante a falta de perspectiva, os jovens entrevistados resgatam elementos que se apresentam como referenciais para suas expectativas e ideais. A *família* e o *trabalho* representam a possibilidade de pequenas mudanças. O trabalho é, para a maioria dos jovens pesquisados por ele, a senha para o reconhecimento e inserção social, trabalho que legitime sua entrada e lhe ofereça alguma realização.

Os dados desta pesquisa evidenciam que a metade dos jovens pesquisados afirma trabalhar em empregos fixos ou fazendo bico. Assim indagamos dos mesmos: *como é ter de estudar e trabalhar concomitantemente?* alguns respondentes que dizem trabalhar, inclusive com bicos, disseram encarar isso com facilidade. Vejamos algumas falas:

*Trabalho para ajudar em casa. E não vejo nada demais nisso* (masc, 19 anos).

*Não é a melhor coisa do mundo, mas me faz ter um rendimento melhor nos estudos, pois eu me organizo (masc, 20anos).*

Porém a maioria dos que trabalham tem dificuldade e o faz por necessidade, como se verifica:

*Estudar e trabalhar é complicado pois eu estava parado há muito tempo. Agora estou aqui por causa do convênio com a UNIVAG e não dá tempo prá nada (masc, 24anos).*

*Trabalho e estudo e não é fácil, peço a Deus todos os dias todos os momentos da minha vida para ter força, para mim chegar no meu objetivo que é vencer. Mas ha 3 anos atrás o meu marido trabalhava de carteira assinada, depois por ironia do destino ele perdeu o seu trabalho, e eu procurei uma saída loucamente e encontrei a saída no trabalho e sou feliz por isso (fem, 28 anos).*

*Estudar e trabalhar é super difícil. Às vezes chego a faltar até uma semana na aula mas eu preciso dos dois e tenho que conviver com essa triste realidade do Brasil, na verdade eu preciso de alguém que banque meus estudos (masc, 24 anos).*

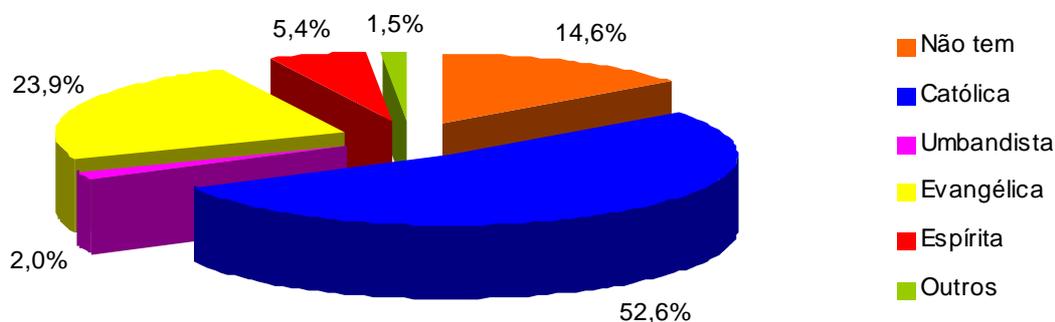
Minayo (2003) alega que, enquanto há nos educadores uma idéia vaga, abstrata, de que a escola deve formar cidadãos, mesmo que na prática não tratem desse assunto, os alunos estão mais preocupados com o seu futuro, com um lugar no mercado de trabalho, como bem está representado na Tabela 7 (p. 132) quando se discutem as questões relacionadas ao futuro. Talvez isso se explique pelo fato de os jovens de 15 a 24 anos representarem aproximadamente 25% da população economicamente ativa do País e serem fortemente atingidos pelo desemprego. A idéia é reforçada pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2001 ao apontar que cerca de 3,7 milhões de jovens brasileiros (as) entre 15 e 24 anos estão desempregados.

Por outro lado, esta pesquisa verificou, por meio dos dados obtidos em relação à escola, que os jovens do CEFET-MT preocupam-se realmente em saber das condições de ensino, ensino eficaz, pois vêem-na como condição para pois a inserção no mercado de trabalho ou na universidade, já que seguir os estudos é uma preocupação constante.

Com a intenção de conhecer mais o jovem estudante do CEFET-MT, indagamos a respeito da opção religiosa e 85,4 % dos estudantes pesquisados responderam comungar de alguma religião: 52,6% afirmaram que são católicos e 23,9% que são evangélicos. Apenas 14,6% dos estudantes pesquisados responderam não ter religião, conforme podemos verificar na Figura 6.

Pagan (2004) encontra resultados semelhantes. Ao se buscar a especificação da religião na qual estão vinculados, a maior parcela assinalou Católica, em segundo a variável Evangélica.

É na adolescência que os jovens começam a refletir sobre suas crenças e fé, que em geral eram definidas e controladas pelos pais, conforme diz Zagury em (2000). É nessa fase que decidem se vão ou não acompanhar a crença de seus pais ou adultos que os cercam. Até que ponto ela é semelhante ou diferente daquela dos adultos que os cercam? A pesquisa também aponta que a maioria dos jovens acredita em Deus, conforme mostra a Figura 6.



**Figura 6. Religião dos alunos investigados**

Segundo Garcia (2002), de modo geral, o lazer dos jovens está ligado à culturalidade que têm, sendo que os tipos de lazer, o uso do tempo livre, suas escolhas parecem ser indicadores importantes do modo de ser jovem. Desse modo, suas opções ora vêm do grupo de amigos, ora da família, escola, ou igreja, ou seja, das instituições socializadoras mais tradicionais. Concorrendo com todas as influências citadas, entretanto, há a influência dos meios de comunicação de massa, especialmente a da televisão. Madeira (1998), nesse sentido, alega que

Não há exagero em dizer que a TV brasileira promove uma intensa e crescente reelaboração simbólica na direção de uma conscientização ou, pelo menos discussão de seus valores.[...] a publicidade por sua vez sensível a essa onda acaba por reforçá-los... a indústria cultural, com amplo destaque para a televisão, atuou como a grande geradora de aspiração para o consumo geral, e em especial, para o consumo juvenil (MADEIRA, 1998, p. 110- 111).

Com respeito ao lazer, ao serem inquiridos sobre *o que você costuma fazer nas horas livres para se divertir?*, os jovens destacaram apreciar sair com amigos, assistir televisão, namorar, ler livros, entre outras. Conforme mostra a Figura 7, 48% dos jovens pesquisados dizem apreciar sair com amigos o que sugere a importância que os mesmos dão

ao grupo de iguais. 38% dizem usar seu tempo livre para assistir televisão, 36% dizem namorar e 35% dizem optar por ler livros, o que sinaliza que para alguns deles a informação, o querer saber, é importante.

Pelos fragmentos de fala abaixo, podemos perceber que amigos, igreja e TV são constantes em seus depoimentos:

*Vou para a igreja, ouço música, converso com a minha mãe e às vezes com minha amigas (fem, 18 anos).*

*Reuno-me com colegas e assisto um bom filme para aliviar a mente (masc,18 anos).*

*Vou a festas, saio com amigos, cinema, ou fico em casa vendo televisão (masc 19 anos).*

*Leio, navego na internet, assisto TV, vou ao cinema, saio com amigos etc (fem, 18 anos).*

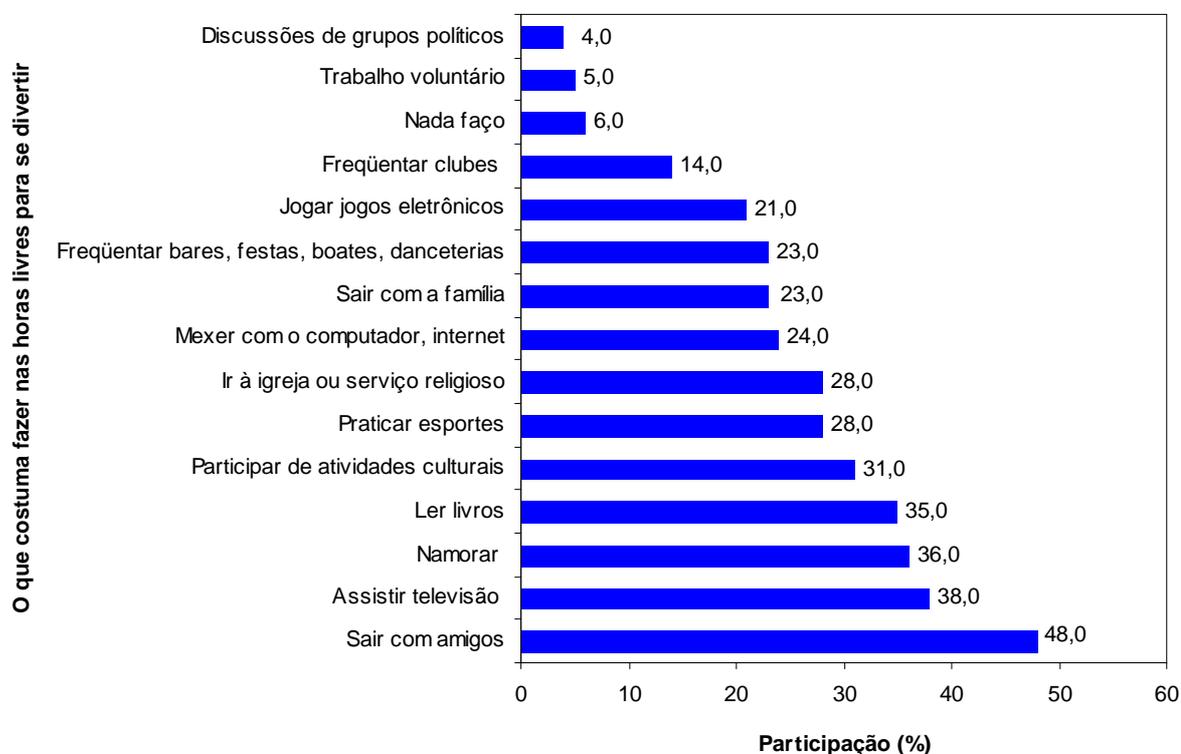


Figura 7. Questão: o que costuma fazer nas horas livres para se divertir?

Na atualidade a maioria da população brasileira tem a mídia eletrônica como principal fonte de informações e a televisão é o seu veículo. Segundo pesquisas realizadas pelo IBGE (2000), o percentual de domicílios que possuíam aparelhos de TV em 1998 era de 87,4%. Segundo os dados desta pesquisa, 95,1% dos jovens investigados afirmam ter TV a cores em suas residências. Como vimos acima, 38% dos respondentes vêem televisão enquanto forma de lazer. Nesse sentido, Ianni (1997), discutindo a mídia e globalização, afirma que criou-se

[...] uma ilusão de que o mundo é imediato, presente, miniaturizado, sem geografia nem história. [...] O mundo se povoa de imagens, mensagens, colagens, montagens, bricolagens, simulacros e virtualidades. Representam e elidem a realidade, vivência, experiência. Povoam o imaginário de todo mundo. Elidem o real e simulam a experiência, conferindo ao imaginário a categoria da experiência. As imagens substituem as palavras, ao mesmo tempo em que as palavras revelam-se principalmente como imagens, signos plásticos de virtualidades e simulacros produzidos pela eletrônica e pela informática (IANNI, 1997 p. 32-3).

Chama a atenção, todavia, o fato de apenas 4% dos jovens se interessarem por discussões de grupos políticos e somente 5% ocuparem seu tempo com trabalho voluntário. Esses percentuais, em princípio, parecem mostrar seu não engajamento em questões sociais atuais.

Tais dados estão de acordo com pesquisas nacionais, como indicado na Figura 8 abaixo. Política e Sociedade são temas que interessam pouco aos jovens brasileiros investigados. Os jovens respondentes da pesquisa apontam educação / carreira como temas que mais despertam o interesse (59%). Sair com amigos é um dos mais destacados e, em último lugar, política e sociedade, o interesse declarado de apenas 10% do total.

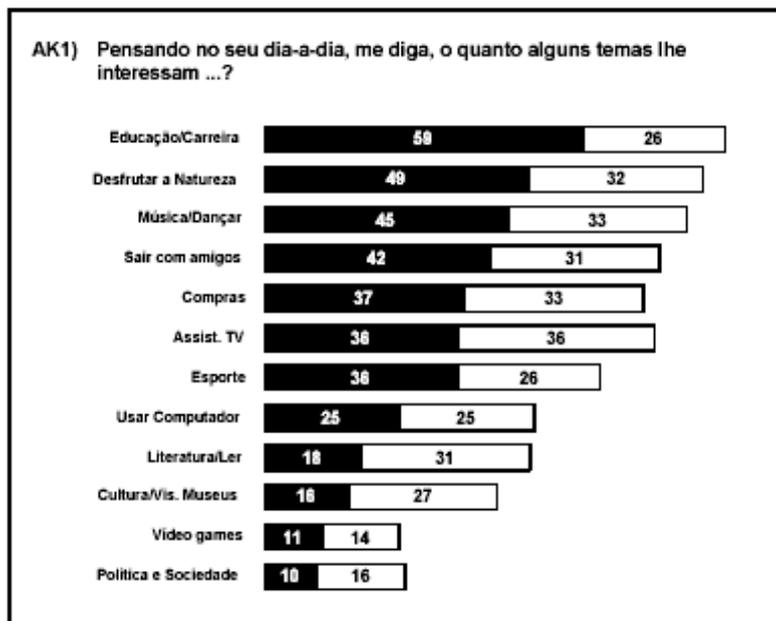


Figura 8. Pensando no seu dia a dia, me diga o quanto alguns temas lhe interessam?

Fonte: Indicator - Akatu ([www.akatu.com.br](http://www.akatu.com.br))

A respeito de política e políticos, em uma das questões abertas do questionário, um jovem de 26 anos do Curso de Química diz que *no Brasil, tudo acaba em pizza ou samba*. Outro fragmento de fala complementa:

*A política está braba, olha ai, os bons entram lá em cima e os corruptos já estão esperando por eles. Ai, o que eles tentam fazer de bom os outros nunca deixam. Tinham que melhorar primeiro a saúde e a educação e depois a política, prá dar certo* (fem, 18 anos).

Essa questão do senso comum em qualificar os políticos de maneira geral é entendida por Lesould: “o discurso social moderno não propõe mais aos jovens novas figuras identificatórias na política. Todos corruptos” parece ser um dos discursos mais banais no que diz respeito àqueles que exercem essa profissão, pelo menos nos discursos conscientes de muitos adultos” (2004, p. 91). O descrédito, e a desesperança refletem-se na fala:

*Eu não acho nada da política, nem quero saber* (fem, 17 anos).

O que pudemos observar, quanto à participação política, ou como vêm a política e os políticos sem distinção partidária, é que há uma certa homogeneidade nas reações dos jovens pesquisados às questões referentes ao tema, uma certa perda de credibilidade na política e nos políticos. Dessa maneira, como no CEFET-MT temos um Diretório Acadêmico e Grêmios estudantil (desde o início de 1980) e de onde saíram vários políticos da geração atual do Estado de Mato Grosso, perguntamos aos jovens investigados se participavam do mesmo. Apenas 7 alunos dos 205 respondentes da pesquisa disseram participar ou seja: 3,4 %. 6 alunos são do Ensino Médio e 1 aluno do Curso de Construções Prediais.(Anexo D).

Na pesquisa Perfil da Juventude (1999) os dados encontrados para participação em centros acadêmicos, grêmios ou união de estudantes são relativamente maiores chegando a 19%. Os grupos religiosos são os que apresentaram as melhores taxas de participação da juventude urbana quando se tem 19% de jovens fazendo parte dos mesmos e 28% que já fizeram.

Ainda ligando o assunto política/políticos e jovens percebe-se que os mesmos manifestam desinteresse e ao mesmo tempo uma certa criticidade ao relacionarem a atuação da classe política a fatos atuais, relativos à educação e às drogas, como mostrado pelo excerto a seguir:

*No caso das drogas, não se trata somente de prender ou matar traficante das favelas, dos bairros pobres, mas sim dar Educação, Segurança, trabalho e lazer para a população para que esses não recorram ao uso de drogas ou a venda dessas substâncias, minimizando o uso de drogas entre as pessoas. Se os políticos fossem sérios e estivessem atentos seria assim, acabar não dá, é inevitável, continuando a política como tá, é pra acrescentar na lista das drogas, o capitalismo selvagem, hipocrisia e a corrupção (masc, 20 anos).*

Quando indagados sobre o *que costuma fazer para se divertir*, (Figura 7), 6% desses jovens afirmam não fazer nada. O número pequeno parece indicar que o jovem por natureza não gosta de ficar à toa, alheio à vida em que está inserido. Essa pequena parcela de

jovens tem de ser realmente motivada, para crescer individual e socialmente, política e intelectualmente inserido-se de fato na sociedade de que será parte atuante.

Na tentativa de conhecê-los e compreender suas visões de mundo, apresentamos questões sobre o que os preocupam. Perguntamos: *no futuro o mais importante é* e os dados apontaram, representados na Tabela 7, que quase metade dos jovens entrevistados (49,3 %) preocupa-se em ter uma profissão. Isso é interessante e demonstra a preocupação dos jovens pelo mercado de trabalho e a visão de que a profissão é a pedra angular de toda sua vida futura. Em segundo lugar, aparece a opção ter dinheiro com 14,6% das respostas.

**Tabela 7. Questão: no futuro o mais importante é**

<b>No futuro o mais importante é</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Ter dinheiro	30	14,6
Ter uma boa profissão	101	49,3
Ser importante, famoso	1	0,5
Ser respeitado	24	11,7
Viajar, conhecer lugares	10	4,9
Formar uma família	23	11,2
Ter uma vida de aventura, de emoção	5	2,4
Poder ajudar a sua comunidade	11	5,4
Total	205	100,0

Na Tabela 8, a seguir, cruzamos a questão *no futuro o mais importante para você* e o *curso*, e verificamos que para os alunos do Ensino Médio, a segunda opção mais importante, com 21,78% de jovens, é ter dinheiro. Diferentemente, são outras as indicações para os estudantes do Curso de Química (ser respeitado, poder ajudar a comunidade, formar família) e Construções Prediais (ser respeitado, ter dinheiro, formar família) apesar de estarem na mesma faixa etária.

Verifica-se maior valoração de trabalhos comunitários por parte dos alunos do Curso de Química com, 12,7%, enquanto para os demais alunos os percentuais são bem menores, o Ensino Médio apresentou 1,98% e Construções Prediais 4,08% de interessados na questão.

**Tabela 8. Questão: no futuro o mais importante é/curso**

No futuro o mais importante é	Curso						Total	
	Química		Ensino Médio		Construções Prediais			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Ter dinheiro	3	5,5	22	21,8	5	10,2	30	14,6
Ter uma boa profissão	28	50,9	46	45,5	27	55,1	101	49,3
Ser importante, famoso	-	-	1	1,0	-	-	1	0,5
Ser respeitado	7	12,7	9	8,9	8	16,3	24	11,7
Viajar, conhecer lugares	3	5,5	4	4,0	3	6,1	10	4,9
Formar uma família	6	10,9	13	12,9	4	8,2	23	11,2
Ter uma vida de aventura, de emoção	1	1,8	4	4,0	-	-	5	2,4
Poder ajudar a sua comunidade	7	12,7	2	2,0	2	4,1	11	5,4
Total	55	100,0	101	100,0	49	100,0	205	100,0

Ainda com relação ao que *é mais importante no futuro* verificamos que, para ambos os sexos, a primeira preocupação é realmente ter uma boa profissão e, em segundo lugar, ter dinheiro. Fazendo um cruzamento de dados (Anexo E), pode-se observar que as mulheres também querem primeiramente uma boa profissão e em segundo lugar formar família.

Segundo Nascimento (2002), trabalho, estudo e família são formas de inclusão social:

Um dos requisitos para a inserção na sociedade contemporânea ainda continua a ser o trabalho. O segundo é a educação, sobretudo o estudo. Este é para a maioria dos jovens um dos possíveis caminhos para garantir o desenvolvimento de habilidades para o ingresso no mundo social. Portanto estudo e trabalho são fortes aliados na construção de projetos de vida. Uma terceira categoria que compõe a tríade do modelo de vida social é a pertença ou constituição de uma família (NASCIMENTO, 2002, p. 6).

Na realização das entrevistas pudemos constatar que os jovens investigados não apenas pensam no futuro, preocupam-se com questões que mais os afligem, inclusive sociais. As preocupações em ter uma profissão, condições financeiras e Educação podem ser evidenciadas também quando indagamos *o que mais o preocupa em relação ao futuro*: na profissão temos

*Eu acho que a gente tem que se preocupar mesmo com o futuro. Olha só, eu moro na Várzea Grande e estudo aqui no Bela Vista. Eu trabalho e estudo.*

*Com um país para todos, sem preconceito, onde todos possam ter oportunidades de trabalho e de estudo (masc, 19 anos).*

*O alcance do meu sucesso profissional e dos meus objetivos (fem, 20 anos).*

*O desemprego que aumenta cada vez mais, isso é minha preocupação (masc, 21 anos).*

*Ter uma vida financeira estabilizada e bem sucedida, e ter uma família (masc, 24 anos).*

Melhores condições de vida e questões sociais é o que mostram as falas:

*Eu sou jovem, e ainda tenho muito tempo prá me preocupar com o futuro, mas sei que tenho que passar no vestibular, sem estudo não dá. Meu pai é funcionário público e minha mãe é professora de escola particular (masc, 16 anos).*

*Eu tenho que me preocupar porque só agora estou terminando o curso técnico. Vagabundeei, usei uma ervinha e agora criei juízo. Tenho que melhorar de vida (masc, 24 anos).*

*A violência que aumenta, preocupo com o futuro do meu filho (masc, 24 anos)*

*Que as pessoas não estão buscando a Deus, estão buscando coisas do seu interesse (masc, 22 anos).*

*Tipos de doenças, drogas, educação, guerra (masc, 28 anos).*

Relacionando o que evidenciaram sobre o futuro e suas preocupações, surge em alto grau a questão da violência, que não é apenas dos jovens pesquisados. Como diz Milani (2002), a violência é um tema que assusta a todos na contemporaneidade, seja pela divulgação de fatos do cotidiano ou dados estatísticos seja por uma sensação difusa de insegurança e desconfiança que se propaga. Argumenta que o fenômeno da violência, em sua complexidade e multicausalidade, vem envolvendo também a juventude, quer na condição de vítimas quer na de transgressores, terminando por sofrer alguma forma das conseqüências da violência contemporânea.

Um outro aspecto observado diz respeito aos meios de comunicação. Em geral, as idéias de tragédia e problemas são reforçadas pela mídia que muitas vezes relaciona violência e uso de drogas, assustando a todos. Isso se confirma em nossa pesquisa, quando os entrevistados dizem não querer conviver em sala de aula com membros de gangue, mas

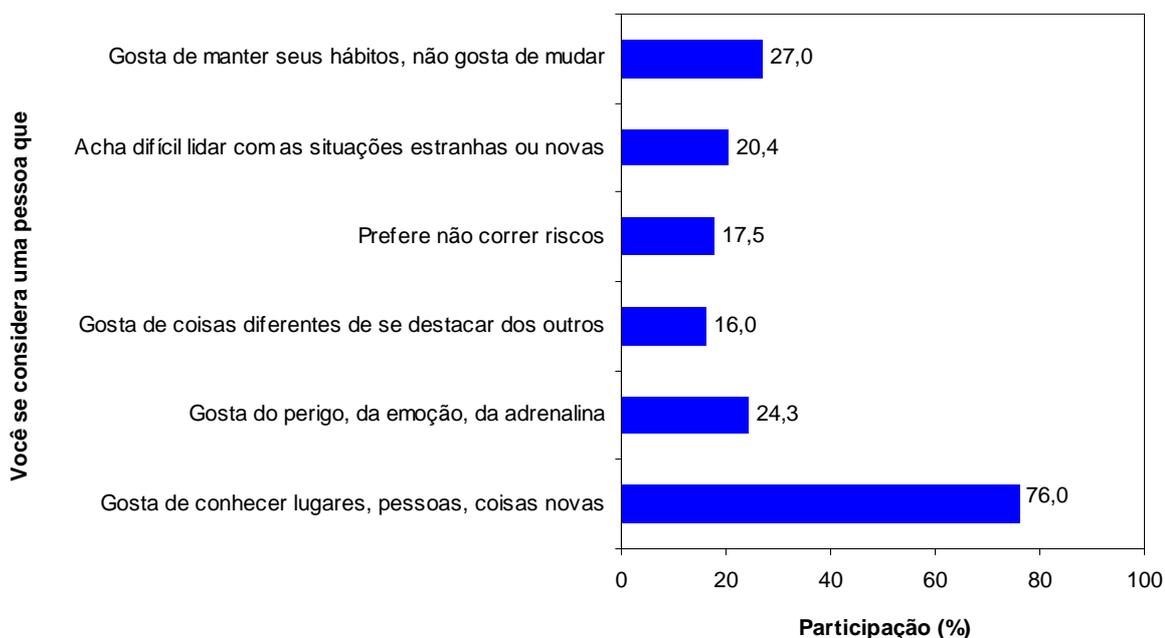
também não querem fanáticos religiosos, viciados em drogas e pessoas que bebem demais. A Fundação Perseu Abramo (1999) realizou pesquisa, em 9 regiões metropolitanas do Brasil com jovens de 15 a 24 anos e os resultados indicam que o principal medo dos jovens é a violência (54%), seguida pelo desemprego (49%) e pelas drogas (25%). A mesma pesquisa evidencia que entre os temas que mais os interessam são o emprego, principalmente a falta dele, seguido de educação, cultura e lazer e em quarto lugar a família. (Perfil da Juventude Brasileira, 1999).

Ainda sobre a violência, Carrano e Dayrell (2002) consideram relevante a questão da mortalidade juvenil, alegando que no Brasil 26 mil crianças e jovens entre 10 e 19 anos perdem a vida por causas múltiplas, tais como acidentes, suicídio, doenças relacionadas com gravidez e outros fatores mórbidos. Para eles, 70% das mortes de jovens estão relacionados a homicídios, acidentes de trânsito e suicídio. Segundo Waiselfisz (2002), o Brasil ocupa o terceiro lugar no mundo no que se refere a assassinato de jovens de 15 a 24 anos. Por outro lado, Morgado & Motta (2003), a respeito da violência, drogas e imprensa, dizem que

[...] presentemente mais do que presa da toxicomania, mais do que compelida à transgressão pela dependência química, fundamentalmente a juventude da classe média tem sido apresentada como um problema social, pois não há necessidade ou causa aparente para explicar, por exemplo, a freqüentemente noticiada participação de jovens da classe média em crimes contra o patrimônio ou [...] crimes contra a vida dos próprios parentes (MORGADO & MOTTA, 2003, p. 121).

Na tentativa de perceber qual a visão do jovem sobre si mesmo, indagamos *como eles se consideram* enquanto pessoas frente a diversas situações. Os dados apontam para os seguintes resultados: 76% dos respondentes afirmam que se consideram pessoas que gostam de conhecer lugares, pessoas e coisas novas; outros 27% afirmam gostar do perigo, da emoção, da adrenalina; para 24,3%, a opção foi que gostar de fazer coisas diferentes, de se destacar dos outros; 20,4 % dizem preferir não correr riscos; 17,5 % acham difícil lidar com

as situações estranhas ou situações novas; e 16 % dizem gostar de manter seus hábitos, não gostam de mudar, conforme podemos observar pela Figura 9.



**Figura 9. Questão:  *você se considera uma pessoa que***

Quando cruzamos as informações com a questão de gênero, verificamos como indica a Tabela 9 *Você se considera uma pessoa que/sexo*, que houve diferenças entre as respostas conforme o gênero. Segundo verificamos, 52,0% das jovens dizem gostar de fazer coisas diferentes, de se destacar dos outros, 51,9% alegam que gostam de conhecer lugares, pessoas; em terceiro lugar 48,2% sinalizam gostar do perigo, da adrenalina; em última opção, 27,1%, dizem gostar de manter seus hábitos, e não gostar de mudar. Em contraste, entre os rapazes, podemos observar que 72,7% afirmam gostar primeiramente de manter seus hábitos, não gostam de mudar, 71,4% dos rapazes dizem preferirem não correr risco; 63,9% acham difícil lidar com as situações estranhas ou situações novas. 48% dos jovens responderam gostar de fazer coisas diferentes, de se destacar dos outros. Constatamos que as mulheres

declaram-se mais dispostas a mudanças, gostando do novo, do diferente, enquanto os homens, pelos dados levantados, se mostraram bastante mais conservadores.

**Tabela 9. Questão:  *você se considera uma pessoa que/sexo***

Você se considera uma pessoa que	Sexo	
	Masculino	Feminino
Gosta de conhecer lugares, pessoas, coisas novas	48,1%	51,9%
Gosta de fazer coisas diferentes, de se destacar dos outros	48,0%	52,0%
Gosta de manter seus hábitos, não gosta de mudar	72,7%	27,1%
Acha difícil lidar com as situações estranhas ou situações novas	63,9%	36,1%
Prefere não correr riscos	71,4%	28,6%
Gosta do perigo, da emoção, da adrenalina	51,1%	48,2%

Nesse ponto, sentimos necessidade de saber o que eles, os informantes desta pesquisa entendiam, por isso perguntamos: *o que é ser jovem para você* e pelas falas nas entrevistas pudemos observar:

*É saber administrar as dificuldades sem perder o espírito de uma criança (masc, 23 anos).*

*É trabalhar para garantir um futuro bom e se divertir com responsabilidade (masc, 20 anos).*

*É viver o presente intensamente e sonhar com o lindo e promissor futuro, jovem não gosta de pressão e sim de liberdade (masc, 17 anos).*

*É ser uma pessoa que se preocupa em aprender mais e mais para que no futuro o nosso país seja melhor que os dias atuais (masc, 19 anos).*

*É saber viver o hoje, o agora (fem, 20 anos).*

*Ser um pouco despreocupado com algumas coisas que atormentam o cotidiano; ser um tanto desleixado e ao mesmo tempo vaidoso; e ser ousado em certas decisões (masc, 18 anos).*

*É como ser criança, e como ser adulto, muito bom e complicado (masc, 19 anos).*

*É viver em santidade, ter um carisma com as pessoas e sempre estar ativo para o que vier (masc, 22 anos).*

*É curtir a vida, respeitando limites (fem, 19 anos).*

*É ser uma pessoa livre sem compromissos (fem, 15 anos).*

*É fazer o que os mais velhos não podem fazer (masc, 21 anos).*

Para Melucci, ser jovem é ter um estilo de vida, plástico, nômade em relação ao tempo, espaço e à cultura, “que é expressado e exteriorizado nos estilos das roupas, gêneros musicais, participação em grupos, os quais funcionam como linguagens temporárias e provisórias com as quais o indivíduo se identifica e manda sinais de reconhecimento para os outros” (MELUCCI, 1997, p. 9).

Para a sociabilidade juvenil o tempo passado com amigos é um traço relevante, pois é um tempo de criação de vínculos, de fortalecimento do modo de ser do jovem, de conviver em grupos. Os jovens gostam e se sentem bem por estar em grupos, como foi discutido na seção 1.2. Os dados revelaram que quase metade dos jovens pesquisados gosta de sair com amigos para se divertir (Figura 7), e a metade destes vêm ao CEFET-MT também para bater papo com amigos, como veremos à frente. Segundo Vianna (2002), por se sentirem iguais aos seus amigos, é justificável que estes os influenciem mais do que a família.

Nesse sentido, para melhor entender como é a posição dos jovens entrevistados frente à participação em grupo, questionamos: *você acha importante os jovens pertencerem a grupos?* Analisando as respostas, percebemos que a maioria diz que sim, alguns dizem que depende do grupo e até sugere, entre outros, grupos de igreja.

*Sim, pois o relacionamento em grupo sempre foi um problema para os homens, e se o jovem começar a trabalhar isto bem cedo, pode se ter resultados expressivos (masc, 20 anos).*

*Sim principalmente se for grupo de oração pois deixaria seus pais mais despreocupados (fem, 18 anos).*

*Assim eles não ficam isolados e inúteis e podem expor suas idéias (masc, 24 anos).*

*Sim, grupos são ótimos porque dão apoio e incentivo a jovens, onde se tem distração e bom papo, e muitas vezes divertimento (fem, 23 anos).*

*Sim para poder se abrir com alguém (fem, 20 anos).*

*Sim pois eles precisam ter alguém para identificar-se (masc, 24 anos).*

*Sim porque tem pessoas diferentes de você e você não é obrigado a ficar com estas pessoas, então você fica com quem tem mais afinidade (fem, 19 anos).*

*Sim dependendo do grupo como os de igrejas isso é bom fazer parte, pois fortalece os jovens a não fazerem coisas erradas. Mas existem grupos que influenciam para os maus caminhos (fem, 18 anos).*

*Depende do tipo de grupo, só que em todos sempre tem alguém de má influência (masc, 23 anos).*

*Não porque na maioria das vezes são grupos que podem estar prejudicando sua pessoa ou até mesmo a sua família (masc, 18 anos).*

*Não, o jovem pode muito bem viver sem esta estória de grupo, ou seja ser manipulado (masc, 20 anos).*

Poucas falas exprimem que não é importante participar de grupos. Importante observar que ao longo das análises fomos ficando intrigadas com o fato de que nas entrevistas sempre que perguntávamos sobre a opinião dos jovens entrevistados sobre os **jovens** dificilmente se incluíam como sendo jovens. A princípio a impressão que se tinha é que eles observavam os outros e se distanciavam da condição ser jovem. Por suas falas, suas colocações foi possível perceber que eles se sentiam como únicos e não como um coletivo. Os entrevistados falam da juventude como se não fosse um momento de realização e de desafios a serem superados e como se não pertencessem a eles.

Vimos até aqui que o jovem tem ocupado na contemporaneidade um lugar de destaque, muitas vezes um lugar problemático, sob a visão dos adultos, que insistem em demonstrar a grande incapacidade de perceber e administrar como própria da condição juvenil, esquecendo-se de que é um momento em que se abrem ou se firmam possibilidades de inserção social, de escolhas educacionais e profissionais, formação de famílias, de parcerias amorosas, de formação de grupos momento de se inventar, criar novas formas de ser, estar e viver.

### 5.3 O jovem e a família

A fim de investigar o contexto familiar no qual os alunos pesquisados estão inseridos, perguntamos *com quem moram, como se relacionam*, e a quem *procuram quando estão diante de um problema mais sério*. Verificamos que 64,4% dos mesmos residem com ambos os pais (pai /padrasto e mãe/madrasta), ou 75,2% com ambos os pais ou mãe ou pai, conforme demonstrado na Tabela 10.

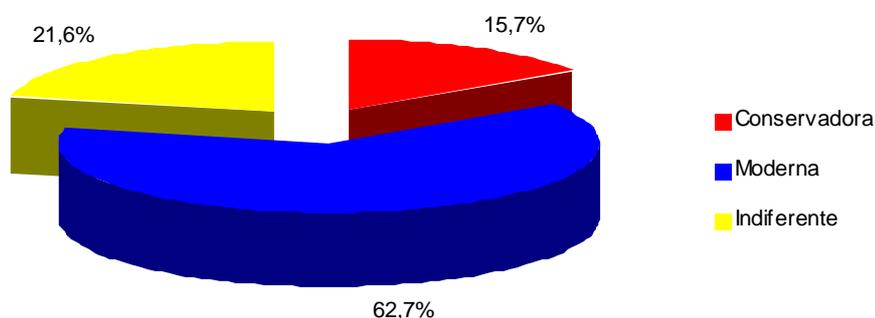
**Tabela 10. Questão: mora com quem/curso**

Mora com quem	Curso						Total	
	Química		Ensino Médio		Construções Prediais			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Pai/ padr./ mãe/ madr. Irmãos	27	13,2	67	32,7	38	18,5	132	64,4
Mãe/madrasta	7	3,4	8	3,9	4	2,0	19	9,3
Pai/padrasto	2	1,0	1	0,5	-	-	3	1,5
Companheiro(a), marido, mulher	7	3,4	6	2,9	2	1,0	15	7,3
Somente com irmãos	1	0,5	2	1,0	-	-	3	1,5
Outros parentes	6	2,9	10	4,9	2	1,0	18	8,8
Amigos	3	1,5	3	1,5	1	0,5	7	3,4
Sozinho	-	-	1	0,5	-	-	1	0,5
Mãe com filhos	2	1,0	2	1,0	2	1,0	6	2,9
Outros	-	-	1	0,5	-	-	1	0,5
Total	55	26,8	101	49,3	49	23,9	205	100,0

Vale ressaltar que a família tem algumas funções que deverão ser compreendidas, admitindo-se as influências dos pais sobre os filhos e vice-versa: prover o alimento afetivo indispensável à sobrevivência emocional de seus membros, facilitar e promover a transmissão à descendência da experiência acumulada pelas vivências coletivas e individuais, servir de contingente para as ansiedades existenciais próprias da evolução do homem, proporcionar ambiente adequado para a aprendizagem empírica que fundamenta o processo de conhecimento do ser humano, transmissão das questões culturais e étnicas e a preparação para a cidadania. Ver a respeito Osório (1996). Os resultados apontam que a grande maioria, ou seja, 82,5% vivem com pais, mães, ou companheiros.

Interessante analisar esses dados, comparando-os com outras pesquisas nacionais e internacionais. Na pesquisa *Perfil da Juventude Brasileira*, (1999) ao se questionar: *se pudesse decidir agora, sem se preocupar com qualquer coisa, você mudaria já para morar sem seus pais?* Dos respondentes da pesquisa, 43% dizem não ter planos de fazê-lo; 39% esperaria mais um tempo; 17% mudaria já; e 1% não respondeu à questão.

A maioria dos respondentes diz morar com a família como já vimos e, indagados sobre *como é a sua família*, ver Figura 10, verificamos que 62,7 % dos jovens pesquisados disseram que suas famílias são modernas. Não indagamos o que é ser moderna ou conservadora. Para 21,6%, os dados mostraram a opção de família indiferente, e 15,7% afirmam que suas famílias são conservadoras.



**Figura 10. Questão: como é sua família**

As respostas analisadas parecem indicar a importância da família, dos amigos. Pela Tabela 11 *Quando tem um problema pessoal mais sério procura quem em primeiro lugar*, notamos que um total de 60% dos respondentes dizem recorrer à família (mãe, pai, irmãos, namorado e companheiro), principalmente à mãe (44,6%) para conversar sobre problemas mais sérios. Confirmando esses dados com pesquisas nacionais e internacionais

por exemplo em Pecora (2003), para a mesma questão aparece a mãe com 57,1% das escolhas, reafirmando a importância central dessa figura familiar.

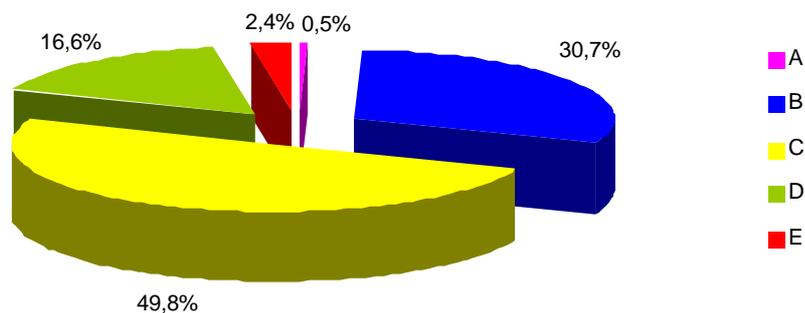
**Tabela 11. Questão: quando tem um problema pessoal mais sério procura em primeiro lugar /sexo.**

Quando tem um problema pessoal mais sério procura em primeiro lugar	Sexo				Total	
	Feminino		Masculino		N	%
	N	%	N	%		
Ninguém	28	13,9	15	7,4	43	21,2
Mãe	41	20,3	49	24,3	90	44,6
Pai	5	2,5	1	0,5	6	3,0
Irmãos	5	2,5	3	1,5	8	4,0
Amigos (as)	13	6,4	12	5,9	25	12,4
Namorado (a)/companheiro (a)	8	4,0	9	4,5	17	8,4
Outros	8	4,0	5	2,5	13	6,4
Total	108	53,5	94	46,5	202	100,0

É preocupante que 21,2 % dos jovens investigados dizem que não recorrem a ninguém diante de um problema mais sério, o que pode demonstrar a individualidade e falta de confiança nas pessoas como traço visível de nossa sociedade. Verifica-se que os amigos contam para os jovens, apesar de importância menor, 12,4% de escolhas. O/a namorado/a ou companheiro/a influenciam menos que os amigos, perfazendo 8,4% das escolhas. Observamos que o pai tem uma porcentagem muito pequena, pelos dados apresentados, a menor, 3% no total.

O CEFET-MT atende à sociedade cuiabana e mato-grossense com cursos técnicos e ensino propedêutico. A Figura 11 trata da classificação socioeconômica dos jovens pesquisados sob os critérios ABIPEME. Essa escala foi testada pela Associação Brasileira dos Institutos de Pesquisa de Mercado – ABIPEME (1978)<sup>11</sup>. Acreditamos que a mesma classificação possa se adequar ao contexto cuiabano e mato-grossense.

<sup>11</sup> O critério ABIPEME sucede a um outro preconizado pela Associação Brasileira de Anunciantes - critério ABA – e foi desenvolvido pela Associação Brasileira de Institutos de Pesquisa de Mercado com a finalidade de dividir a população em categorias segundo padrões ou potenciais de consumo. Disponível em: [www.abep.org/-23k](http://www.abep.org/-23k)



**Figura 11. Classe sócio-econômica dos alunos investigados**

Os dados levantados indicam que aproximadamente metade dos jovens pesquisados 49,8% pertence à classe **C**. Em seguida temos a indicação de 30,7% que segundo os critérios Abipeme estão incluídos na classe **B**, 16,6% na classe **D**, na classe **E** aparecem 3,4% e da classe **A** aparece apenas um aluno, equivalendo a 0,5%, de acordo com a Figura 11.

A variável nível econômico foi obtida pela análise da escolarização dos pais e pela posse de determinados itens de conforto, tais como carro, televisor, geladeira, empregada doméstica, máquina de lavar entre outros. Considera-se o número de objetos possuídos e obtém-se uma pontuação, que será somada ao nível de escolaridade dos pais ou responsáveis. Neste estudo, por critério da ABIPEME, seguimos a escolaridade do pai, ou chefe de família. (Anexo F).

Verificamos que o jovem pesquisado do CEFET-MT é predominantemente das classes sociais C e B, e metade deles só estudam. Esses jovens não têm como necessidade básica a subsistência e, portanto, nem a urgência de trabalhar, como visto na Tabela 6.

## 5.4 Os jovens e sua relação com o CEFET-MT

Souza (1996) argumenta que ambiente educacional é o espaço onde se desenvolve uma ação educativa sistemática, considerando-se a sociedade, homem e educação, sem perder de vista os determinantes socioeconômicos e políticos que interferem no projeto pedagógico. Assim consideramos algumas questões relevantes na opinião dos jovens pesquisados.

O CEFET-MT é o ambiente educacional em estudo. Já ancião pela idade, com 95 anos de existência aparece aos olhos da sociedade como uma instituição que construiu sua história quase secular, que oferece um ensino de referência. Dessa maneira indagamos dos jovens pesquisados se a considera uma escola moderna ou conservadora. Mais da metade dos respondentes, 57,1%, dizem considerá-lo como uma escola moderna, conforme podemos perceber na Figura 12.

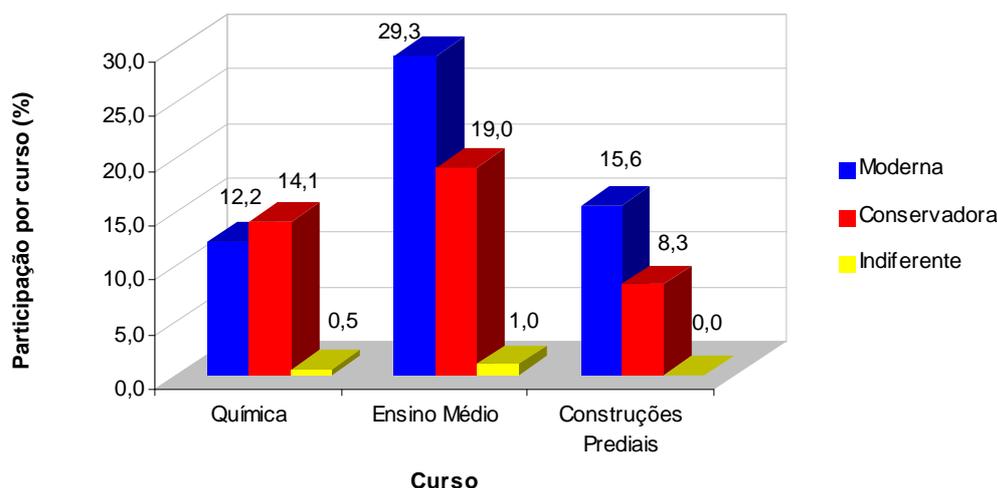


Figura 12. Questão: *considera o CEFET-MT uma escola*

Analisando as percepções dos alunos sobre a escola nos três cursos, os alunos dos Cursos de Construções Prediais e Ensino Médio, em sua maioria, afirmam que o CEFET-

MT é uma escola moderna. Contudo 52,7% dos alunos de Química consideram o CEFET-MT uma escola conservadora, exceto os alunos com idade entre 14 e 19 anos, conforme Anexo G.

Procuramos saber dos alunos investigados quais os motivos que os levaram a escolher a instituição para estudar: *por que estudam no CEFET-MT?*. Segundo os resultados, 33,6% dos alunos disseram que escolheram estudar no CEFET-MT, conforme indicado na Tabela 12, porque *prepara para o mercado de trabalho*, o que reforça o discutido anteriormente a respeito da preocupação dos jovens com relação a ter uma profissão. Os jovens com idade entre 14 e 19 anos dizem que é *por ser considerada uma das melhores escolas do Mato Grosso*. É interessante observar que a maioria destes também diz ter escolhido o CEFET-MT por conta própria. Os resultados evidenciam que o percentual dos jovens dessa faixa etária que estudam ali por escolha dos pais é igual ao dos alunos que escolheram por oferecer ensino gratuito. Verifica-se que o interesse em preparar para o vestibular é a razão que menos conta para os interessados em estudar no CEFET-MT.

**Tabela 12. Questão: Estuda no CEFET-MT porque/idade**

Estuda no CEFET-MT porque	Idade Categorizada				Total
	14 a 19	20 a 24	25 a 29	30 ou mais	
Escolha própria	34	10	3	2	49
Escolha dos pais	15	-	-	-	15
Ensino gratuito	12	1	1	1	15
Uma das melhores escolas de Mato Grosso	38	6	3	-	47
Prepara para o mercado de trabalho	39	20	5	5	69
Prepara para o vestibular	10	-	-	-	10
Outros	1	-	-	-	1
Total	148	37	12	8	205

Quando cruzamos as informações da escolha por que estudar no CEFET-MT com o curso que frequenta, o resultado não é diferente. Para os cursos profissionais, verificamos que a primeira opção é *prepara para o mercado de trabalho* e, para o Ensino Médio, é *escolha própria* e *uma das melhores escolas de Mato Grosso* (Anexo H).

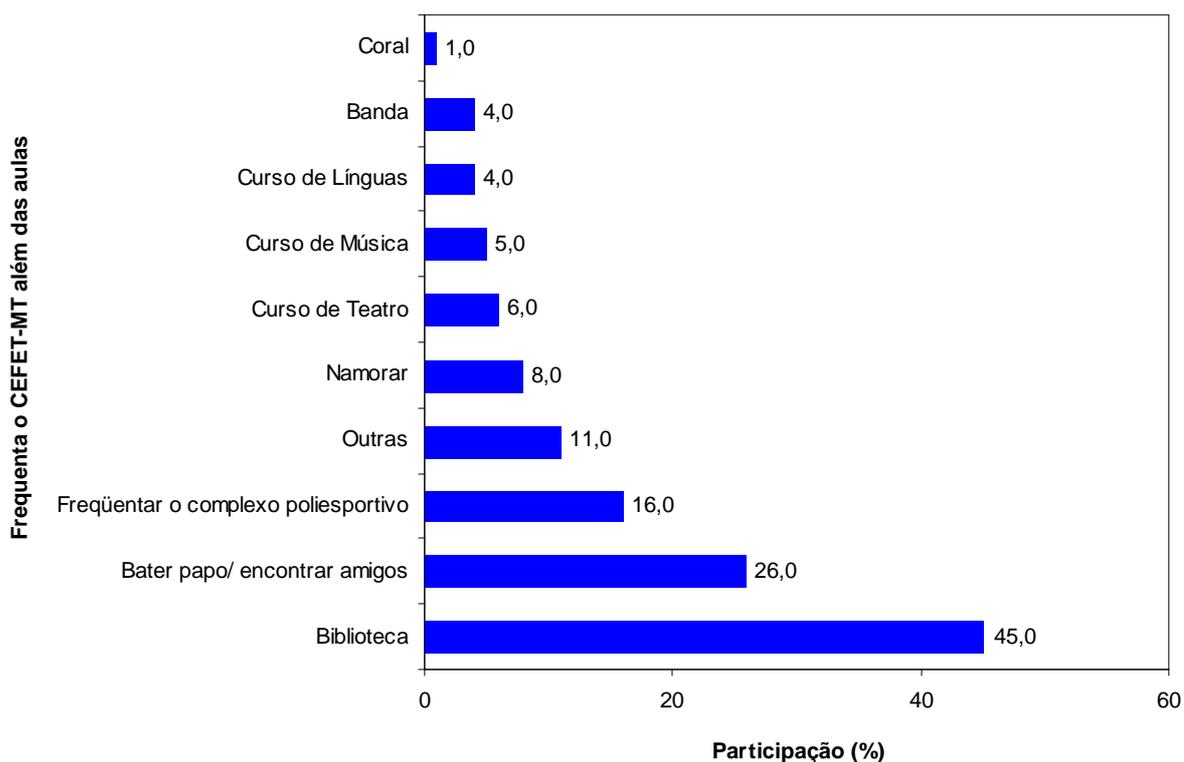
A escola é um espaço de socialização onde as diferentes juventudes se encontram. Um dos interesses que tínhamos ao iniciar a investigação era saber se os

estudantes freqüentavam o CEFET-MT para outras atividades ou apenas para assistir às aulas. Quando indagados *vocês vem ao CEFET-MT apenas para as aulas*, percebemos pelos dados obtidos, e demonstrados na Tabela 13, que 48,3%, quase a metade dos alunos, dizem freqüentar a escola apenas para as aulas. Sendo que 1 % dos alunos não respondeu e 50,7% dizem que a freqüentam também para outras atividades. Os alunos dos cursos de Química (58,18%) e Construções Prediais (61,22%) evidenciam a preferência por assistir as aulas. É importante ressaltar que a maioria das aulas do Curso de Química acontece no Campus Bela Vista, como já foi comentado na seção 2.2, e, assim, estão distantes das facilidades de recreação e lazer oferecidas pela sede do CEFET-MT. Já para os alunos do Ensino Médio verificamos o contrário.

**Tabela 13. Questão:  *você vem para o CEFET-MT apenas para as aulas /curso***

Você vem para o CEFET-MT apenas para as aulas	Curso						Total	
	Química		Ensino Médio		Construções Prediais			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	32	15,6	37	18,0	30	14,6	99	48,3
Não	22	10,7	63	30,7	19	9,3	104	50,7
Não Responderam	1	0,5	1	0,5	-	-	2	1,0
Total	55	26,8	101	49,2	49	23,9	205	100,0

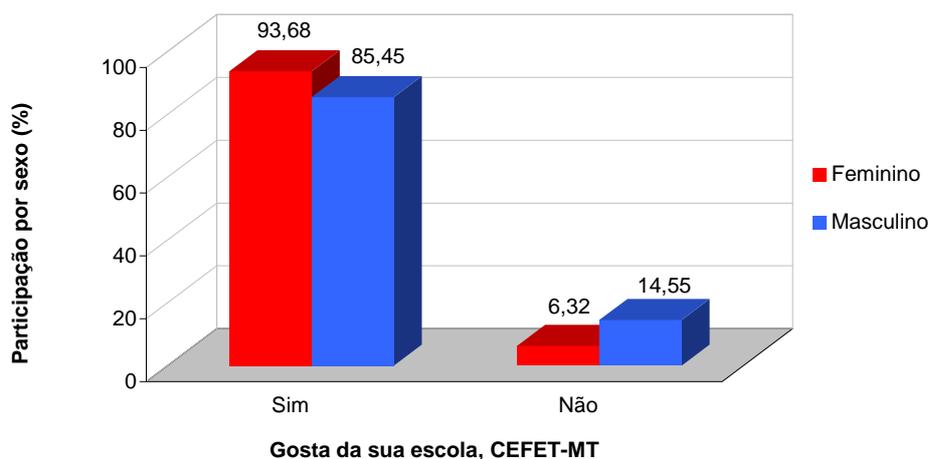
Selecionamos uma série de opções de atividades que a escola oferece não apenas para a comunidade cefetiana, como também introduzimos como opção bater papo com os amigos, para investigar o que fazem aqueles que freqüentam a escola para outras atividades além das aulas e estudar o que pode ser visto pela Figura 13. Observamos que 45 % dos jovens pesquisados afirmam que freqüentam a biblioteca; 26% dizem que ficam no CEFET-MT para bater papo com amigos e 16% dizem freqüentar o complexo poliesportivo. A questão da arte e cultura ainda não é uma opção muito significativa para nossos estudantes quando percebemos que apenas 1% opta por participar do coral, como também pequena parcela para a banda, curso de teatro.



**Figura 13** Questão: *freqüenta o CEFET-MT além das aulas*

Dos alunos que freqüentam a biblioteca, a opção mais destacada, 53,7% são do sexo masculino e 46,3% são do sexo feminino. (Anexo I).

Quando indagados se gostam de sua escola, a maioria dos jovens pesquisados 89,2% diz gostar e destes, salienta-se serem as jovens que mais gostam, pois das 95 jovens que compõem o universo feminino desta pesquisa, nos três cursos selecionados, 93,6% dizem gostar do CEFET-MT, conforme Figura 14.



**Figura 14. Questão: gosta da sua escola, CEFET-MT**

Os CEFET's, na realidade educacional brasileira, são consideradas instituições que oferecem ensino de qualidade. Assim, na tentativa de compreender como os jovens da pesquisa vêem o assunto, indagamos: *sua escola ensina alguma coisa a você?*. Dos respondentes, 62,0% afirma que a escola lhes ensina muito, 35,6% dizem que ensina pouco, e 2,4% dizem que não ensina nada.

Quando atentamos para os cursos, verificamos que os alunos de Construções Prediais são os que afirmam que a escola ensina muito (79,59%), os alunos do Ensino Médio e do Curso de Química estão praticamente divididos entre achar que a escola ensina muito 60% e 54,4% respectivamente e que a escola ensina pouco 40% e 41%, como demonstra a Tabela 14.

O *software* usado para trabalhar os dados permite algumas informações que levam a afirmar que a maioria dos alunos ao assinalarem que gostam da escola, também a acham moderna (Anexo J). A maioria dos alunos que gosta da escola acredita que ela ensina. Parece que a relação ensino/aprendizagem é argumento muito forte para que o aluno goste ou não da escola. A maioria dos que dizem que a escola ensina escolheram a mesma por que acreditam que ela prepara para o mercado de trabalho. Dentre aqueles que escolheram por conta própria, a maioria também acha que a escola cumpre seu papel (Anexo K)

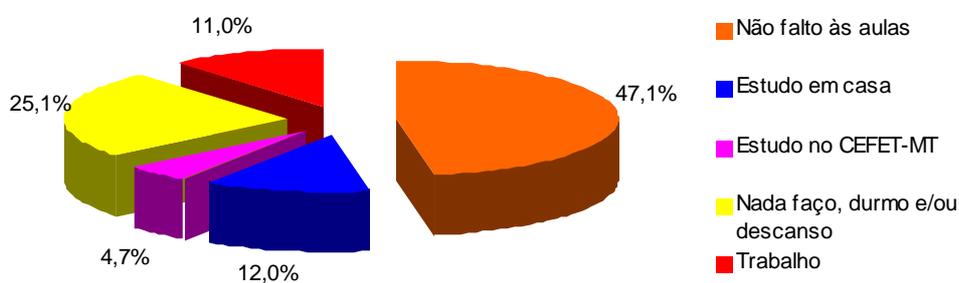
A maioria que acha que a escola ensina, também a considera moderna e, gostam dela. (Anexo L).

Dentre os alunos dos três cursos pesquisados, os que mais dizem gostar do CEFET-MT são do Curso de Química. Pelas entrevistas podemos observar que o gostar da escola está relacionado com os professores, aulas práticas no Campus Bela Vista e os colegas.

**Tabela 14. Questão: sua escola ensina alguma coisa a você /curso**

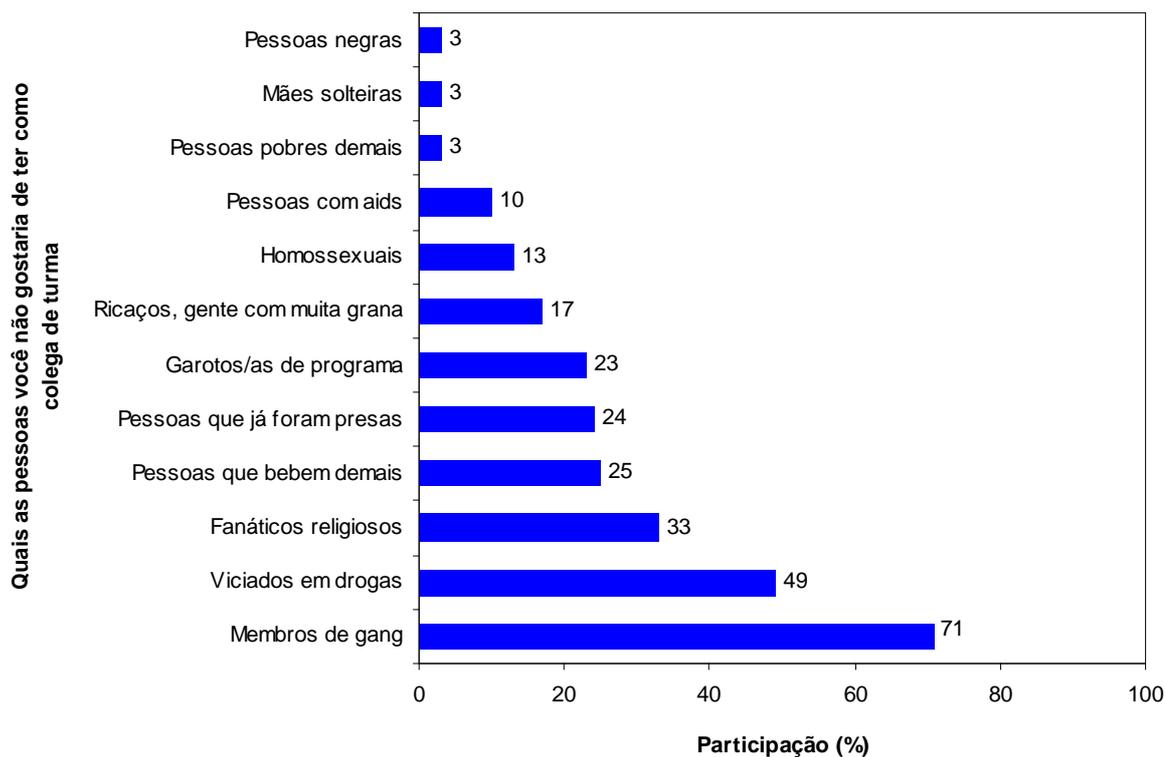
Sua escola ensina alguma coisa a você?	Curso						Total	
	Química		Ensino Médio		Construções Prediais			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim, muito	33	16,1	55	26,8	39	19,0	127	62,0
Sim, mas é pouco	22	10,7	42	20,5	9	4,4	73	35,6
Não ensina nada	-	-	4	2,0	1	0,5	5	2,4
Total	55	26,8	101	49,3	49	23,9	205	100,0

Entendemos que estar presente na escola, participar das atividades são quesitos importantes para sabermos como os jovens se posicionam, por isso perguntamos: *o que faz, em geral, quando falta às aulas?* Conforme se vê na Figura 15, 47,1% dos alunos dizem não faltar à aula. Do restante, 25,1% dizem não fazer nada, dormem ou descansam, 12,0% faltam para estudar em casa, e 11,0% o fazem devido ao trabalho.



**Figura 15. Questão: o que faz, em geral, quando falta às aulas**

Na tentativa de apreender alguns aspectos relativos a atitudes perante a vida foram elaboradas questões relacionando possíveis comportamentos e preconceitos. O objetivo era perceber o que os respondentes consideraram aceitável ou inaceitável, tolerante ou não, ou seja, apreender as opiniões sobre a convivência social e tolerância com o outro. Assim entendemos ser necessário questionar como se relacionam com outras pessoas e como administram os preconceitos e até posturas tolerantes e intolerantes. Indagamos aos jovens *quais pessoas não gostariam de ter como colegas de turma* e na Figura 16, mostramos que 71% dos jovens pesquisados disseram que não gostariam de ter membros de gangue como seus colegas de turma. 49% afirmam que não gostariam de ter viciados em drogas como colegas, 33 % não gostariam de fanáticos religiosos como colegas, 25% não gostariam de ter colegas que bebem demais, 24% os que já foram presas; 23% não gostariam de ter como colegas, garotos (as) de programa. Isso pode indicar que os jovens sabem demonstrar suas escolhas, aqueles com quem dividir experiências. Ao mesmo tempo, os dados apontam a não aceitação de pobres demais, pessoas negras e mães solteiras, só ocorre a apenas 3 % o que talvez indique que os jovens não são preconceituosos. Mas ainda há rejeição aos portadores do vírus HIV/aids e homossexuais, escolhas respectivas de 10% e 13% do total. A discriminação segundo falam, não aponta para o nível social, raça. Markman (2002) encontra dados relacionados a jovens que assinalam preconceito em conviver com neonazistas, gangues, seguidos de drogados, bêbados e punks. A tolerância a ex-detentos, segundo o autor, aumentou entre os jovens nos últimos anos assim, como para os homossexuais e doentes de Aids.



**Figura 16. Questão: quais das pessoas abaixo você não gostaria de ter como colega de turma**

Em seus estudos, Garcia verifica que os jovens mostram ser “mais ‘avançados’ e reflexivos em alguns aspectos referentes sobretudo à moral sexual e aos relacionamentos interpessoais, envolvendo questões de gênero, etnia ou mesmo em relação à questão ecológica e a estilos de vida alternativos”. Porém mantêm-se distantes e são até conservadores no que diz respeito às questões políticas, sociais, de organização do trabalho; em suma, nas questões referentes à compreensão dos mecanismos de poder e submissão (GARCIA, 2002, p. 326).

Como esta pesquisa diz respeito a jovens e consumo de drogas, na intenção de aprofundar os dados obtidos por meio dos questionários perguntamos: *você acha que os jovens aceitam ou não os usuários de drogas na sala de aula* e por meio das falas podemos observar que a maioria diz que sim:

*Sim, aceitam porque não se deve discriminar por esse motivo, além do mais, é uma doença que deve ser aos poucos ser tratada* (masc, 23 anos).

*Sim, porque não incomodam, eu não conheço cheiro de maconha* (fem, 23 anos).

*De um modo geral sim, os jovens não tem muitos problemas com rejeição (masc, 20 anos).*

*Ao contrário do que se fala, o jovem não é hipócrita (masc, 18 anos).*

*Sim pois antes de saber que um colega usa drogas, você se envolve socialmente ou até pessoalmente com ele (masc, 18 anos).*

Apenas numa fala, dentre as recolhidas, a entrevistada se inclui enquanto jovem.

*Aceitamos porque já se tornou uma coisa comum entre nós (fem, 20 anos).*

Também expressam suas opiniões dizendo que não:

*Em sua maioria não, pois existe a discriminação sem contar que pode começar as historias de roubos e medo. Se sentiriam inseguros (fem, 17 anos).*

*Não, porque irá causar discussões na minha turma, (masc, 19 anos).*

*Não, pois sempre olharão para essa pessoa com desconfiança e a convivência não vai ser legal (masc, 20 anos).*

A convivência na escola e no bairro com os usuários parece ser diferenciada, e podemos observar pelos fragmentos de fala abaixo que eles a aceitam mais na sala de aula do que entre seus amigos no bairro:

*Aceitam, mas por traz disso dizem que tem dó (fem, 16 anos).*

*Sim às vezes, é até bonito, pois alguns querem mostrar que não são preconceituosos (mas, 21 anos).*

*No meu bairro há muito preconceito. Na escola a gente agüenta, mas no bairro é diferente, há discriminação, as pessoas isolam e a fofoca corre solta contra o drogado (masc, 23 anos).*

*Sei de alguns amigos que usam drogas e os trato sem diferença (fem, 18 anos).*

*Depende da forma que você é tratado no bairro (masc, 18 anos).*

Indagamos aos jovens entrevistados:  *você namoraria ou casaria com alguém que usa drogas do tipo maconha, cocaína, solventes?*  A grande maioria (78,2%) disse que não, 7,1%, em dúvida, declararam depender da situação, e 14,2% disseram que sim.

*Não porque eu não agüentaria as brigas, e tudo mais também não seria um bom exemplo para nossos filhos, mas se eu gostasse muito dessa pessoa eu faria de tudo para ajuda-lo a sair dessa (fem, 19 anos).*

*Não por que eu sei que esse uso poderia me trazer conseqüência desagradável (masc, 21 anos).*

*Não, não chegaria a me envolver com pessoas assim (fem, 16 anos).*

*Não direi nunca, pois não sei o amanhã mas se eu me apaixonasse tentaria ajudar. Se ele não quisesse ajuda eu o largaria e por mais que o amasse não ficaria com ele mais (fem, 17 anos).*

*Nunca, talvez até pudesse namorar e tentaria ajudar, mas casar é muito sério e perigoso e a pessoa poderia envolver com drogas mais pesadas e roubar a própria casa e os filhos iriam sofrer (masc, 18 anos).*

*No coração não se manda, mas tentaria evitar (fem, 20 anos).*

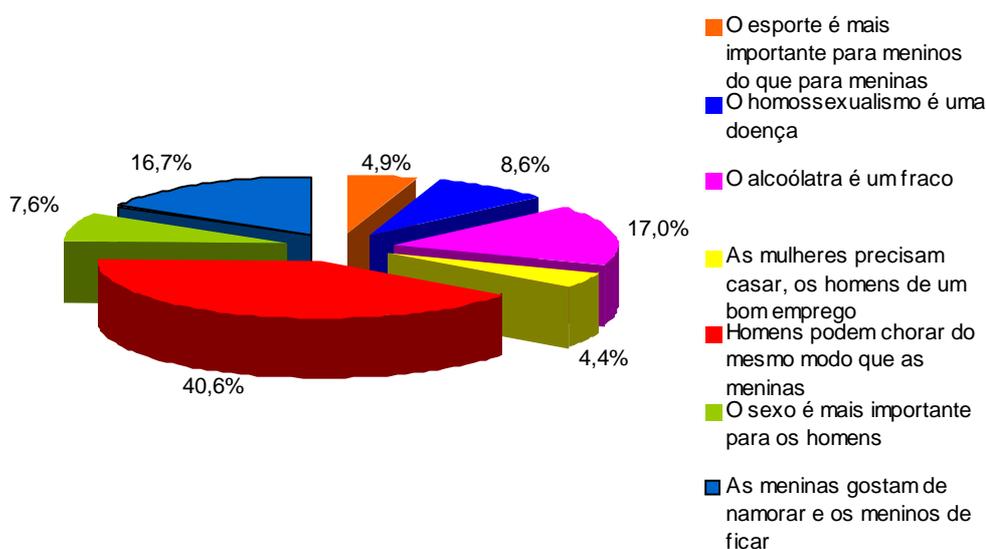
*Se eu fosse apaixonado por ela com certeza sim (masc, 20 anos).*

*Se eu fosse apaixonado por ela com certeza sim*  foi a única fala que assinala positivamente.

Apresentamos uma série de frases relativas a temas variados, sendo que poderiam optar por aquelas que concordassem e verificamos, conforme Figura 17, as frases com as quais concordam. É sempre bom ressaltar que estamos querendo compreender como pensam os jovens dos Cursos de Química, Construções Prediais e Ensino Médio do CEFET-MT. É interessante verificar que a maioria dos jovens (40,6%), diz concordar com a frase  *homens podem chorar do mesmo modo que as meninas* , o que pode indicar que os jovens atuais estão mudando o foco na questão de comportamentos machistas. Porém 4,9% dos alunos pesquisados ao escolherem  *o esporte é mais importante para meninos que para meninas* , e  *as mulheres precisam casar e os homens de um bom emprego* , podem demonstrar serem preconceituosos quanto a posições sobre o gênero, consolidadas na sociedade. Um

dado interessante a considerar é que apenas 8,6% dos jovens entendem que o homossexualismo é uma doença.

Aqui se faz necessário lembrar que este é um estudo relacionando à visão de jovens quanto ao consumo de drogas ilícitas e quando perguntamos sobre uma das questões mais preocupantes na contemporaneidade que é o alcoolismo e suas implicações, 17,0% dos jovens destacam que – *o alcoólatra é um fraco* .

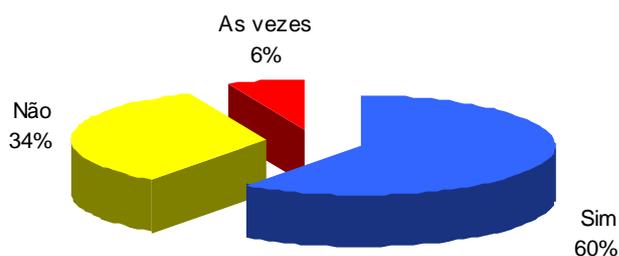


**Figura 17. Questão: frases com as quais concorda**

Os jovens não estão apenas à espera de sua realização pessoal e coletiva. Buscam o direito de participar ativamente da história nacional e mundial, a partir de suas próprias comunidades. Estudos têm nos mostrado que as particularidades históricas e conjunturais da sociedade brasileira nos anos 90 evidenciam um tipo de ação juvenil muitas vezes esvaziada de conteúdos políticos. Porém isso não implica dizer que a juventude não se manifesta e não participa, que ela é alienada de seu tempo e até de sua sociedade. Atualmente parece que a natureza de suas ações se caracteriza de forma diferente daquelas identificadas em outras décadas. Para Chaves Júnior (1999)

Os jovens necessitam hoje de uma nova moral social e econômica. Ao mesmo tempo em que se encantam com a Internet e com as inovações tecno-científicas, protestam contra a miséria e a guerra que de forma trágica têm estado presentes no desenrolar do sec. XXI. Conhecida por não aceitar a ordem estabelecida, busca sua inserção por meio da criação de uma ordem diferenciada, que considere suas opiniões e visão de mundo (CHAVES JÚNIOR, 1999, p. 41).

Os jovens foram indagados se eles *se informam sobre o que está acontecendo na realidade* e se *gostariam de mudanças ou se estão contentes com o que existe* para eles nos dias atuais. De acordo com as Figuras 18 e 19, verifica-se que nem todos os jovens se mantêm atualizados. Os dados revelam que 60,0% dizem fazê-lo, enquanto que 34,0% afirmam que não e 6,0% dizem apenas às vezes. Já 76,0% verbalizam que gostariam de mudanças, enquanto 4,0% dizem às vezes.



**Figura 18. Questão: *informam-se sobre o que está acontecendo na atualidade***



**Figura 19. Questão: *gostariam de mudanças***

Matheus (2002) ao trabalhar Oficinas com 3 grupos de adolescentes percebe que para esses jovens a expectativa de mudanças mais amplas – relativas ao País ou à estrutura social estão comprometidas, mas não de todo descartadas. Estão apenas adormecidas, esperando acreditar que mudar é possível.

### 5.5 Os jovens e o consumo de drogas

Inicialmente procuramos desenhar o perfil dos jovens entrevistados, suas relações com a família, o trabalho, o CEFET-MT e com os colegas. Agora apresentamos relações com o uso e abuso de drogas, seu consumo, e opinião sobre o usuário. Assim, indagamos o que pensam sobre os jovens que usam drogas e verificamos que 55,1% dos estudantes entrevistados afirmam que consideram o uso de drogas ilícitas pelos jovens *um problema*, 32,7% um *perigo, uma ameaça*, e 6,3% *uma doença*, curiosamente apenas 5,9% consideram o fato uma *coisa normal*, como se vê na Figura 20.

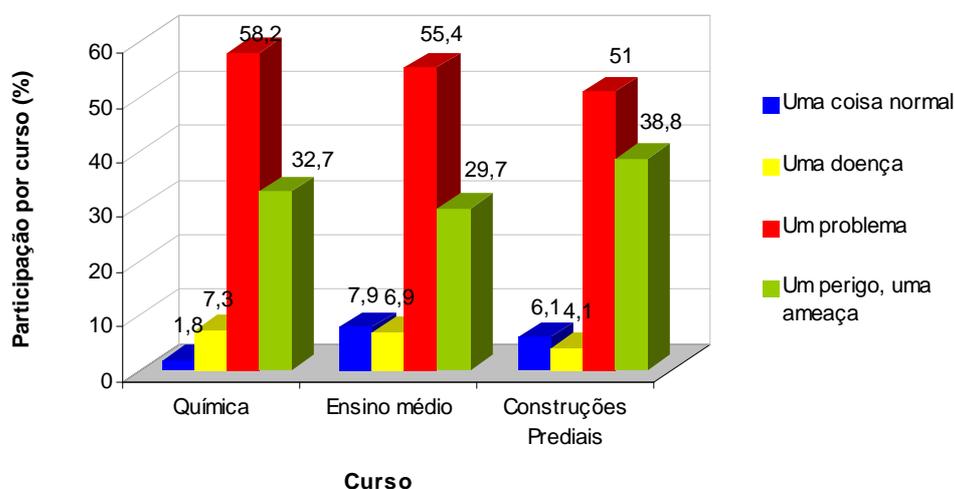


Figura 20. Questão: *considera o uso de drogas ilícitas pelos jovens*

Os alunos do Ensino Médio dos três cursos pesquisados, com um percentual de 7,9% do total, dizem ser o uso de drogas ilícitas pelos jovens *uma coisa normal*, contrapondo-se aos de Química, 1,8%.

Durante muito tempo, no Brasil e no mundo, a questão do uso de drogas foi trabalhada segundo dois enfoques, como já falamos anteriormente na seção 3.1: saúde e justiça. Ao perguntarmos aos estudantes se a responsabilidade pelo usuário de drogas ilícitas e pelos problemas causados por ele ou elas deve ser da justiça, saúde pública ou outros, obtivemos como resposta de 45,9% dos jovens que a responsabilização deveria ser de outros. 33,2% dizem ser da justiça e da polícia, e 21,0% acreditam ser da saúde, como mostra a Tabela 15. 32,9% entendem ser do próprio usuário a responsabilidade e os problemas causados pelas drogas, ficando a família em segundo lugar com 29,5% das respostas.

**Tabela 15. Questão: a responsabilidade pelo usuário de drogas ilícitas e os problemas causados por elas.**

<b>A responsabilidade pelo usuário de drogas ilícitas e os problemas causados por elas</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Saúde pública	43	21,0
Justiça, polícia	68	33,2
Outros	94	45,9
<i>Total</i>	<i>205</i>	<i>100,0</i>
<i>Outros</i>		
<i>Família</i>	28	29,5
<i>Sociedade</i>	14	14,9
<i>Próprio usuário</i>	31	33,0
<i>Outros</i>	27	22,6
<i>Total</i>	<i>205</i>	<i>100,0</i>

Pela fala abaixo percebemos a análise de um entrevistado sobre os problemas da juventude. Para ela, os jovens de certa forma estão abandonados, pois afirma:

*Eu fico observando a situação que antes era um caso ou outro de meninos com 16, 17 anos que não estudam, não trabalham e muitos deles mexem com drogas. São pessoas que ainda não se encontraram, não amadureceram. O problema é tanto da família como social ( fem, 20 anos).*

Traverso – Yepez & Pinheiro (2002) dizem que nas práticas de saúde, o uso de drogas não é pensado em relação à saúde integral do adolescente/jovem, as ações são desenvolvidas para atacar problemas específicos e não se constituem em programas integrais

dirigidos a promover o desenvolvimento humano e a atender a saúde dos mesmos, em risco devido à dependência química.

Procurando saber como os jovens pesquisados vêem o usuário de drogas, pudemos notar pelas falas o que eles pensam a esse respeito:

*Complicado, pois por mais que se condene ainda vai imperar o livre arbítrio de cada um usar ou não* (masc, 23 anos).

*Uma pessoa que precisa de tratamento como uma pessoa deprimida* (masc, 24 anos).

*Cada um é cada um, se a pessoa fez essa escolha não sou eu quem vai julgá-lo eu não vi ainda, mas tratarei -o como uma pessoa qualquer, se puder ajudar melhor* (masc, 18 anos).

*São pessoas que ainda não sabem o quanto faz mal o uso da droga.* (masc, 24 anos)

*Não tenho que julgar ninguém, se a pessoa usa, só lamento, pois ela irá perder muito as coisas boas da vida por uma "viagem" errada, não é com isso que os problemas desaparecem.* (fem, 19 anos).

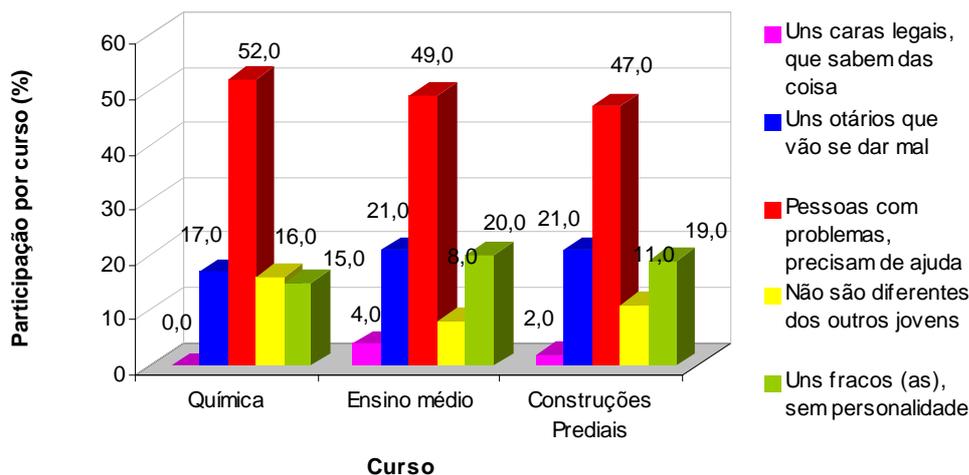
*Uma pessoa normal, mas que precisa de tratamento para viver no meio social* (masc, 18 anos).

*Pessoas que tiveram uma escolha casualmente, uns usam e oferecem, uns aceitam, outros não, e assim esse fato se torna corriqueiro* (fem, 25 anos).

*Uma pessoa que precisa de orientação sobre os riscos e conseqüências que podem trazer a ele e seus familiares* (masc, 18 anos).

*De forma normal desde que ele não mexa comigo* (masc, 18 anos).

Conforme a Figura 21, 79% dos alunos pesquisados opinaram que os jovens que usam drogas são *pessoas com problemas, que precisam de ajuda*, 31% dizem que aqueles são *uns otários que vão se dar mal*. É interessante notar que apenas 2% acham que os jovens usuários são *uns caras legais que sabem das coisas*. Nos três cursos, verifica-se o entendimento dos jovens pesquisados de que os jovens que usam drogas são pessoas com problemas.



**Figura 21. Questão: na sua opinião, os jovens que usam drogas são**

Foi perguntado aos jovens por que *algumas pessoas usam drogas* e verificamos, Figura 22, que a metade (50,2%) dos jovens acha que algumas pessoas usam drogas *porque os amigos usam*. Daí a importância dos amigos (Ver Fig. 12), quando indagamos *o que você costuma fazer nas horas livres para se divertir?*, 48% dos entrevistados disseram que usam o seu tempo livre para ficar com os amigos. Nessa questão, 67%, dos respondentes acham que os jovens usam drogas *para esquecer as coisas ruins*. 30% dos jovens acham que algumas pessoas usam drogas porque impõem *respeito e dá coragem*, 19% porque *é divertido*, e 18% porque *é moda, dá ibope* e também por que dá *um barato*.

Lesould (2004) ao falar da toxicomania, lembra que são os mesmos atos de antes, com outro sentido, como já vimos anteriormente. Em sua clínica percebe que os toxicômanos que encontra hoje não tem mais o mesmo comportamento nem as mesmas palavras ao se referirem a suas toxicomanias. Para ele se o ato continua o mesmo, o uso de modificadores de consciência, a busca através do produto é radicalmente diferente.

Os usuários não procuram mais um prazer ou um melhor-estar, mas atualizam o desaparecimento do sujeito, seu desvanecimento por trás de um produto. É o “porre” que importa, “sair do ar”. Trata-se de fazer o sujeito trata-se de fazer o sujeito desaparecer no usuário, na procura da embriaguez (LESOULD, 2004, p. 222).

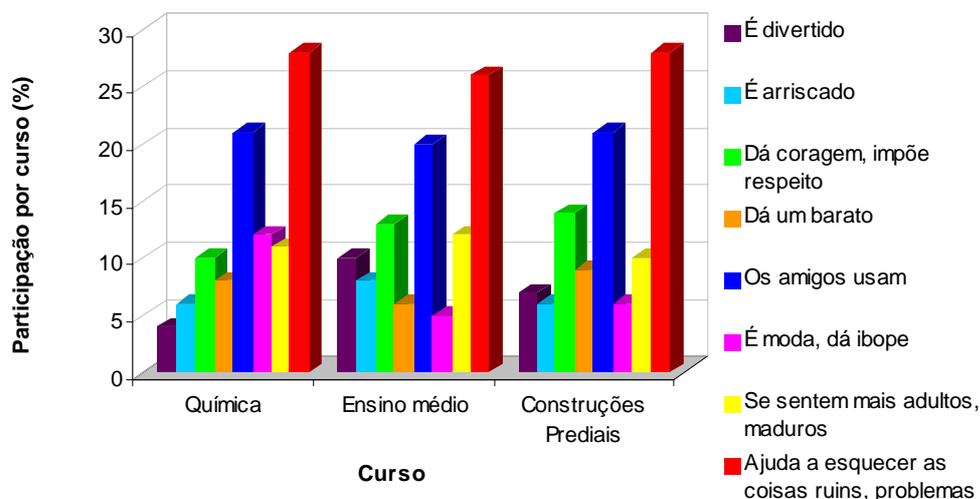


Figura 22. Questão: *algumas pessoas usam drogas porque*

Complementando a análise desse aspecto, vemos que, em suas falas, os alunos reforçam o que responderam nos questionários, só que de maneira mais abrangente. Alguns dos motivos apontados por levarem ao uso de drogas ilícitas podem ser vistos nos seguintes excertos:

*Por vários motivos entre eles, brigas com os pais, insegurança, se sente discriminado, influência dos amigos (mas, 18 anos).*

*Cada um tem um caso, mas droga também é uma diversão (fem, 20 anos).*

*Por vários motivos, rebeldia, fuga da realidade, curtição, curiosidade, influência (fem, 19 anos).*

*Para buscar completar o vazio dentro de si, fugindo assim da depressão (masc, 23 anos).*

*Alguns para esquecer os problemas, outros para ter coragem de fazer aquilo que certamente não fariam sem o uso da droga (fem, 23 anos).*

*Para sentir um prazer que não sentem em outras ocasiões (fem, 17anos).*

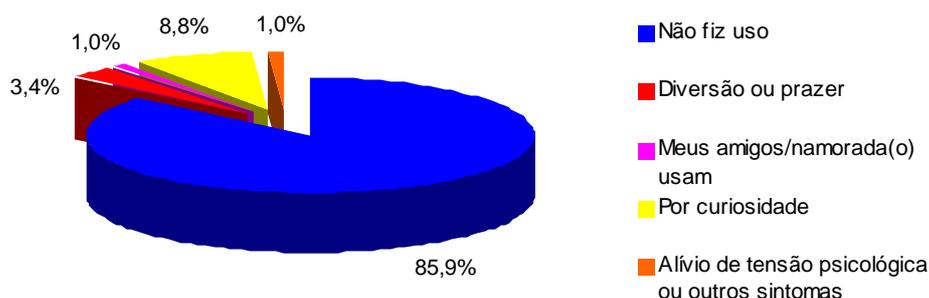
*Para fugir de algum problema, ou por safadeza mesmo (masc, 24 anos).*

*Por que não tem o apoio da família e também por andar com pessoas que já usam esses tipos de drogas (masc, 16 anos).*

*Por serem incapazes de correrem atrás de seus objetivos e superar suas decepções da vida (fem, 18 anos).*

*Querem acabar com o problema que são as drogas, mas infelizmente não começam pela raiz ou seja o problema não são as drogas” e sim as pessoas ou propriamente dito o ser humano que raramente pensa nas conseqüências futuras e somente se preocupa com o momento (masc, 20 anos).*

Os resultados apontados na Figura 23, mostram os motivos que levariam o jovem a consumir drogas pela primeira vez, dos que usam ou usaram 8,8% afirmaram que fazem uso ou fizeram movidos pela por *curiosidade*, 3,4% por *diversão ou prazer* e 1% porque *os seus amigos usam*. Cumpre ressaltar que 85,9% afirmaram não usar ou ter usado substâncias psicoativas ilícitas.



**Figura 23. Questão: motivo que o levou a consumir drogas pela primeira vez**

A esse respeito, chamamos a atenção para a Figura 24 quando novamente verificamos que ao perguntarmos: *quem o introduziu neste uso?*, 9% dos alunos que dizem ser usuários revelam ter sido o convite de seus colegas de escola/amigos/conhecidos.

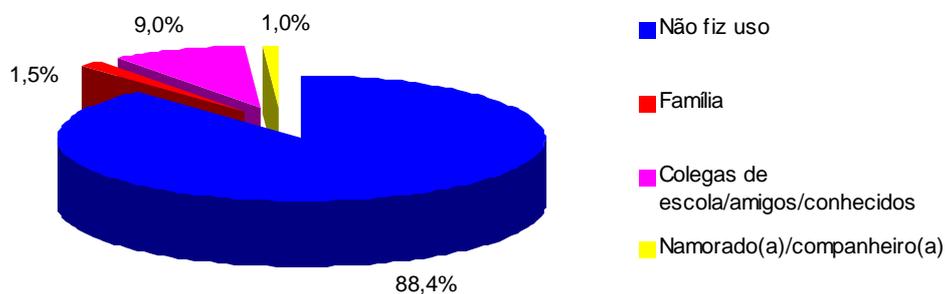


Figura 24. Questão: *quem o introduziu neste uso*

Com relação a saber até que ponto a entrada no CEFET-MT teve influência ou não para a iniciação do jovem no uso de droga, questionamos se faziam *uso não médico de drogas ilícitas antes de entrar no CEFET-MT* e pudemos observar pelos dados expostos na Figura 25 que 88,1% dos pesquisados disseram que não fizeram uso de drogas ilícitas antes de entrarem no CEFET-MT, e 11,7% afirmam que o fizeram.

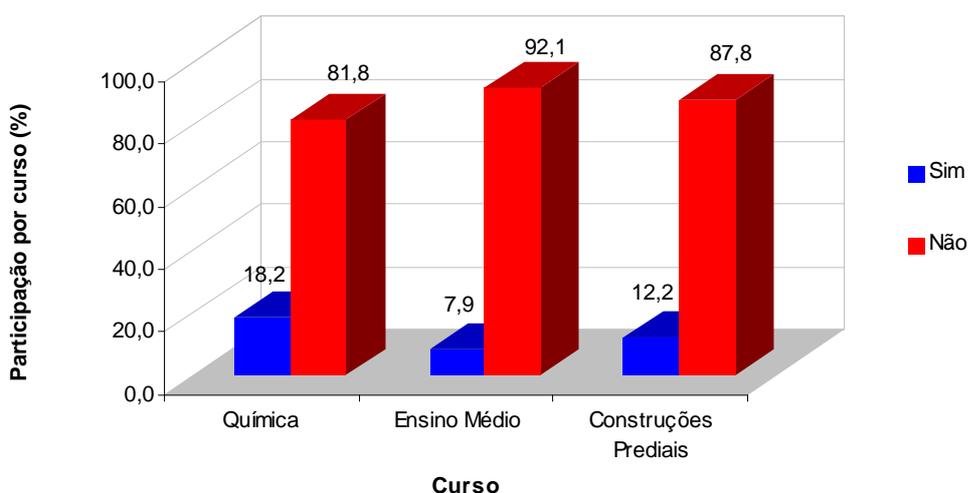


Figura 25. Questão: *uso não médico de drogas ilícitas antes de entrar no CEFET-MT*

Verifica-se, pela Figura 25, que os jovens pesquisados do Curso de Química são os que em maior número afirmaram que haviam consumido drogas ilícitas antes de entrar no CEFET-MT, num total de 18,18%. Os alunos de Construções Prediais com essa experiência anterior representam 12,5% do total e os do Ensino Médio 8% dos jovens do respectivo curso.

A maconha é atualmente a droga ilícita mais consumida pelos jovens brasileiros, segundo os últimos levantamentos realizados pelo CEBRID, e os resultados dessa pesquisa corroboram esse dado e podem ser visualizados na Tabela 16, quando 7,8% afirmam que já a usavam. 3,4% disseram que usavam inalantes/solventes (lança perfume, cola). De todos os alunos pesquisados, os do Curso de Química, segundo suas informações, apresentam maior índice como usuários, indicando que já experimentaram drogas ilícitas antes de ingressarem no CEFET-MT.

**Tabela 16. Questão: substâncias psicoativas que usou antes de entrar no CEFET-MT”**

<b>Substâncias que usou antes de entrar no CEFET-MT</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Maconha	16	7,8
Cocaína e/ou crack e ou merla	3	1,5
Anfetamina (hipofagin, moderex, fórmulas para emagrecer)	1	0,5
Solventes (lança-perfume, cola, etc.)	7	3,4
Dois ou mais dos anteriores	1	0,5
Não fizeram uso	177	86,3
Total	205	100,0

Galduróz et al (2002), sobre o consumo de drogas indicam que as mais usadas no Brasil são, por ordem, álcool e nicotina (tabaco), para depois aparecerem a maconha, solventes, medicamentos e cocaína. Para o uso ou consumo de álcool os números são alarmantes, e apenas por ilustração citamos dados da pesquisa referida acima: 77,3% para homens e 60,9% para mulheres, com relação ao uso de álcool. Qualquer outra droga, segundo os autores temos: 19,4%. Para a maconha 6,9%, solventes 5,8%, cocaína 2,3%, crack 0,4% e merla 0,2%.

Esses dados são semelhantes aos dados internacionais da Organização Mundial

da Saúde (WHO, 2003 c), baseados em levantamentos patrocinados pela UNDCP. De acordo com eles, 3,3% a 4,1% da população mundial consomem algum tipo de droga ilícita, sendo estimados em 2,5% os usuários de maconha.

Vale destacar que alguns dos informantes não possuem a opinião corrente de que as drogas ilícitas são o problema. Para eles, o problema precede a escolha de que droga usar. A propósito, vejamos os fragmentos de falas abaixo:

*Quando se fala em drogas a maioria da sociedade já pensa em drogas ilícitas como a maconha, cocaína, crack, etc. mas não percebe que está cercado de drogas por todos lados como o cigarro, o álcool contido em bebidas, e os remédios. Esses são drogas lícitas ou seja que podemos usar para que possamos nos sentir melhor ou mais livres (masc, 20 anos).*

*Essas são as mensagens passadas pela mídia em geral para a população que por falta de informação se ilude e se impressiona e discrimina os usuários de drogas ilícitas (fem, 21 anos).*

*Querem acabar com o problema que são as “drogas”, mas infelizmente não começam pela raiz ou seja o problema não são as drogas” e sim as pessoas ou propriamente dito o ser humano que raramente pensa nas consequências futuras e somente se preocupa com o momento (masc, 20 anos).*

As Tabelas 17 e 18 revelam aspectos quanto ao *uso na vida* de drogas ilícitas e suas relações com o curso dos jovens pesquisados e com o sexo dos mesmos. Na Tabela 17, verificamos que as drogas mais consumidas por curso e no geral, segundo afirmação dos respondentes, são os opiáceos (Dolantina, Meperidina, Demerol, Algafan, heroína, Morfina, ópio ou medicamentos à base de codeína como xaropes contra tosse e Elixir Paregórico), seguidos da maconha, solventes, cocaína e alucinógenos. Considerando o estabelecido para este estudo, drogas ilícitas, chamamos a atenção para os opiáceos por ser uma realidade despontando no Centro Oeste. Assim temos a seqüência maconha, solventes, cocaína e derivados (ocaso de merla) e alucinógenos. O curso de Química apresenta um resultado diferente, onde a seqüência de escolhas mostra em primeiro lugar os inalantes/solventes.

Já com relação ao sexo, conforme Tabela 18, verificamos que os respondentes do sexo masculino dizem consumir mais maconha, seguido de solventes, cocaína e alucinógenos. Para as jovens mulheres temos a seqüência de escolhas: maconha, solvente, e um caso de merla.

**Tabela 17. Questão: uso na vida para drogas ilícitas/curso**

Uso na vida	Curso			Total
	Química	Ensino Médio	Construções Prediais	
Maconha	8	6	4	18
Alucinógenos	0	3	1	4
Cocaína	2	2	1	5
Crack	0	0	0	0
Ecstasy	0	0	0	0
Merla	1	0	-	1
Inalantes/Solventes	9	4	3	16
Opiáceos	10	9	3	22
Total	30	24	12	66

Levantamos as informações *o que faz em geral quando falta às aulas/uso de maconha*. Os resultados evidenciam que quatro alunos que dizem fazer *uso na vida* para maconha, afirmam não faltar às aulas e dos que faltam seis que dizem fazer uso, trabalham, quatro afirmam nada fazer, ou descansam (Anexo M). Cruzamos as informações *no futuro o mais importante/uso de maconha* e observamos ter uma boa profissão ainda é a 1ª opção com 48,8% das respostas dos jovens respondentes, independente de serem usuários ou não de substâncias psicoativas. Dos 18 alunos que dizem fazer ou fizeram *uso na vida* para a maconha, 8 assinalaram *ter uma boa profissão* e em segundo lugar, quatro escolhas para *ter dinheiro*, conforme pode ser visto no Anexo N.

Não foi nossa intenção buscar o número de usuários entre os jovens participantes da pesquisa, mas procurar conhecer suas práticas frente ao uso de drogas ilícitas e perceber, fundamentalmente, como vêem e compreendem estas relações. Pelas informações pudemos perceber que, entre os nossos respondentes, pode acontecer o uso de mais de uma substância ilícita simultaneamente. Corroborando essa informação, temos Lombardi (2004),

Jornal O Estado de São Paulo, cuja pesquisa procurou traçar o perfil do traficante, e do usuário e revela que o dependente de drogas em São Paulo é branco, solteiro, faz uso de maconha e cocaína no mesmo dia, tem entre 19 e 30 anos, e está desempregado. 40% dos entrevistados disseram usar as duas drogas no mesmo dia segundo a pesquisa. Grande parte admitiu usar drogas sintéticas como *ecstasy*. Ou seja, números reais podem ser mesclados quando usuários podem fazer uso de mais de uma droga simultaneamente.

Podemos então analisando a Tabela 18, estimar pelas respostas que temos dezoito prováveis usuários maconha, quatro de alucinógenos, cinco de crack dezesseis de solventes e, vinte e dois dizem usar ou usaram opiáceos, e é preciso também lembrar que consideramos para nossas análises o *uso na vida*.

**Tabela 18. Questão: uso na vida para drogas ilícitas / sexo**

<i>Uso na vida</i>	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Maconha	8	10	18
Alucinógenos	0	4	4
Cocaína	0	5	5
Crack	0	0	0
Ecstasy	0	0	0
Merla	1	0	1
Inalantes/solventes	7	9	16
Total	16	28	44

A Tabela 19 mostra a maior preferência dos jovens investigados no que diz respeito ao *uso na vida* de drogas ilícitas e em relação à idade. Temos para a faixa etária de 14 a 19 anos, a seguinte frequência de uso: maconha, solventes, alucinógenos e cocaína. É importante observar a preferência por alucinógenos na faixa etária menor. Os jovens da faixa etária de 20 a 24 anos indicaram usar inalantes/solventes, seguidos de maconha, alucinógenos e merla. Na faixa etária de 25 a 29 anos tem-se o uso: maconha, cocaína e inalantes/solventes. Acima de 29 anos temos dois usuários: um de maconha e outro de cocaína.

Tabela 19. Questão: *uso na vida lidade*

<i>Uso na vida</i>	<i>Idade Categorizada</i>				<b>Total</b>
	<b>14 a 19</b>	<b>20 a 24</b>	<b>25 a 29</b>	<b>30 ou mais</b>	
Maconha	9	5	3	1	18
Alucinógenos	3	1	0	0	4
Cocaína	3	0	1	1	5
Crack	0	0	0	-	0
Ecstasy	0	0	0	-	0
Merla	0	1	0	0	1
Inalantes/solventes	8	7	1	0	16
<b>Total</b>	<b>23</b>	<b>14</b>	<b>5</b>	<b>2</b>	<b>44</b>

Souza (1998) verifica em pesquisa com escolares da grande Cuiabá que a preferência para *uso na vida* de drogas ilícitas se dá com uma grande prevalência do uso de solventes (14,9%), seguidos da maconha (3,85%) e cocaína (1,8%). Em Pesquisa realizada pelo Projeto de Prevenção as DST/Aids/MS/SES/SEDUC/SME/ CEFET-MT, Sanches (1998) em 29 Escolas da grande Cuiabá, incluindo o CEFET-MT, na época denominado ETF-MT, verificou-se a mesma relação de prevalência para os solventes (9,22%), seguidos do uso de maconha 7,4% e cocaína 4,4%. Sanches & Morgado (2004) realizando pesquisa com o mesmo teor, no CEFET-MT encontram prevalência semelhante com 10,28% de *uso na vida* para solventes, 9,27% para maconha e 4,4% *para uso na vida* de cocaína.

Na tentativa de conhecer a opinião do jovem usuário sobre o uso de maconha, cruzamos as variáveis *mora com quem x uso na vida* para maconha. Conforme mostra a Tabela 20, é interessante observar que 202 jovens pesquisados responderam a questão e destes, dos que falam que usam ou usaram maconha, *uso na vida*, 3,5% moram com os pais, ou seja, 11,1% destes moram com os pais, 2% moram com outros parentes, 1,5% com a mãe/madrasta.

**Tabela 20. Questão: uso na vida para maconha ou haxixe / mora com quem**

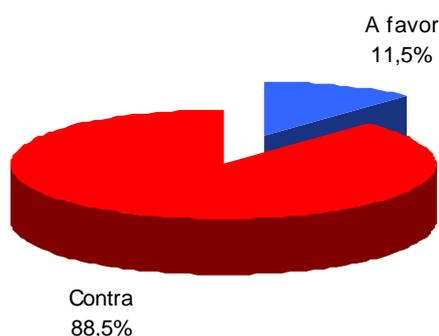
Mora com quem?	Uso na vida para maconha ou haxixe								Total	
	Nunca fumei		Fumei alguma vez na vida		Não fumei no último ano		Fumei no último ano			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Pai/padr. Mãe/madr, irmãos	121	59,9	7	3,5	-	-	2	1,0	130	64,4
Mãe/madrasta	14	6,9	3	1,5	1	0,5	1	0,5	19	9,4
Pai/padrasto	2	1,0	1	0,5	-	-	-	-	3	1,5
Companheiro(a), marido, mulher	13	6,4	1	0,5	-	-	-	-	14	6,9
Somente com irmãos	2	1,0	1	0,5	-	-	-	-	3	1,5
Outros parentes	13	6,4	4	2,0	1	0,5	-	-	18	8,9
Amigos	6	3,0	1	0,5	-	-	-	-	7	3,5
Sozinho	1	0,5	-	-	-	-	-	-	1	0,5
Mãe com filhos	6	3,0	-	-	-	-	-	-	6	3,0
Outros	1	0,5	-	-	-	-	-	-	1	0,5
Total	179	88,6	18	8,9	2	1,0	3	1,5	202	100,0

Observamos que, dos jovens que afirmaram que fizeram *uso na vida* da maconha, a maioria trabalha, conforme Tabela 21, perfazendo um total de 12 jovens. Ou seja 66,6% afirmam que trabalham.

**Tabela 21 Questão: uso na vida para maconha ou haxixe / você trabalha?**

Você trabalha?	Uso na vida para maconha ou haxixe								Total	
	Nunca fumei		Fumei alguma vez na vida		Não fumei no último ano		Fumei no último ano			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim, trabalho fixo	63	31,2	8	4,0	1	0,5	2	1,0	74	36,6
Sim, faço bicos	22	10,9	4	2,0	-	-	1	0,5	27	13,4
Não, só estudo	84	41,6	5	2,5	-	-	-	-	89	44,1
Não, estou desempregado	10	5,0	1	0,5	1	0,5	-	-	12	5,9
Total	179	88,6	18	8,9	2	1,0	3	1,5	202	100,0

Um outro aspecto abordado pelo questionário foi à questão da legalização das drogas. Fizemos a opção por perguntar apenas sobre a legalização da maconha. Quando questionados a respeito, pudemos observar que 88,47% dos jovens se posicionaram contra, e 11,53% dos pesquisados posicionam-se a favor, conforme indica a Figura 26.



**Figura 26. Questão: legalização da maconha**

Nas entrevistas indagamos quanto à legalização das drogas em geral e da maconha em especial. Aqueles que se posicionam contra as drogas em geral também o fizeram quanto a maconha. Ao ser inquirida sobre a diferença entre legalizar e discriminalizar, a grande maioria **diz entender**, mas conversando melhor, percebem-se as confusões. E falam sobre a legalização:

*Sem legalizar já está como está, se legalizar vai piorar (fem, 17 anos).*

*Porque ao invés de termos um País de ordem e progresso teremos um país de drogados e centros de recuperação (masc, 24 anos).*

*Contra, porque ainda acredito na teoria que a droga mais leve leva a pessoa a usar drogas mais pesadas (masc, 18 anos).*

*A favor, pois usa quem quer (fem, 20 anos).*

*A escolha tem que acontecer de forma espontânea e realista. O que o indivíduo não pode deixar de fazer é assumir responsabilidade, e essa escolha não pode interferir na vida do próximo. Você faz isso? Então responde por isso. Pesquisas já apontam os derivados da maconha como sendo usados em substâncias de remédio de forma camuflada. Então pra que camuflar? Então pra que proibir? (masc, 18 anos).*

*A favor, tudo que é proibido estimula a procura (masc, 16 anos).*

*A favor: mesmo legalizando usam e fazem contrabando do mesmo jeito tem pessoas que vive do dinheiro da droga (fem, 23 anos).*

*A favor porque a partir da liberação das drogas, seu uso perdera o sentido pois ninguém mais se importará com elas (masc, 21 anos).*

Por que uma questão específica sobre a maconha?

De acordo com as publicações da literatura nacional e internacional, maior número de pessoas tem utilizado a droga, e seu uso inicial tem ocorrido mais cedo. A discussão na mídia, como já vimos anteriormente, tem sido fragmentada e, às vezes, passional. Aumentaram os estudos sobre seus efeitos benéficos e adversos, agudos e crônico, estudos que foram iniciados no Brasil por José Ribeiro do Vale, pesquisador da USP, cuja influência sofremos enquanto farmacêutica e membro da mesma família mineira.

Verifica-se pela Tabela 22 que a quantidade de alunos que afirmaram usar, ou ter usado maconha, e que gostam do CEFET-MT é de 7,9%, 1% dizem que usam e não gostam da escola. A princípio parece que o usar e gostar da instituição não têm relação, o uso da maconha, quando explicitado, não parece ter caráter de contestação ou rebeldia. O mesmo se dá quando buscamos informações sobre a participação dos estudantes no Grêmio Estudantil do CEFET-MT e *uso na vida* para maconha, e pudemos constatar que dos sete alunos que dizem participar do Grêmio, seis dizem não usar maconha, e um diz que sim. (Anexo O).

**Tabela 22. Questão: *uso na vida* para maconha ou haxixe/gosta da sua escola, CEFET-MT**

Gosta da sua escola, CEFET-MT	Uso na vida para maconha ou haxixe								Total	
	Nunca fumei		Fumei alguma vez na vida		Não fumei no último ano		Fumei no último ano			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sim	160	79,2	16	7,9	2	1,0	2	1,0	180	89,1
Não	19	9,4	2	1,0	-	-	1	0,5	22	10,9
Total	179	88,6	18	8,9	2	1,0	3	1,5	202	100,0

Nas aulas práticas do Curso de Química, muitos dos solventes orgânicos como acetona, éter, clorofórmio entre outros, são constantemente usados. Ao indagarmos dos jovens respondentes, quanto *ao uso na vida* relacionado aos inalantes/solventes, verificamos que o maior índice dos mesmos se deu no curso de Química. Pretendemos a partir dessas informações voltar a discutir o assunto com os profissionais e alunos que compõem este

curso. A Tabela 23 possibilita conhecer os dados. Três alunos não responderam a essa questão.

**Tabela 23. Questão: uso na vida para solventes orgânicos/curso**

Curso	Uso na vida para solventes orgânicos								Total	
	Nunca usei		Usei alguma vez na vida		Não usei no último ano		Usei no último ano			
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Química	43	21,3	9	4,5	3	1,5	-	-	55	27,2
Ensino Médio	91	45,0	4	2,0	4	2,0	-	-	99	49,0
Construções Prediais	43	21,3	3	1,5	2	1,0	-	-	48	23,8
Total	177	87,6	16	7,9	9	4,5	-	-	202	100,0

Uma das características comuns de ser jovem nos tempos atuais, é valorizar o risco, buscar a aventura, mesmo que de forma ambivalente, nos esportes radicais, nos negócios, chegando ao uso de drogas. Para Paulilo & Jeolás (2004), a ambivalência, somada ao excesso e à rapidez das mudanças, tem sido a marca do nosso tempo, que se define sobretudo pelo excesso. Excesso de códigos, de imagens, de valores, de referências.

Para saber como os estudantes se posicionam frente ao risco de adoecer, se se sentem vulneráveis ou não, apresentamos algumas situações de risco, solicitando aos mesmos que atribuíssem a elas valor: situação sem risco, médio risco e alto risco. A Figura 27 indica as escolhas para: *você se sente em risco de adoecer frente a quais das situações?* Situações diversas foram elencadas, incluindo o uso de drogas lícitas como o álcool e drogas ilícitas como crack, maconha, solvente, éter, cocaína, como também transando sem camisinha, dirigindo nas estradas e andando nas ruas de Cuiabá. (Anexo P)

Os dados indicam que, na opinião dos jovens investigados, o maior risco de adoecer relaciona-se ao uso de crack, representando 71,3% das respostas; seguido do risco para o uso de cocaína, com 69,2%, maconha, com 58,2% e solventes com, 58,2% das respostas. Contrapondo-se ao maior risco temos 21,8% de respostas dizendo que usar maconha não oferece riscos e 20,9% assinalaram que o uso de solventes não oferece riscos.

Falando em saúde, jovens e a preocupação inclusive com drogas e aids, verifica-se que 65,9% dos jovens investigados dizem que transar sem camisinha oferece alto risco de contrair o HIV/aids. Contudo 12,8% dizem não oferecer riscos. Pensando nas campanhas e propagandas do Ministério da Saúde e no avanço da doença, como ficam os jovens com esta posição?

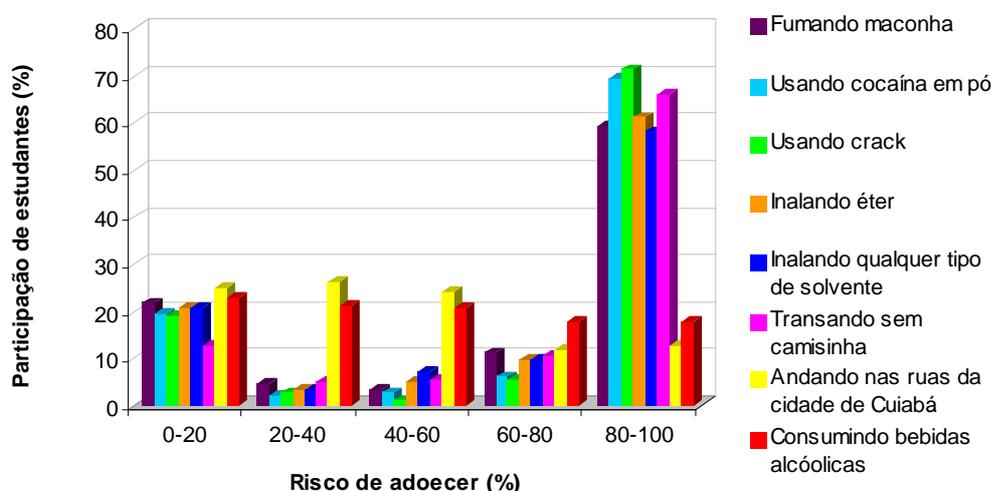


Figura 27. Questão: *riscos de adoecer frente a.*

O grande desafio para o discurso da prevenção é a urgência de campanhas que mostrem o uso de drogas como tendência à monotonia, de modo menos intimidador, propondo prática de atividades que permitam entrar numa dimensão espaço-temporal alternativa ao cotidiano, tais como atividades corporais: o esporte, a dança e o teatro.

Quanto às campanhas sobre drogas, perguntamos para os alunos *o que acham das mesmas na televisão e também se as propagandas podem influenciar no consumo.*

Obtivemos 52% de respostas que vêm relação entre as propagandas e o consumo:

*As campanhas deveriam mostrar mais a realidade dos dependentes para chocar mesmo as pessoas. Assim os dependentes veriam o que está fazendo e procuraria ajuda (fem, 21 anos).*

*Deve haver mais e mais campanhas que mostrem os efeitos das drogas, para ver se as pessoas acordam que isso é destruição. Quanto às propagandas, acho que deveria sair do ar pois elas aguçam a curiosidade principalmente de crianças e adolescentes (fem, 17 anos).*

*A TV é um grande meio de comunicação, ela exerce um poder na sociedade que é mais que a sua obrigação e as propagandas tem um poder forte que deve ser usadas na prevenção das drogas (masc, 18 anos).*

*Podem até influenciar em cabeça de criança, mas de jovens não. As campanhas realizadas na TV possuem uma eficácia muito baixa em Comparação ao comércio ilegal de drogas. O que é necessário fazer é uma reforma no conjunto de leis que se tornem mais severas e uma política de prevenção adequada a cada setor social (masc, 19 anos).*

*É iniciativa válida, mas o certo é eliminar o traficante (masc, 22 anos).*

*São muito superficiais, tratam os drogados como idiotas e não dão resultado não. Pra mim não (fem, 22 anos).*

*Na minha opinião não previnem e nem influenciam. É claro que devemos levar em conta o estado emocional e psicológico de cada pessoa (masc, 18 anos).*

Os entrevistados apresentaram sugestões para serem usadas como medidas preventivas na escola quando responderam a pergunta: *o que você acha que a escola poderia ou deveria fazer na questão do uso de drogas?*

*Fazendo campanhas, palestras e mostrando a realidade de um usuário com várias seqüelas por causa das drogas (fem, 20 anos).*

*Fazer campanha mais atuante a escola deveria submeter os usuários a tratamento psicológico (fem, 17 anos).*

*Deveria ir a casa da pessoa para resolver o problema na base (masc, 22 anos).*

*Não fingir que não sabe, encarar de frente e formar grupos de estudo, pesquisa e bate papo (masc, 18 anos).*

*Ajudar o aluno sem expor ele, de uma forma sigilosa. A escola como uma instituição de ensino na sua qualidade perante a sociedade deveria tratar de uma forma adequada com rigidez e disciplina (masc, 19 anos).*

*Procurar entender o motivo o qual o levou a ser um usuário e tentar ajudá-lo (fem, 18 anos).*

Falam em tratamento psiquiátrico, psicológico, mas também que a escola não deve  *fingir*  que não sabe das coisas. Ou seja, não deve fechar os olhos ao que está acontecendo.

*Cada um entra com o que quer aqui* (masc, 18 anos).

*Aluno que chega atrasado não entra, mas estranho, entra* (masc, 21 anos).

Uma outra questão, que entendemos necessária, foi questionar os jovens sobre como supõem que os amigos reagiriam caso soubessem de seu envolvimento com diferentes drogas em diferentes estágios de envolvimento. (Ver tabela 24). 76,7% dos jovens acreditam que seus amigos íntimos desaprovariam muito se soubessem que eles cheiraram crack ou cocaína, mesmo que ocasionalmente. Em contrapartida, acreditam que o uso da maconha, ainda que regular, seria um pouco menor, 74,4%. 14,7% dos jovens pesquisados afirmam que seus amigos não desaprovariam se enchessem a cara, ou fumassem maconha uma ou duas vezes, conforme indicado por 12,8% de respostas, ou até mesmo inalantes/solvente de vez em quando, de acordo com 10,9% de respostas.

**Tabela 24. Questão: amigos íntimos desaprovariam se soubessem que você usa / situações**

Situações	Amigos íntimos desaprovariam se soubessem que você usa		
	Não Desaprovariam	Desaprovariam	Desaprovariam Muito
Fumou maconha uma ou 2 x	12,8 %	33,5 %	53,6 %
Fuma maconha regularmente	7,4 %	18,2 %	74,4 %
Usou crack 1 ou 2 x	6,8 %	17,0 %	76,1 %
Usa crack ocasionalmente	5,1%	16,5 %	78,4 %
Usou cocaína 1 ou 2 x	7,9 %	19,7 %	72,5 %
Usa cocaína de vez em quando	6,3 %	17,0 %	76,7 %
Usa solvente de vez	10,0 %	24,6 %	64,6 %
Enche a cara nos finais de semana	14,7 %	25,3 %	66,3 %
Dirige depois de beber 5 ou mais drinques	8,4 %	25,3 %	66,3 %

Após indagar os jovens entrevistados sobre o que seus amigos pensariam deles, resolvemos perguntar se os amigos consumiam drogas:  *quantos dos seus amigos fazem uso de* , Tabela 25. As opções eram: nenhum, poucos, alguns, muitos e todos. A maioria diz acreditar que seus amigos não usam drogas ilícitas. Os que apontam para o uso acreditam que

a maconha seja a mais comum das escolhas com 24,9% das respostas, 20,6% de respostas apontam os solventes e 13,5% a cocaína. Para a opção *muitos amigos fazem uso*, os dados mostram inalantes/solventes com 5,6% das respostas e maconha 2,2%.

**Tabela 25. Questão: quantos de seus amigos fazem uso / situações.**

Situações	Quantos dos seus amigos				
	A nenhum	B Poucos	C Alguns	D Muitos	E Todos
Fumam maconha	56,8 %	24,9 %	14,1 %	2,2 %	2,2 %
Usam LSD ou outros alucinógenos	82,7 %	12,8 %	2,8 %	0,6 %	1,1 %
Usam merla	89,9 %	6,2 %	2,8 %	0,6 %	0,6 %
Usam crack	86,6 %	7,8 %	-	-	1,1 %
Usam cocaína	79,8 %	13,5 %	5,1 %	1,1 %	0,6 %
Usam inalantes/solventes	66,1 %	20,6 %	6,7 %	5,6 %	1,1 %
Usam ecstasy	82,6 %	10,7 %	5,6 %	0,6 %	0,6 %

Com a intenção de entender se havia grande disparidade entre o percentual dos respondentes que afirmaram usar drogas ilícitas ou não em contraste com sua opinião sobre os jovens que usam drogas, temos resultados que podem ser evidenciados pela Tabela 26: tanto usuários como não usuários dizem entender os que usam como sendo *pessoas com problemas, precisam de ajuda*.

**Tabela 26. Opinião dos jovens pesquisados sobre jovens que usam drogas**

Opinião dos jovens pesquisados sobre jovens que usam drogas	Não usam drogas ilícitas		Usam maconha	
	N	%	N	%
Uns caras legais, que sabem das coisas	6	3,3	3	16,7
Uns otários que vão se dar mal	55	31,1	3	16,7
Pessoas com problemas, precisam de ajuda	141	79,7	14	77,8
Não são diferentes dos outros jovens	25	14,2	5	27,8
Uns fracos, sem personalidade	53	29,7	5	27,8

Ou seja, usar drogas não implica que o jovem tenha opinião mais benevolente em relação aos vários efeitos das drogas.

Pelos dados até aqui apresentados, podemos destacar alguns aspectos que caracterizam nossos respondentes.

A quase totalidade desses jovens é solteira (90,1%) e praticamente a metade deles trabalha (49,8%). A maioria destes jovens diz ter uma religião (85,4%), sendo que a

religião predominante é a católica 52,6%. Quase a metade dos jovens pesquisados gosta de sair com amigos (48%) para se divertir, 64,4% dos estudantes moram com os pais, e 60% recorrem principalmente a ela, sendo que 44,6% desses procuram a mãe quando têm problemas mais sérios. Para 62,4% deles, suas famílias são modernas. Dos entrevistados, 80,5% dos jovens pertencem às classes B e C e o seu maior anseio é ter uma boa profissão no futuro. Mais da metade dos jovens pesquisados 62%, afirmam gostar do CEFET-MT e verifica-se também que 57,1% o consideram uma escola moderna. Desses jovens, 43,8% não faltam às aulas. A maioria (67%) escolheu o CEFET-MT para estudar porque essa escola prepara para o mercado de trabalho. 50,7% freqüentam a escola além das aulas, sendo que 45% destes para usar na biblioteca e 26% para bater papo com os colegas e amigos. Já 76% dos jovens gostam de conhecer lugares, pessoas e coisas novas.

Dos estudantes selecionados e pesquisados 13,3% fizeram ou fazem uso de drogas ilícitas, destes 9,9% deles dizem ter iniciado o uso por influência de colegas/amigos. Dos jovens pesquisados, 45,9% afirmam que a responsabilidade pelo uso de drogas ou pelos usuários, bem como os problemas relacionados a eles não são responsabilidade da Justiça e da Saúde Pública e sim do próprio usuário (32,9%).

Um outro aspecto observado é que 11,53% são a favor da legalização da maconha e 88,47%, a maioria, são contra. Mais ainda, 71% dos estudantes acham que os usuários são pessoas com problemas e 50% acreditam que a amizade pode influenciar no uso. Por outro lado, 67% dos alunos acreditam que algumas pessoas usam drogas para esquecer as coisas ruins, os problemas.

Quanto ao tipo de colega com quem convivem em sala de aula, 71% dizem não querer membros de gangue, 49% não desejar conviver com viciados em drogas, e também elencam fanáticos religiosos e alcoólatras como indesejado

O maior uso de drogas ilícitas encontra-se na faixa etária de 14 a 19 anos. Dos 205 jovens entrevistados, a maioria diz nunca tê-lo feito. Mas dos que afirmam que já o fizeram, o percentual dos alunos do Curso de Química é maior. A maioria das jovens que dizem usar drogas responde que o fizeram pela primeira vez por curiosidade, num total de 10 para 13 respostas.

O motivo que os levou a fazê-lo pela primeira vez varia percentualmente conforme o curso. Para Química e Construções Prediais, predomina a resposta: para participar de grupos de amigos, colegas de escola e para o Ensino Médio, predomina: para quebrar a rotina/curtir os efeitos da droga.

A maioria diz nunca ter usado drogas e aqueles que já o fizeram ou o fazem evidenciam os seguintes dados quanto ao uso de maconha: Química aparece com 14,54%, Ensino Médio com 5,9% e Construções Prediais com 8,1%; para a cocaína, 3,6% para alunos de Química, 1,9% para Ensino Médio e 2,0% para Construções Prediais; e para inalantes/solventes orgânicos: 16,3% de usuários para o Curso de Química, 3,9% para o Ensino Médio e 6,1% para Construções Prediais.

## CAPÍTULO 6

### Jovens do CEFET-MT: Tolerância e Intolerância

A crise adolescente adquire importância particular por se mostrar como espaço de reflexão sobre os conflitos que a cultura da qual faz parte procura encobrir. Daí a necessidade em compreender o processo adolescente

Tiago Corbisier Matheus

Neste capítulo pretendemos refletir sobre a visão que os jovens dos Cursos de Química, Construções Prediais e Ensino Médio do CEFET-MT têm sobre o consumo de drogas ilícitas.

#### 6.1 Drogas, usuários, legalização

A maioria dos jovens, num percentual de 88,47% dos respondentes, é contra a legalização do uso da maconha. Eles confundem descriminalizar, legalizar e liberar. Para Ronaldo Larangeiras, Presidente da Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas (ABEAD) é temerário descriminalizar o uso das drogas sem estudos nacionais consolidados sobre o perfil dos usuários e o impacto que essa mudança traria, acrescentamos que informar e discutir a questão com usuários seria o primeiro passo a ser dado para isso. Já o Programa de Controle de Drogas da ONU (UNDCP) considera que, entre a proibição estrita e a legalização, existem possibilidades e entre elas aparecem a política de redução de danos e a descriminalização. Os excertos a seguir mostram a opinião de dois jovens quanto a essa temática:

**A favor;** *a liberação da maconha apenas vai regularizar o uso na sociedade. A bebida não é uma droga legalizada? As pessoas que usam não precisariam se sentir como criminosos só por que querem se sentir legal.* (feminino, 18 anos, Ensino Médio).

**Contra.** *Acredito que o aumento de gente que usa ia ser muito grande. Todos conhecem os prejuízos até para estudar pois as pessoas ficam mais devagar. Certamente também causaria um aumento de acidentes no trânsito.* (masculino, 23 anos, Construções Prediais).

Observa-se pelas entrevistas que grande parte dos jovens pesquisados sabe distinguir drogas ilícitas das lícitas. Mas ainda predomina a idéia de que algumas substâncias não são legalizadas porque existe interesse político. Resultado semelhante foi obtido por Rebello & Monteiro (2001), seus alunos acreditam que nosso País é *governado* por pessoas *governadas* por indústrias, razão pela qual não deixariam as drogas serem legalizadas.

A grande maioria dos alunos pesquisados afirmou que não usam e nunca usaram drogas ilícitas e esse é um dado nacional e internacional, apesar da idéia corrente de que esse número seja maior, e que a situação seja quase catastrófica. Entretanto em 2002, Galduroz et al, evidenciam o aumento do consumo de solventes, maconha, de modo geral e em seis capitais destacam o aumento do consumo de cocaína. Na realidade cuiabana, Souza (1998) encontra dados semelhantes.

Deve-se olhar com atenção o consumo de drogas ilícitas por escolares dizem Bastos & Carlini –Cotrim (1998), pois evidencia-se a antecipação do contato inicial dos estudantes com as mesmas.

Em pesquisa realizada entre jovens universitários Kerr - Corrêa (2001) revela o maior uso de drogas ilícitas entre os estudantes, para a maconha 14,9%, seguidos de solventes 11,3% e cocaína 2,9%. Segundo os resultados obtidos nesta pesquisa, encontramos também uma prevalência de uso para a maconha 8,9%, seguido de solventes com 7,8% e cocaína e derivados 2,9%. Entendemos que estes números podem ser controvertidos pois temos que considerar a questão do uso de mais que uma droga pelo mesmo usuário, e isso pode alterar o resultado, é preciso considerar também a relação que o programa usado para quantificação

dos dados apresentados para *uso na vida* e *uso no ano* obteve 10, 4% para a maconha, acreditando-se que os jovens tenham sido honestos em suas respostas.

Vimos que os padrões de uso no CEFET-MT acompanham as tendências nacionais assim como os padrões de uso e abuso nacionais têm acompanhado as tendências mundiais de crescimento do consumo, conforme a Organização das Nações Unidas.<sup>12</sup>

O consumo de inalantes/solventes não é próprio apenas dos estudantes do CEFET-MT participantes desta pesquisa. No Brasil as referências científicas sobre o uso de inalantes/solventes estão nos trabalhos de Carlini et al (1995); Galduróz (1996) entre outros. Galduróz et al (2002) constataram que 18,9 % da população já fez uso de alguma droga, exceto o tabaco e o álcool, prevalecendo a maconha com 5,0%, seguida de solventes e da cocaína e derivados, na região Centro – Oeste<sup>13</sup>

Os índices de *uso na vida* de cocaína, 2,6%, e crack, 0,4%, ocuparam o segundo lugar do ranking do Brasil, exceto na região sul: cocaína 3,6% e crack 0,5%. Considerando a situação geográfica de Cuiabá, dada a proximidade com países como Bolívia e Colômbia e a extensão de nossas fronteiras abertas, o menor percentual para o uso de crack este é um fato de relevância que não pode ser descartado.

Hoje, o Brasil é o maior produtor de solventes da América Latina. Na fronteira do Mato Grosso o tráfico doméstico ou seja até 5 kg ou 10 kg predomina e é o que abastece o mercado interno. Segundo Zaqueo,<sup>14</sup> não somos hoje apenas o corredor do tráfico como falado há 20 anos, mas o celeiro de onde pode-se obter com facilidade drogas como cocaína e derivados, maconha e solventes. Constata-se que 60% dos crimes da grande Cuiabá acontecem devido ao tráfico, e são crimes cometidos por jovens de 14 a 24 anos.

---

<sup>12</sup> United Nations Office for Drug Control and Crime Prevention ( UNODCCP) Global illicit drug trends. New York: UNODCCP, 2002.

<sup>13</sup> População das 07 cidades pesquisadas com mais de 200 mil habitantes: 5.268.250( 45,3% da população da região)

<sup>14</sup> Zaqueo, Evaldo de Oliveira, Mj do GEFRON – 1º Seminário sobre Violência e Segurança Pública em Mato Grosso, dez/2004

Galduróz et al, também declaram que a maconha é a droga que teve maior *uso na vida*, 6,9%, no território nacional. O *uso na vida* de opiáceos<sup>15</sup> na região centro-oeste foi o maior e mais expressivo 4,2% do Brasil. Em Galduróz et al (1997), os inalantes/solventes aparecem em primeiro lugar na categoria *uso na vida* em nove de dez capitais brasileiras, contrapondo-se a ao I Levantamento domiciliar citado acima.

Segundo o relatório mundial sobre drogas, Escritórios das Nações Unidas para Drogas e Crimes – UNODC, nos últimos 12 meses, aproximadamente 185 milhões de pessoas no mundo – 4,7% da população mundial acima de 15 anos, consumiram drogas ilícitas. A cannabis (maconha ou haxixe) é a droga mais consumida, com 146 milhões de usuários – ou 3,7% da população mundial acima de 15 anos. O mercado consumidor de cocaína e derivados é estimado em 13,3 milhões de pessoas, representando 0,3% da população acima de 15 anos.

A amostra desta pesquisa apresentou um número dentro dos parâmetros nacionais de usuários de drogas ilícitas. Não foram encontradas pesquisas em outras IFE's da rede de Centros Federais de Educação Tecnológica sobre o assunto, com exceção de Sastre (1997). Independente de serem escolas profissionais ou não, ali convivem diferentes *juventudes* e é preciso agendar esta discussão.

É preciso mostrar aos estudantes que os CEFET's são espaços escolares iguais a todos os outros, lá ocorrendo práticas comuns aos jovens, bem como mostrar à comunidade que o consumo de drogas está mais próximo do que se imagina.

Considerando que quase toda a população passa pela escola em idade e circunstâncias favoráveis a adquirir novas amizades, novos hábitos e conhecimentos, entretanto, a escola torna-se um espaço ideal para os desenvolvimentos de ações preventivas, e não apenas para as questões ligadas ao consumo de drogas.

---

<sup>15</sup> Aqui citado na Tabela 17, p. 166, que poderá ser de interesse de estudos futuros.

Analisando a classe econômica e o consumo de drogas no CEFET-MT verificamos que a maior proporção de *uso na vida* de drogas ilícitas se deu para alunos mais favorecidos economicamente ou que trabalham 6%. Dos 8,9% que dizem usar, ou usaram maconha, a maioria mora com os pais. Muza (1997) e Tavares (2001), dizem que o uso de substâncias ilícitas é maior na burguesia. Estudos<sup>16</sup> em outros países demonstram a relação entre disponibilidade de dinheiro e uso de drogas. Nas entrevistas coletivas apresentamos os dados obtidos com os questionários sobre o consumo de drogas por jovens no CEFET-MT e perguntamos se concordavam com os números. A grande maioria afirmou que achava que era maior, 17,5 % concordam com os números. Eis algumas das opiniões.

*Não, acredito que o número seja maior devido a facilidade em que as drogas interferem na sociedade (masc, 19 anos).*

*Parece razoável, é uma escola técnica (fem, 21 anos).*

Os dados socioeconômicos dos estudantes pesquisados sugerem que ser usuário de drogas no CEFET-MT nos cursos pesquisados tem uma relação com a condição sócio política cultural. Lima (2000) enfatiza que nos últimos anos é indiscutível o aumento do número de indivíduos provenientes da classe média alta com graves problemas relacionados ao abuso de drogas.

## **6.2 Mídia e drogas, vulnerabilidades e riscos**

Quando da entrega do relatório para a qualificação de mestrado, verificamos em manchete do site Terra News, datado de 12/10/2004, informações sobre uma garota de 18 anos que morreu de overdose em Cuiabá. A reportagem girava em torno de um casal de namorados, usuários de pasta base de cocaína, que aqui é chamada de merla, e após vários

---

<sup>16</sup> CARDENAL CA; ADELL MN. *Consumo de alcohol en escolares*. Med Clin (Barc) 1995; 105: 481-6

dias juntos depois de uma reconciliação, ela provavelmente extrapolou no consumo e não resistiu. A lei 6368/76 diz que *prescrever, misturar ou entregar droga para o consumo é considerado tráfico*. Assim, o namorado Breno está preso por tráfico, pois foi pego em flagrante, diz a manchete. Se o exame comprovar que ele estava lúcido será indiciado porque sabia o que estava fazendo, explicou o delegado. Assim as notícias são repassadas.

Relacionando a notícia acima com o enfoque justiça, durante muito tempo considerado central nas discussões sobre drogas no Brasil, concordamos com Chequer (2004), ao afirmar que é preciso focar a percepção da imprensa sobre os usuários de drogas também como um problema de saúde pública. É preciso que os jornalistas tenham uma visão multidisciplinar sobre o assunto, tirando o enfoque policial de repressão e direcionando o foco para campos da saúde e direitos humanos. A influência da mídia se comprova ao constatarmos que os jovens pesquisados dizem acreditar que a responsabilidade pelo uso de drogas, bem como pelos atos e os problemas gerados por ele são principalmente do próprio usuário.

A maioria da população brasileira tem a mídia eletrônica como principal fonte de informações, e quase sempre o que é divulgado pela televisão passa a ser padrão de verdade diz Sat'Anna (2003), já que 87,4% da população, assistem TV, enquanto apenas 23,8% da população lê jornais, 9,8% lê revistas, 55,7% assiste TV aberta, e 1% assiste televisão por assinatura, e poucos têm acesso à Internet.

A televisão aparece nesta pesquisa como resposta das mais indicadas para o que os jovens costumam fazer para se divertir, perdendo apenas para sair com amigos. Zagury (2004), Pecora (2004) e Pagan (2004) encontraram resultados semelhantes com respeito a assistir TV para se divertir para todo o território nacional.

Sastre (1997) questiona a reação dos estudantes-adolescentes frente à propaganda da mídia eletrônica que trata das drogas, importância e a influência dos meios eletrônicos com alunos do CEFET-ES. O autor mostra em sua pesquisa que os alunos

pesquisados, jovens do 1º ano do ensino Médio, apresentam espírito crítico e dizem que a mídia eletrônica apresenta superficialidade quando trata de assuntos relacionados a drogas. Por outro lado, não deixa de ser bastante perigoso o que especialistas ressaltam quanto ao uso da internet por usuários e traficantes principalmente de drogas sintéticas, meio que a incentivar jovens a experimentar drogas como ecstasy e LSD quando exaltam os efeitos das substâncias sem levar em consideração os riscos que podem proporcionar. Acreditamos que a discussão na internet, de fácil acesso e sem controle, possa despertar o interesse de crianças e jovens. Não dá para ignorar os meios de comunicação e o acesso a eles, é preciso fazer contrapontos, trazer as discussões para a convivência familiar e escolar o que poderia ter real enfoque preventivo.

Pondera-se que a não percepção de risco, aliada à curiosidade, à desinformação e ao fácil acesso podem contribuir para a iniciação dos jovens no consumo de substâncias psicoativas. Ao falar das campanhas, os jovens pesquisados referem-se a elas como irreais e chocantes. Afirmam que de maneira geral não gostam, o que Sant'Anna corrobora, argumentando que o discurso das campanhas antidrogas é autoritário porque manipula por intimidação. Colocam-se as drogas como o opositor da ordem social, o vilão que subverte o comportamento de indivíduos e que, conseqüentemente, instalariam o caos na família, na comunidade e na sociedade como um todo invertendo a equação causa/conseqüência. O consumo de drogas no Brasil tem aumentado consideravelmente, embora os meios de comunicação estejam sempre divulgando notícias de que as drogas, e sempre as ilícitas segundo eles, têm influenciado neste ou naquele fato, no âmbito criminal ou no âmbito familiar, enfocando os jovens usuários como problemas.

### 6.3 A visão dos jovens do CEFET-MT sobre o consumo de drogas ilícitas

As verbalizações capturadas através da técnica de entrevistas coletivas revelam com certa espontaneidade a intimidade do pensamento dos jovens acerca das drogas. Em nenhum momento demonstraram algum constrangimento ou mal-estar a respeito.

A argumentação se dá em torno de uma multiplicidade de idéias construídas pelas seguintes variáveis temáticas: *a relação de proximidade com as pessoas usuárias de drogas, eu versus os outros, assumindo posições acerca da droga, desigualdades sociais e as ações políticas brasileiras, causas e motivos, trajetórias do usuário, tráfico, sugestões para a atuação da escola ou na escola.*

A análise dos resultados nos leva a crer que os jovens do CEFET-MT pesquisados se julgam tolerantes e até democráticos quanto às suas posições em relação ao uso de drogas ilícitas. A maioria acha que as pessoas têm opção quanto a usar ou não substâncias psicoativas. Isso pode ser observado pelas suas falas, quando de certa maneira estariam *assumindo algumas posições acerca das drogas ilícitas.*

*Democrático, eu me julgo democrático (masc, 21 anos).*

*Ah, eu sou assim, a partir de a pessoa começa a ter, é, como fala assim, a partir de dezoito anos já sabe o que é, né professora? Já sabe o que é errado, o que é ruim para ele, para a pessoa, então eu sou assim, se a pessoa quer, ela tem o direito à sua vontade, né? Eu não me intrometo não, também, não sou a favor nem contra, eu sou assim, a pessoa quer fazer aquilo, ela tem o, como fala, livre arbítrio, né? Pra fazer o que ela quiser da vida dela. Ah, eu me sinto bastante tolerante. Verdade (masc, 20 anos).*

*Porque a gente fala: ah, cada um sabe das suas responsabilidades – O problema é que a droga tira essa responsabilidade do cara, tira a consciência, tira tudo isso, é uma coisa assim, que prejudica ele próprio e a sociedade também. Eu cheguei, tem caso assim que a mãe sabe, mas só que ela fala, só que não adianta falar, não adianta, né... (fem, 19 anos).*

*Indiferente. Meu negócio é tratamento de choque Eu me acho super antiga, antiquada, intolerante em relação às drogas, apesar de beber, eu bebo, mas com essas drogas aí eu não concordo não... (fem, 20 anos).*

Pelas falas é possível perceber que parece existir diferenciação de visões das pessoas na sociedade com relação a quem usa e suas classes sociais. Dão a entender que quando o usuário é da classe alta são *intocáveis*, *é bonito usar, relaxa as tensões do dia a dia*. Em contrapartida, quando relacionados os usuários de classes mais baixas, as pessoas acham que isto é um *ultraje*, uma *vergonha* para a classe baixa que só tem problemas a esquecer. Em suas falas é possível relacionar *a desigualdade social e as ações políticas brasileiras*:

*Ah, eu acho que o nosso País, ele é democrático politicamente, mas quando se fala em drogas, ele tem um preconceito muito grande, por exemplo, há duas classes, né, a classe alta quando utiliza droga fica ali intocável, muitas vezes intocável e a classe baixa é aquela que é massacrada, que vai em cima, a polícia vai em cima, então há uma, discriminação muito grande. É preciso que o governo, , comece a olhar mais para isso aí, para esse tipo de diferença, quer dizer, pros ricos é bonito, e pro pobre é vergonha. Não, porque rico usa droga para relaxar, né, quando quer relaxar, usa droga, pobre é para esquecer os problemas (masc, 20 anos).*

*É tipo tatuagem, tipo tatuagem, quando uma pessoa pobre usa, é malandro, agora a pessoa rica, não, tatuagem é maior beleza, pra enfeitar o corpo (fem, 22 anos).*

*Bom, eu sou um pouco indiferente às drogas, não me influenciando, eu não participando. Eu penso que sobre a justiça que tem, é como ele estava falando, que o pessoal tem preconceito mais com as pessoas que são menos, de classe baixa, desfavorecida, o que deve ser feito, o governo, é analisar todo mundo como um todo, tanto a classe alta que tem dinheiro, como a classe baixa, né? e não são bem vistos, isso aí tem que ser analisado ao todo, tem que combater, tentar combater tanto com a classe baixa, mas também a classe alta, onde a maioria das drogas vem lá de cima para baixo. (fem, 19 anos).*

Com a continuação das discussões, fica claro que as contradições acerca da convivência e influencia dos amigos está relacionada à percepção de que se admitirem que sofrem influencia estarão admitindo a fraqueza de cada um, mas fica clara a necessidade dos jovens compartilharem comportamentos com o grupo de iguais.

*Depende da personalidade de cada um, se você é uma pessoa vulnerável que vai na opinião de outros, vê todo mundo bebendo ou fumando e ai você bebe, agora, se você tiver sua opinião forte, própria, você não vai beber. (fem, 19 anos).*

Quando indagados se não é comum os adolescentes serem inseguros e não terem opinião própria, uns dizem concordar:

*É, a maioria faz isso (fem, 25 anos).*

*Adolescente sim, mas jovens como a gente não é tão comum (masc, 20 anos).*

*A gente se encontra em barzinhos fica conversando e acaba bebendo. A turma fica insistindo, mas drogas é diferente (fem, 19 anos).*

Alguns dos jovens entrevistados dizem que convivem com os usuários de drogas ilícitas não só no CEFET-MT, como também e principalmente nas comunidade onde moram. Já vimos anteriormente que na sala de aula aceitam melhor os colegas que usam drogas. O modo de ser frente aos amigos usuários do bairro sugere que as vezes são preconceituosos e até intolerantes. Por suas falas, é possível perceber que alguns convivem fingindo nada saberem, evitando os usuários de modo geral. As famílias muitas vezes pressionam para que não tenham amizade com *essas pessoas*, como dizem. Chegam a comentar que o governo tem que investir em projetos de lazer e recreação nos bairros para tentar resolver o problema dos jovens desocupados. Pelas verbalizações vemos como percebem a *relação de proximidade com as pessoas usuárias de drogas*:

*Tem um exemplo na minha família, mas aconteceu que meu primo, ele começou a se envolver com esse tipo de pessoa, e começou a andar com pessoas que usavam, apesar que ele não usava, mas aí a minha tia começou a ficar preocupada, pensando que ele já tinha, começado a usar maconha, droga. Daí ele começou a fumar, né, e aconteceu que ele teve que ir para a minha tia e nós fomos passar férias fora, e nesse período que nós fomos para lá, aí a minha tia decidiu deixar ele morando com a minha tia para lá, para ele não ter que voltar para cá e continuar na influência daquelas mesmas pessoas, aí ele não estão morando aqui em Cuiabá (fem, 21 anos).*

*Só que lá em casa, aonde eu moro, as pessoas cumprimentam eles como se não tivesse nada de mal, só que na hora que eles vão fazer o uso, eu não vou, mas eu jogo bola junto, vou soltar pipa. .Esses são meus amigos mas quando eu vou para um barzinho, lanchonete e para o campo de futebol, eu vou com eles, a mesma coisa, normal, não tem discriminação assim (masc, 19 anos).*

*Eu convivi muito tempo com uns colegas que utilizavam muito outros tipos de droga, mas eram profissionais, eram funcionários de banco, e aí eles*

*eram bem vistos, porque eram profissionais, né, e muitas vezes aquelas pessoas da classe mais baixa, eles são discriminados porque às vezes não tem um bom emprego (fem, 21 anos).*

*Tinha uma boca de fumo na esquina, na entrada do meu bairro, tava muito perigoso, coisa que não dava para acreditar, é que a própria polícia fornecia, até que quando eles entravam na casa, eles mostravam um papel, a gente até brincava, será que para vender droga agora precisa de alvará? O incrível é que a polícia mesmo que ia lá e fornecia a droga. Como que, só que estava muito perigoso, teve troca de tiro, aí a boca de fumo saiu de lá (fem, 18 anos).*

Falam que os usuários deveriam procurar tratamento, afirmam que os usuários de drogas pesadas podem conseguir tratamento apesar de ser muito perigoso e difícil:

*Uma hora ele chegou, que estava lá no fundo do poço, ele já roubou a minha casa, roubou os irmãos, todo mundo, aí na hora que o negócio ferveu mesmo, o povo ameaçando de morte, esses negócios aí, que ele resolveu fazer o tratamento, aí hoje ele já está limpo, foram uns vinte e poucos anos de uso de droga. Mas ele conseguiu largar? Conseguiu, hoje ele conseguiu. Muitos conseguem, né, professora, (fem, 21 anos).*

Carlini-Marlatt (2005) discutindo os dados da Pesquisa perfil da Juventude Brasileira aponta que 77% dos pesquisados acreditam ser melhor mandar usuários de drogas para tratamento, e não para a prisão. Acredita a autora que os jovens ainda se digladiam com uma dicotomia extremamente simples do usuário de drogas como um doente ou um criminoso.

Os jovens desta pesquisa dizem que conseguem manter laços de amizade com os usuários sem eles próprios se envolverem. Aqui podemos perceber a relação do eu com o outro, com aquele com quem convive o aluno:

*Eles usavam e vendiam, aí eu de fora, eu já peguei em todo o tipo de droga, mas eu nunca consumi, só que aí eu tentava, eu comecei a não ficar muito com eles, né, assim, eu tinha amizade, continua sendo amigo, como colega, né, mas só que, eu não fico no meio deles quando eles vão pros cantos usar (masc, 20 anos).*

*E uma vez só que um colega meu pegou cocaína, cheirou bem assim na minha frente, oferecendo para mim, eu vi aquele trem assim, eu pensei comigo – como que um ser humano consegue fazer esse tipo de coisa? (masc, 20 anos).*

*Muitos se camuflam como evangélico, mas não adianta nada, a gente sabe que usa e se afasta (fem, 19 anos).*

*Eu sou pobre, do nível baixo, só que eu tenho colegas que tem e usam. Não ter dinheiro não é desculpa (masc, 22 anos).*

*A maioria do pessoal quando eu era pequeno, professora, não usavam droga, aí depois, a partir de doze anos assim, treze, aí a maioria dos meus colegas, eles são consumidores de droga, mas eu nunca usei assim, eu convivo assim, entende? (masc, 20 anos).*

Uma jovem diz que tem um tio que é envolvido com o tráfico, o que se dá debaixo das barbas da família, mas que todo mundo também finge não saber. A mãe, quando de suas visitas, às vezes se tranca no quarto com ele, mas nunca comenta o que falam. *Ela não perde o jornal da televisão local* comenta. O tráfico também acontece entre esses jovens.

*Não é porque, meu tio, ninguém da família usa droga, ele fez carreira no tráfico, começou como usuário, depois ele foi avião, depois ele foi não sei o que, até chegar a traficante, né... (fem, 21 anos).*

Interessante que nos encontros para as entrevistas coletivas, apesar do clima de camaradagem, deu para perceber que queriam falar e contar muitos casos, mas sempre dos outros, *dos meus colegas de turma, dos meus vizinhos, no meu bairro...* Alguns deixaram perceber já terem experimentado algum tipo de droga ilícita, mas apenas a maconha, *que é uma erva, .é natural, não faz tanto mal.* Os inalantes/solventes teriam usado apenas *uma vez na vida.* Apenas uma aluna fez um depoimento diferenciado:

*Já usei de tudo que existe. Já fui parar na cadeia e minha mãe teve que ir me buscar de madrugada. Hoje não uso nada, só bebo e até encho a cara de vez em quando. Tem desculpa não. Não tenho paciência com essa lenga lenga de coitadinho... mas é difícil largar. Agora eu acho que a sociedade e a escola são bastante hipócritas. Só percebem quando interessa. Problema maior? Para mim o problema é que os pais não conhecem os filhos que tem nunca sabem nada é fácil passar por filho certinho (fem, 20 anos).*

Os jovens desta pesquisa parecem ter conhecimento da situação atual do uso de drogas na sociedade e fazem questão de deixar algumas sugestões. Acham que a informação é importante e que esta deveria ser trabalhada em atividades como *workshop* - oficinas, de que

os pais também deveriam participar, pois consideram a família importante, embora não responsável pelo uso. A escola deveria fiscalizar a entrada não só de alunos, mas de visitantes também, de modo incisivo, para saber o que trazem para cá, de drogas em sua área. Oferecer mais ocupação nas áreas recreativas, no lazer e na cultura. Retomando dados anteriores apresentados, vemos que uma das atividades menos procurada pelos jovens respondentes dos questionários foi exatamente a cultura e lazer no CEFET-MT. Alguns dizem que não concordam em excluir os *drogados, os usuários de drogas* do convívio escolar. Outros jovens, todavia, expressam que os usuários devem ser tratados com mais rigor, a polícia deveria resgatar a confiança da sociedade, a saúde pública deveria ser mais atenciosa. Eles oferecem sugestões para a atuação da escola e na escola, quando falam dessa temática:

*Estar alerta. Informações, apesar de que nós temos informações, mas é isto propriamente. Eu acho que tem que montar grupinho, assim. Além dos alunos, tem que, tipo, com os pais também tem que ir, né, não adianta, eu acho que na maioria das vezes, o problema é mais, em casa. Só que a culpa não é dos pais. Não, ninguém tá falando que é dos pais, vários motivos, entendeu? (fem, 19 anos).*

*Não, que nem a questão da líder aqui, montar uma escola só para viciados? não seria o correto, pois estaria isolando ele da sociedade, eles se sentiriam mais excluídos, já fuma, já é drogado, já está lá em baixo, e ainda fazer esse tipo de coisa, não seria a melhor solução (masc, 20 anos).*

*Eu sou a favor do tratamento de choque, mostrar ex-drogados, mostrar a vida de um drogado, porque adolescente só aprende na porrada. É isso mesmo. Jovem só aprende vendo (fem, 24 anos).*

*Não adianta ser só na escola também, esse negócio de droga, tem que ser nos bairros, porque os alunos vêm dos bairros, e lá no bairro dele não tem o que fazer, fica só na rua, ele vai aprender só coisa que não presta. É, trabalhar também, mas com esse desemprego. Não consegue trabalhar. Na maioria dos bairros não tem centro comunitário, não tem quadra esportiva, vai fazer o que, vai ficar na rua só, aprender o que não presta. Professora, mas lá na escola tem o colégio de recuperação. Mas se a escola está preocupada com isso, ela tem como fiscalizar quem usa. Porque muitas das vezes os usuários não vão atrás? (fem, 21 anos).*

Muitas das informações que obtivemos nos foram fornecidas quando terminávamos as entrevistas, ficando um número reduzido de alunos batendo papo. Perguntando se poderia deixar o gravador ligado, diziam que não havia problema já que não

seriam identificados e as fitas estariam seguras comigo. Nesse período do encontro, os relatos são reveladores:

*E tem muita droga aqui também professora, mas o povo acha que na Escola Técnica ninguém usa. No intervalo a gente vê o povo saindo. Muita gurizada nova, meninas de 15, 16 anos (fem, 17 anos).*

Nos depoimentos percebe-se também a preocupação com o *mundo das drogas*, deixando implícita a idéia do envolvimento com traficantes, com a criminalidade e a violência. Conceitos passados e repassados permeiam suas falas.

#### **6.4 Futuro dos jovens e a prevenção**

Para Melucci (1992), nosso tempo é um tempo de muitas possibilidades, às vezes além do que se pode viver. *A liberdade de escolher e a embriaguez das possibilidades abertas revelam que o tempo é escasso, que se deve deixar para trás algumas coisas e isto se torna motivo de frustração.* Os jovens vivem intensamente as contradições deste tempo, pois as incertezas próprias da idade são agravadas pelas incertezas desta época.

Para Souza (1996) e de acordo com GALDURÓZ et al (1996), a afirmação de que o uso de drogas leva à diminuição do interesse pelo ensino deve ser analisada com precauções, pois tanto entre usuários como não usuários constatou-se que a defasagem escolar e o número de faltas foram grandes, indicando um quadro geral deteriorado do sistema educacional, o que também se verificou no CEFET-MT.

Nas entrevistas coletivas, ao fazermos a pergunta: *quais as drogas ilícitas que vocês conhecem?* Os estudantes citaram uma ampla lista: maconha, LSD, haxixe, heroína, chá de cogumelo, cocaína, cola, crack, ecstasy, dentre outras. O grupo em geral demonstra conhecer apenas os efeitos da maconha e cocaína, além é claro do álcool que não considera

tão problemático. Mas muitos contam histórias de alcoolismo em família. Embora de certa maneira predomine a noção de que a maconha não causa grandes males, as drogas ilícitas são consideradas mais prejudiciais:

*Maconha é erva, não é droga, droga é pedra...* (masc, 16 anos)

Declaram que parece haver uma maior tolerância com os jovens ricos, o que, para os jovens entrevistados, revela uma consciência da hipocrisia da sociedade e a reprodução da injustiça social.

*Jovens da classe média também usam, mas quem leva a fama são os pobres. Tenho uns amigos que os pais não ligam ...tem até um certo consentimento dos pais em relação ao uso da maconha* (fem, 20 anos).

*O negócio é o seguinte: se o carinha andar bem vestido, tiver carro e usar qualquer tipo de droga, ele não vai ser taxado de nada. Se o cara mora na periferia e usa droga, já é marginal* (masc, 20 anos).

O acesso dos estudantes às drogas é facilitado pelo contexto social e pela pressão dos amigos. A visão sobre motivação para o uso revela uma maior ênfase na responsabilidade individual – *usa quem quer* – ou *nas dificuldades pessoais*, o motivo que apontam ter levado ao consumo de drogas pela primeira vez foi a curiosidade (8,7%), conforme Figura 24, seguido de diversão ou prazer (3,4%). A grande maioria de usuários diz que quem o introduziu no uso foram os amigos. O fazer parte de um grupo, do *grupo de iguais* conforme discutido na seção 1.3, e sua influência, é importante para o jovem. Rebello et al (2001) dizem que além da curiosidade os jovens alegam outros fatores como imitação dos colegas e adultos, quebra de tensão, entre outros. Todavia identificamos que a não percepção de riscos, combinada à curiosidade, à desinformação e à facilidade de acesso contribuem para a iniciação.

Independente de ser rapaz ou moça, trabalhador ou não, solteiro ou casado, os jovens indicam de modo geral uma certa severidade, em relação ao usuário, fazem críticas

com relação aqueles que usam drogas. E, curiosamente, que aqueles que fazem uso também fazem críticas, porém, encontramos outras falas que mostram outro olhar:

*[...] as pessoas são preconceituosas, vão pela aparência... depende da cabeça de cada um... é preciso entender o drogado como uma pessoa que tem problemas... (fem, 19 anos).*

Por outro lado é preciso considerar outros aspectos. Questionados sobre o consumo de álcool, medicamentos e os opiáceos, os alunos demonstram que seus julgamentos se apoiam em conceitos estereotipados de que o caráter lícito ou ilícito da droga determinariam os males das mesmas:

*O álcool é para se divertir, e ser feliz. Mas quando a pessoa não sabe beber pode dar conseqüências. Maconha é uma droga leve, mas o crack, a merla são drogas pesadas (masc, 21 anos).*

Os estudantes que já experimentaram maconha pelo menos *uma vez na vida*, indicam ser mais tolerantes quanto a isso

*[...] é uma coisa normal [...]. não atrapalha em nada e a gente fica mais leve.... (masc, 17 anos).*

As falas dos jovens entrevistados a respeito das relações drogas x usuários revelam essas contradições, parece que à princípio também os jovens separam, de um lado, as drogas como meio de prazer, diversão e de outro, portanto, aceitáveis em certa medida, e, de outro, um juízo de valores mais crítico e severo quando o uso se torna uma dependência.

Em geral, os jovens pesquisados afirmam que convivem com usuários e contam histórias de amigos em seus bairros. E realmente ao falar da maconha e de seus amigos usuários demonstram serem coisas normais em suas vidas.

A principal consideração deste trabalho é que seria importante iniciar um trabalho de prevenção no 1º ano, tanto para o uso de drogas ilícitas como também para o álcool na comunidade. Mas só isso é nada. É preciso discutir, também, temas atuais que os

preocupam, mas com a participação ativa de todos que acreditam e os cercam, e, sempre, deles próprios. Sua voz precisa ser ouvida.

Precisa ser ouvida no contexto do CEFET-MT. Decorre de suas falas, por exemplo, a constatação de que está no Curso de Química o maior percentual de usuários de drogas ilícitas. Esse é um aspecto a ser abordado em estudos futuros. Afinal, aí ocorre a maior facilidade de acesso a substâncias químicas. É uma questão a ser pensada.

Precisamos, também, não desligar suas percepções de contextos mais amplos: fechando este relato, vimos o Jornal Folha do Estado<sup>17</sup> em primeira página *Famílias inteiras estão envolvidas no tráfico de drogas em Cuiabá*. Inversão de valores. E em outra manchete na primeira página também *Jovens analfabetos somam 16 milhões*.

Que fazer?

Não é possível ver situações isoladas. E cabe ao professor, ao pesquisador, debruçar-se sobre seu objeto de estudo, seu micro universo de convívio e pesquisa, sem perder a dimensão do todo: um olhar atento não é um olhar fixo.

---

<sup>17</sup> Edição de 24/10/2004 . Domingo. Veículo de grande circulação em Cuiabá e Estado de Mato Grosso.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não são os jovens que fazem as leis, não são os jovens que fazem os filmes da televisão, não são os jovens que produzem as drogas; por que, então, considerá-los como problemas? Mais ainda, os jovens não se consideram problema, isso é uma criação do mundo dos adultos.

Yurí Chillán

Entendemos que é necessário mudar nosso olhar e nossa mentalidade: o jovem não pode mais ser visto como problema, ou criando problemas, como provocante de insegurança e de violência, mas precisa ser considerado numa dimensão maior, como um indivíduo e cidadão em processo de desenvolvimento social e pessoal.

Pensar o jovem hoje certamente nos leva a considerar seus espaços, suas idéias e suas práticas. Implica sobretudo considerá-los como sujeitos atuantes, que formulam questões significativas, propõem ações relevantes e contribuem para a discussão dos problemas sociais.

Isso significa que nossa geração de adultos terá que lidar especialmente com os desafios da juventude. Esses desafios podem ser traduzidos em como possibilitar o tornar-se autônomo, solidário e competente para aprender, conviver, amar e trabalhar.

Pesquisamos alunos dos três cursos. São jovens brasileiros que estudam, trabalham, curtem a vida. O que pensam os jovens deste novo milênio a respeito do uso de drogas?

Rejeitam drogas ilícitas, toleram os usuários de drogas de modo geral.

Discutimos neste trabalho que as oportunidades de desenvolver certas capacidades mudam de acordo com as condições socioeconômicas e culturais de cada jovem. A juventude não é homogênea, nem universal, e considerar suas peculiaridades será condição fundamental no desenho das ações que pretendemos desenvolver, envolvendo-a.

Cabe ao jovem, hoje, em um ato livre, escolher entre a recusa e a prática da droga. Entretanto orientar para esse ato de liberdade importante e decisivo exige que os educadores saibam falar aos jovens, que saibam o que dizer e como dizê-lo.

Ao longo dos anos como educadora, farmacêutica, trabalho com adolescentes e numa tentativa constante de acertos maiores que erros, vimos refletindo muito a respeito de nossas posturas. Na verdade, as duas posições se confundem. Temos procurado ao educar, crescer junto com *os* filhos e com nossos jovens, e, à cada ano, há novos desafios à nossa criatividade, enfrentando sempre mudanças de padrões de conduta, de atendimento às necessidades e solicitações que se apresentam por parte destes.

Terminamos esta dissertação convicta que ainda há muito a pesquisar, ainda há muito a fazer, principalmente, ainda há muito que ouvir dos jovens e com eles discutir na construção de um mundo melhor.

As drogas ilícitas e o seu consumo sempre existiram, mas, tal como entendemos hoje, seu uso traz sinais dos nossos tempos com todos os seus significados: está ligado ao lazer, às culturas juvenis e à mídia. Podemos dizer que as juventudes sofrem a influência das grandes contradições do nosso sistema social, cultural e econômico: individualismos, ênfase no consumo, marginalidade, a desigualdade de rendas, as pressões pelo sucesso econômico, as incertezas da contemporaneidade.

A análise dos dados obtidos permitiu chegar a algumas considerações, entre elas a influência da mídia na atualidade e fundamentalmente nas questões sociais criadas a partir de concepções catastróficas com relação ao *fenômeno drogas*. O que se percebe é que *há um descompasso entre o que se alardeia pela mídia e o que acontece*. Na comunidade cefetiana pesquisada é claro que o problema existe, mas não como condição catastrófica. Parece que ali também *há um descompasso entre o que se fala pelos corredores e que acontece, considerados os dados obtidos*.

Como o jovem pode ter um projeto de vida frente a tantas contradições?

Eles são jovens, eles têm a esperança e precisam acreditar e parecem acreditar no futuro.

A compreensão dos determinantes sociais, grupais e individuais é importante para a educação e na prevenção sobretudo ao uso de drogas ilícitas. O desvelar desta realidade torna possível pensar, como os jovens, que mudar é possível, que é possível a transformação dos homens em sujeitos de suas próprias histórias.

Enfim o que fizemos aqui foi olhar para o jovem dos Cursos de Química, Construções Prediais e Ensino Médio nas suas relações com as drogas, procurando identificar as suas visões sobre as mesmas, sobre o usuário e a tolerância que têm frente ao uso. Buscamos conhecê-los, saber como vêem as coisas e se tem sugestões e propostas para o que acham deva ser mudado.

Há algumas utopias, sonhos, esperanças? Os jovens nos ensinam que no exercício de suas individualidades, é possível junto com o outro construir, com dignidade e respeito, ações de solidariedade. Os jovens enfrentam, a seu modo, processos sociais complexos que determinam sua existência mas que oferecem trilhas para a constituição de sujeitos voltados para os novos caminhos e para a realização de algumas de suas aspirações.

Não se trata das ofertas de soluções a seus problemas, ofertas paternalistas dos adultos para os jovens, mas de abordar conjuntamente temas de interesses comuns a jovens e adultos. O que se percebe é que o jovem, ao defender uma causa deixa ver, transparência, pureza e idealismo nem que depois, suas qualidades se tornem petrificadas e eles, impenetráveis.

Estamos frente a uma nova geração e o mínimo que podemos fazer por ela é tentar compreendê-la, considerando suas aspirações e frustrações, suas buscas e suas recusas, seu modo de ser e de agir.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. **Cenas Juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1994.
- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. In: Juventude e Contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 5/6, 1997.
- ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Ramos, 2005.
- ADITAL- Brasil. Agencia de Informação Frei Tito para a América Latina. **Campanhas antidrogas são alvo de polêmicas e questionamentos**. Disponível em: [www.adital/ritz](http://www.adital/ritz) . acesso em 21/09/2004.
- AKATU – Instituto Akatu de pesquisa. **Pesquisa: os jovens e o consumo sustentável**. Disponível em : [www.akatu.net/publicações/inc\\_detalhes-publicações](http://www.akatu.net/publicações/inc_detalhes-publicações). Acesso em 21/10/2004.
- ANDRADE, A .G de. Os contra da legalização das drogas na **Folha de São Paulo**. Disponível em: <http://www.abead.com.br/boletins/ed52.asp>. acesso em 31/12/04.
- ANDRADE, G., A. **O cenário sobre drogas no mundo, no Brasil e nas universidades**. Disponível em <http://clínicaarthurguerra.com.br/entrevista/IMAE.htm>. Acesso em 18/01/2004
- ANGUERA, T. Possibilidades de la metodología qualitativa Vs. Quantitativa. In: **Revista de Metodologies de la investigación educativa**. Universitat Oberta de Catalunya, P1/00088, p.103-107.
- ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 6ª edição. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ARATANGY, L. R. O desafio da prevenção. In: AQUINO, J. G. org) **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.
- ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- ARRUDA, T. da C. **A função Política e Social das Escolas Técnicas Federais**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UnB, 1990.
- ATALA, A V. **O ensino de Química e a formação da cidadania nos cursos da ETF**. Cuiabá.1997. Dissertação de Mestrado – IE/UFMT.

BAPTISTA, M. Drogas, Estado e Sociedade. In: BAPTITA, M ; CRUZ, M. S. ; MATIAS R (Orgs). **Drogas e Pós-modernidade: Prazer, sofrimento e Tabu**. Rio de Janeiro: Ed. URJ, 2003.

BARBOSA. J. ° **Ciência Tecnologia e Cidadania: um trinômio (não quadrado) imperfeito em busca de ressonância frente aos desafios do Centro Federal de Educação e a Educação Tecnológica em Mato Grosso**. 2003. Cuiabá, Tese de Doutorado-IE/UFMT .

BESSA, M. A.; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria Loriatti. São Paulo: Companhia da Letras, 1986.

BIRMAN, J. Dionísios Desencantados. In. **Drogas: uma visão contemporânea**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BRASIL. **Lei n. 9394**, de 20/12/1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário oficial da União. Brasília, n. 248, v. 134,2783 – 27841, 23 de dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Justiça. Secretaria de Estado dos Direitos Humanos. **ESTATUTO da CRIANÇA e do ADOLESCENTE**. Brasília, 2000.

BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação Nacional de DST/Aids. **Jovens no foco das campanhas**. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/imprensa/noticiasimpreso.asp> acesso em:29/06/2004

BRENNER, A. K.; LÂNES, P.; CARRANO, P. C. **Arena das políticas públicas de juventude no Brasil: processos sociais e propostas políticas**. 2004. Disponível em [www.obsjovem](http://www.obsjovem). acesso em 20/12/2004 .

BUCHER, R.org. **As drogas e a vida: uma abordagem psicossocial**. São Paulo: EPU, 1988.

BUCHER, R. **Drogas e drogadição no Brasil**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1992.

BUCHER, R.; OLIVEIRA, S.R.M. O discurso do combate às drogas e suas ideologias. **Revista Saúde Pública**, v.28(2), 137-145.São Paulo, 1994.

CALIGARIS, C. **A adolescência**. São Paulo: Publlifolha, 2000.

CAMARANO, A.A.; MELLO, J. L; PASINATO, M.T. **Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros**. Texto para discussão nº 1038. IEA- Instituto de Pesquisa Aplicada. Rio de Janeiro, agosto de 2004.

CARLINI-COTRIM, B.. Drogas. Estranhando o óbvio. In: ABRAMO, H.W. SPÓSITO.M. P.(orgs) **Juventude em debate**. 2 ed- São Paulo: Cortez, 2002.

CARLINI-COTRIM, B Drogas na escola: prevenção, tolerância e pluralidade. In: AQUINO, J.G.(org) **Drogas na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

CARLINI-COTRIM, B. Movimentos e discursos contra as drogas nas sociedades ocidentais contemporâneas. In: **Revista da Associação Brasileira de Psiquiatria**, n. 17, v.3, pp 93 – 101. 1995.

CARLINI-MARLATT, B. Drogas e Jovens: abordagens contemporâneas. In: FREITAS, M. V de; PAPA, F. de C. **Políticas Públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Ed. Cortez. 2003.

CARLINI-MARLATT, B.. Jovens e drogas: saúde, política neoliberal e identidade juvenil. In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. **Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Ramos, 2005.

CARLINI, E. A . Uso ilícito de drogas lícitas pela nossa juventude. É um problema solúvel. In: **Medicamentos, drogas e saúde**. São Paulo, Hucitec, 1995.

CARLINI, E. A . Legalizar drogas não, descriminalizar sim. In: **Ciência Hoje**, 181(4), 40-45 (2002).

CARLINI, E. A Legalização e descriminalização da maconha. In: VARELLA, D. **Entrevista**. Disponível em : <http://www.drauziovarella.com.br/entrevista/maconha2asp>. Acesso em 21/10/04.1

CARLINI-COTRIM, B. & BARBOSA, M.T.S. **Pesquisas epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes: um manual de orientações gerais**. Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina, 1993.

CARRANO, P. C. R.; R. DAYRELL, J. **Jovens no Brasil: difíceis travessias de fim de século e promessas de um outro mundo**. Texto apresentado na 25ª reunião da ANPED, anais 2002. [www.uff.br/obsjovem](http://www.uff.br/obsjovem).

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas**. Rio de Janeiro: FAPERJ. 2002.

CARRANO, P. C. R. Juventudes: as identidades são múltiplas. In: **Movimento: Revista da Faculdade de Educação da UFF**. Rio de Janeiro, n. 1, 2000.

CARVALHO, G. C.A. de. **O jovem nas políticas públicas de Florianópolis. Departamento de Ciências Sociais**. UFSC. Florianópolis, 2002.

CÉSAR, R. de A. **A invenção da Adolescência no discurso psico pedagógico**. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP. 1998.

CHAVES JUNIOR, E. de O. Políticas de Juventude: evolução histórica e definição. In SCHOR, N. (org). **Cadernos da Juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, Secretaria de Políticas de Saúde, 1999.

CNPD. Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. Disponível em : <http://www.cnpd.gov.br> .

CONCEIÇÃO, M. I. G; TOMASELLO, F. PEREIRA, S. E. F. N. Prender ou proteger? In: SUDBRACK, M. de F. O .[ et al] **O adolescente e as drogas no contexto da justiça.** – Brasília: Plano Editora, 2003.

CUNHA, L. A . **Educação e Desenvolvimento Social no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1989.

DAWSON, S., MANDERSON & TALLO,V.**Manual para el uso de grupos focales. Métodos de investigación en enfermedades tropicales.** 1997.

DAYRELL, J. A escola como espaço socio-cultural. In: DAYRELL, J. (org). **Múltiplos olhares sobre a Educação e Cultura.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996.

DAYRELL, J. Juventude e escola. In: SPÓSITO, M. **Estado do Conhecimento: Juventude.** Brasília: INEP, 2000.

DUARTE – KUAPPER,K. ¿ Juventud o juventudes? Acerca de como mirar y remirar a las juventudes de nuestro continente. In: S. D. Burak (Comp). **Adolescência y juventud e América Latina.** Cartago, Costa Rica:LUR Libro Universidad Regional, 2001.

ELUF, L. N. As drogas e a legislação brasileira. BESSA, M. A.; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas.** São Paulo: Contexto, 2004 .

ERIKSON, E. H. **Identidade, Juventude e Crise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FALCÃO A P. Os caminhos da juventude: música e novas expressões políticas. João Pessoa. In: **CAOS**, nº 5, agosto/2003.

FERNANDES, A V M. **Acendendo as luzes: por uma política de prevenção nas escolas.** Araraguara: UNESP, 2001.

FIGUEIREDO, L.C.M. Adolescência e violência: considerações sobre o caso brasileiro. In: **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

FORACCHI, M. **A juventude na sociedade moderna.** São Paulo: Pioneira, 1972.

FORACCHI, M.. **O estudante e a transformação da sociedade brasileira.** São Paulo: Editora Nacional, 1965.

FRANÇA, J. L. (org). **Manual para normalização de publicações técnico-científica.** 6ª edição. Balo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

FREDA, H. Toxicomania: uma das formas da modernidade. In: INEM, C; BAPTISTA, M. (orgs) **Toxicomania: uma abordagem clínica.** Rio de Janeiro, NEPAD, UERJ e Sette Letras, 1997.

FREIRE, P. **Educação e Mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

- FREIRE, R. **Sem tesão não há solução**. 16ªed.Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- FREITAS, A. P. P. **Adolescência, família e drogas: a função, paterna e a questão dos limites**. Rio de Janeiro: Maud, 2002.
- FREUD, S. O mal-estar na civilização (1974 b). In. **Edição Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu.. (vol XXI) Rio de Janeiro: Imago.(orig. 1930)
- FRIGOTO, Gaudêncio. **Educação e a crise do capitalismo Real**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1995.
- Fundação Perseu Abramo. Perfil da Juventude brasileira. 1999. Disponível em : [www.fpabramo.org.br/](http://www.fpabramo.org.br/) [www.fpabramo](http://www.fpabramo.org.br/)
- FURTADO LEITE. Campanhas e prevenção. In. KUCK, D. W. Ciência em Dia.Disponível em : <http://www2.uol.com.br/cienciahoje/chdia/n837.htm> . Acesso em 09/11/04, 196
- GALDUROZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus em 10 capitais brasileiras**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina. CEBRID, 1997.
- GALDUROZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; CARLINI, E. A. **I Levantamento domiciliar nacional sobre o uso de drogas: psicotrópicas no Brasil: estudo envolvendo a 107 Maiores cidades do País**. São Paulo: Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas. Departamento de Psicobiologia da Escola Paulista de Medicina. CEBRID- UNIFESP, 2002.
- GALDUROZ, J. C. F. **O uso de inalantes (solventes) entre estudantes de 1º e 2º graus em dez capitais brasileiras – 1993**. São Paulo, 1996. Tese de Doutorado – Universidade Federal de São Paulo – Escola Paulista de Medicina.
- GALDUROZ, J. C. F; NOTO, A R. Uso pesado de álcool entre estudantes de 1º e 2º Graus da rede pública de ensino em dez capitais brasileiras. In: **Jornal Brasileiro de Dependência Química**. 1(1): 25-32, 2000.
- GAMBOA, S. S.; SANTOS Fº, J. C. dos. **Pesquisa Educacional: quantidade: qualidade**. 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GARCIA, D. M. F. **Juventude em tempo de incertezas: enfrentando desafios na Educação e no Trabalho**. Campinas; Tese de doutorado. Faculdade de Educação. UNICAMP. 2002.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.
- GASKELL, G.; BAUER, M. W.; ALLUM. N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento – Evitando confusões. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Trad. Pedrinho A Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2003.

GOBBI, M. C. **Na trilha juvenil da mídia impressa: Identificação, perfil e análise dos suplementos para jovens veiculados nos jornais diários do Brasil.**2000. São Bernardo do Campo: Dissertação de mestrado – Universidade Metodista de São Paulo.

GOMIDE, P.I. C.; PINSKY, I. A influência da mídia e o uso das drogas na adolescência. In: BESSA, M. A ; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas.** São Paulo: Contexto, 2004.

GONÇALVES G. R.; DELGADO, S. C.; GARCIA. C. A. A.. Toxicomania e a busca da felicidade na sociedade de consumo. In: BAPTITA, M ; CRUZ, M. S. ; MATIAS R (Orgs). **Drogas e Pós-modernidade: Prazer, sofrimento e Tabu.** Rio de Janeiro: Ed. URJ, 2003.

GORGULHO, M. **Estudo da influência da mídia na representação social do usuário de drogas ilícitas, para a construção de uma política oficial brasileira.** 2002.Dissertação de Mestrado. PPG em Psicologia Social/USP. São Paulo.

GONTIÈS, B.; ARAÚJO, L. F. Maconha: uma perspectiva histórica, farmacológica e antropológica. In: **MNEME: Revista de humanidades.** V.5-n10-abr/jun. de 2004.

GOVERNO FEDERAL. **Os jovens no Brasil** (resumo de dados). Secretaria do grupo Interministerial da Juventude. DF, Brasil, 2004 (mimeo).

GRAEF, F. G. **Drogas psicotrópicas e seu modo de ação.** São Paulo: EPU, 1989.

GUIMARÃES, J. L.; GODINHO, P. H. [et al]. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. In: **Revista Saúde Pública.** 2004; 38(1) : 130-2.

GUNTHER, Isolda de Araújo. Adolescência e projeto de vida. **Cadernos Juventude, Saúde e Desenvolvimento.** Brasília: Ministério da saúde, Secretaria de Políticas Públicas.1999.

IANNI, O.A sociedade global. 5 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Síntese de Indicadores Sociais 2003.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 20/08/2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa: **O perfil da Juventude Brasileira.** Disponível: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 20/08/2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000.** Disponível: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 27/10/2003.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Anuário Mídia de 2000. Disponível: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 20/08/2004. 2000

IBOPE. Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística. **Pesquisa que avalia impactos mais recentes de campanhas anti drogas.** <http://www.ibope>. Acesso em 20/09/2004

KALINA, E. e cols. **Drogadição hoje: indivíduo, família e sociedade.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

KALINA, E.KOVADLOFF, S. **Drogadicção**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora. 1983.

KERR- CORREA F. et al. **1º Levantamento do uso de álcool e drogas e das condições gerais de vida dos estudantes da UNESP (1998) e Proposta de Prevenção do uso das mesmas**. São Paulo: Fundação VUNESP, 2001.

KUENZER, A .Z. O ensino Médio agora é para a Vida: Entre o Pretendido, o Dito e o Feito. In: **Educação e Sociedade**. Campinas: CEDES/UNICAMP, ano XXI, n.70 p. 16-39. Abril/2000.

LARANGEIRAS, R. Os contra da legalização das drogas na Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www.abead.com.br/boletins/ed52.asp>. acesso em 31/12/04.

LESOULD, S. **A construção adolescente no laço social**. Tradução de Lucy Magalhães – Petrópolis, Rio de janeiro: Vozes, 2004.

LEVI, G.; SCHMITT, J. C.(org). **História dos Jovens**. Vol. I. Da antiguidade à era moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVOUNIS, P. O ecstasy mata. In: **Revista Veja**. Editora Abril. 1870, nº 37, 08/09/2004

LIMA, E. S. **Drogas na adolescência**: um estudo sobre exposição e riscos associados. 2000. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas,

LIMA, E. S.; AZEVEDO, R. C. **Programa de Prevenção ao Uso de Substâncias Psicoativas Lícitas e Ilícitas na UNICAMP**. Disponível em: acesso em 21/09/2004)

LIMA, F.F. T. de. **Reflexão sobre a descriminalização do uso de drogas no Brasil**. Disponível em: [http://www.netpsi.com.br/artigos/99\\_drogas\\_brasil.htm](http://www.netpsi.com.br/artigos/99_drogas_brasil.htm) . Acesso em 16/10/2003

LOMBARDI, Renato (2004). Pesquisa: Perfil do traficante e usuário de drogas. In: **Jornal O Estado de São Paulo** em 27/02/2004. disponível em <http://www.diganaoasdrogas.com.br/artigos.asp> . Acesso em 09/01/2005

LORENZINI JUNIOR, Álvaro. Enfoque contextual das drogas: aspectos biológicos, culturais e educacionais. In, AQUINO, J. G. **Drogas na Escola**: alternativas teóricas e práticas. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1998.

MACHADO, L. R. de S. **Educação e Divisão Social do Trabalho**: contribuição para o estudo do ensino técnico industrial. 2ª edição, São Paulo: Cortez, 1989.

MADEIRA, F. R. A Roda Viva do Mercado. **Tempo e Presença**, n. 240, ano11, 1989

MADEIRA, F. R. Recado dos jovens: mais qualificação. In: **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. Brasília: CNPD, 1998.

MAGER, M.; SILVESTRE, E. Mitos e verdades sobre o Estatuto da criança e do Adolescente. In: BESSA, M. A ; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004

MAIEROVITCH, W. Proibição e legalização das drogas. Disponível em: <http://www.abead.com.br/boletins/ed52.asp>. Acesso em 31/12/04 .

MANNHEIM, Karl. **Sociologia**. Organizado por Marialice Mencarini Forachini. São Paulo: Ática, 1982.

MANNHEIM, K. Funções das gerações novas. In: FORACCHI, M. F. & PEREIRA, L. **Educação e Sociedade: Leituras de sociologia da Educação**. São Paulo: Biblioteca Universitária, 1978.

MANFREDI, S. M. **Educação profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARKMAN, R. **Mundialização cultural e Juventude: mudanças nos valores culturais dos jovens espanhóis**. Disponível em : [www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/congress\\_textos](http://www.eca.usp.br/nucleos/nce/pdf/congress_textos) Acesso em 05/04/2004

MARTINS, S. M. **O crime compulsivo e o consumo organizado de drogas**. Disponível em: [http://www2.urj.br/~labore/oficina\\_fernando-drogas](http://www2.urj.br/~labore/oficina_fernando-drogas) Acesso em 25/09/2004

MARTINS, J. S. **A sociedade vista do abismo: novos estudos sobre a exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

MARTINS , J.S. Exclusão social e a nova desigualdade. São Paulo: Paulus, 1991

MARQUES, A C. P. R.; CRUZ, M. S. O adolescente e o uso de drogas. **Revista Brasileira Psiquiatria**, 2000;22 ( Sup II):36-6

MARX, K.. O capital. livro I, v 1, R J: Bertrand Brasil. 1989.

MARQUES, W.E. U. Exclusão social, inclusão marginal no mundo da drogadição. In: SUDBRACK, M. de F. O.[ et al] **O adolescente e as drogas no contexto da justiça**. – Brasília: Plano Editora, 2003.

MATHEUS, T. C. **Ideais na Adolescência: falta (D)e perspectivas na virada do século**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2002.

MELUCCI, A. **O jogo do eu: a mudança de si mesmo na sociedade globalizada**. Editora Feltrinelli. 1992.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista brasileira de Educação**. N. 5-6. São Paulo: ANPED. 1997.

MELUCCI, A. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Rio de janeiro: Vozes, 2001.

MESQUITA, F, & SEIBEL, S. **Consumo de drogas: desafios e perspectivas**. HUCITEC Editora, São Paulo: 2000.

MESQUITA, F. BASTOS, F. (orgs). **Drogas e aids: estratégias de redução de danos**. São Paulo: Hucitec, 1994.

MILANI, F.M. Adolescência e violência: mais uma forma de exclusão. **Educar em Revista**, nº 15 p. 101-114. 2003.

MILITELLO, V. A descriminalização do uso de drogas: a experiência italiana. In: RIBEIRO, M.M.; SEIBEL, S.D. **Drogas: hegemonia do cinismo**. Fundação Memorial da América Latina. São Paulo, 1997.

MINAYO, M. C. de S..(org). **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**- Petrópolis, RJ: Vozes, 1994; Cortez, 2002.

MINAYO, M. C de S. Sobre a toxicomania da sociedade. In: BAPTITA, M ; CRUZ, M. S.; MATIAS R (Orgs). **Drogas e Pós-modernidade: faces de um tema proscrito**. Rio de Janeiro: Ed. URJ, 2003.

MOREIRA, M. R. **Nem soldados nem inocentes: jovens e tráfico de drogas no município do Rio de Janeiro**.2000. Dissertação de Mestrado. PPG da Escola Nacional de Saúde Pública. Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

MORGADO, M. A. **Da sedução na relação pedagógica: professor-aluno no embate com afetos inconscientes**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2002.

MORGADO, M. A **A lei contra a justiça: um mal – estar na cultura brasileira**. Brasília: Plano Editora, 2001.

MORGADO, M.A.; MOTTA, M. F. V. **Práticas Transgressivas de jovens da classe média e alternativas educacionais**. Campo Grande: Anais do VI EPECO – CD – Room, 2003.208

MUELLER, K. **Nova Legislação sobre drogas no Brasil**. Disponível em: <http://www.reduc.org.br/artigo03.php>. Acesso em: 07/07/2004.

MUZA, G. M. BETTIOL, H. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP. SP. I – Prevalência do consumo por sexo, idade e tipo de substância. **Rev Saúde Pública** 1997; 31: 21-9.

NASCIMENTO, I. P. **As representações sociais do projeto de vida dos adolescentes: um, estudo psicossocial**. 2002. Tese de Doutorado, PUC, São Paulo.

NOTO, A R. Drogas e saúde na imprensa brasileira: uma análise dos artigos publicados nos principais jornais e revistas do país. **Cadernos de Saúde Pública**, vol. 19, nº 1 Rio de Janeiro. Jan/feb. 2003.

NOTO A R. Os índices de consumo de psicotrópicos entre adolescentes no Brasil. In: BESSA, M. A ; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

NOTO, A.R; PINSKY, I; MASTROIANNI, F.C. Abordagem sobre bebidas alcóolicas, tabaco e outras drogas na imprensa brasileira. In: BESSA, M. A ; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIEVENSTEIN, C. Toxicomania, exclusão e marginalidade. In: INEM, C. e BAPTITA, M. (orgs) **Toxicomania: uma abordagem multidisciplinar**. Rio de Janeiro: NEPAD-UERJ/Sette Letras, 1997.

OLIEVENSTEIN, C. Uma interrogação sobre dependência. In: BAPTISTA, M.; CRUZ, M. S. MATIAS, R. **Drogas e pós-modernidade: prazer, sofrimento, tabu**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

OZELLA, S. org. **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 123

PACHECO Fº, R. A. **Drogas: um mal-estar na cultura contemporânea**. In: **Revista Psicanálise e Universidade**. Nº 9 e 10/dez 1998 e Jan/fev/1999.

PAGAN, A. A. **Um estudo das representações sociais acerca da aids manifestadas por pré-adolescentes e adolescentes de escolas públicas de Cuiabá**. 2004. Cuiabá, Dissertação de Mestrado. IE/UFMT. 2004.

PAIS, J. M. As correntes teóricas da Sociologia da Juventude. IN. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1996.

PAIS, J. M.: **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Âmbar.2001.

PAULILO, M. A S.; JEOLÀS, L. S. **Jovens, drogas, risco e vulnerabilidade: aproximações teóricas**. Londrina: Editora UEL. 2003.

PECORA, A R. **Perspectivas de futuro: um olhar para as representações sociais de jovens estudantes de escolas públicas de Cuiabá**. Dissertação de Mestrado. Cuiabá: UFMT/IE, 2003.

PERALVA, A. P. Jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, ANPED, n. 5/6, 1997.

PEREIRA,C & SILVA,C. J. Conceitos e Prática em Prevenção. Disponível em: <http://www.uniad.gov.br>. Acesso em: 09/jan/2005.

PROJETO JUVENTUDE. **Documento de conclusão**. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

QUAGLIA, G. Os jovens e as drogas: a importância da prevenção e do tratamento. In. **XV Congresso da Associação Brasileira de Estudos sobre Álcool e Drogas (ABEAD)** . Disponível em: <http://www.abead.gov> em 03/09/2003.

RAMOS, S. de . **A psicanálise e os transtornos por uso de substâncias psicoativas.** 2003. Tese de doutorado. Escola Paulista de Medicina. UNIFESP. São Paulo.

REBELLO, S.; MONTEIRO, S. VARGAS, E. A visão de jovens escolares sobre drogas no uso de um jogo educativo. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n.8, p. 75-88, 2001.

ROCCO, R. **O que é legalização das drogas.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

ROCCO, R. A legalização das drogas. Disponível em: <http://www.osverdes.org.br/legalizacao>  
Acesso em 13/01/04

ROIO, J. L. del. Mundialização e Criminalidade. In: RIBEIRO, M. de M; SEIBEL, S. D. (orgs) **Drogas: hegemonia do cinismo.** São Paulo: Memorial, 1997.

SANCHES, M. U. C.; MORGADO, M.A. Educação, jovens e consumo de drogas: delineando o perfil dos estudantes do Centro Federal de Mato Grosso. In: **Revista Proficiência.** n.1, Jan.2004.

SANCHES, M. U. C. Relatório de atividades do Projeto de Prevenção as drogas/DST/Aids em 29 escolas de Cuiabá. MS/MEC/ UNDCP/ SES/SEDUC/ETFMT. Mimeo.

SANT'ANNA, A L. **Análise do discurso da propaganda de prevenção às drogas** Universidade de São Paulo. Dissertação de Mestrado. 2003.

SANTOS, R. N. S. **Prevenção de drogas na escola: uma abordagem psicodramática.** Campinas: Papirus. 1997.

SASTRE, J. R. de S.; SILVA, C. de F. B. **A reação dos jovens adolescentes frente à propaganda da mídia eletrônica que trata sobre drogas.**- 1997. Mimeo. CEFET-ES.

SAUERBRONN, S. Prefácio. In. SUDBRACK, M. de F. O .[ *et al*] **O adolescente e as drogas no contexto da justiça.** – Brasília: Plano Editora, 2003.

SEIBEL, S. D.; TOSCANO J.R. (orgs). **Dependência de drogas.** São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte: Editora Ateneu, 2000.

SEPLAN- Secretaria de Planejamento do Estado de Mato Grosso.. Anuário Estatístico de Mato Grosso. 2003. Disponível em: [www.seplanmt.gov](http://www.seplanmt.gov) : Acesso em 15/12/2005

SILVEIRA Fº, D. X. Prevenção em Drogas. I Seminário Internacional sobre Prevenção do abuso de drogas. Grand Hotel Cá d'Oro, São Paulo: 1991. ABCA. Mimeo.

SILVEIRA Fº, D. X. **Droga: uma compreensão psicodinâmica das farmacodependências.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SILVEIRA Fº, D. X. Os contra da legalização das drogas na Folha de São Paulo. Disponível em: <http://www.abead.com.br/boletins/ed52.asp>. acesso em 31/12/04.

SLOBODA, Z. Programa de Prevenção ao uso de drogas em escolas dos EUA. In: BESSA, M. A ; PINSKY, I. (orgs). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004.

SOARES, C. **Adolescentes, drogas e Aids**: avaliando a prevenção e levantando necessidades. São Paulo, 1997. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo.

SOUSA, J. T. P. de. **Reinvenções da Utopia** – a militância de Jovens nos anos 90. São Paulo: Haecker, 1999.

SOUZA, C. Z. V. G. Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. IN. **Última Década**. N.20, Viña Del Mar, junio 2004.

SOUZA, M. G. **Escola e Mercado de Trabalho** – um estudo sobre a Escola Técnica Federal de Mato Grosso na percepção de seus alunos. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação)-Pontifícia Universidade de São Paulo, 1993.

SOUZA, D. P. O. **O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino no espaço socialmente organizado de Cuiabá**. Cuiabá, 1996. Dissertação (Mestrado) – UFMT.

SPINK, M. J. Contornos do risco na modernidade reflexiva: contribuições da psicologia social. **Psicologia e Sociedade**, v.12, ns.1/2,p – 156-173, 2000.

SPÓSITO, M. P. Estudos sobre Juventude em Educação. In: **Juventude e Contemporaneidade**. **Revista Brasileira de Educação**. São Paulo: ANPED, n. 5/6, 1997.

SPOSITO, M. (2002): **Juventude e escolarização**. Série estado do conhecimento nº 7.

SPÓSITO, M. **Apontamentos para a discussão sobre a condição juvenil no Brasil**. 2004. P. 1 disponível em: <http://www.redebrasil.tv.br/salto/bpletins2004/em/tetxt1.htm> . Acesso em: 22/set/2004

SPOSITO, M.: Trajetórias na constituição de políticas públicas de juventude no Brasil. In: FREITAS, M. V. de; PAPA, F. C. (orgs)**Políticas públicas: juventude em pauta**. São Paulo: Ação Educativa, 2003.

STRAUSBURGER, V.C. **Os adolescentes e a mídia**: impacto psicológico. Porto Alegre: Artes Médicas Sul. 1999.

SUDBRACK, M. de F. O.[ et al] **O adolescente e as drogas no contexto da justiça**. – Brasília: Plano Editora, 2003.

TAVARES, B. F.; BÉRIA, J. U. LIMA, M. S. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. **Rev. Saúde Pública** 2001; 35(2):150-158. Disponível em : [www.fsp.usp.br/rsp](http://www.fsp.usp.br/rsp). Acesso em 21/09/2004.

TOZZI, D.; BOUER, J. Prevenção também se ensina?. In. **Drogas na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1998.

TRAVERSO-YÉPEZ, M. A.; PINHEIRO, V. de S. Adolescência, saúde e contexto social: esclarecendo práticas. In: **Psicologia & Sociedade**. v.14, n.(2) : p 133-147; jul./dez.2002.

WASELFISZ, J. **Mapa da Violência III**: os jovens do Brasil. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/ SEDH, 2002

WOOD, E. M. **Democracia contra o capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. Trad. Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.

World Health Organization (WHO) **Substance dependence**. Geneva: Who; 2003c. disponível em : [http://www.who.int/substance\\_abuse/More.html](http://www.who.int/substance_abuse/More.html). acesso em 22/dez.2004

UCHOA, P. R. Y. M. SENAD. Exposição do Secretário Nacional Antidrogas às Comissões de Relações Exteriores e de Defesa Nacional e de Segurança Pública e Combate ao Crime Organizado, Violência e Narcotráfico da Câmara dos Deputados, em 02/04/2003. Disponível em: <http://www.abead.com.br/boletins/ed52.asp> Acesso em 31/12/04.

VENTURINI, G. Perfil da juventude brasileira. **Revista Veja Jovens**. Edição Especial nº 32 ano 37 (VEJA 1859). Editora Abril: jun/2004.

VIANNA, S. R. de O. **Adolescentes do ensino médio & uso do álcool**: compreendendo essa relação.2002. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação da UFG. Goiânia.

VIANNA, H. (org). **Galeras cariocas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**: orientação para pais e educadores. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

ZALUAR, A (org). **Drogas e Cidadania**: repressão ou redução de riscos. São Paulo: Brasiliense, 1999.

ZALUAR, A. Drogas: um panorama no Brasil e no mundo. **Ciência Hoje**, 181(4), 20-24. 2002.

## **ANEXOS**

]

**ANEXO A . Questionário aplicado.**

MEC/SETEC

UFMT/IE

CEFET/MT

Programa de Pós-Graduação em Educação

Linha de Pesquisa: *Movimentos Sociais, Política e Educação Popular*

Grupo de Pesquisa: Educação, Jovens e Democracia

**A visão dos jovens do CEFET-MT sobre o consumo de drogas ilícitas:****Caro(a) aluno(a)**

Este questionário é uma forma de o conhecermos melhor, aluno do CEFET-MT, saber o que você pensa sobre os assuntos aqui tratados.

- Você **não** deve colocar seu nome no questionário, pois ele é anônimo, ou seja não poderemos saber quem respondeu depois que ele nos for enviado.
- É muito importante que você responda todas as perguntas, depois de ler com bastante atenção as questões e as alternativas dadas.

**1. Curso .....**

1. Química 2. Ensino Médio 3. Cons. Pred.

**2. Ano de ingresso no CEFET-MT**

- 1.01 2.02 3. 03

**3. Idade (em anos).....****4. Sexo**

1. Masculino
2. Feminino

**5. Atualmente você é:**

1. Solteiro(a)
2. Casado(a)
3. Mora com companheiro(a)
4. Divorciado, separado(a)
5. Viúvo(a)

**6. Tem filhos? .....**

1. Não
2. 1
3. 2
4. 3
5. 4
6. ≥ 5

**7. Você trabalha?**

1. Sim, trabalho fixo
2. Sim, faço bicos
3. Não, só estudo
4. Não, estou desempregado

**8. Você ajuda na renda familiar?**

1. Sim 2. Não

**9. Você estuda no CEFET-MT por quê? :**

1. Você escolheu
2. Seus pais escolheram
3. O ensino é gratuito
4. É considerado por algumas pessoas como uma das melhores Escolas de MT
5. Prepara para o mercado de trabalho
6. Prepara para o vestibular

**10. Você considera o CEFET-MT, uma escola:**

1. Moderna 2. Conservadora

**11. Afinal, você gosta da sua Escola, CEFET-MT?**

1. Sim 2. Não

**12. O que você mais gosta no CEFET-MT?**

1.

2.

3.

**13. O que você menos gosta no CEFET-MT?**

1.

2.

3.

**14. Como é sua família?**

1. Conservadora
2. Moderna
3. Indiferente

**15. Você participa do Grêmio Estudantil do CEFET?**

1. Sim 2. Não

**16. Você conhece seus direitos e deveres enquanto estudante?**

1. Sim 2. Não

**17. Você acha que realmente sua escola ensina alguma coisa a você?**

1. Sim, muito
2. Sim mas é pouco
3. Não ensina nada

**18. Você vem para o CEFET-MT apenas para as aulas?**

1. Sim 2. Não

**19. No caso de não, marque outrasatividades**

1. Biblioteca
2. Curso de Teatro
3. Curso de Línguas
4. Curso de Música
5. Coral
6. Banda
7. Frequentar o complexo esportivo
8. Bater papo/ encontrar amigos

9. Namorar
10. outros. Quais?
- 20. Você mora com quem?**
1. Pai/ padrasto e mãe/madrasta e irmãos
  2. Somente mãe/madrasta
  3. Somente pai/padrasto
  4. Companheiro(a), marido, mulher
  5. Somente com irmãos
  6. Outros parentes(avós, tios, cunhados, primos)
  7. Amigos
  8. Sozinho
  9. Outros. Quais
- 21. Qual a sua religião?.**
1. Não tenho religião
  2. Católica
  3. Umbandista
  4. Evangélica
  5. Espirita
- 22. Qual o grau de escolaridade de seu pai/ padrasto?**
1. Não recebeu educação formal
  2. Primeiro grau incompleto
  3. Primeiro grau completo
  4. Segundo grau incompleto
  5. Segundo grau completo
  6. Superior incompleto
  7. Superior completo
  8. Pós-graduação
- 23. Qual o grau de escolaridade de sua mãe/madrasta?**
1. Não recebeu educação formal
  2. Primeiro grau incompleto
  3. Primeiro grau completo
  4. Segundo grau incompleto
  5. Segundo grau completo
  6. Superior incompleto
  7. Superior completo
  8. Pós-graduação
- 24. Na casa dos seus pais ou na sua casa (se for casado) vocês possuem (complete com um X):**
- 1 2 3 4 mais
1. Carro de passeio .....
  2. Televisão (cores) .....
3. Banheiro .....
4. Empregada mensal (não faxineira) .....
5. Aparelho de som com CD ....
6. Máquina de lavar roupa .....
7. Videocassete .....
8. DVD .....
9. Telefone .....
10. Computador .....
11. Celular .....
- 25. Quando você tem um problema pessoal mais sério, quem você procura em primeiro lugar?**
1. Ninguém
  2. Mãe
  3. Pai
  4. Irmãos
  5. Amigos(as)
  6. Namorado(a) / Companheiro(a)
  7. Terapeuta
- 26. O que você costuma fazer nas horas livres para se divertir ?(Marque com x)**
1. Nada faço
  2. Ir à igreja ou serviço religioso
  3. Freqüentar clubes
  4. Praticar esportes
  5. Sair com amigos
  6. Namorar
  7. Assistir televisão
  8. Sair com a família
  9. Jogar jogos eletrônicos
  10. Participar de atividades culturais (cinema, teatro, shows, música, coral)
  11. Freqüentar bares / festas / boates / danceterias
  12. Ler livros
  13. Mexer com o computador / internet
  14. Trabalho voluntário
  15. Discussões de grupos políticos
- 27. O que você faz, em geral, quando falta às aulas? (Escolha a alternativa mais freqüente). .....**
1. Não falto às aulas
  2. Estudo em casa
  3. Estudo no CEFET-MT

4. Nada faço / Durmo e/ou descanso
5. Trabalho
6. Outros. Quais?

**28. Você se considera uma pessoa que: (Marque uma só resposta)**

1. Gosta de conhecer lugares, pessoas, coisas novas
2. Gosta de fazer coisas diferentes, de se destacar dos outros
3. Gosta de manter seus hábitos, não gosta de mudar
4. Acha difícil lidar com as situações estranhas ou situações novas
5. Prefere não correr riscos
6. Gosta do perigo, da emoção, da adrenalina

**29. Existem coisas que a gente faz e se arrepende, pois o faz para se divertir ou se livrar de situações difíceis. (Marque todas as que você já fez)**

1. Falsificou assinatura em documento da escola ou outra instituição
2. Pegou carro escondido ou dirigiu sem carteira
3. Inventou uma mentira para prejudicar uma pessoa de quem não gosta
4. Mentiu para se safar de uma situação difícil, sem prejudicar ninguém
5. Roubou uma coisa de uma pessoa, de uma casa ou de uma loja
6. Depredou ou pichou um lugar público
7. Enganou a roleta num ônibus e deixou de pagar a passagem
8. Pegou dinheiro escondido de uma pessoa da família

**30. Quando você pensa na sua vida, no futuro, qual seria a coisa mais importante? Marque uma só resposta.**

1. Ter dinheiro
2. Ter uma boa profissão
3. Ser importante, famoso
4. Ser respeitado
5. Viajar, conhecer lugares
6. Formar uma família
7. Ter uma vida de aventura, de emoção
8. Poder ajudar a sua comunidade

**31. Marque tudo que você concorda**

1. Escola deixar jovens fumar no pátio
2. Jovens poderem beber em **festas**
3. Comércio vender cigarros para menores
4. Comércio vender bebidas para menores
5. Luta pela legalização da maconha
6. Pais deixarem os filhos beber em casa

**32. Quais das pessoas abaixo você NÃO gostaria de ter como seus(suas) colegas de turma? (Marque todas as que forem verdadeiras )**

1. Pessoas que já foram presas
2. Pessoas com aids
3. Homossexuais
4. Pessoas pobres demais
5. Mães solteiras
6. Pessoas negras
7. Pessoas que bebem demais
8. Viciados em drogas
9. Garotos/as de programa
10. Fanáticos religiosos
11. Ricaços, gente com muita grana
12. Membros de gangue

**33. Normalmente como seus pais tratam você?(Marque todas que forem verdadeiras)**

1. Deixam fazer tudo que você quer
2. São amigos e dão carinho
3. Brigam muito com você, sem motivo
4. Não te dão valor, oportunidade
5. Exigem que você cumpra regras
6. Se você tiver problemas, te ajudam

**34. Marque somente as frases com as quais concorda**

1. O esporte é mais importante para meninos do que para meninas
2. O homossexualismo é uma doença
3. O alcoólatra é um fraco
4. As mulheres precisam casar, os homens precisam de um bom emprego
5. Homens podem chorar do mesmo modo que as meninas
6. O sexo é mais importante para os homens que para as mulheres

7. As meninas gostam de namorar e os meninos de ficar

**35. Se você concorda, marque uma só resposta**

1. Proibir não é solução para nada
2. Os jovens de hoje sabem o que é melhor para eles
3. O que é proibido desperta interesse, atrai mais
4. Todos devem ser livres para escolher o que fazer

**36. Você considera o uso de drogas ilícitas pelos jovens :**

**(Marque apenas uma resposta)**

1. Uma coisa normal
2. Uma doença
3. Um problema
4. Um perigo, uma ameaça

**37. Você considera que o usuário de drogas ilícitas e os problemas causados por elas, deve ser de responsabilidade da:**

**(Marque apenas um alternativa)**

1. Saúde pública
2. Justiça, polícia
3. Outros. Quem?....

**38. Se você considera o uso de drogas uma doença, problema ou perigo, marque o que acha certo fazer para resolver.**

**(Marque todas as alternativas que forem verdadeiras)**

1. Mais vigilância pela policia

2. Liberar o uso de drogas

**3. Dar mais informações aos jovens**

4. Liberar a venda de drogas

5. Castigos mais severos para quem usa drogas

6. Castigos mais severos para quem vende drogas

7. Dar mais informações aos pais

8. Dar tratamento aos dependentes

9. Criar alternativas para os jovens: esporte, música, teatro

**39. Na sua opinião, os jovens que usam drogas são**

**( Marque todas as que forem verdadeiras)**

1. Uns caras legais, que sabem das coisa
2. Uns otários que vão se dar mal
3. Pessoas com problemas, precisam de ajuda
4. Não são diferentes dos outros jovens
5. Uns fracos(as), sem personalidade

**40. Na sua opinião, algumas pessoas usam drogas porque:**

1. É divertido
2. É arriscado
3. Dá coragem, impõe respeito
4. Dá um barato
5. Os amigos usam
6. É moda, dá ibope
7. Se sentem mais adultos, maduros
8. Ajuda a esquecer as coisas ruins, problemas

**As questões de números 41 a 58 são a respeito do uso de drogas. É perguntado o uso na vida, nos últimos 12 meses e a freqüência de uso dos últimos 30 dias.**

<b>PADRÃO DE USO</b> Você já experimentou (nome da droga) sem orientação de médico ou outro profissional?	<b>FREQÜÊNCIA</b> Com <u>que freqüência utilizou esta droga nos últimos 30 dias ?</u>
<b>REFRIGERANTE</b> (Coca-Cola, Guaraná, Água Tônica, Soda, etc.)  1. Nunca tomei 2. Tomei alguma vez na vida 3. Não tomei no último ano 4. Tomei no último ano	<b>REFRIGERANTE</b> 1. Não tomei 2. Menos que 1 vez por semana 3. 1 ou mais vezes por semana 4. Diariamente 5. Duas ou três vezes por dia 6. Quatro ou mais vezes por dia

EXEMPLO

<b>49. CRACK</b> ..... 1. Nunca usei (nunca pipei) 2. Usei alguma vez na vida 3. Não usei no último ano 4. Usei no último ano	<b>50. CRACK</b> ..... 1. Não usei (não pipei) 2. Menos que 1 vez por semana 3. 1 ou mais vezes por semana 4. Diariamente 5. Duas ou três vezes por dia 6. Quatro ou mais vezes por dia
<b>51. ECSTASY</b> ..... 1. Nunca usei 2. Usei alguma vez na vida 3. Não usei no último ano 4. Usei no último ano	<b>52. ECSTASY</b> ..... 1. Não usei 2. Menos que 1 vez por semana 3. 1 ou mais vezes por semana 4. Diariamente 5. Duas ou três vezes por dia 6. Quatro ou mais vezes por dia

<b>53. MERLA</b> ..... 1. Nunca usei 2. Usei alguma vez na vida 3. Não usei no último ano 4. Usei no último ano	<b>54. MERLA</b> ..... 1 Não usei 2. Menos que 1 vez por semana 3. 1 ou mais vezes por semana 4. Diariamente 5. Duas ou três vezes por dia 6. Quatro ou mais vezes por dia
---	--

<p><b>55. SOLVENTES ORGÂNICOS</b> ..... (Lança-perfume, Loló, Cola, Gasolina, Tinta, Acetona, Aguarrás, Tíner, Éter, Esmalte, Tinta, Clorofórmio, Benzina)</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Nunca usei</li> <li>2. Usei alguma vez na vida</li> <li>3. Não usei no último ano</li> <li>4. Usei no último ano</li> </ol>	<p><b>56. SOLVENTES ORGÂNICOS</b>.....</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não usei</li> <li>2. Menos que 1 vez por semana</li> <li>3. 1 ou mais vezes por semana</li> <li>4. Diariamente</li> <li>5. Duas ou três vezes por dia</li> <li>6. Quatro ou mais vezes por dia</li> </ol>
<p><b>57. OPIÁCEOS</b>..... (Dolantina, Meperidina, Demerol, Algañan, Heroína, Morfina, Ópio ou medicamentos à base de codeína como xaropes contra tosse, Elixir Paregórico)</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Nunca usei</li> <li>2. Usei alguma vez na vida</li> <li>3. Não usei no último ano</li> <li>4. Usei no último ano</li> </ol>	<p><b>58. OPIÁCEOS</b>.....</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Não usei</li> <li>2. Menos que 1 vez por semana</li> <li>3. 1 ou mais vezes por semana</li> <li>4. Diariamente</li> <li>5. Duas ou três vezes por dia</li> <li>6. Quatro ou mais vezes por dia</li> </ol>

**59. Se você fez uso não médico de alguma dessas drogas (exceto álcool), qual foi o principal motivo que o levou a fazer este uso pela primeira vez?.....**

1. Não fiz uso
2. Diversão ou prazer
3. Meus amigos / Namorada(o) usam
4. Por curiosidade
5. Alívio de tensão psicológica ou outros sintomas
6. Aumentar desempenho (no estudo, sexual, social)

**60. Se você fez uso não médico de drogas (exceto álcool), quem introduziu você neste uso?.....**

1. Não fiz uso
2. Família
3. Colegas de escola/amigos/conhecidos
4. Namorado(a)/ companheiro(a)

**61. Você fez uso não médico de drogas (exceto álcool), antes de entrar no CEFET-MT?**

1. Não
2. Sim

**62. Se você respondeu sim à questão anterior, assinale as substâncias que você usou antes de entrar CEFET-MT**

1. Maconha
2. Alucinógenos (LSD, mescalina, cogumelos, etc.)
3. Cocaína e/ou Crack e ou merla
4. Anfetamina (Hipofagin, Moderex, fórmulas para emagrecer)
5. inalantes/solventes (Lança-perfume, cola, etc.)
6. Dois ou mais dos acima

**63. Se você faz uso freqüente de drogas ou álcool\* qual o motivo deste uso? (Escolha o principal).....**

1. Não faço
2. Para participar do grupo de amigos, colegas de escola
3. Para quebrar a rotina / Para curtir os efeitos da droga
4. Para diminuir ansiedade / nervosismo ou aliviar o estresse
5. Para aliviar ou evitar sintomas de abstinência (mal estar por causa da droga)
6. Dois ou mais dos acima

**64. Se você faz uso freqüente de drogas ou álcool\* você acha que esse uso interfere:**

---

1. Não interfere
2. Na alimentação
3. No sono
4. No estudo e/ou trabalho
5. Nas relações sociais/ afetivas / sexuais
6. Duas ou mais das acima

**65. Você se sente em risco de adoecer frente a quais das seguintes situações:**

Dê uma nota de 0 a 4 da seguinte maneira: 4 para o risco máximo e 0 quando não houver riscos.

1. Consumindo bebidas alcoólicas .....
2. Fumando cigarros convencionais .....
3. Fumando maconha .....
- 4 Usando cocaína em pó .....
- 5 Usando crack.....
- 6 Inalando éter.....
7. Inalando qualquer tipo de solvente .....
8. Transando sem camisinha .....
9. Levando uma vida sedentária.....
- 10.Dirigindo nas estradas estaduais ou federal .....
- 11.Andando nas ruas da cidade onde estuda .....

**66. Para as perguntas abaixo, de 66 a 157, o que seus amigos íntimos achariam se soubessem que você: (assinale com a letra correspondente):**

- A. Não desaprovaram**  
**B. Desaprovaram**  
**C. Desaprovaram muito**

- 1.Fuma um ou mais maços de cigarros/dia
- 2.Fumou maconha uma ou duas vezes
- 3.Fuma maconha regularmente.....
- 4.Usou crack uma ou duas vezes.....
- 5.Usa crack ocasionalmente .....
- 6.Usou cocaína uma ou duas vezes.....
- 7.Usa cocaína de vez em quando .....
- 8.Usa solvente (loló/lança-perfume) de vez em quando.....
- 9.Toma um ou dois drinques( 1 ou 2 latas

- de cerveja) quase todo dia .....
- 10.Enche a cara nos finais de semana .....
11. Dirige carro depois de beber um ou dois drinques.....
12. Dirige carro depois de beber cinco ou mais drinques

**67. Quantos dos seus amigos você acha que (assinale com a letra correspondente):**

- A. Nenhum  
 B. Poucos  
 C. Alguns  
 D. Muitos  
 E. Todos

- 1.Fumam maconha .....
2. Usam LSD ou outros alucinógenos (cogumelos/daime) .....
3. Usam merla .....
4. Usam tranqüilizantes.....
5. Usam crack .....
6. Usam cocaína .....
7. Usam solventes (cola, éter, lança-perfume,etc) .....
- 8.Usam ecstasy .....
9. Usam esteróides .....
10. Bebem (bebidas alcoólicas) .....

**68. Imagina que os seus amigos queiram fazer uma coisa que você é contra; como você reagiria?**

1. Mudaria de opinião e concordaria, para poder ficar no grupo
2. Ficaria na sua e se afastaria do grupo
3. Não mudaria de opinião, mas faria o que o grupo desejasse
4. Procuraria fazer o grupo mudar de opinião, sem me afastar dele

**69. Quando uma jovem fica grávida, ainda adolescente, isso significa: (marque só uma resposta)**

1. Ela vai ter um peso para o resto da vida
2. Mesmo tão jovem, ter um filho, é uma felicidade

3. Já que ficou grávida, ter o filho é uma obrigação
4. Ter um filho tão cedo prejudica a vida da jovem

**70. Qual dos motivos abaixo justificaria o aborto?**

**Marque todas as que considerar verdadeiras**

1. Quando a mulher não quer ter o filho
2. Quando o pai não quer assumir o filho
3. Quando a vida da mãe corre perigo
4. Quando o bebe pode nascer com defeito
5. Em caso de estupro
6. Nada justifica o aborto

**71. Quanto a legalização das drogas você é:**

1. a favor
2. contra

**72. quanto a legalização das drogas em geral você é:**

1. a favor
2. contra

**73. Na sua opinião os jovens atuais se informam sobre o que está acontecendo no mundo?**

1. Sim 2. Não 3. vezes

Justifique sua resposta

**74. Você acha que os jovens gostariam de mudanças ou estão contentes com o que existe para eles nos dias atuais?**

1. Sim 2. Não 3. vezes

Justifique sua resposta

**75. Você sabe a diferença entre legalizar e descriminalizar as drogas? Explique:**

1. Sim 2. Não



Fonte: Acervo fotográfico do CEFET-MT



## ANEXO D

Questão: CURSO \* PARTICIPA do Grêmio Estudantil do CEFET-MT

Curso		Participa do Grêmio Estudantil do CEFET-MT		Total
		Sim	Não	
<b>Química</b>	N		55	55
	%		26,8	26,8
Ensino Médio	N	6	95	101
	%	2,9	46,3	49,3
Construções Prediais	N	1	48	49
	%	0,5	23,4	23,9
<b>Total</b>	N	7	198	205
	%	3,4	96,6	100,0

## ANEXO E

Questão: *no futuro o mais importante é \* sexo*

**Campus Bela Vista no Bairro Bela Vista - CEFET-MT**

Fonte: Acervo fotográfico do CEFET-MT

Ter uma boa profissão	N	47	53	100
	%	22,9	25,9	48,8
Ser importante, famoso	N		1	1
	%		0,5	0,5
Ser respeitado	N	15	9	24
	%	7,3	4,4	11,7
Viajar, conhecer lugares	N	5	5	10
	%	2,4	2,4	4,9
Formar uma família	N	12	11	23
	%	5,9	5,4	11,2
Ter uma vida de aventura, de emoção	N	4	1	5
	%	2,0	0,5	2,4
Poder ajudar a sua comunidade	N	7	4	11
	%	3,4	2,0	5,4
<b>Total</b>	N	110	95	205
	%	53,7	46,3	100,0

## ANEXO F

### Grau de escolaridade pai/padrasto

Grau de escolaridade pai/padrasto	N	%	% acumulada
Não responderam	6	2,9	2,9
Não recebeu educação formal	12	5,9	8,8
Primeiro grau incompleto	57	27,8	36,6
Primeiro grau completo	22	10,7	47,3
Segundo grau incompleto	18	8,8	56,1
Segundo grau completo	47	22,9	79,0
Superior incompleto	7	3,4	82,4
Superior completo	23	11,2	93,7
Pós-graduação	13	6,3	100,0
Total	205	100,0	

### Grau de escolaridade mãe/madrasta

Grau de escolaridade mãe/madrasta	N	%	% acumulada
Não responderam	3	1,5	1,5
Não recebeu educação formal	12	5,9	7,3
Primeiro grau incompleto	53	25,9	33,2
Primeiro grau completo	20	9,8	42,9
Segundo grau incompleto	17	8,3	51,2
Segundo grau completo	52	25,4	76,6
Superior incompleto	16	7,8	84,4
Superior completo	21	10,2	94,6
Pós-graduação	11	5,4	100,0
Total	205	100,0	



## ANEXO G

## Considera o CEFET-MT uma escola \* curso \* idade categorizada

Idade categorizada	Questão		Curso			Total
			Química	Ensino Médio	Construções Prediais	
14 a 19 anos	Moderna	N	16	53	17	86
		%	10,9	36,1	11,6	58,5
	Conservadora	N	9	38	11	58
		%	6,1	25,9	7,5	39,5
Total	N	1	2		3	
	%	0,7	1,4		2,0	
20 a 24 anos	Moderna	N	5	2	10	17
		%	13,9	5,6	27,8	47,2
	Conservadora	N	13	1	5	19
		%	36,1	2,8	13,9	52,8
total	N	18	3	15	36	
	%	50,0	8,3	41,7	100,0	
25 a 29 anos	Moderna	N	3	2	2	7
		%	25,0	16,7	16,7	58,3
	Conservadora	N	4		1	5
		%	33,3		8,3	41,7
Total	N	7	2	3	12	
	%	58,3	16,7	25,0	100,0	
30 ou mais anos	Moderna	N	1	3	2	6
		%	12,5	37,5	25,0	75,0
	Conservadora	N	2			2
		%	25,0			25,0
Total	N	3	3	2	8	
	%	37,5	37,5	25,0	100,0	

## ANEXO H

**Estuda no CEFET-MT por que \* curso**

Estuda no CEFET-MT porque	Curso			Total
	Química	Ensino Médio	Construções Prediais	
Escolha própria	15	29	5	49
Escolha dos pais	-	15	-	15
Ensino gratuito	4	7	4	15
Melhor escola de Mato Grosso	7	28	13	48
Prep. mercado de trabalho	29	13	26	68
Prep. vestibular	-	8	1	9
Outros	-	1	-	1
Total	55	101	49	205

## ANEXO I

**Você vem para CEFET-MT apenas para as aulas \* sexo**

Você vem para o CEFET-MT apenas para as aulas		Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
Sim	N	49	50	99
	%	23,9	24,4%	48,3
Não	N	60	44	104
	%	29,3	21,5	50,7
	N	1	1	2
	%	0,5	0,5	1,0
Total	N	110	95	205

## ANEXO J

## Gosta da sua escola, CEFET-MT \* como é sua escola

Considera o CEFET-MT uma escola		Gosta da sua escola, CEFET-MT		Ttotal
		Sim	Não	
Moderna	N	111	6	117
	% considera o CEFET-MT uma escola	94,9	5,1	100,0
	% gosta da sua escola, CEFET-MT	61,7	27,3	57,9
	% do total	55,0	3,0	57,9
Conservadora	N	69	16	85
	% considera o CEFET-MT uma escola	81,2	18,8	100,0
	% gosta da sua escola, CEFET-MT	38,3	72,7	42,1
	% do total	34,2	7,9	42,1
Total	N	180	22	202
	% considera o CEFET-MT uma escola	89,1	10,9	100,0
	% gosta da sua escola, CEFET-MT	100,0	100,0	100,0
	% do total	89,1	10,9	100,0

## ANEXO K

## Estuda no CEFET-MT por que \* sua escola ensina alguma coisa a você

Estuda no CEFET-MT porque		Sua escola ensina alguma coisa a você			Total
		Sim, muito	Sim mas é pouco	Não ensina nada	
Escolha própria	N	26	21	2	49
	%	12,7	10,2	1,0	23,9
Escolha dos pais	N	5	8	2	15
	%	2,4	3,9	1,0	7,3
Ensino gratuito	N	7	7	1	15
	%	3,4	3,4	0,5	7,3
Melhor escola de MT	N	29	19		48
	%	14,1	9,3		23,4
Prepara para o mercado de trabalho	N	53	15		68
	%	25,9	7,3		33,2
Prepara para o vestibular	N	7	2		9
	%	3,4	1,0		4,4
	N		1		1
	%		0,5		0,5
Total	N	127	73	5	205
	%	62,0	35,6	2,4	100,0

## ANEXO K

**Escola ensina \* GOSTA DA SUA ESCOLA, CEFET-MT**

Escola ensina		Gosta da sua escola, CEFET-MT		Total
		Sim	Não	
Sim	N	122	5	127
	% escola ensina	96,1	3,9	100,0
	% gosta da sua escola, CEFET-MT	66,7	22,7	62,0
	% do total	59,5	2,4	62,0
Não	N	61	17	78
	% escola ensina	78,2	21,8	100,0
	% gosta da sua escola, CEFET-MT	33,3	77,3	38,0
	% do total	29,8	8,3	38,0
Total	N	183	22	205
	% escola ensina	89,3	10,7	100,0
	% gosta da sua escola, CEFET-MT	100,0	100,0	100,0
	% do total	89,3	10,7	100,0

## ANEXO L

Estuda no CEFET-MT porque \* sua escola ensina alguma coisa a você \* considera o CEFET-MT uma escola

Considera o CEFET-MT uma escola			Sua escola ensina alguma coisa a você?			Total
			Sim, muito	Sim mas é pouco	Não ensina nada	
	Melhor escola de MT	N %	1 33,3	1 33,3		2 66,7
	Prep. mercado de trabalho	N %		1 33,3		1 33,3
	Total	N %	1 33,3	2 66,7		3 100,0
Moderna	Escolha própria	N %	17 14,5	10 8,5		27 23,1
	Escolha dos pais	N %	3 2,6	2 1,7		5 4,3
	Ensino gratuito	N %	1 0,9	3 2,6		4 3,4
	Melhor escola de MTt	N %	24 20,5	8 6,8		32 27,4
	Prep. mercado de trabalho	N %	35 29,9	6 5,1		41 35,0
	Prep. vestibular	N %	6 5,1	2 1,7		8 6,8
	Total	N %	86 73,5	31 26,5		117 100,0
Conservadora	Escolha própria	N %	9 10,6	11 12,9	2 2,4	22 25,9
	Escolha dos pais	N %	2 2,4	6 7,1	2 2,4	10 11,8
	Ensino gratuito	N %	6 7,1	4 4,7	1 1,2	11 12,9
	Melhor escola de MT	N %	4 4,	10 11,8		14 16,5
	Prep. mercado de trabalho	N %	18 21,2	8 9,4		26 30,6
	Prep. vestibular	N %	1 1,2			1 1,2
		N %		1 1,2		1 1,2
	Total	N %	40 47,1	40 47,1	5 5,9	85 100,0

## ANEXO M

**Questão: você trabalha \* uso de maconha ou haxixe**

Você trabalha		Maconha ou haxixe				Total
		Nunca fumei	Fumei alguma vez na vida	Não fumei no último ano	Fumei no último ano	
Sim, trabalho fixo	N	63	8	1	2	74
	%	31,2	4,0	0,5	1,0	36,6
Sim, faço bicos	N	22	4		1	27
	%	10,9	2,0		0,5	13,4
Não, só estudo	N	84	5			89
	%	41,6	2,5			44,1
Não, estou desempregado	N	10	1	1		12
	%	5,0	0,5	0,5		5,9
Total	N	179	18	2	3	202
	%	88,6	8,9	1,0	1,5	100,0

## ANEXO N

**No futuro o mais importante é \* uso de maconha ou haxixe**

No futuro o mais importante é		Maconha ou haxixe				Total
		Nunca fumei	Fumei alguma vez na vida	Não fumei no último ano	Fumei no último ano	
Ter dinheiro	N	24	4	1	1	30
	%	11,7	2,0	0,5	0,5	14,6
Ter uma boa profissão	N	91	8		1	100
	%	44,4	3,9		0,5	48,8
Ser importante, famoso	N	1				1
	%	0,5				0,5
Ser respeitado	N	22	2			24
	%	10,7	1,0			11,7
Viajar, conhecer lugares	N	8	1		1	10
	%	3,9	0,5		0,5	4,9
Formar uma família	N	22	1			23
	%	10,7	0,5			11,2
Ter uma vida de aventura, de emoção	N	4		1		5
	%	2,0		0,5		2,4
Poder ajudar a sua comunidade	N	9	2			11
	%	4,4	1,0			5,4
Total	N	182	18	2	3	205
	%	88,8	8,8	1,0	1,5	100,0

## ANEXO O

*Uso de maconha ou haxixe \* participa do Grêmio Estudantil do CEFET-MT*

Maconha ou haxixe		Participa do diretório acadêmico do CEFET-MT		Total
		Sim	Não	
Nunca fumei	N	6	176	182
	%	2,9	85,9	88,8
Fumei alguma vez na vida	N	1	17	18
	%	0,5	8,3	8,8
Não fumei no último ano	N		2	2
	%		1,0	1,0
Fumei no último ano	N		3	3
	%		1,5	1,5
Total	N	7	198	205
	%	3,4	96,6	100,0

## ANEXO P

*Opinião dos jovens pesquisados* jovens imagina que seus amigos queiram fazer uma coisa que você é contra, como você reagiria? Se você é contra, como reagiria? \* curso cross tabulation

Se você é contra, como reagiria?		Curso			Total
		Química	Ensino Médio	Construções Prediais	
Mudaria de opinião e concordaria, para poder ficar no grupo	N		7	2	9
	%		3,5	1,0	4,5
Ficaria na sua e se afastaria do grupo	N	15	54	29	98
	%	7,4	26,7	14,4	48,5
Não mudaria de opinião, mas faria o que o grupo desejasse	N	8	10	5	23
	%	4,0	5,0	2,5	11,4
Procuraria fazer o grupo mudar de opinião, sem me afastar	N	30	29	13	72
	%	14,9	14,4	6,4	35,6
Total	N	53	100	49	202
	%	26,2	49,5	24,3	100,0

Se você é contra, como reagiria? \* sexo \* uso de maconha ou haxixe

Uso na vida para maconha ou haxixe			Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Nunca fumei	Mudaria de opinião e concordaria, para poder ficar no grupo	N	6	2	8
		%	3,4	1,1	4,5
	Ficaria na sua e se afastaria do grupo	N	52	35	87
		%	29,1	19,6	48,6
	Não mudaria de opinião, mas faria o que o grupo desejasse	N	11	9	20
		%	6,1	5,0	11,2
Procuraria fazer o grupo mudar de opinião, sem me afastar	N	26	38	64	
	%	14,5	21,2	35,8	
Total	N	95	84	179	
	%	53,1	46,9	100,0	
Fumei alguma vez na vida	Ficaria na sua e se afastaria do grupo	N	4	5	9
		%	22,2	27,8	50,0
	Não mudaria de opinião, mas faria o que o grupo desejasse	N	1	1	2
		%	5,6	5,6	11,1
	procuraria fazer o grupo mudar de opinião, sem me afastar	N	5	2	7
%		27,8	11,1	38,9	
Total	N	10	8	18	
	%	55,6	44,4	100,0	